

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

TATIANE KELLY PINTO DE CARVALHO

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES “IMPROVÁVEIS”: A LONGEVIDADE ESCOLAR DE
UNIVERSITÁRIOS DE CAMADAS POPULARES CRIADOS OU CUIDADOS POR
SEUS AVÓS**

**MARIANA - MG
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TATIANE KELLY PINTO DE CARVALHO

**TRAJETÓRIAS ESCOLARES “IMPROVÁVEIS”: A LONGEVIDADE ESCOLAR DE
UNIVERSITÁRIOS DE CAMADAS POPULARES CRIADOS OU CUIDADOS POR
SEUS AVÓS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito obrigatório para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Rosa Maria da Exaltação Coutrim

Instituição financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

MARIANA - MG
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C331t Carvalho, Tatiane Kelly Pinto De.

Trajatórias escolares "improváveis" [manuscrito]: a longevidade escolar de universitários de camadas populares criados ou cuidados por seus avós. / Tatiane Kelly Pinto De Carvalho. - 2023.
212 f.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.
Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Área de Concentração: Educação.

1. Longevidade escolar. 2. Avós e netos. 3. Desigualdades socioeducacionais. 4. Ensino superior. 5. Relação intergeracional. I. Coutrim, Rosa Maria da Exaltação. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.01(043.2)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Tatiane Kelly Pinto de Carvalho

Trajetórias Escolares “Improváveis”: a longevidade escolar de universitários de camadas populares criados ou cuidados por seus avós

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação

Aprovada em 03 de abril de 2023

Membros da banca

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Marlice de Oliveira e Nogueira - Membro Interno Titular - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Alexandra Resende Campos - Membro Interno Titular - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias - Membro Externo Titular - Universidade Católica de Pernambuco
Profa. Dra. Maria Amália de Almeida Cunha - Membro Externo Titular - Universidade Federal de Minas Gerais

A Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 04/08/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria da Exaltacao Coutrim, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/08/2023, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0568830** e o código CRC **9F681F47**.

Foi por você, Pierre!

AGRADECIMENTOS

À Espiritualidade, que me carregou no colo por inúmeras vezes.

À minha mãe, que apesar da distância, realiza comigo um sonho.

Aos meus amigos fiéis, Paulo, Hugo e Mateus, pelo companheirismo na trajetória e pelas cervejas compartilhadas nos momentos de desespero.

À Yasmim, minha assistente com Pierre, que por vezes exerceu meu papel para que eu pudesse me dedicar ao trabalho de pesquisa.

À Denise, minha ex-bolsista e atual mestranda, pela ajuda em outra pesquisa, que foi muito válida nesta tese.

À Ana Flávia, outra bolsista, que também teve contribuição ímpar para este estudo.

Aos colegas de trabalho da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Divinópolis), por me apoiarem nesta caminhada.

À Prof.^a Dr.^a Rosa Coutrim, que desde o momento da entrevista para o ingresso no programa acreditou no meu potencial. Mesmo perante o relato de mãe solo, professora em 40 horas por semana e residindo a uma distância de 250 km da Universidade Federal de Ouro Preto, ela confiou que eu seria capaz de concluir esta jornada e por isso a ela eu agradeço especialmente.

Às sensacionais Prof.^a Dr.^a Maria Amália Cunha, Prof.^a Dr.^a Marlice de Oliveira, Prof.^a Dr.^a Cristina Brito e Prof.^a Dr.^a Alexandra Campos, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação, que permitiram o avanço deste trabalho.

Aos estudantes da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Divinópolis) que se disponibilizaram a compartilhar suas histórias de luta e sucesso rumo à chegada ao Ensino Superior público.

Às avós que concederam seus relatos com tanta alegria e empolgação, mostrando resiliência no processo de escolarização dos netos.

À FAPEMIG, por meio do Programa de Capacitação de Recursos Humanos – PCRH/FAPEMIG, que colaborou significativamente na capacitação dos servidores do Estado de Minas Gerais.

Especialmente, agradeço ao meu único e grande amor: Pierre! Você é luz na minha caminhada. Foi por você, meu filho!

A todos, Gratidão!

RESUMO

A sociedade contemporânea tem nos apresentado diferentes configurações familiares, em que avós são chamados a cuidar dos netos na ausência dos genitores. A literatura que trata desse tema nos mostra que os mais velhos oferecem, além da contribuição afetiva e emocional, auxílio no processo de escolarização dos netos e que isso se reflete na longevidade escolar. Nesse sentido, este estudo buscou compreender quais foram as principais estratégias e mobilizações dos avós que influenciaram a longevidade escolar e a inserção de seus netos jovens no Ensino Superior público. O referencial teórico pautou-se nas discussões do campo da Sociologia da Educação e das Relações Intergeracionais, revelando a lacuna de investigações sobre longevidade escolar de indivíduos de camadas populares criados pelos avós. A metodologia de pesquisa, de cunho qualitativo, pautou-se principalmente na aplicação de questionários a 279 estudantes do primeiro período dos cursos ofertados na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e na realização de entrevistas semiestruturadas com quatro estudantes e uma avó de cada uma delas, pertencentes aos meios populares, considerando aspectos da trajetória familiar e escolar. Entre os principais resultados da pesquisa, destacamos que todas as universitárias reconhecem a importância de suas avós ao longo de seus percursos escolares e pessoais, seja nos ensinamentos morais e éticos imprescindíveis à formação do ser humano, seja na contribuição ao longo do percurso na Educação Básica. Em relação às trajetórias escolares, notamos que as avós consideraram os esforços das netas, destacando o compromisso com as tarefas escolares e a criação de uma rede de apoio. As próprias famílias organizaram uma rotina de estudos e a supervisão apareceu como algo comum no processo de escolarização, manifestada em ações como a vigilância dos cadernos e boletins escolares, o comparecimento às reuniões escolares e o incentivo à leitura. Mesmo com baixa escolaridade, as avós das camadas populares ouvidas na pesquisa desenvolveram táticas que visaram à permanência das netas nos bancos escolares, o que indicou a necessidade de lançarmos luz ao papel destas protagonistas no processo de escolarização de netos por eles criados e/ou cuidados. Os resultados da pesquisa mostram, ainda, que as relações intergeracionais entre avós e netos são muito mais ricas do que podemos perceber em uma primeira análise e que, portanto, merecem estudos mais aprofundados na área da Educação, considerando que os avós cuidadores têm impacto no processo de escolarização de seus netos.

Palavras-chave: Longevidade escolar; Relação entre avós e netos; Relações intergeracionais; Desigualdades socioeducacionais; Ensino Superior.

ABSTRACT

Contemporary society has presented us with different family configurations, in which grandparents are called upon to take care of their grandchildren in the absence of their parents. The literature that deals with this theme shows us that the elderly offer, in addition to the affective and emotional contribution, assistance in the process of schooling their grandchildren and that this is reflected in school longevity. In this sense, this study sought to understand what were the main strategies and mobilizations of grandparents that influenced school longevity and the insertion of their young grandchildren in public higher education. The theoretical framework was based on discussions in the field of Sociology of Education and Intergenerational Relations, revealing the lack of investigations on school longevity of individuals from lower classes raised by grandparents. The research methodology, of a qualitative nature, was based mainly on the application of questionnaires to 279 students in the first period of the courses offered at the Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) and on the performance of semi-structured interviews with four students and one grandmother of each one of them, belonging to the popular means, considering aspects of the family and school trajectory. Among the main results of the research, we highlight that all university students recognize the importance of their grandmothers throughout their school and personal journeys, whether in the moral and ethical teachings essential to the formation of the human being, or in the contribution along the path in Basic Education. Regarding school trajectories, we noticed that the grandmothers considered the efforts of their granddaughters, highlighting the commitment to school tasks and the creation of a support network. Families themselves organized a study routine and supervision appeared as something common in the schooling process, manifested in actions such as monitoring school notebooks and report cards, attending school meetings and encouraging reading. Even with low schooling, the grandmothers from the lower classes heard in the research developed tactics that aimed at keeping their granddaughters on school benches, which indicated the need to shed light on the role of these protagonists in the process of schooling the grandchildren they created and/or cared for. The research results also show that the intergenerational relationships between grandparents and grandchildren are much richer than we can perceive in a first analysis and that, therefore, deserve further studies in the area of Education, considering that caregiver grandparents have an impact on schooling process of their grandchildren.

Keywords: School longevity; Relationship between grandparents and grandchildren; Intergenerational relations; Socio-educational inequalities; University education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das pessoas que frequentam o Ensino Superior, segundo a rede de ensino (%).	23
Gráfico 2 – População Brasileira por Grupos de Idade e Região, 2017.	53
Gráfico 3 – População Brasileira por Grupos de Idade e Região, 2019.	54
Gráfico 4 – Cursos frequentados pelos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	97
Gráfico 5 – Pessoas que convivem atualmente com os 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	98
Gráfico 6 – Renda Mensal Familiar dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	99
Gráfico 7 – Escolaridade dos pais dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	100
Gráfico 8 – Escolaridade das mães dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	101
Gráfico 9 – Escolaridade dos avôs dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	102
Gráfico 10 – Escolaridade das avós dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	103
Gráfico 11 – Motivos de escolha do curso superior pelos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	105
Gráfico 12 – Motivos de escolha da instituição de Ensino Superior pelos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	106
Gráfico 13 – Auxílio dos avós nos deveres de casa dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	108
Gráfico 14 – Comparecimento dos avós participantes da pesquisa em reuniões escolares dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados por eles	113
Gráfico 15 – Relação dos avós e netos ao longo da vida segundo os 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020.	115
Gráfico 16 – Sentimentos dos 26 estudantes da UEMG participantes da pesquisa em 2020 em relação aos seus avós.	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As gerações ao longo do tempo.....	49
---	----

LITAS DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações e Teses sobre relações intergeracionais e avós e netos encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES até 2022 (área: educação).	65
Quadro 2 – Dissertações e Teses sobre avosidade encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES até 2022 (área: educação).....	68
Quadro 3 – Dissertações e Teses sobre netos criados por avós e relações intergeracionais encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES até 2022 (área: educação).....	69
Quadro 4 – Dados socioeconômicos dos estudantes da UEMG – <i>campus</i> Divinópolis – ingressantes em 2020 criados por avós.....	91
Quadro 5 – Dados sobre o cotidiano familiar dos estudantes da UEMG – <i>campus</i> Divinópolis – ingressantes em 2020 e criados por avós.....	93
Quadro 6 – Dados universitários dos estudantes da UEMG – <i>campus</i> Divinópolis – ingressantes em 2020 criados por avós.....	95
Quadro 7 – Dados gerais sobre as estudantes e as avós entrevistadas.....	119

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CP	Centro Pedagógico UFMG
COVID-19	Corona Vírus Disease
Dieese	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EJA	Universidade Federal de São Carlos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes Básicas da Educação
MEC	Ministério da Educação
MP	Medida Provisória
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONG	Organização Não Governamental
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
ProUni	Programa Universidade Para Todos
PSF	Programa Saúde da Família
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Sisu	Sistema de Seleção Unificada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCB	Universidade Católica de Brasília
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPE	Universidade Federal do Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

EIS QUE CHEGUEI ATÉ AQUI.....	1
INTRODUÇÃO.....	8
1 DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCATIVA: JOVENS DE CAMADAS POPULARES NO ENSINO SUPERIOR.....	21
1.1 Desigualdades sociais, raciais e escolares: uma breve contextualização.....	21
1.2 Práticas educativas familiares: a escolarização das crianças e jovens nas camadas populares.....	26
1.3 Ingresso e permanência dos jovens de camadas populares na universidade.....	35
1.4 A permanência de jovens das camadas populares na universidade: alguns resultados de pesquisas brasileiras.....	40
2 COEDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NA CONVIVÊNCIA ENTRE AVÓS E NETOS.....	45
2.1 As mudanças na família e nas gerações.....	45
2.2 As mudanças no perfil etário da população e o papel dos avós na família.....	52
2.2.1 Os idosos brasileiros: aspectos demográficos e sociais.....	52
2.2.2 Os avós e sua participação nas famílias contemporâneas.....	59
2.3 O que nos trazem as teses e dissertações sobre a relação entre avós e netos.....	64
2.3.1 Os estudos na área da Educação sobre relações intergeracionais e relações entre avós e netos.....	65
2.3.2 Os estudos sobre avosidade.....	67
2.3.3 Os netos criados por avós e as relações intergeracionais.....	69
2.3.4 Os estudos sobre as relações intergeracionais em outras áreas do conhecimento.....	79
3 AVÓS E NETOS: SABERES, ENSINAMENTOS E INFLUÊNCIA NA ESCOLARIZAÇÃO.....	84
3.1 Os alunos ingressantes na UEMG – Divinópolis no ano de 2020: juventude e chances de êxito no vestibular.....	84
3.2 Quem são os estudantes criados ou cuidados por seus avós.....	90
3.2.1 Perfil socioeconômico e ingresso no Ensino Superior dos estudantes criados ou cuidados pelos avós.....	97
3.2.2 A coeducação nas relações intergeracionais entre avós e netos.....	107

4 DAS RELAÇÕES ENTRE AVÓS E NETAS: PARTILHAS, COEDUCAÇÃO E SENTIMENTOS.....	117
4.1 Clara: “Minha avó sempre foi o exemplo feminino para mim”.....	119
4.1.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares.	121
4.1.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos.....	125
4.2 Maria, avó de Clara: “A Clara, ela é uma neta que não é uma neta; ela é uma filha pra mim entendeu?”.....	126
4.2.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta.....	128
4.2.2 Convivência com a neta ao longo da vida.....	131
4.3 Ana: “Meus avós são meus companheiros assim, de vida, sabe? Tudo, tudo! O que eu sou, o que eu tenho, eu devo tudo a eles, sabe?”.....	132
4.3.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares.	134
4.3.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos.....	136
4.4 Leila, avó de Ana: “A Ana é o espelho das netas. E todo mundo se espelha nela, sabe?”.....	138
4.4.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta.....	139
4.4.2 Convivência com a neta ao longo da vida.....	141
4.5 Clarissa: “Minha avó foi a minha maior cuidadora, minha segunda mãe... devo muito a ela”.....	142
4.5.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares.	145
4.5.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos.....	147
4.6 Marlena, avó de Clarissa: “É a minha companhia que eu tenho... É um amor que ninguém tira!”.....	148
4.6.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta.....	149
4.6.2 Convivência com a neta ao longo da vida.....	150
4.7 Mariana: “Eu sempre falo, tipo, tudo que eu sou, tudo que eu tenho, tudo que eu estou me tornando, foram eles que me proporcionaram. Desde coisas materiais, até coisas espirituais e emocionais”.....	151
4.7.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares..	154
4.7.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos.....	156
4.8 Belinha, avó de Mariana: “Muito amor! Muito! Chega até a gerar um ciupezinho, sabe, dos meus filhos”.....	157
4.8.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta.....	159

4.8.2 Convivência com a neta ao longo da vida.....	162
4.8.3 Algumas considerações sobre os depoimentos das estudantes e suas avós.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS.....	172
APÊNDICE I – ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....	192

EIS QUE CHEGUEI ATÉ AQUI

Certa vez ouvi que a relação do pesquisador com a pesquisa é um acerto de contas da própria trajetória. Qualquer estudo apresenta aproximações com a história de vida do(a) pesquisador(a) e com seus percursos familiares, profissionais, acadêmicos e pessoais. Nesse sentido, esta pesquisa de doutoramento não surgiu de forma aleatória, mas por meio de traços e elementos que perpassaram minhas trajetórias. Oriunda dos meios populares, sou a primeira da minha família a chegar à pós-graduação, filha de mãe que cursou somente até a antiga quarta série primária (hoje o 5º ano) e de pai que concluiu o Ensino Fundamental. Por isso, sou grata a ambos pelos esforços que eles empreenderam para prolongar a escolaridade dos seus quatro filhos. Atualmente, com exceção de um irmão, todos concluíram o Ensino Superior, na Universidade Federal de Minas Gerais.

Minha trajetória escolar e acadêmica se deu em instituições públicas: na Educação Básica, passei por escolas periféricas na cidade de Belo Horizonte (MG) e, ao contrário dos meus irmãos, ainda consegui cursar o Ensino Médio na década de 1990 em uma instituição, na época, de renome, localizada na capital mineira. Recordo-me dos desafios enfrentados, tanto por mim quanto pela minha mãe para permanecer nesta escola tradicional (investimentos com transporte, realização de estágios remunerados para comprar material didático, vestimentas compatíveis com os demais estudantes que estavam matriculados na mesma instituição, lanches que estavam guardados na mochila) e que hoje me causam orgulho por ter conseguido superá-los e avançado até aqui. Para minha mãe, dona de casa, até hoje não é bem compreensível a importância de cursar um doutorado, embora tenha me apoiado incondicionalmente desde sempre.

Ainda no percurso do Ensino Fundamental, tenho lembranças de uma professora de História, na antiga 7ª série, chamada Nívia, que teve impacto na minha escolha profissional. Admirava seu trabalho e, por gostar da disciplina, ali tomei uma decisão: ser professora de História! Em princípio, não divulguei isso para meus pais, até porque eu ouvia sempre em casa a seguinte frase direcionada a dois irmãos: “Ser professor não dá dinheiro!”. Mal sabia que, futuramente, estaria imbricada em estudos que revelam não ser neutra a “escolha” do curso superior. Dito de outro modo, os estudantes de classes populares muitas vezes não têm oportunidades ampliadas de realizar escolhas no que diz respeito à Educação Superior (AMARAL; OLIVEIRA, 2011).

Contudo, a entrada no Ensino Superior, passo seguinte, ainda seria um longo caminho a ser trilhado. Com a mesma alegria que conclui o Ensino Médio veio a frustração no que diz

respeito à inserção na etapa posterior. Como me dediquei aos estágios remunerados, não havia me preparado para o vestibular e, logo que terminei o Ensino Médio, prestei o vestibular na UFMG obtendo uma pontuação muito abaixo do necessário para a aprovação. Vale lembrar que a regra era clara na minha família: “Pobre estuda em faculdade que não paga”!

Iniciei, então, o percurso no pré-vestibular, matriculando-me em um preparatório que ainda funciona em Belo Horizonte, conhecido como Pré-UFMG. Vivenciei, novamente, inúmeros desafios para frequentar as aulas devido ao fato de ter que conciliar estudos e trabalho (pois fui operadora de *telemarketing* por 5 anos). Após seis tentativas, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais, para cursar História. A lembrança da Professora Nívia, anos depois, ainda estava bem latente e lembro-me de ter tido a oportunidade de reencontrá-la, quando estava pleiteando uma vaga de designação na rede estadual, e contar-lhe brevemente esta trajetória.

Durante a graduação, frequentar o bandejão, ser aluna pobre e ter direito à assistência estudantil, não participar de certos encontros de lazer como os demais estudantes universitários e conciliar a vida de estudante-trabalhadora foram situações vividas que me remetem a pensar naquilo que foi dito por Almeida (2007), quando traz que dificuldades materiais, simbólicas e culturais perpassam a trajetória acadêmica dos estudantes pobres.

Nesse percurso, assim como a trajetória de vários jovens pobres oriundos das classes populares no Brasil, é merecido destacar a nítida separação entre os estudantes do bacharelado e da licenciatura. Como estudante/trabalhadora e graduanda em um curso de Licenciatura Noturno, não tive contato com projetos de iniciação científica, não participei de grupos de estudo, não fui sequer voluntária de nenhum projeto de pesquisa e/ou extensão. Esse distanciamento, de certo modo, dificultou-me a compreender a relevância da produção acadêmica para quem almeja ingressar na pós-graduação. Aprender o ofício de estudante e aprender a se tornar um deles, como bem pontuou Coulon (2008), foi um processo árduo e doloroso para mim. A adaptação aos códigos do Ensino Superior e a assimilação das rotinas acadêmicas se constituiu em uma espécie de aprendizagem “forçada” para permanecer na universidade e almejar o ingresso no mestrado.

Anos mais tarde, este aprendizado tardio (ou a falta dele) permitiu-me ter outra postura enquanto professora da Educação Superior: tive e tenho a preocupação e o cuidado com o letramento acadêmico dos (as) alunos (as) universitários (as), enfatizando a importância para os graduandos da tríade ensino, pesquisa e extensão. Mais uma vez recorrendo a Coulon (2008), busquei, principalmente juntos aos estudantes dos meios populares, trabalhar especialmente a importância da afiliação institucional. Considerando as modificações

essenciais nas relações que o indivíduo vivencia no espaço acadêmico, tornar-se “estudante profissional” é o caminho para evitar o abandono e a evasão.

Ao final da graduação, já pensando em ingressar no campo profissional, resolvi ir em busca de designação nas escolas estaduais. Foi um momento muito rico, pois conhecer o ambiente escolar e seus desafios contribuiu para o entendimento do que seria, de fato, o ofício docente. Ao lado disso, em 2008, um fato marcou minha trajetória acadêmica: ao cursar a disciplina “Sociologia da Educação”, ministrada pela professora Dra. Maria Amália Cunha (atualmente professora da Pós Graduação em Educação da FaE/UFMG), tomei conhecimento dos estudos de Pierre Bourdieu. Essa aproximação com as teorias reprodutivistas foi ao encontro do percurso que vivi e, nesse sentido, surgiu o interesse em ingressar no Mestrado e aprofundar os estudos relacionados às desigualdades sociais e escolares. Particularmente, eu ansiava entender como os conceitos de *habitus* e capitais poderiam influenciar a prática docente.

Ainda no ano de 2008 comecei a lecionar para o Ensino Médio em uma escola na cidade de Santa Luzia (MG). Como as vagas para ministrar História eram sempre preenchidas por professores já formados, lancei-me no desafio de trabalhar com Sociologia, principalmente porque as disciplinas de Sociologia e Filosofia haviam retomado ao currículo da Educação Básica como obrigatórias e, por isso, havia escassez de profissionais na área das Ciências Sociais, o que facilitou o meu processo para pleitear uma vaga na designação da rede estadual.

Surgiu, então, uma inquietação: como ensinar Sociologia sem ao menos ter concluído a graduação em História? Contudo, estava confiante de que os obstáculos poderiam ser superados caso eu me dedicasse ao estudo e ao aprofundamento das Ciências Sociais. Esse desafio de lecionar uma disciplina para a qual eu não tinha formação inicial propiciou o desenho de um objeto de pesquisa para o Mestrado em Educação, considerando como os professores sem a devida qualificação poderiam ministrar conteúdos na Educação Básica. Mesmo com um conhecimento superficial sobre os trâmites de um processo de seleção para ingresso no Mestrado, em 2009 resolvi submeter um projeto para dois programas de Pós-Graduação, sendo um aceito na FAE/UEMG.

Cheguei ao Mestrado abastecida de inúmeros elementos extraídos das trajetórias percorridas, das memórias do cotidiano de uma experiência profissional conhecida como “professor não habilitado”. Carregava, ainda, muitos questionamentos, embora sem formulação adequada, e um efetivo desejo de pesquisar e construir caminhos para encontrar explicações para essas dúvidas. Com inúmeras indagações, acreditava que, como professora,

precisava conhecer as diferentes dimensões que caracterizam o ofício e o *habitus*¹ docente. Orientada pela Prof. Dra. Santuza Amorim, os ensinamentos que ela me proporcionou são válidos ainda hoje e não tenho receio em procurá-la para solicitar orientações do campo pedagógico e profissional. Atualmente, com muita alegria, não temos mais uma relação de orientadora e orientanda; somos colegas de trabalho na mesma universidade!

Concluído o Mestrado no prazo estipulado pelo Programa (2012), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o passo seguinte seria atuar no Ensino Superior, o que aconteceu em agosto do mesmo ano: iniciei minha trajetória profissional na antiga Fundação Helena Antipoff (atualmente UEMG). De 2014 à 2017 fui professora na mesma instituição, desenvolvendo atividades de pesquisa, participação em Comitês Internos de avaliações de projetos e, também, priorizando a produção acadêmica, principalmente fruto de trabalhos desenvolvidos com discentes (TCC's, Projetos de Pesquisa e Extensão concluídos).

No ano de 2017 resolvi ser mais ousada: aceitei o desafio de lecionar na UEMG – Ibirité e na UEMG – Divinópolis. Percebi que as oportunidades de aprendizado e chances de ascensão profissional já haviam se esgotado na Unidade Ibirité e, então, busquei trilhar outros caminhos. O revezamento entre as duas unidades me causou bastante desgaste físico e emocional, levando-me a tomar a decisão, para o ano de 2018, de permanecer em Belo Horizonte ou me mudar para Divinópolis.

Na ocasião, tive a oportunidade de assumir uma vaga de professora de História no Colégio Tiradentes, na cidade de Divinópolis e, ainda em janeiro de 2018, imediatamente providenciei a mudança para o interior do Estado. O curso de História estava sem coordenação no momento e, logo, assumi outro desafio: coordenar um curso de graduação. A experiência com a gestão acadêmica me propiciou outro tipo de aprendizado, inclusive no trato com a diversidade de sujeitos (direção, professores, discentes, corpo administrativo).

Ainda não satisfeita com os rumos da minha trajetória profissional, sentia que o fato de não ter ainda ingressado no Doutorado me causava angústia, tristeza e, por vezes, sentimento de incapacidade. Várias foram as tentativas frustradas de aprovação, até que no dia 25 de fevereiro de 2019 conheci, na entrevista do certame na Universidade Federal de Ouro Preto, a Prof. Dra. Rosa Coutrim. Insegura pelo receio de mais uma reprovação, ainda assim optei por expor a honestidade que carregava no meu percurso: mãe, dona de casa, professora, coordenadora de curso e um desejo latente de ser doutora em Educação.

¹ A noção de *habitus* no sentido bourdieusiano será tratada mais detalhadamente ao longo deste estudo.

Abro aqui um parêntese para descrever como foi doloroso o processo de entrevista. Com o rompimento abrupto da contenção de rejeitos na barragem de Fundão, em Brumadinho (MG), em novembro de 2018, o trânsito para chegar à cidade afetada ainda se encontrava lento e com desvios em fevereiro do ano seguinte. Mesmo saindo de Belo Horizonte às 10:00 horas para conseguir chegar à entrevista às 14:00 horas, tive que enfrentar um engarrafamento de mais de duas horas. Com isso, só cheguei a Ouro Preto no horário de 13:00 horas e, para não perder o tão sonhado encontro com a banca, abri mão de um lanche rápido e investi o valor em espécie que dispunha para pagar um táxi até Mariana. Ainda trêmula (de fome e não de nervosismo), defendi o que eu acreditava naquele projeto inicial, esquecendo-me, momentaneamente, de que o investimento na condução para chegar à entrevista me faria falta para retornar a Belo Horizonte. Ainda bem que hoje grande parte das empresas de transporte rodoviário aceitam cartão de crédito. No dia seguinte, com a divulgação oficial do resultado, o sonho, enfim, começava a se concretizar: estava aprovada no Doutorado em Educação.

Obviamente, tinha ciência de que novos desafios estavam apenas se iniciando. Os 254 km entre Divinópolis e Mariana foram carregados de obstáculos financeiros, desgaste físico e emocional, receio do trajeto, insegurança quanto ao cumprimento dos prazos acadêmicos e outras intempéries que surgiram, mas estes elementos me impulsionaram a não desistir do Doutorado. Soma-se a isso, a confiança que minha orientadora em mim depositou, fazendo com que eu nem cogitasse qualquer possibilidade de decepcioná-la.

Esses percalços também foram minimizados pela força que a pessoa mais importante da minha vida me demonstrava diariamente: meu filho, Pierre. Criança com deficiência múltipla (paralisia cerebral e Síndrome de West), mas com um sorriso estampado no rosto e muita vontade de viver, ele foi o companheiro de viagens a Mariana. Sem expressar, do seu modo, qualquer cansaço ou queixa, eu o olhava pelo retrovisor nas viagens semanais e repetia em voz alta: “eu te amo!”.

Sobrecarregada pelas viagens para cursar as disciplinas obrigatórias, pela coordenação de curso, pelos afazeres domésticos e pelo papel de professora, mais uma vez, com a ousadia e/ou coragem que sempre carreguei, em agosto de 2019 pedi à Prof.^a Rosa que tivesse certa paciência comigo, desenhando o seguinte motivo: “haverá concurso na UEMG e eu preciso ser aprovada”.

A maturidade e a experiência adquiridas neste percurso permitiram que eu me debruçasse sobre a bibliografia sugerida para o concurso de professora efetiva de História da Educação. Minha mãe, uma idosa de 80 (oitenta) anos naquela ocasião, ficou um período em Divinópolis para que eu pudesse me preparar para a fase inicial do concurso. Aratangy e

Posternak (2005) reforçam que essa ajuda representa um apoio à realização profissional da mãe, refletindo uma nova solidariedade feminina transgeracional.

Contudo, o desafio maior seria na segunda etapa, uma vez que tive que lidar com a internação, por vários dias, do meu filho, reduzindo minhas chances de preparação. Porém, realizando um balanço dos inúmeros desafios que já havia superado ao longo da trajetória profissional, pessoal e acadêmica, nutri o sentimento de que era chegada a hora de me tornar concursada na universidade que havia me abraçado ainda em 2012. Vencidos os percalços inerentes à vida de mãe solo de uma criança com deficiência, hoje atuo como professora efetiva nos cursos de História e Pedagogia da UEMG – Divinópolis, lecionando História da Educação, e possuo alguns projetos de pesquisa e extensão em andamento, entre outras atividades que coordeno na universidade.

Julgo pertinente ainda relatar que este percurso foi envolvido por situações de estresse e ansiedade. Conciliar as atividades laborais, a pesquisa de doutorado, as tarefas domésticas e ser mãe solo foi um desafio que, por inúmeras vezes, levou-me à exaustão. As dificuldades pessoais e a falta de apoio familiar devido à mudança para Divinópolis (MG) foram alguns dos entraves que perpassaram minha caminhada de pesquisadora. Com a pandemia, essas adversidades ficaram ainda mais latentes; o isolamento social e o aumento significativo de atividades impostas pelo modelo *on-line/remoto* foram entraves que impactaram o processo de pesquisa. Como bem pontuado por Oliveira *et al.* (2020), a trajetória acadêmica requer estratégias adaptativas em resposta aos prazos e pressões e, diante disso, há aqueles que não conseguem seguir adiante.

Neste sentido, com muita gratidão a todos os sujeitos envolvidos nesta caminhada, em especial à minha orientadora, que acreditou no meu potencial mesmo nos momentos que eu mesma não acreditava ser capaz, posso contribuir para que investigações sobre as trajetórias estudantis das camadas populares possam ser reveladas, inclusive no que diz respeito à inserção de sujeitos com longevidade escolar improvável em instituições públicas de Ensino Superior.

Como esclareço no início dessa apresentação, a escolha da Linha de Pesquisa “Desigualdades, Diversidades, Diferenças e Práticas Educativas Inclusivas”, que tem por objetivo discutir questões teórico-metodológicas propostas pelas diferentes abordagens sobre desigualdade, diversidade e diferenças, em especial, nos campos sociológico e histórico, bem como seus impactos nas atividades e práticas educativas em diferentes contextos escolares e não escolares, aproxima-se desta pesquisa de doutoramento e do percurso por mim traçado.

O interesse pelo tema de pesquisa não surge aleatoriamente: “geralmente estudamos o que está em nossa história, nos desafios de nossa vida cotidiana ou de nosso estar no mundo, problemas e fatos nos quais estamos existencialmente implicados” (TEIXEIRA, 2003, p. 82). Presenciar no seio familiar as mobilizações e estratégias de uma avó, imbricadas pelas relações do campo intergeracional, na intenção de contribuir para a escolarização e socialização do neto, é uma inquietação da própria pesquisadora na busca por aprofundar estudos dessa natureza. Além disso, como professora do Ensino Superior, (re)conhecer sujeitos pertencentes aos meios populares que foram criados por avós me levou ao encontro de histórias e biografias de estudantes universitários que merecem ser exploradas.

Em resumo, ao traçar este caminho de investigação, considerei a diversidade familiar dos alunos universitários com os quais tive contato desde 2012, quando ingressei como docente na UEMG, e a experiência como mãe solo de uma criança com necessidades especiais, o que me faz buscar o apoio da minha mãe que, mesmo em outra cidade, contribuiu para que eu me lançasse neste desafio.

INTRODUÇÃO

A desigualdade social pode ser aqui entendida como um conceito que marca as sociedades capitalistas contemporâneas, definindo, a partir de diferentes fatores (formas de viver, de morar, de se relacionar, de vestir, de acesso a bens culturais etc.) “um suposto déficit individual que não é, necessariamente, comum a todos os homens, mas ele abarca, sem dúvida, nesta perspectiva, uma maioria desprivilegiada da população” (EUSÉBIO FILHO; GUZZO, 2009, p. 37-8).

A história da sociedade brasileira tem um percurso marcado por lutas, embates, negociações e, por vezes, acordos, que revelam o caráter desigual dos indivíduos no decorrer de suas vivências. Souza (2016) afirma que, no Brasil, há a legitimação de toda espécie de privilégio, desconsiderando as condições sociais, familiares e emocionais dos indivíduos, permitindo, assim, a reprodução no tempo da desigualdade social. Com isso, ao se manifestar em todas as esferas da vida humana, a desigualdade social também assume sua dimensão na trajetória escolar de crianças, jovens, adultos e idosos de diferentes partes do Brasil. Mesmo que nos séculos XX e XXI tenham ocorrido avanços consideráveis na educação brasileira, como a democratização do Ensino Básico e ampliação do acesso às universidades, a realidade nos revela que a desigualdade educacional ainda é muito presente e está diretamente relacionada à desigualdade social.

Isto significa que as desigualdades na apropriação dos capitais cultural e econômico impactam nas desigualdades escolares (RIBEIRO; VÓVIO, 2017), ou seja, as condições extraescolares influenciam fortemente na escolarização dos alunos de meios populares, que chegam à escola em condições desiguais de capital econômico e cultural, contribuindo para legitimar os desempenhos escolares insatisfatórios ou pouco prováveis no que tange ao sucesso escolar (CATANI *et al.*, 2017).

Nesse universo escolar, marcado por indivíduos com histórias distintas de socialização, incentivo escolar e herança cultural, os estudantes de camadas populares permanecem em situação de defasagem. Ressaltamos ainda, como afirma Bourdieu (2010), que ao tratar todos os alunos como iguais, a escola sanciona as desigualdades escolares. O autor nos lembra que o sucesso escolar depende do capital cultural herdado e dos investimentos no processo de escolarização, e assim sendo, para alguns grupos ou indivíduos, as chances de longevidade escolar são reduzidas, necessitando de um forte investimento familiar e dos professores para que possam prosseguir nos estudos (BOURDIEU, 2010).

Para estes indivíduos, então, a longevidade escolar, ou seja, a permanência na escola até a entrada no Ensino Superior (VIANA, 2006), é marcada por um processo de escolarização árduo. A discussão sobre a longevidade escolar de estudantes pertencentes aos meios populares passou a constituir, a partir da década de 1990, a problemática de relevantes pesquisas tanto no Brasil quanto no exterior. Nesse sentido, as diferentes trajetórias dos indivíduos e as estratégias de escolarização configuram-se em temáticas que têm sido amplamente discutidas pela Sociologia da Educação (VIANA, 2014; PORTES, 2014; ALMEIDA, 2014).

Como afirma Nogueira (2014), os estudos revelam que uma trajetória escolar é fruto de uma combinação complexa de fatores e que não se reduz a um único elemento explicativo. Portanto, ao se investigar as trajetórias de estudantes universitários, é imperioso considerar que as escolhas não são meras causalidades, mas são constituídas em estreita relação com fatores familiares, instituições escolares progressas, condições socioeconômicas e culturais, dentre outros. Assim, como reitera Lacerda (2014) a respeito dos percursos escolares de estudantes dos meios populares que chegam ao Ensino Superior de alto prestígio, o ingresso é mais previsível para aqueles indivíduos que, ao longo da Educação Básica, tiveram acesso a bens materiais e culturais que propiciaram a rentabilidade do favorecimento escolar e cultural.

Mediante esse cenário escolar, bem como as possibilidades e limites de prosseguir os estudos, as pesquisas acadêmicas sobre as trajetórias de estudantes de camadas populares que ingressaram no Ensino Superior demonstram-se férteis para o entendimento da longevidade escolar entre os grupos menos favorecidos social e economicamente. Nesse ínterim, nas discussões a respeito da desigualdade escolar e do papel das práticas educativas familiares nos percursos escolares dos estudantes também é fundamental o questionamento a respeito de qual família a pesquisa trata.

Já é do conhecimento do senso comum a coexistência de diferentes arranjos e comportamentos familiares presentes em todos os meios sociais. Desde os anos de 1960, novas configurações nos lares podem ser observadas com maior frequência em várias partes do mundo (LEONE *et al.*, 2010), levando pesquisadores de diferentes áreas a refletirem sobre o que na atualidade se compreende como (re)arranjo familiar. A esse respeito, Cardoso (2011) enfatiza que o conceito de família deve ser pensado a partir de uma contextualização histórica da sociedade, ou seja, refletir sobre a família como segmento social e de uma dinâmica própria, que tem aproximação com as transformações sociais desta estrutura.

Além das mudanças nas configurações familiares, diferentes agentes interferem na sua organização. Com a participação mais efetiva do público feminino no mercado de trabalho² e nos espaços públicos, surgiu a necessidade de se buscar outras pessoas para auxiliar no cuidado com os filhos, destacando-se nesse papel os avós, que oferecem, além da contribuição afetiva e emocional, amparo em momentos de crise ou dificuldades dos mais jovens. Os avós também têm contribuído economicamente para o sustento e a educação de seus netos, e, inclusive, parte considerável das famílias brasileiras hoje depende de seus membros aposentados para sobreviver (RABINOVICH; BASTOS, 2019).

Neste cenário, em que há diferentes configurações familiares (como no caso dos pais e mães soltos), e em que os pais necessitam trabalhar o dia todo, muitos avós são chamados a cuidar das crianças na ausência dos genitores em longos períodos do dia, ou mesmo se responsabilizar por elas permanentemente. Com baixa escolaridade e capital escolar, os avós das camadas populares encontram diversas dificuldades no processo educativo dos netos e tal complexidade na relação demonstra a necessidade de se conhecer melhor o papel desses agentes no processo de escolarização dos netos e seus reflexos na longevidade escolar.

Cumpra destacar ainda que os estudos sobre as relações intergeracionais não são frequentes na Sociologia, bem como não o são as pesquisas sobre as gerações, que mobilizam o trabalho de poucos pesquisadores (RAMOS, 2011). No entanto, considerando a participação ativa destes indivíduos na organização social atual, algumas pesquisas têm se debruçado sobre a relevância destes indivíduos na sociedade contemporânea, sendo, então, necessário aprofundar investigações a respeito de novos arranjos familiares que, em muitos casos, têm os avós como protagonistas³.

A partir dessas considerações, esta pesquisa de doutoramento objetiva contribuir para as reflexões sociológicas, pedagógicas e históricas sobre as trajetórias escolares de estudantes universitários das camadas populares criados por seus avós. Com isso, buscamos responder à questão central: **Quais foram as principais estratégias e mobilizações dos avós, como principais agentes educativos dos estudantes de camadas populares ouvidos na pesquisa, que influenciaram a longevidade escolar e a inserção de seus netos jovens no Ensino Superior público?** Como questões secundárias, interessou-nos responder: **A quais redes de apoio os avós recorriam para contribuir na trajetória escolar dos netos? Em que medida**

² As mulheres sempre estiveram presentes no mercado de trabalho formal e informal, mas a inserção do público feminino no mercado formal aconteceu fortemente a partir dos anos 1970 (GUEDES; ALVES, 2004).

³ Nesta pesquisa não iremos considerar os avós apenas os idosos, mas será considerada a discussão sobre longevidade pertinente para os estudos de avosidade. No Brasil, segundo o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003), a pessoa idosa é aquela com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, que tem todos os seus direitos resguardados de modo a preservar sua integridade física, moral, mental, física, intelectual e espiritual.

as relações compartilhadas entre avós e netos propiciou apoio financeiro e emocional para que os estudantes universitários pudessem prosseguir nos estudos?

Esboçada essa problematização, os objetivos da pesquisa foram:

Objetivo Geral

Compreender quais foram as principais estratégias e mobilizações dos avós, principais agentes educativos dos estudantes de camadas populares ouvidos na pesquisa, que influenciaram a longevidade escolar e a inserção de seus netos jovens no Ensino Superior público.

Objetivos Específicos

- Analisar as práticas educativas desenvolvidas pelos avós na criação dos estudantes investigados;
- Discutir as relações intergeracionais entre avós e netos no processo educativo em arranjos familiares cujos avós são os principais provedores;
- Perceber as mudanças na convivência entre avós e netos após o ingresso dos jovens na universidade;
- Entender quais desafios os jovens universitários de camadas populares e seus avós vivenciaram ao longo do processo de escolarização dos netos.

Relevância do estudo e potenciais contribuições

Ao lado da motivação pessoal já explanada inicialmente, destacam-se outras justificativas de pesquisa e uma delas é conhecer melhor a realidade destes estudantes e os desafios enfrentados por eles ao longo de seus percursos até a chegada ao Ensino Superior. Essa justificativa aproxima-se do que é defendido por Zago (2006), de que são necessários estudos que se debruçam a investigar o perfil dos estudantes na sociedade contemporânea, em todos os níveis. Destaca-se, ainda, que quando nos remetemos a estudantes que se encontram no interior, é preciso entender que:

[...] o risco de ter abortada a chance de ampliar sua longevidade escolar é uma situação que se apresenta de modo mais intenso para aqueles jovens do

interior, ou seja, **aqueles que vivem nas pequenas cidades do interior do Estado**, onde a oferta pública de educação nem sempre ocorre nos mesmos moldes daqueles praticados na capital (SAMPAIO, 2011, p. 39, grifo nosso).

Portanto, os relatos de estudantes interioranos sobre suas trajetórias e mobilizações escolares contribuem para compreender a superação das fragilidades e lacunas existentes presentes nos percursos dos estudantes de camadas populares. Como revela Viana (2014), compreender as razões que tornam possível a longevidade escolar de indivíduos cujo ingresso no Ensino Superior é improvável tem sido a problemática central de muitas pesquisas no país e exterior a partir do início da década de 1990. Contudo, para além da importância do debate sobre longevidade escolar, esta tese enfoca o percurso escolar dos estudantes de camadas populares que são provenientes de uma configuração familiar diferenciada, ou seja, de uma família na qual os principais responsáveis por sua educação não são os pais, mas os avós.

Em pesquisa realizada no Portal da Capes, no Google Acadêmico, em repositórios de diversas universidades e em outras bases de dados nacionais e internacionais (que serão explicitadas mais detalhadamente nesta pesquisa), é evidente a escassez de investigações sobre as trajetórias e mobilizações escolares dos estudantes de camadas populares da região centro-oeste mineira, bem como se revelam incipientes os estudos sobre avós cuidadores, principalmente no campo da educação. Nesse sentido, destaca-se a importância de investigar um cenário ainda pouco explorado no Brasil⁴, percebendo, assim, situações que instigam, incomodam e interessam aos profissionais da área de educação.

Nesse aspecto, esta investigação contribui para as pesquisas em Educação tratar sobre um tema ainda pouco explorado no cenário ora desenhado: a avosidade⁵. Embora o termo avosidade não tenha relação direta com o aumento do número de idosos, uma vez que não é necessário ser idoso para ser avó, impossibilitando “a criação de uma imagem e de um sentido único para esse papel” (RAMOS, 2011, p. 135), é importante considerar que, nos últimos anos, houve um aumento da expectativa de vida no Brasil, elevando o número de idosos no país (SCHULER *et al.*, 2019). Portanto, torna-se essencial conhecer os convívios familiar e social dessas gerações, principalmente no que tange à articulação de estratégias contra o distanciamento entre as gerações (SILVA, 2019). Cabe ainda considerar a raridade das investigações sobre avós guardiões e, principalmente, quando se trata de netos adultos:

⁴ No capítulo 2 deste trabalho será apresentado um panorama dos estudos desenvolvidos no país, mostrando a lacuna de investigações sobre longevidade escolar dos estudantes de camadas populares criados pelos avós.

⁵ A avosidade é definida por Ramos (2011), baseada nos estudos de Attias-Donfut e Segalen (1998, 2001), como laço de parentesco e relação entre avós e netos. Ainda segundo a autora, o evento da avosidade pode acontecer em períodos distintos da vida, oscilando entre uma avosidade precoce (por volta dos 30 anos) e uma avosidade mais tardia (por volta dos 75 anos).

No entanto, considera-se importante a ampliação das investigações para focalizar o relacionamento intergeracional de netos adultos e seus avós, na tentativa de conhecer as repercussões desses relacionamentos para ambos, tendo em vista a importância da compreensão do desenvolvimento da solidariedade intergeracional, tema ainda pouco explorado e tão importante diante dos processos de envelhecimento populacional (COELHO; DIAS, 2016, p. 5).

A relevância do tema sugere a necessidade de pesquisas que contemplem tais relações intergeracionais nas fases posteriores à infância e adolescência. Partindo disso, e em concordância com Cardoso (2011), a colaboração dos avós no processo educativo dos netos pode se prolongar e apresentar desdobramentos caros aos estudos da área.

Ainda sobre as alterações nos rearranjos familiares, Lopes (2005) ressalta que as trocas intergeracionais trazem efeitos positivos para os jovens e para os idosos. O autor afirma que preconceitos e estereótipos existentes entre os dois grupos podem ser dissipados através destes laços. Nesse sentido, é relevante que outros estudos possam se dedicar à discussão dessa temática, focalizando os avós como sujeitos outrora coadjuvantes e agora protagonistas nas relações intergeracionais atuais.

Outra justificativa que revela a importância desta pesquisa vai ao encontro do que é abordado por Cardoso (2011), de que a colaboração dos avós no processo educativo dos netos pode ir além dos primeiros anos escolares. Como salientam Dias e Silva (2003), no exterior, há vários estudos com estudantes universitários que buscam entender o relacionamento dos netos com seus avós, demonstrando que esta relação de cuidado pode ir bem mais além da escolarização inicial e da infância e adolescência.

Neste sentido, a relevância deste estudo se aproxima do que Portes (2014) sinaliza: a vida dos estudantes brasileiros ainda é pouco conhecida. Nogueira (2004) chama a atenção para a necessidade de investigação mais apurada e não somente restrita à origem social do sujeito, mas, também, sobre as trajetórias sociais e suas diferentes vivências na família, na escola, no mundo profissional, entre outros, as quais influenciam no desempenho e percurso educacional dos jovens.

Tal fato sugere investigações que possam revelar, inclusive, o papel desempenhado pelos avós na vida de netos adultos que ingressam no Ensino Superior, ao entendermos que o tema ainda é pouco explorado e exige reflexão por estudiosos que se proponham a discutir a relação família-escola e sua contribuição para a Sociologia da Educação. Assim como lembra Teixeira (2003), nós, pesquisadores, precisamos nos atentar para problemas que geralmente

são esquecidos, incluindo as questões etárias, das gerações e a diversidade na vida social em geral. Sob esta orientação, os resultados desta pesquisa podem colaborar para que o olhar sociológico esteja atento às diferentes estruturas familiares na atualidade e sua importância no que diz respeito à educação e longevidade escolar.

Percurso Metodológico: caminhos percorridos

[...] as decisões tomadas pelo pesquisador devem estar em estreita relação com sua problemática de estudo, e não decorrer da simples transposição de técnicas ou procedimentos emprestados de outras realidades
(CARVALHO *et al.*, 2003, p. 9).

Nesta investigação, recorreremos à abordagem qualitativa respaldando-nos na afirmação de Goldenberg (1998), que pontua que tipo de pesquisa consegue estudar questões difíceis de serem quantificadas, como, por exemplo, sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais. Nesse aspecto, buscamos realizar, como colocado por Oliveira, um “processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2005, p. 37).

O campo de investigação foi a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Unidade Divinópolis), a única universidade pública⁶ na região centro-oeste mineira que oferta diversas graduações. A escolha por esta instituição de Ensino Superior se pautou em seu prestígio e boa reputação, assumindo hoje a posição de relevante universidade pública do Estado. Particularmente, a razão de escolha por esta Unidade Acadêmica como lócus de investigação se justifica pelo fato de a antiga Fundação Educacional de Divinópolis (FUNEDI)⁷ ser considerada uma referência no Centro-Oeste Mineiro devido à sua participação em diversos projetos de pesquisa e extensão junto à comunidade e aos municípios circunvizinhos. Além disso, consideramos como critério para a seleção desta instituição e seus entrevistados a ausência de investigações científicas que se dediquem a compreender as trajetórias e mobilizações escolares dos estudantes de camadas populares da região centro-oeste mineira, principalmente aqueles que foram criados por avós.

⁶ A região ainda conta com a Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), *campus* Dona Lindu, que oferta apenas 4 graduações (Medicina, Enfermagem, Bioquímica e Farmácia).

⁷ Segundo consta no Projeto Político Pedagógico dos cursos, a Unidade Acadêmica de Divinópolis tem sua história vinculada à da Fundação Educacional de Divinópolis – FUNEDI, que foi criada em 1965. Em 3 de abril de 2014 foi assinado o Decreto nº 46.477, que regulamentou a absorção da Fundação Educacional de Divinópolis a partir de 03 de setembro de 2014. Após esta data, as atividades foram transferidas à UEMG, garantindo aos alunos da graduação o ensino público e gratuito.

No que se refere às etapas da investigação, o primeiro passo de qualquer pesquisa científica consiste no levantamento bibliográfico, descrito por Macedo (1994) como a busca de informações bibliográficas e seleção de documentos que tenham relação com o problema de pesquisa. Partindo disso, na primeira parte do estudo foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as temáticas desigualdade escolar e longevidade escolar nas camadas populares, bem como sobre as relações intergeracionais e a coeducação entre avós e netos.

Ao lado dessa ação, a pesquisa documental também se fez importante, por meio da coleta e análise de materiais que poderiam ser utilizados como fonte de informação, incluindo leis e regulamentos, jornais, revistas, discursos, estatísticas e outras fontes (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Ainda foi realizado um levantamento sobre os estudos realizados por instituições governamentais (MEC, INEP, entre outros) que se propõem a discutir as temáticas que foram tratadas nesta pesquisa, bem como as relações intergeracionais e a educação na relação avós e netos.

Como se trata de uma pesquisa que envolve seres humanos, foram respeitados os preceitos éticos. Desse modo, na segunda etapa da pesquisa, houve submissão do estudo ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para todas as pessoas convidadas a participarem da investigação foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo repassadas as informações sobre a pesquisa desenvolvida, seus objetivos, além de possíveis riscos para os entrevistados e das informações sobre o processamento das entrevistas, para que todos os envolvidos tivessem clareza sobre o desenvolvimento e a utilização dos dados concedidos.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética da UFOP⁸, o passo seguinte contemplou a aplicação de um questionário para identificação dos estudantes universitários criados ou cuidados por seus avós. O objetivo do questionário foi levantar quem eram esses sujeitos que se enquadravam nos critérios de investigação estabelecidos pela pesquisadora: graduandos(as) que foram criados(as) por seus avós e pertencentes às camadas populares. A opção por este recurso metodológico se orientou pelo que é colocado por Gil:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 140).

⁸ CAAE nº: 33071520. 0. 0000. 5150.

Sob esse viés, o questionário se apresentou como um recurso metodológico viável para o levantamento destes estudantes. Cabe destacarmos que este instrumento de coleta de dados foi pertinente para ser empregado em pesquisas de cunho empírico que buscam, inicialmente, fazer um levantamento dos sujeitos a serem investigados. Diante disso, o questionário, com perguntas fechadas, buscou compreender os seguintes aspectos: dados socioeconômicos dos estudantes e familiares, trajetória escolar na Educação Básica, relação intergeracional (netos criados ou cuidados por avós) e mobilizações escolares dos avós que criaram os universitários.

Nesta terceira etapa do estudo, o levantamento dos indivíduos que se encontravam nos critérios de seleção da amostra contou com a colaboração e dados levantados por outra investigação realizada, no ano de 2020, que teve por objetivo entender o percurso escolar dos estudantes universitários ingressantes na UEMG – Campus Divinópolis, criados por seus avós (Pesquisa realizada com o apoio do Edital 06/2019 PAPq/UEMG – Programa Institucional de Apoio à Pesquisa. CAEE nº: 30600220.4.0000.5115).

Verificando junto à Secretaria Acadêmica da Unidade, os ingressantes do 1º semestre de 2020 foram assim distribuídos: Ciências Biológicas – 31; Comunicação Social – Publicidade e Propaganda – 31; Educação Física Bacharelado – 38; Educação Física Licenciatura – 40; Enfermagem Bacharelado – 39; Engenharia Civil Bacharelado – 33; Engenharia da Computação Bacharelado – 74; Engenharia de Produção Bacharelado – 40; Fisioterapia Bacharelado – 38; História Licenciatura – 40; Jornalismo Bacharelado – 25; Letras Licenciatura – 39; Matemática Licenciatura – 36; Pedagogia Licenciatura – 80; Psicologia Bacharelado – 75; Química Licenciatura – 25; Serviço Social Bacharelado – 38. O quantitativo esperado era de 760 ingressantes e os que de fato efetuaram a matrícula foram 722 estudantes, com uma taxa de ocupação de 95%.

Com os dados em mãos, partimos para a quarta etapa da pesquisa. Contactamos os representantes discentes de cada turma ingressante solicitando auxílio na divulgação e preenchimentos do questionário *on-line* pelos estudantes. Acreditamos que os percalços causados pelo período atípico (ensino remoto em decorrência da Pandemia de COVID-19) tiveram impacto no estudo, como, por exemplo, a ausência de internet por parte de muitos estudantes e o desconhecimento dos processos de pesquisa e extensão na Universidade, tendo em vista que tinham ingressado na instituição recentemente. Contudo, obtivemos um número representativo de respondentes por meio deste instrumento de coleta de dados aplicado entre os meses de julho e agosto de 2020. Do total de 720 questionários enviados, obtivemos 279

respostas, isto é, 36,71% estudantes, assim distribuídos: Pedagogia – 45 respostas (16,1%); História – 29 respostas (10,4 %); Psicologia – 28 respostas (10%); Engenharia da Computação – 21 respostas (7,5%); Educação Física Licenciatura – 19 respostas (6,8%); Engenharia Civil – 18 respostas (6,4%); Química Licenciatura – 16 respostas (5,7%); Serviço Social – 16 respostas (5,7%); Comunicação Social / Publicidade e Propaganda – 14 respostas (5%); Educação Física Bacharelado – 11 respostas (3,9%); Educação Física Bacharelado – 11 respostas (3,9%); Fisioterapia – 9 respostas (3,2%); Jornalismo – 9 respostas (3,2%); Letras - Português e Inglês – 9 respostas (3,2%); Enfermagem – 7 respostas (2,5%); Matemática – 6 respostas (2,1%); e Ciências Biológicas – 14 respostas (5%).

O questionário foi dividido em duas seções: perfil socioeconômico dos discentes, escolha do curso e da instituição de ensino; e identificação dos alunos criados por avós e o nível de participação destes na educação dos netos. Das 33 perguntas que traçaram o perfil socioeconômico e trajetórias escolares dos estudantes, cinco contemplaram a relação avós e netos. A partir disso, observamos que 26 universitários ingressantes tiveram a participação dos avós em sua criação, e quatro deles selecionados para a entrevista.

Na quinta etapa da pesquisa realizamos entrevistas narrativas com quatro estudantes e suas respectivas avós, pertencentes aos meios populares, considerando aspectos da trajetória familiar e escolar⁹. Como critérios de seleção para as entrevistas, definimos:

1º) avós cuidadoras e tempo de convivência com os netos (integral ou acima de oito horas diárias);

2º) indivíduos pertencentes às camadas populares, com renda até três salários mínimos;

3º) ingresso em curso de alto e baixo prestígio, considerando a concorrência na referida instituição de Ensino Superior; e

4º) indivíduos que ainda convivem com os avós.

A partir dos objetivos geral e específicos foram definidos os seguintes eixos para a elaboração do roteiro de entrevista:

1 – Relações intergeracionais entre avós e netos;

2 – Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares;

3 – Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos, em especial após a inserção no Ensino Superior público.

⁹ Corroborando com Zago (2003, p. 297) ao “adotarmos a entrevista em profundidade, a intenção não é produzir dados quantitativos e, nesse sentido, as entrevistas não precisam ser numerosas”.

Cabe aqui pontuar que, embora não houvesse um recorte de gênero na pesquisa, predominaram as estudantes e suas avós. Ocorre que, durante a pandemia de COVID-19, tivemos dificuldades para encontrar estudantes que se disponibilizassem a participar da entrevista, uma vez que eram necessários os seus depoimentos e de seus avós. Encontramos universitários que informaram não ser possível entrevistar os avós pelo fato de que eles moravam em outra cidade e não teriam apoio para participar da entrevista *on-line*. De outro lado, alguns estudantes já tinham se desligado do curso e não aceitaram participar e outros não mostraram interesse em conceder os relatos. Assim, aqueles que preencheram os critérios e aceitaram dar entrevistas, sendo quatro mulheres e suas avós, foram selecionados para esta pesquisa. São elas: Clarissa, 22 anos, ex-estudante do curso de Pedagogia Noturno e que atualmente estuda Gestão Pública em uma universidade privada; Sra. Marlina, avó de Clarissa, 67 anos, ocupação do lar; Ana¹⁰, 22 anos, estudante do curso de licenciatura em Química; Sra. Leila, avó de Ana, 71 anos, professora alfabetizadora aposentada; Clara, 19 anos, estudante do curso de Psicologia; Sra. Maria, avó de Clara, 60 anos, ocupação empregada doméstica; Mariana, 20 anos, atualmente estudante de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei; e Sra. Belinha, avó de Mariana, 66 anos e do lar.

Vale destacar que as entrevistas semiestruturadas são apropriadas para o estudo qualitativo e que este recurso metodológico é um importante instrumento de coleta de dados, pois, ao narrarem suas trajetórias, os indivíduos revigoram e ressignificam o que viveram e protagonizaram, reconhecendo-se como sujeitos históricos (TEIXEIRA *et al.*, 2006, p. 33). Para que as estudantes se (re)conhecessem como sujeitos portadores de suas histórias, partimos do pressuposto de que a entrevista constrói uma relação de interação entre pesquisador e pesquisado. Pontuamos que é essencial, em relação aos cuidados para a realização da entrevista, que o pesquisador se atenha às atitudes de empatia e aproximação em relação ao sujeito a ser investigado:

Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo entrevistado. Esse respeito envolve desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso. Igualmente respeitado deve ser o universo próprio de quem fornece as informações, as opiniões, as impressões enfim, o material em que a pesquisa está interessada [...]. Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o

¹⁰ No caso desta estudante, é importante ressaltar que se trata de uma exceção no que diz respeito aos critérios de seleção para as entrevistas, pois Ana não pertence aos meios populares. Entretanto, devido à impossibilidade de selecionar outros estudantes, como foi explicitado, e por cumprir outros critérios no perfil selecionado para este estudo, optamos por selecioná-la.

fluxo natural de informações por parte do entrevistado (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 35).

Reconhecemos o fato de que “nenhum método consegue captar o problema em todas as suas dimensões” (ZAGO, 2003, p. 294). Por isso, na busca de maior profundidade na construção e análise dos dados, utilizamos diferentes fontes de dados, como a pesquisa bibliográfica, a documental e os questionários. Contudo, a entrevista foi o principal instrumento de coleta de dados nesta investigação, pois permitiu a reconstrução das trajetórias escolares das estudantes, bem como as mobilizações empreendidas por suas avós ao longo destes percursos. As entrevistas foram gravadas¹¹ e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Cabe aqui pontuar que, a princípio, após o término do período de maior contágio do vírus causador da COVID-19, a intenção era realizar, preferencialmente, as entrevistas no domicílio das estudantes e suas avós, na tentativa de complementar as informações obtidas e tornar mais vastos os ângulos de observação e a condição de produção dos dados (ZAGO, 2003). Contudo, esbarramos em dois principais desafios: a) as próprias estudantes preferiram que os relatos fossem concedidos *on-line*; b) as avós, com exceção de uma, não residem mais com suas netas, que mudaram de cidade a partir da aprovação no Ensino Superior.

Cada entrevista com as estudantes e suas avós durou o tempo médio de uma hora. Os relatos das estudantes aconteceram com fluidez, até pelo fato de já terem familiaridade com a Plataforma Teams (utilizada no ensino remoto da Universidade do Estado de Minas Gerais). No entanto, em relação às avós entrevistadas, todas precisaram do auxílio das netas: foi necessário que as estudantes auxiliassem no quesito posicionar a câmera, acionar a plataforma virtual e repetir e/ou explicar alguma pergunta que elas não tivessem entendido. Todavia, as estudantes não interviam nas entrevistas, mas apenas acompanharam os relatos, sem manifestar qualquer discordância ao que foi pontuado pelas avós.

Respeitamos “os caminhos escolhidos para a recordação e narrativa das trajetórias escolares” (SOUZA, 2014, p. 95), tanto por parte das avós, quanto das netas universitárias. Assim, após a transcrição e leitura cuidadosas e analíticas dos depoimentos transcritos, a última etapa da pesquisa consistiu na análise do material, recorrendo-se à análise do conteúdo como “leque de apetrechos; ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31).

¹¹ É importante mencionar que o Google Meet permite a gravação da voz e do vídeo e concordamos com a afirmação de que “a gravação do material é de fundamental importância, pois, com base nela, o pesquisador está mais livre para conduzir as questões, favorecer a relação de interlocução e avançar na problematização” (ZAGO, 2003, p. 299). No nosso caso, foi utilizada a plataforma Teams.

Sendo assim, para a inteligibilidade dos dados empíricos, ou seja, a análise de mensagens transmitidas nas entrevistas, foram criadas categorias que agruparam determinadas características comuns observadas nas entrevistas, quais sejam: Categoria 1: Relações intergeracionais entre avós e netas; Categoria 2: Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar; e Categoria 3: Convivência entre avós e netas ao longo da vida. Também fizemos a análise a partir da triangulação das fontes: pesquisa bibliográfica e documental, aplicação de questionário e realização de entrevistas.

Tecidas essas considerações, apresentamos, a seguir, como a tese está estruturada: o Capítulo 1, intitulado “Desigualdade Social e Educativa: jovens de camadas populares no Ensino Superior”, traz uma discussão sobre as desigualdades sociais, culturais e como elas são refletidas na educação, considerando os desafios que os jovens pertencentes aos meios populares encontram em seu percurso escolar.

No Capítulo 2, “Coeducação Intergeracional na Convivência entre Avós e Netos”, a discussão se pauta nas mudanças do perfil etário da população e no papel dos avós na família, enfatizando como estes indivíduos têm contribuído para o fortalecimento das relações intergeracionais entre avós e netos, inclusive no que diz respeito à escolarização dos mais jovens.

Já o Capítulo 3, “Avós e Netos: saberes, ensinamentos e influência na escolarização”, apresenta os resultados da investigação a partir do questionário *on-line* aplicado aos estudantes universitários no ano de 2020, com enfoque nos respondentes que sinalizaram ter sido criados por seus avós ao longo da infância e adolescência.

No Capítulo 4, “Das Relações Entre Avós e Netas: partilhas, coeducação e sentimentos”, são apresentadas as análises das oito entrevistas realizadas, sendo quatro com as estudantes universitárias e quatro com suas respectivas avós cuidadoras.

As Considerações Finais trazem uma síntese dos achados da pesquisa, seus limites e contribuições e as indicações de pesquisas futuras. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas e o roteiro de entrevista, em apêndice, usado tanto para as estudantes universitárias quanto para suas avós.

1 DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCATIVA: JOVENS DE CAMADAS POPULARES NO ENSINO SUPERIOR

A pesquisa em Sociologia da Educação tematiza os processos sociais constitutivos da educação e seus vínculos com as dinâmicas e estruturas econômicas, políticas e culturais das sociedades e coletividades. Ela se interessa pelos aspectos e dimensões sociais da educação, nos vários tempos e espaços, grupos e sociedades, formas e conteúdos em que está se apresenta e desenvolve, analisando-os nos planos macro e microssociais, nos aspectos instituintes e instituídos qualitativos e quantitativos
(TEIXEIRA, 2003, p. 98).

Este capítulo traz uma discussão sobre as desigualdades sociais que reverberam nos contrastes escolares, buscando enfatizar como os indivíduos dos meios populares vivenciam desafios ao longo do processo de escolarização. A literatura sobre longevidade escolar comprova que, mesmo com percursos escolares repletos de obstáculos, tanto para os estudantes quanto para suas famílias, a cada dia mais jovens das camadas populares ingressam em universidades públicas, mesmo que em cursos de menor prestígio social como no caso das licenciaturas.

Considerando que a investigação científica realiza-se sempre em diálogo com a produção do respectivo campo (BOURDIEU, 2008, 2015; SARMENTO, 2003), nesta tese os estudos selecionados para responder às indagações sobre as mobilizações que levaram os estudantes de camadas populares a ingressar no Ensino Superior público fundamentam-se nos trabalhos de Pierre Bourdieu (1997, 1998, 2010), Bernard Lahire (1997, 2002, 2004), Cláudio Nogueira (2002, 2004, 2005, 2015), Maria Alice Nogueira (2002, 2014, 2015), Débora Piotto (2007, 2008, 2014), Nadir Zago (2003, 2006), entre outros que têm contribuído para desvelar os processos de socialização vividos por estudantes de diferentes estratos sociais em seus percursos escolares, inscrevendo-se na tradição disposicionalista¹² (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

1.1 Desigualdades sociais, raciais e escolares: uma breve contextualização

Incomoda-nos saber que, em pleno século XXI, o acesso à escolarização, à cultura e aos serviços básicos de saúde, segurança e saneamento ainda assolam uma quantidade expressiva de indivíduos na sociedade brasileira. O abismo social existente entre

¹²A sociologia disposicionalista, enquanto tradição sociológica, empenha-se em desvelar as disposições que orientam as práticas dos indivíduos nos mais diversos contextos sociais nos quais vivem, considerando família, escola, trabalho etc. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

determinados grupos de pessoas é evidenciado na configuração socioeconômica e espacial nas cidades brasileiras, ultrapassando os limites da materialidade e se expressando em diferentes espaços e contextos da vida humana (EUSÉBIO FILHO; GUZZO, 2009, p. 41). Ainda segundo Eusébio Filho e Guzzo (2009), as relações produzidas pelo capitalismo estão imbricadas na dicotomia privação x abundância; dito de outro modo, alguns indivíduos são carentes de recursos básicos (educação, saúde, moradia, cultura etc.), enquanto outros esbanjam o bem-estar social.

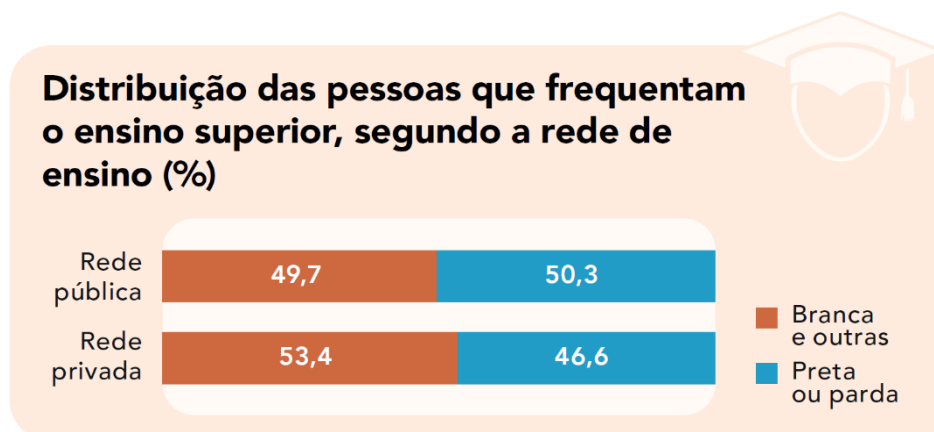
Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em estudo divulgado no ano de 2020 a respeito da distribuição de renda entre os anos 2012 e 2018, houve retrocesso no processo de melhoria da distribuição de renda no Brasil, ao passo que a desigualdade e a pobreza aumentaram e o bem-estar agregado caiu (BARBOSA *et al.*, 2020). Assim como aponta o documento, em consonância com outros estudos (ROSEMBERG; MADSON, 2011), crise, recuperação e crescimento não são fenômenos que atingem a todos do mesmo modo em seus percursos de vida. Por exemplo, quanto “maior for o nível de escolaridade do indivíduo maior será sua chance de manter-se competitivo no mercado de trabalho [...], enquanto para aquele de pouco estudo resta-lhe apenas a condição de subalterno e, em muitas situações, de marginalizado” (ARAÚJO, 2014, p. 133).

A desigualdade racial ocupa um lugar importante na produção e no aprofundamento das desigualdades sociais. Queiroz (2002) afirma que, em qualquer que seja o âmbito e a dimensão observada na sociedade brasileira, negros e brancos estão situados desigualmente no que diz respeito ao acesso às oportunidades. Como mostra Caetano (2019), o estudo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça”, com dados de 2018, evidencia a persistência da desigualdade racial no país, revelando que entre os 10% da população com os maiores rendimentos apenas 27,7% eram pretos ou pardos. É importante ainda pontuar o abismo de oportunidades, renda e instrução entre brancos e negros, sendo que essas desigualdades raciais estão imbricadas nas condições educacionais dos brasileiros.

No Brasil, as desigualdades sociais e raciais, assim como ressalta Araújo (2014), são refletidas na educação, influenciando as trajetórias escolares dos menos favorecidos, quer seja no acesso, quer seja na permanência e no sucesso escolar dos historicamente excluídos. Mesmo que as desigualdades raciais venham diminuindo desde 1960, elas se mantêm significativas quando observamos a conclusão do Ensino Médio de pardos e pretos que têm menos chances de terminarem os estudos, se comparados aos brancos. Contudo, um estudo do IBGE (2018) revelou que, pela primeira vez, estes indivíduos são a maioria nas instituições de Ensino Superior da rede pública, com 50,3% do total, embora nas universidades particulares o

número de matriculados ainda não tenha ultrapassado os 50% (46,6%), conforme mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Distribuição das pessoas que frequentam o Ensino Superior, segundo a rede de ensino (%)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2018).

O Gráfico 1 demonstra a significativa inserção dos pretos e pardos na universidade pública, mas é importante considerar outros indicadores sociais que se refletem na educação, pois a “desigualdade educacional é conceito polissêmico, composto por múltiplas dimensões e suas relações” (SAMPAIO; OLIVEIRA, 2015, p. 527). Embora estejam inseridos nos 50,3% dos estudantes de Ensino Superior da rede pública, os pretos e pardos formavam a maioria da população em 2018 (55,8%), o que nos leva à compreensão de que permanecem sub-representados nas universidades (AGÊNCIA IBGE, 2019), trazendo à tona a forte influência da desigualdade social nas desigualdades escolares (CHAVES, 2015).

Outros estudos em relação aos indivíduos pertencentes aos grupos menos favorecidos e à busca por uma formação interrupta e digna corroboram esse cenário, segundo Arroyo (2009), os quais possuem apenas 20% de chance de alcançar este objetivo. O mesmo pode ser evidenciado quando nos referimos às crianças nascidas nas camadas populares: “menos educação escolar que 80% de seus colegas da mesma idade. Crianças da classe média alta vão ter uma média de 4 anos de educação escolar a mais do que crianças da classe baixa” (JENCKS, 2008, p. 54). Nesse contexto marcado pela desigualdade escolar, é importante pontuarmos que, apesar da ampliação do processo de escolarização, as taxas de analfabetismo ainda persistem, bem como o desigual desempenho para conclusão dos Ensinos Fundamental e Médio e o acesso à Educação Superior (CASTRO, 2009).

Dados mais recentes reafirmam que a desigualdade escolar no país persiste. Segundo o relatório “A educação no Brasil: uma Perspectiva Internacional”, que contou com o apoio do movimento Todos pela Educação, a população mais vulnerável tem menos acesso à educação de qualidade, bem como é a que mais abandona a escola. O documento ainda destaca que “a situação social e econômica dos alunos, inclusive a raça, tem um impacto significativo nos resultados de aprendizagem. Os alunos de origem mais pobre não têm as mesmas oportunidades que seus colegas em melhor situação e tendem a frequentar escolas de qualidade inferior” (OCDE, 2021, p. 22). Nesse sentido, o relatório aponta que não avançaremos na qualidade da Educação Básica se não enfrentarmos as desigualdades.

Por sua vez, a pesquisa de Rosa (2020) ainda considera relevante destacar nesse quadro a disparidade entre jovens dos meios urbanos e rurais, uma vez que tanto a evasão quanto o atraso escolar são mais presentes na zona rural do que na zona urbana. Todavia, esse abismo que resulta em disparidades sociais, raciais e escolares na sociedade brasileira, segundo Araújo (2014), não se reduz apenas à zona urbana e rural, mas também entre regiões. Sem desmerecer o peso da origem social no desempenho escolar dos indivíduos, “as diferenças regionais nas médias de anos de estudo da população brasileira de 14 a 17 anos são elevadas. Em termos absolutos, a desvantagem é maior entre os estados das regiões Norte e Nordeste” (MEDEIROS; OLIVEIRA, 2014, p. 573).

A compreensão do abismo social que reverbera nas desigualdades escolares foi sinalizada no século passado. Os resultados do relatório produzido nos anos 1960 por Coleman mostram que as diferenças socioeconômicas entre os alunos norte-americanos eram as principais responsáveis pelas diferenças nos seus percursos escolares. Bourdieu (1992), no mesmo período, apresenta a teoria da reprodução das desigualdades escolares, reafirmando que o êxito escolar é influenciado pela condição socioeconômica familiar. O documento constatou, naquele período, que a origem das desigualdades no desempenho dos alunos reside mais nas diferenciações de ordem social e familiar do que nas disparidades de ordem material ou pedagógica entre as escolas: “[...] a reprodução passaria, primeiro, pela transformação das desigualdades sociais em desigualdades escolares de mesma extensão e, depois, das desigualdades escolares em desigualdades sociais em um circuito idêntico de repetição” (DUBET *et al.*, 2012, p. 24).

Considerando então que, por meio da educação, a família, a escola e a comunidade reforçam a cada nova geração os ensinamentos de seu tempo, transmitindo aos descendentes a herança dos antepassados (ARATANGY; POSTERNAK, 2005), as desigualdades escolares também seriam, de certo modo, reforçadas: os indivíduos, consciente ou inconscientemente, já

vislumbrariam, em princípio, o que está ao seu alcance ou não. O relato trazido por Bourdieu na obra “Os excluídos do interior” (2010), se refere à análise do caso de um estudante de liceu, morador de periferia parisiense, que tem pais divorciados e ocupantes de profissões desvalorizadas econômica e socialmente, visualizando suas chances de sucesso escolar. Nas palavras do autor:

É claro, efetivamente, que o universo dos estabelecimentos escolares e das populações correspondentes constitui, de fato, um *continuum*, do qual a percepção comum apreende apenas os dois extremos: por um lado, os estabelecimentos improvisados, cuja multiplicação fez-se, de maneira precipitada, nas periferias desafortunadas para acolher populações de alunos cada vez mais numerosos e mais desprovidos do ponto de vista cultural e que deixaram de ter alguma coisa a ver com o liceu, tal como este se perpetuou até os anos 50; por outro, os estabelecimentos altamente preservados, onde os alunos oriundos de “boas famílias” podem seguir, ainda hoje, uma trajetória escolar que não é radicalmente diferente daquela que foi seguida pelos pais ou avós (BOURDIEU, 2010, p. 219).

Embora Bourdieu tivesse se referindo ao caso francês do século passado, de certo modo essa realidade ainda se faz presente na contemporaneidade. O que o autor chama de “mal-estar nos liceus”, se pensado no caso brasileiro, pode ser entendido como a diferenciação da maioria das escolas públicas *versus* escolas privadas destinadas às elites. Segundo um estudo do IBGE (2017), ainda persistem em grande parte das instituições públicas de Educação Básica deficiências de infraestrutura, o que impacta negativamente no processo de ensino e aprendizagem. Entre tais deficiências, conforme Martins (2018), podemos citar a falta de acessibilidade a recursos tecnológicos, ausência de esgotamento sanitário, de biblioteca ou sala de leitura inexistentes ou precárias, entre outros. Esses dados nos revelam um quadro de desigualdade no processo de escolarização dos indivíduos que frequentam esses estabelecimentos, o que, conseqüentemente, deixa lacunas no processo formativo se comparados àqueles que podem usufruir da educação ofertada por excelentes escolas na rede privada.

Mas não somente o tipo de estabelecimento de ensino frequentado pode ser elencado como fator condicionante do sucesso ou fracasso escolar: o meio social também se configura um dos elementos atuantes desse processo, pois as desigualdades educacionais não estão ligadas estritamente a fatores de ordem socioeconômica, mas também de ordem cultural. No Brasil, embora tenha havido avanços na expansão educacional em todos os níveis nos últimos 50 anos, os indivíduos de famílias com mais recursos socioeconômicos continuam mantendo

as mesmas vantagens de progressão no sistema, persistindo as desigualdades no nível médio e superior (RIBEIRO *et al.*, 2015).

1.2 Práticas educativas familiares: a escolarização das crianças e jovens nas camadas populares

As investigações sobre a relação família e escola ganham maior visibilidade a partir da década de 1970 no Brasil, o que nos sugere uma renovação nos trabalhos de pesquisa que passam a se debruçar sobre o entendimento das práticas educativas familiares nos meios populares. Por estudantes de camadas populares¹³ pode-se entender aqueles indivíduos oriundos de famílias com limitados níveis de escolarização, baixo padrão de renda, vinculados a ocupações que exigem baixos níveis de qualificação, ou seja, que se distanciam da herança dos capitais¹⁴ descritos por Pierre Bourdieu. Consideram-se, ainda, aqueles grupos em situação desfavorável (econômica, social, política e cultural) e, portanto, não propensos à longevidade escolar, bem como estão vinculados recorrentemente a uma “lógica de oposição negativa, tais como: ausência de consciência, imediatismo, apatia, resignação, círculo de relações sociais restritas, sentimento de inferioridade etc.” (SAMPAIO, 2011, p. 36).

Contudo, é importante ressaltar que não se trata de estudantes com ausência de consciência e muito menos apresentam em seus percursos escolares apatia; ao contrário disso, enfrentam dificuldades no processo de escolarização que devem ser analisadas. A esse respeito, Thin pondera que há duas formas de socialização que se confrontam: o polo das lógicas escolares e o polo das lógicas populares e, “dessa confrontação desigual que nasce a maioria dos mal-entendidos, das inquietações, das dificuldades entre os professores e as famílias populares” (THIN, 2006, p. 215).

Contrariamente às camadas médias e altas, em que são percebidas, pelos estudantes, pretensões e condições educacionais que visem à continuidade na educação escolar (JENCKS, 2008), as camadas populares competem no sistema escolar em posição de desvantagem, visto que enfrentam desafios de ordem econômica, social e cultural. Sendo assim, para este autor,

¹³ Considera-se como indicadores para pertencimento aos meios populares pais com baixo nível de escolaridade e baixa renda familiar, bem como aqueles grupos que ocupam as posições que se situam na base da pirâmide social (SOUZA, 2014; VIANA, 2014).

¹⁴ Segundo as teorias bourdieusianas, o capital social se refere à rede durável de relações e à vinculação a um grupo, o que pode mobilizar o volume de capital econômico, cultural ou simbólico. O capital econômico diz respeito ao poder aquisitivo do indivíduo que, por sua vez, favorece a aquisição de outros capitais. Por fim, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. Este capital corresponde aos bens culturais, aos certificados escolares e às formas de disposições duráveis no indivíduo, orientando a maneira de ver o mundo (*habitus*) (BOURDIEU, 2010).

dentre as razões que facilitam aos alunos com pais com alto capital escolar e bem-sucedidos economicamente a alcançarem o sucesso no processo de escolarização, pode-se destacar um ambiente familiar propício à aquisição de habilidades intelectuais que contribuem no desempenho escolar, a chance de frequentar instituições escolares mais prestigiosas, as quais os incentivam a ingressar no Ensino Superior, e a ausência de desafios financeiros, o que garante a permanência na Educação Superior.

Como podemos perceber, neste rol de vantagens e desvantagens dos diferentes segmentos sociais frente à educação e suas chances de sucesso escolar, as crianças e jovens de camadas populares não apresentam vantagens significativas ao longo de suas trajetórias escolares. Sobre isso, Romanelli (2003) afirma que as famílias dos meios populares tendem a ser qualificadas de desorganizadas e “desestruturadas”, porém, destaca que essa interpretação está ancorada em uma postura etnocêntrica e em um viés classista, tomando como referência os modelos familiares das camadas médias, que são consideradas como portadoras de qualidades supostamente inatingíveis para as camadas baixas.

Considerando ainda as ponderações de Bourdieu (2010, 2017) a respeito das disposições e estratégias de investimento escolar de acordo com a classe social, Nogueira e Nogueira (2002) afirmam que as classes populares tendem a empreender um investimento relativamente baixo no sistema de ensino dos filhos, pois as chances de sucesso são reduzidas devido à ausência (ou pouca existência) de recursos econômicos e culturais necessários para o desempenho escolar. Os estudos de Bourdieu e Passeron pontuam, ainda, uma perspectiva de reprodução cultural na escola capitalista: “as pesquisas iniciais dos autores, realizadas ainda na década de 1960, [...] sustentam que a origem social dos alunos define as possibilidades de escolarização e determina os modos de vida e de trabalho dos sujeitos” (CARVALHO *et al.*, 2003, p. 18).

Contudo, a condição desfavorável dos meios populares no que se refere ao processo de escolarização não deve desconsiderar as dinâmicas internas familiares no que diz respeito às práticas educativas. É importante conhecer as diversas formas de socialização relacionadas às condições de existência, às relações sociais e à história destes grupos (THIN, 2006), inclusive no que se refere à mobilização escolar familiar, assim descrita por Viana (2007). Segundo esta autora, reforçando os dados do Relatório Coleman na década de 1960, atitudes educativas que visam a intervenções práticas (controle metódico das atividades escolares, escolha dos estabelecimentos de ensino e das carreiras escolares, vigilância e encaminhamento das atividades de reforço e deveres escolares, comparecimento às reuniões pedagógicas e

conselhos de classe etc.) são capazes de oferecer apoio moral e afetivo às crianças e jovens em seus percursos escolares.

Assim como a mobilização escolar familiar apresentada por Viana (2007) é um elemento essencial para pensarmos as práticas educativas a que recorrem as famílias, é necessário ainda considerar que o *habitus* é um conceito valioso para a compreensão das trajetórias escolares. Enquanto matriz cultural que predispõe os indivíduos nos modos de pensar, agir e sentir sob a forma de disposições duráveis, incorporadas pelos sujeitos ao longo de seu processo de socialização, permite refletir sobre a relevância que cada um atribui à educação escolar, considerando sua posição social ocupada, suas crenças e gostos (SILVA, 2008). Desse modo, o *habitus* compreende

[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 1994, p. 15).

Considerando que se trata de uma estrutura inclinada a operar como determinante, o “*habitus* orienta nossos modos de agir, sentir, pensar e ser. Ele captura como nós carregamos nossa história dentro de nós, como trazemos essa história para nossas circunstâncias atuais e então como fazemos escolhas de agir de certos modos e não de outros” (GRENFELL, 2018, p. 77). Entretanto, o *habitus*, por si só não é capaz de explicar as trajetórias e mobilizações escolares dos indivíduos, pois, como salienta Grenfell (2018), ele não age sozinho e nossas práticas se configuram como resultado de ações entre as disposições e a posição num campo (capital).

Thiry-Cherques (2006) define o *habitus* como um sistema de disposições que nos leva a agir de determinada forma em uma circunstância dada, mas salienta que as disposições não são mecânicas e nem determinísticas: são flexíveis e adquiridas pela interiorização das estruturas sociais. Nesse sentido, além das variáveis mais comumente utilizadas nas análises sociológicas, como renda, ocupação e escolaridade dos pais, é fundamental que consideremos outros elementos para analisarmos as disposições familiares e individuais.

Lahire (2002) defende que é inviável pensar o indivíduo contemporâneo sendo regido apenas por um único princípio de conduta, o que significa que o ser humano não age de forma

homogênea nas muitas situações de vida, ou coerente o tempo todo com um sistema homogêneo de disposições. Na perspectiva do autor, mais do que buscar reduzir o conjunto das práticas e comportamentos de um indivíduo a uma improvável fórmula geradora, pode-se tentar reconstruir as disposições incorporadas ao longo das trajetórias de vida, profissionais, familiares, entre outras.

Ao considerarmos que as práticas dos indivíduos são resultantes da relação entre o *habitus* e suas circunstâncias (GRENFELL, 2018), bem como do patrimônio de disposições incorporadas ao longo de seus percursos (LAHIRE, 2002), também não podemos desconsiderar os capitais dos quais os indivíduos são portadores. O capital econômico é aqui entendido como os recursos econômicos que o indivíduo possui (dinheiro, posses etc.). Já o capital social, segundo Bourdieu (2010), é uma rede de relações em que os agentes se reconhecem como pares e pertencentes a um grupo homogêneo, que busca trocas legítimas e úteis para a vida econômica e cultural dos indivíduos. Essa proximidade da extensão de redes de relações que o capital social pode mobilizar tem ligação com o volume do capital social que um indivíduo possui. Desse modo, a rede de ligações é entendida como o produto de estratégias de investimento social orientada para a reprodução de relações sociais.

Finalmente, o capital cultural refere-se ao conjunto de recursos, competências e apetências disponíveis em matéria de cultura considerada dominante, tornando as diferentes formas de saber dignas ou não de legitimação.

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis no organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 2010, p. 74).

Embora este capital não garanta êxito nas trajetórias escolares e a riqueza não seja o único obstáculo à igualdade das oportunidades, “os alunos originários das categorias sociais mais privilegiadas, os mais bem munidos em capital cultural e social, apresentam um rendimento melhor, cursam estudos mais longos, mais prestigiosos e mais rentáveis que os outros” (DUBET, 2008, p. 26-27). Contudo, as práticas educativas das famílias pertencentes aos meios populares, pautadas pelos capitais (social, econômico e cultural) e pelo *habitus*, podem ser orientadas visando à longevidade escolar dos filhos.

Nesse aspecto, mesmo que as camadas médias e altas busquem estratégias educativas que possibilitem aos filhos uma “boa educação”, assim como é mencionado por Jencks (2008), não podemos inferir que as camadas populares não constroem estratégias e mobilizações escolares para que os filhos se sobressaiam no processo de escolarização. Ao discutir as diferenças no desempenho escolar entre crianças dos meios populares, Lahire (1997) mostra que há dinâmicas familiares internas capazes de explicar as variações de aproveitamento escolar, inclusive na tentativa de superar desvantagens educacionais, econômicas, sociais e culturais.

Vale ainda pontuar que o trabalho de Lahire (2004) nos mostra que um indivíduo se orienta por um conjunto complexo de disposições formado a partir de múltiplas experiências de socialização (NOGUEIRA, 2004). As trajetórias sociais, os grupos de pertencimento, o sentido da escolarização e suas possibilidades de ascensão social permitem compreender as estratégias e mobilizações escolares empreendidas pelos estudantes e seus familiares. Desse modo, a pluralidade dos contextos vivenciados por esses indivíduos tem impacto ao longo do processo de escolarização (LAHIRE, 2002, 2004).

A junção, então, das múltiplas experiências de socialização dos indivíduos, a mobilização escolar familiar, o *habitus* e os capitais nos permitem entender o processo de escolarização nas famílias de camadas populares, inclusive apontando ações e práticas familiares que auxiliam no bom desempenho escolar dos filhos. Retomando o estudo de Lahire (1997) sobre as práticas educativas familiares no contexto francês e as trajetórias dos filhos de grupos desfavorecidos com sucesso escolar “improvável”, a pesquisa revelou cinco traços pertinentes para a compreensão das configurações familiares: as formas familiares da cultura escrita; as condições e disposições econômicas; a ordem moral doméstica; as formas da autoridade familiar; os modos familiares de investimento pedagógico.

Ao analisar as fontes do estudo¹⁵ realizado na década de 1990, Lahire (1997) constatou que indicadores sociológicos como “origem social”, “meio social” e “grupo social”, em muitos casos considerados “causas” de explicação de “sucesso” e de “fracasso” escolares, são elementos que influenciam as trajetórias escolares, mas não as determinam, pois as famílias do mesmo meio social possuem configurações particulares. Sendo assim, o ser social

¹⁵ Lahire (1997) embasou sua pesquisa nas seguintes fontes: A) entrevistas com 26 famílias em seus domicílios e notas etnográficas sobre cada um dos contextos de entrevista; B) entrevista, na escola, com cada uma das crianças selecionadas (que cursavam o equivalente à 2ª série do Ensino Fundamental brasileiro); C) entrevista, no início e no final do ano letivo, com cada uma das sete professoras do grupo de alunos pesquisados; D) entrevista com os diretores das quatro escolas envolvidas, localizadas na periferia de Lyon.

colocado no seio de uma pluralidade de mundos sociais não-homogêneos internaliza variações de práticas segundo a situação social na qual ele é levado a atuar.

Ainda segundo o autor, muitas famílias com baixo capital cultural e econômico interferem positivamente na escolarização dos filhos, adotando práticas educativas que criam disposições para comportamentos valorizados pela escola. Desse modo,

[...] algumas famílias, apesar do seu baixo capital cultural, favorecem a escolarização dos filhos indiretamente, por meio da criação de um mundo ordenado, no qual impera o respeito pela autoridade (inclusive dos professores), a definição clara de obrigações (incluindo a realização dos deveres escolares), o estabelecimento de horários para a realização de atividades (entre as quais, os estudos), o controle sobre as relações de amizade, entre outros. Essas famílias, mesmo que de forma não inteiramente intencional ou consciente, preparariam seus filhos para atenderem certas expectativas próprias ao ofício de aluno: disciplina, bom comportamento, respeito às regras, perseverança, cuidado na apresentação das atividades escolares, etc. (NOGUEIRA, 2013, p. 9).

Além da ordem moral doméstica, algumas famílias recorrem a formas de autoridade com os filhos, pois a escola é um lugar regido por regras de disciplina. Nesse sentido, Lahire afirma que estas famílias exercem a autoridade por meio da vigilância e da punição dos filhos, enquanto que outras utilizam o diálogo. Neste segundo caso, a família “propicia o desenvolvimento da autonomia e da autodisciplina por parte das crianças, qualidades que as tornam mais aptas a atender às regras escolares” (NOGUEIRA, 2013, p. 10).

Também há famílias dos meios populares que supervalorizam a escolaridade dos filhos e a colocam como finalidade essencial por meio de um investimento pedagógico que pode tomar formas mais ou menos rigorosas e sistemáticas, assim impactando as próprias vidas. Dentre as formas de investimento pedagógico, Lahire (1997) destaca: participação familiar constante na escola, colaboração na execução dos deveres de casa, incentivo de atividades extracurriculares, cobrança do desempenho escolar etc.

Sendo assim, “pertencer a um grupo social não determina os modos de ser, agir e pensar dos indivíduos. Por isso, para compreender o processo de socialização, é necessário considerar os espaços e as situações que atuam em sua formação” (PERPÉTUO, 2019, p. 45). Romanelli (2013) ainda nos chama a atenção para o fato de que é difundida uma avaliação errônea sobre a vida familiar das camadas populares, classificando-as como “desestruturadas” sem considerar as diferentes formas do grupo enfrentar a precariedade de suas condições de existência e lutar contra a desigualdade econômica. Reconhecendo que o sucesso escolar não é incomum entre os mais pobres, Zago (2000) traz à tona os casos de sucesso escolar nos

meios populares, desconstruindo a tese de que se trata de famílias “desajustadas” que não valorizam a escola ou a via da escolarização apenas como processo necessário para o acesso ao mercado de trabalho.

Distanciando-se ainda dessa ideia de que as famílias populares não investem na escolarização dos filhos, Neves (2013) ressalta que um elemento significativo para um desempenho escolar favorável diz respeito às expectativas familiares, isto é, o apoio e nível de expectativa nos filhos têm efeito positivo no processo de escolarização. Por exemplo, através da história de vida de dois jovens, Freitas (2016) revelou como o sucesso escolar em meios populares enfrenta inúmeros desafios, porém está permeado por estratégias educativas familiares orquestradas de modo a minimizar as chances de fracasso no processo de escolarização:

Filho de mãe dona de casa e de pai mecânico, Anderson não teve um de seus pais exemplos de pessoas cultas ou bem-sucedidas no mundo do trabalho [...]. E o máximo que seu Evaldo e Dona Mara podiam fazer era vigiar as tarefas escolares dos meninos, regular seus horários para que tivessem um tempo reservado aos estudos e, o mais importante: sofrer com cada nota baixa no boletim, deixando transparecer para os filhos a alegria e o orgulho que sentiam quando eles iam bem no colégio, assim como a tristeza e a preocupação quando tinham dificuldades (FREITAS, 2016, p. 327).

As pontuações sobre a rotina escolar além dos muros da escola não desconsideram que nas relações produzidas pela escolarização perpassam práticas socializadoras distintas e até mesmo contraditórias: “de um lado, os professores, cujas lógicas educativas fazem parte daquilo a que se chama ‘modo escolar de socialização’; de outro, as famílias populares, com ‘lógicas socializadoras estranhas àquelas outras’” (THIN, 2006, p. 19). Entretanto, é pertinente considerar os esforços empreendidos por estas famílias na escolarização dos filhos, como o controle sistemático do tempo destinado às tarefas escolares. Assim como pontuou Freitas (2016), Paula e Nogueira (2018) também observaram, ao comparar as estratégias e escolhas escolares efetuadas por dezessete famílias que vivem em duas sub-regiões do bairro Barreiro, em Belo Horizonte, que há distintas mobilizações familiares na questão do processo de escolarização dos filhos: “a influência das características sociais do território sobre as estratégias educativas das famílias, em particular, sobre aquelas associadas à escolha do estabelecimento de ensino para os filhos” (PAULA; NOGUEIRA, 2018, p. 71).

A escolha do estabelecimento de ensino pelos pais, como apontado por Resende *et al.* (2011), reafirma o papel que as estratégias de escolarização ocupam na reprodução da posição de um grupo, bem como é uma das formas de envolvimento parental na educação. Os

resultados de uma pesquisa desenvolvida com 299 famílias de Belo Horizonte, de camadas populares e de frações inferiores das camadas médias, confirmam a existência de uma associação entre perfil das famílias e tipos de estabelecimento escolar escolhido pelos pais.

De modo geral,

[...] na medida em que a escolarização tem um peso maior na determinação da posição social e profissional futura da prole, os pais tendem a atribuir maior importância a cada passo da carreira escolar dos filhos, incluindo aí a escolha da escola a ser por eles frequentada (RESENDE *et al.*, 2011, p. 956).

Com o objetivo de investigar as razões de escolha por uma escola pública diferenciada (Centro Pedagógico – UFMG), Cunha e Alves (2018) investigaram famílias e as motivações de evitamento da escola pública “comum”. A escolha da escola federal pelas famílias que participaram do estudo, além de contar com o fator “sorte” (sorteio de vagas), pautou-se nas condições físicas e estruturais da instituição, que são melhores do que outras escolas da rede pública; na busca por melhores oportunidades educacionais para os filhos; na promessa de ingressar em uma universidade pública após percorrer uma trajetória favorável na Educação Básica; e na estratégia motivada pelas relações secundárias (amigos, vizinhos, professores, entre outras) que revelam a qualidade do estabelecimento escolar e creditam um valor simbólico a este tipo de instituição.

Contudo, é essencial acrescentar à discussão de estratégias educativas o conceito de tática, distinguindo-as: para Certeau (2012), a estratégia é o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um indivíduo traça um caminho a ser percorrido. Já a tática acontece de maneira a se lançar em uma brecha: “Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 2012, p. 94-95).

Desse modo, as famílias nem sempre apresentam estratégias bem definidas em relação à escolarização de seus filhos; ao contrário, aproveitam-se de situações que podem favorecer a longevidade escolar. Ou seja, as táticas são muito mais comuns entre essas famílias, as quais, em consequência das urgências e carências da vida, dificilmente conseguem fazer um planejamento a médio e longo prazo. Nesse sentido, as táticas e as estratégias podem ser consideradas como práticas cotidianas dos indivíduos, isto é, ações que passam despercebidas (LAPEDRA; ICHIKAWA, 2017). Cabe ainda pontuar que:

Já as táticas são ações calculadas e determinadas pela ausência de um próprio, ou seja, de um território. Justamente por isso, as táticas só existem em função do outro, jogam com o terreno que lhe é imposto pelas

estratégias, não tendo forças para manter a si mesmas ou um projeto global [...]. As táticas são as artes dos fracos, uma vez que quanto menor o poder, maiores são as possibilidades que o indivíduo terá para articular ações astutas (MATOS, 2011, p.4-5).

Em se tratando das famílias dos meios populares, em alguns casos, estas podem até mesmo desconhecer os caminhos necessários que levam a prole à longevidade escolar, mas, por outro lado, buscam chances que aparecem no percurso para atingir tal objetivo. Portanto, “enquanto a estratégia é praticada calculadamente, a tática parte do improviso. A estratégia é a arte do forte, que possui poder, a tática é a arte do fraco. A estratégia acontece no lugar próprio, a tática ocorre no lugar não-próprio” (LAPEDRA; ICHIKAWA, 2017, p. 56). Isso nos remete a pensar que os caminhos trilhados pelas classes populares podem não apresentar tanta clareza quanto os desafios que podem surgir para que os filhos alcancem o sucesso escolar.

No entanto, mesmo considerando o envolvimento parental na educação da prole e as práticas educativas explicitadas por Freitas (2016), como a ordem moral doméstica, controle do tempo destinado aos estudos e as expectativas depositadas no sucesso escolar dos filhos, bem como as táticas utilizadas para a continuidade dos estudos, não se pode desconsiderar um cenário desfavorável ao longo do processo de escolarização das camadas populares, o que reduz o ingresso destes indivíduos no Ensino Superior. Bourdieu nos lembra, tomando como referência a educação francesa, que “um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário” (BOURDIEU, 2010, p. 41).

Cabe ainda destacar o grau de seletividade prévio nos processos seletivos das universidades, observando-se em cursos de alto prestígio a concentração de candidatos que possuem situação econômica favorável (VARGAS, 2010). Conseqüentemente, corroborando Zago (2006), o ingresso em uma instituição de Ensino Superior pressupõe uma formação escolar anterior favorável, principalmente quando nos referimos a cursos que têm uma concorrência acirrada. Somam-se a isso as estratégias de permanência na universidade, pois o ingresso é uma etapa importante, contudo, transitar pelo mundo universitário, participar das atividades científico-acadêmicas, conciliar, em muitos casos, o trabalho e os estudos para concluir a graduação constituem-se outros processos que impactam de maneira considerável os indivíduos de camadas populares.

1.3 Ingresso e permanência dos jovens de camadas populares na universidade

Quando Bourdieu (2010) sinaliza que a democratização da escola caminhou no sentido de também difundir a ideia do fracasso escolar, ele nos chama a atenção para o fato de que as deficiências pessoais ou naturais dos excluídos¹⁶ não podem explicar as trajetórias de insucesso. Mediante isso, “as causas de aparência natural, como o dom ou o gosto, cedem lugar a fatores sociais mal definidos, como a insuficiência dos meios utilizados pela escola, ou a incapacidade e a incompetência dos professores” (BOURDIEU, 2010, p. 220). Isso quer dizer, então, que as instituições escolares e o corpo docente apresentam dificuldades para contribuir para o processo de escolarização dos indivíduos “excluídos”, talvez pela distância social, econômica e cultural destes estudantes.

Desse modo, a instituição escolar tende a ser considerada tanto pelas famílias quanto pelos alunos desfavorecidos como um engodo e, ao mesmo tempo, uma decepção coletiva, pois não é capaz de cumprir a função de “terra prometida”¹⁷.

Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado; e, se fracassam, o que segue sendo seu destino mais provável, são votados a uma exclusão, sem dúvida, mais estigmatizante e mais total do que era no passado (BOURDIEU, 2010, p. 221).

Com percursos escolares penosos, tanto para os estudantes quanto para suas famílias, seja pela precariedade dos bens materiais, culturais e econômicos, seja pela permanência prolongada em instituições escolares com práticas de exclusão brandas e insensíveis (BOURDIEU, 2010), o destino escolar desses indivíduos tende a ser traçado prematuramente. Dito de outro modo, esses “excluídos do interior” prosseguiriam seus estudos, caso fosse possível, em cursos menos valorizados. Contudo, é importante considerar os interesses próprios das famílias e de seus filhos nas trajetórias escolares: na busca pela não-desclassificação há uma luta que conduz “a estratégias extremamente diversas, extraordinariamente inventivas, que têm por finalidade manter a posição” (BOURDIEU, 2015, p. 61).

¹⁶ Os termos “deficiências pessoais” e “deficiências naturais” são utilizados por Bourdieu (2010).

¹⁷ O “paradigma da reprodução”, modelo explicativo que dominou a Sociologia da Educação nos anos 1960, passou a afirmar que o crescimento no número de crianças e adolescentes na escola não beneficiava a todos e, com isso, o mito da igualdade de oportunidades e democratização do ensino passou a ser contestado. O que antes era visto como otimismo, então cedeu lugar ao desencanto no final dos anos 60 (NOGUEIRA, 1990).

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos estudantes de camadas populares, os autores aqui trazidos (LAHIRE, 1997; ZAGO, 2000, 2006; NOGUEIRA, 2004, 2013; VARGAS, 2010, entre outros) comprovam que a herança social não pode ser analisada como fator determinante dos percursos escolares. Assim, o que se presencia na atualidade é a tendência de recusa do determinismo social e econômico do fracasso escolar (NOGUEIRA, 1990), uma vez comprovado que famílias de diferentes estratos sociais desenvolvem estratégias que visam a prolongar a escolaridade dos filhos. Cabe pontuar, ainda, que a noção de estratégia está relacionada aos meios pensados e desenvolvidos para atingir um objetivo, levando em conta as individualidades e coletividades presentes nos contextos, isto é, “ela é o produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância” (BOURDIEU, 2015, p. 81).

Nesse âmbito, vale lembrar que o campo de possibilidades passa a ser entendido a partir da condição concreta de vida de um sujeito ou de grupo social (EUSÉBIO FILHO; GUZZO, 2009), bem como as trajetórias escolares não são meras causalidades, mas, sim, constituídas em estreita relação com fatores familiares, instituições escolares pregressas, condições socioeconômicas e culturais, dentre outros fatores.

Contudo, pouco adianta o esforço familiar para que o estudante de camadas populares ingresse nas universidades cujo acesso é muito restrito. O percurso histórico de acesso à Educação Superior pode ser observado a partir de quatro períodos: um primeiro momento, que compreende até os anos 1930, sendo o acesso exclusivo das elites; um segundo momento, que vai dos anos 1930 até os anos 1970, compreendendo a inserção dos estratos superiores das classes médias; em seguida, dos anos 1970 até meados da década de 1990, marcado pelas camadas médias típicas e, finalmente, a partir dos anos 1990, em que ocorre uma segunda onda de expansão mais acentuada do Ensino Superior, marcado pela luta dos setores da classe média baixa e de baixa renda ao Ensino Superior (ALMEIDA, 2014).

No final do século XX e início do XXI, mais especificamente entre 1989 e 2002, foi possível observar uma expansão de 129% no que se refere ao número de estudantes no Ensino Superior no Brasil (OLIVEIRA *et al.*, 2006). No entanto, essa ampliação está relacionada predominantemente ao setor privado, que em 2002 contemplava 70% de todas as matrículas na Educação Superior (PIOTTO, 2014). Essa expansão do Ensino Superior a partir dos anos 1990, como revela Almeida (2014), pode ser observada com base em dados do Censo da Educação Superior no Brasil: “em 2018, 3,4 milhões de alunos ingressaram em cursos de educação superior de graduação. Desse total, 83,1% em instituições privadas” (INEP, 2019, p. 14). Nesse sentido, considerando que 88,2% das instituições de Educação Superior no país

são privadas, conforme o documento, é possível inferir que os estudantes com perfil socioeconômico desfavorecido ainda encontram dificuldades para se inserirem nos espaços universitários, inclusive no que diz respeito aos custos com as mensalidades.

Nas últimas décadas, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem se constituído a principal porta de acesso a cursos em universidades públicas e privadas. Criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho dos estudantes concluintes do Ensino Médio, a partir de 2004 a prova do Enem passou a ser utilizada como ferramenta para ingresso em instituições do Ensino Superior. Com a sua inclusão em 2010 no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), foi reconhecido como o maior exame educacional do Brasil e acabou por substituir o tradicional vestibular realizado por faculdades e universidades nacionais. Além disso, essa prova garante a estudantes de baixa renda o acesso aos programas governamentais de bolsas de estudo nas instituições de ensino privadas ou financiamento com juros reduzidos.

Na mesma década foram implementadas políticas públicas efetivas de combate às desigualdades sociais que contribuíram para que principalmente os grupos historicamente excluídos pudessem chegar ao Ensino Superior. No âmbito da educação privada foi criado o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), que se refere a um programa do Ministério da Educação (MEC) destinado ao financiamento da graduação de estudantes que não têm condições de arcar com as mensalidades das faculdades da rede de ensino privada. Trata-se, pois, de um empréstimo que deve ser pago pelo estudante após a conclusão da graduação.

O ProUni (Programa Universidade para Todos), criado em 2004, é uma iniciativa governamental que oferece bolsas de estudos em faculdades particulares para estudantes de baixa renda que estão em busca de um diploma de nível superior. As bolsas ofertadas podem ser integrais ou parciais, dependendo da renda do candidato, e o programa classifica os candidatos à bolsa usando como critério o desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). É importante ressaltar que o ProUni exige um desempenho mínimo no Enem de pelo menos 450 pontos na média das provas e nota maior do que zero na redação. Diniz e Mattos (2021) destacam que o programa não apenas garantiu bolsas aos estudantes nas vagas que já existiam, como conciliou a diminuição da desigualdade no acesso ao Ensino Superior, inclusive com o aumento de matrículas entre os mais pobres nas universidades privadas¹⁸. Contudo, não se pode desconsiderar, segundo Ristoff (2014), ao analisar os dados do questionário

¹⁸ É importante sinalizar que no ano de 2021 o governo Bolsonaro editou uma medida provisória que altera a Lei Federal a respeito do ProUni, no que diz respeito à ampliação das vagas a alunos de escola privada. Para Diniz e Mattos (2021) essa MP vai na contramão das mudanças necessárias para o combate das desigualdades no Ensino Superior brasileiro, não se preocupando com os prejuízos aos alunos do ensino público que representam, segundo as autoras, 80% dos estudantes no Ensino Médio.

socioeconômico do Enade (2004 a 2012), que ainda persiste uma distorção de natureza social e econômica no campus brasileiro. Pires e Ribeiro (2020) ainda ressaltam que o programa tem atingido de maneira positiva os estudantes de baixa renda, mas ainda são grandes os desafios em torno de propiciar condições adequadas para que estes estudantes possam concluir a graduação.

Ainda em relação à vigência de programas governamentais no que diz respeito ao acesso à Educação Superior, em 2010 foi criado o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que é um programa do Ministério da Educação (MEC) que oferece vagas em universidades públicas por meio da utilização das notas do Enem para classificar os candidatos. Vale lembrar que bolsistas do ProUni também podem se inscrever no Sisu, mas que, no entanto, caso sejam selecionados, o estudante precisará optar por apenas um. Esses programas¹⁹, como é possível percebermos, permitiram o acesso de mais estudantes pertencentes aos meios desfavorecidos nas universidades. Porém, ingressar na universidade não basta: é necessário que também sejam implementadas políticas de apoio para que esses estudantes tenham condições de permanecer estudando até concluírem o curso (LACERDA, 2014).

Ainda a respeito da longevidade escolar e do ingresso dos estudantes de camadas populares na universidade, Piotto (2007) revela que o acesso a um curso elitizado por meio de um vestibular concorrido parece revelar-se como um legitimador da inserção do estudante de camada popular nesse espaço acadêmico. As dimensões da desigualdade educacional nesse nível altamente seletivo mostram que os indivíduos com percursos escolares nas melhores escolas durante a Educação Básica têm maiores chances de ingresso em cursos universitários (SAMPAIO; OLIVEIRA, 2015). É merecido destacar ainda que os estudantes dos meios populares muitas vezes não têm oportunidades de realizar escolhas sobre sua escolarização (AMARAL; OLIVEIRA, 2011). Isso significa dizer que as preferências e “escolhas” não são pautadas pelo desejo do próprio estudante, mas sim pelo campo de possibilidades de ingresso e permanência na graduação. Não é raro ouvirmos relatos²⁰ de graduandos que se sentem entristecidos por cursarem licenciatura, por exemplo.

¹⁹ No que se refere ao ingresso em instituições de Ensino Superior públicas, cabe pontuarmos que algumas universidades adotaram outros programas como forma de ingresso dos candidatos. Algumas ainda mantêm o vestibular tradicional como processo seletivo, e outras adotam o PAS (Programa de Avaliação Seriada), como pontua Silva (2018). Ver: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/guia-completo-como-ingressar-em-uma-faculdade-publica>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

²⁰ Ao longo da minha experiência profissional como professora do Ensino Superior, inúmeras vezes ouvi depoimentos de estudantes de licenciatura que não se sentiam motivados com a escolha do curso. No entanto, na maioria dessas ocorrências, a alegação era a de que a “escolha” pelo curso estava intrinsecamente ligada à baixa relação candidato/vaga no processo seletivo.

Nos estudos sobre trajetórias escolares que influenciam as “escolhas” acerca da longevidade escolar, é importante destacarmos que “trata-se, então, em primeiro lugar, de se caracterizar a direção tomada, a distância percorrida e o tempo gasto por diferentes alunos para a realização de seus percursos escolares dentro dos sistemas de ensino” (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p. 59). Ainda para compreender a noção de trajetória, os autores explicitam a importância de um estudo realizado na França, entre 1986 e 1987, por Jean Paul Laurens, em que foram analisadas as trajetórias excepcionais de filhos de operários, alunos e ex-alunos de 13 escolas de engenharia da região de Midi-Pyrennés.

Na concepção do autor, a trajetória de um ator social só tem sentido se relacionada ao próximo, ao seu meio, à de sua geração e sua região, mas também e, antes de tudo, por referência, à de seu próprio pai, à de sua mãe, à de seus avós e ao contexto familiar próximo e imediato. O sucesso e o projeto que o sustentou não têm significado se não forem relacionados a uma trajetória social passada, à história da linhagem familiar (*Ibidem*, p. 66).

Essas ponderações trazidas por Nogueira e Fortes (2004) nos levam a refletir sobre o grau de singularidade da trajetória escolar, uma vez que as escolhas dependem de fatores pregressos (familiares e individuais) que interferem no percurso destes sujeitos, bem como nas próprias motivações pessoais para dar continuidade ao processo de escolarização. Assim, mesmo que as condições culturais, familiares e sociais sejam desfavoráveis, os indivíduos atuam orientados por um campo de possibilidades e realizam escolhas motivadas por interesses e metas sobre as quais acreditam, arduamente ou não, que podem ser atingidas.

Corroborando esses aspectos, além do estudo de Laurens, Nogueira e Fortes (2004) citam a investigação, também da década de 80, de Jean-Pierre Terrail, que pesquisou o “êxito escolar” de intelectuais, estudantes universitários e profissionais franceses de origem operária que, a seu ver, são trãsfugas, isto é, indivíduos capazes de viver um percurso caracterizado pelo distanciamento/rompimento da sua herança social. Os resultados do estudo de Terrail mostram alguns aspectos da trajetória escolar dos filhos de operários que se transformaram em intelectuais e os investimentos (familiares e individuais) na escolarização, destacando: a) autodeterminação dos filhos, sendo o sucesso escolar interiorizado pelos indivíduos; e b) práticas escolares e estratégias de sobrevivência na escola pelos estudantes oriundos de famílias operárias, considerando até mesmo a negação e a desvalorização de sua origem social.

Partindo, então, das pesquisas que demonstram a escolha do curso superior relacionada às chances de ingresso e de ascensão social, bem como avaliam as chances de

sucesso futuro a partir da experiência escolar anterior (NOGUEIRA, 2005) e os determinantes sociais (universidade pública e localização), estudos que contemplam as trajetórias e mobilizações escolares dos indivíduos pertencentes aos meios populares têm revelado o papel da história familiar e das estratégias e mobilizações anteriores à inserção no Ensino Superior (BOUDON, 1981).

Tais apontamentos sobre os estudantes de camadas populares nas universidades brasileiras sinalizam que, embora estes indivíduos, *a priori*, apresentem chances reduzidas de êxito escolar, até mesmo pelo distanciamento familiar da cultura escolar, é preciso considerar as estratégias e mobilizações escolares empreendidas, pertinentes ao ingresso e à permanência na Educação Superior. Em outras palavras, “implica considerar o efeito sincrônico e diacrônico de múltiplas influências sociais” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 92), não reduzindo as tomadas de decisões de um indivíduo exclusivamente ao seu pertencimento social e de classe.

Nesse aspecto, investigações trazidas pelos estudos da Sociologia da Educação que se dediquem a desvelar informações sobre estes atores e suas mobilizações e trajetórias escolares, bem como sobre seus familiares, são relevantes para alimentar o debate em prol da democratização do Ensino Superior e do acesso de estudantes que se distanciam de categorias sociais mais privilegiadas, pois a ideia que ainda hoje está presente no senso comum é a de que o ingresso nesse nível de ensino é resultado apenas do mérito individual (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2015).

1.4 A permanência de jovens das camadas populares na universidade: alguns resultados de pesquisas brasileiras

Ao apresentar um estudo que procurou compreender a discussão sobre o bom desempenho escolar de alunos oriundos dos meios populares, Viana (2014) investigou os jovens do Programa Bom Aluno, da cidade de Belo Horizonte, que alcançaram o Ensino Superior na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao entrevistar sete universitários, os dados construídos sinalizaram elementos que contribuíram para que estes indivíduos atingissem a longevidade escolar: as boas notas no percurso escolar da Educação Básica; os bons comportamentos na sala de aula; a assiduidade à escola; a mobilização para os/nos estudos; e um expressivo envolvimento com as atividades escolares. Isso demonstra a necessidade de grande mobilização e esforço para conseguir êxito nos seus percursos escolares, pois a cultura escolar historicamente carrega uma tendência de professores, gestores

e até mesmo dos alunos em ver as camadas populares como um grupo desprovido de capacidade para os estudos (ARROYO, 1992).

É importante ressaltar também que o investimento na escolarização é um fenômeno individual: é induzido e estimulado, principalmente, pelas famílias e instituições escolares (LACERDA, 2014). Na pesquisa de doutoramento intitulada “Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Lacerda (2014) expõe traços da história escolar de estudantes que chegaram em uma instituição de prestígio sendo incentivados pelas famílias:

A mãe de Felipe, Pedro e André e o pai de Francisco – aqueles que se mobilizaram na constituição da carreira escolar dos filhos –, com base nos sentidos que atribuíam à sua própria escolarização, associado ao reconhecimento do valor escolar dos filhos, mobilizaram-se na constituição dos percursos escolares de seus filhos. Assim, ainda que a geração dos pais não tenha acumulado capital cultural e escolar, os filhos puderam contar com o apoio estável de seus pais na construção dos percursos escolares (LACERDA, 2014, p. 81).

A contribuição da família nas trajetórias escolares dos filhos ainda deve considerar os desafios vivenciados pelos indivíduos de camadas populares para permanecer na universidade. Souza (2014), em sua tese de doutoramento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), buscou analisar as trajetórias dos estudantes da UFAC (Universidade Federal do Acre), única instituição pública de Ensino Superior no estado, trazendo contribuições significativas para traçar esse cenário de permanência destes indivíduos neste nível de educação:

No ano de 2009, João está se dividindo entre o trabalho na escola, pela manhã, e o curso de direito, à noite. Apesar de se sentir “realizando um sonho”, a experiência de estar num curso ocupado predominantemente por estudantes de camadas sociais mais elevadas, tem feito com que ele se sinta, novamente, vivenciando situações de humilhação social e de estranhamento tanto em relação ao ambiente natal quanto ao escolar, evidenciando a “dupla solidão” a que se refere Lahire [...]. Além dessa dimensão cultural, a dimensão material também constitui fonte de preocupação e de sofrimento para João, que relata receio com a sua permanência no curso em vista da demanda de aquisição de livros e vestuário adequado no campo do direito (SOUZA, 2014, p. 111-112).

Esse relato pontua a dissonância vivida por Souza (2014), tanto em sua vida pessoal quanto acadêmica, a qual é elucidada pela convivência com a alta sociedade no curso de

Direito, quando foi exposta a situações de humilhação social. Esse quadro pode, inclusive, colaborar para que os estudantes universitários, principalmente os calouros, que ainda estão em processo de aprendizagem do *habitus* acadêmico²¹, sofram de distúrbios psicológicos. Um estudo da Associação Americana de Psicologia apontou que mais de um terço dos universitários do primeiro ano sofrem com perturbações psicológicas, sendo a depressão e o transtorno de ansiedade os problemas mais comuns (AUERBACH *et al.*, 2018). Os resultados são fruto de uma pesquisa com 14 mil estudantes de 19 universidades em oito países – Austrália, Bélgica, Alemanha, México, Irlanda do Norte, África do Sul, Espanha e Estados Unidos.

Essa difícil convivência com a desigualdade social, que pode trazer prejuízos psíquicos, especialmente no primeiro ano do curso, acomete outros estudantes na universidade; no entanto, o impacto desse cenário desigual atinge os indivíduos dos meios desfavorecidos de distintas maneiras. Na pesquisa realizada por Piotto (2014), com estudantes provenientes das camadas populares dos cursos de mais alta seletividade de um dos *campi* da USP (Universidade de São Paulo), a autora traz relatos dos percursos escolares de cinco alunos que se aproximam também dos achados apontados por Lacerda (2014):

Exemplo do encontro e da convivência com a desigualdade social na universidade é a história de Marcos, 27 anos, aluno do 4º ano do curso de psicologia. Filho de um vigia aposentado e de uma dona de casa, ambos com a 4ª série do Ensino Fundamental, esse estudante levou cinco anos até conseguir ser aprovado no exame do vestibular, período durante o qual sempre conciliou trabalho e estudo para arcar com as despesas dos cursinhos preparatórios, trabalhando na maior parte do tempo como garçom em um restaurante-choperia. Ao chegar ao campus da USP, Marcos deparou-se com um mundo bastante diverso do que fora a sua realidade até então [...]. O contraste entre esses dois mundos – o seu e o da universidade – ficou evidente na primeira festa para os calouros: seu sentimento de não pertencimento àquele lugar foi tão grande que ele desejou ter uma bandeja nas mãos para saber como agir (PIOTTO, 2014, p. 145-146).

A análise da autora a respeito da trajetória escolar, familiar e acadêmica de Marcos revela parte dos desafios enfrentados pelos indivíduos pertencentes aos meios populares no acesso e permanência na educação superior. São dificuldades econômicas, acadêmico-científicas, de relacionamento interpessoal que sintetizam a distinção entre o mundo escolar e o familiar, causando sofrimento, humilhação e prejuízos psíquicos fruto do choque ou da ruptura cultural provenientes dessa diferença (PIOTTO, 2014).

²¹ O conceito de *habitus* acadêmico está relacionado aos códigos que facilitam o bom desempenho acadêmico dos indivíduos, enquanto resultantes dos processos de escolarização progressos.

Cabe ainda destacar que tornar-se um membro nativo da organização universitária, “é também ser capaz de mostrar aos outros que agora possuímos as competências, que possuímos os etnométodos de uma cultura” (COULON, 2008, p. 43). Essa afirmação da identidade estudantil tem estreita ligação com a participação do indivíduo nos eventos culturais universitários, como Piotto (2014) mostrou no caso de Marcos. O efeito da histerese, no caso deste estudante, ainda merece ser ponderado: Tal noção é utilizada

[...] para explicar que pode haver uma “defasagem estrutural” entre as ocasiões e as disposições, ou seja, as categorias de percepção e de apreciação ficaram mal ajustadas às possibilidades objetivas do funcionamento de um campo porque o entorno com o qual se confrontam seria demasiado distante daquele com o qual se ajustam (MEDEIROS, 2017, p. 229).

A respeito da *hysteresis* do *habitus*, Bourdieu (1994) pondera que os condicionamentos do passado revelam uma desadaptação às condições vigentes, causando no indivíduo o princípio da inadaptação e desajuste. Dito de outro modo, o contato com uma cultura estranha vivida pelo estudante Marcos em uma festa universitária reforçou o distanciamento entre sua origem social e a de seus colegas de classe.

Na mesma linha, o estudo de Terrail, na década de 80, revela que esses estudantes desfavorecidos vivenciam no mundo universitário interrupções nos estudos devido às dificuldades de ordem financeira e cultural. “Existe também, por parte desses alunos, fraca capacidade de utilizar as possibilidades oferecidas nas instituições, entre as quais as bolsas de estudo” (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p. 69).

Cabe ainda considerar, como afirma Portes (2014), que as necessidades de ordem econômica retiram do estudante a concentração necessária exigida para os estudos. O autor destaca que, por outro lado, os professores não sabem lidar, no espaço acadêmico, com estudantes que não apresentam um rendimento acima da média esperada. Os exemplos destes percursos de estudantes de camadas populares no Ensino Superior permitem dizer, assim como Bourdieu (1987), que os jovens universitários com trajetórias árduas no processo de escolarização estão eternamente condenados a compensar seu atraso em conhecimentos valorizados pela universidade, revelando um fosso cultural.

Portanto, “o ambiente universitário pode e deve, sempre que necessário, promover o sentimento de acolhimento e pertencimento” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 97). A respeito desse panorama, as autoras ora citadas ponderam que, de acordo com a American College Health Association (2016), os transtornos psiquiátricos estão presentes em um número considerável de estudantes universitários e parecem aumentar ao longo do percurso

acadêmico. Vale a pena mencionar que a pandemia ampliou o problema, visto que o sentimento de isolamento social trouxe ansiedade, tristeza e, em alguns casos, depressão entre os estudantes.

Assim, neste primeiro momento do texto, buscamos trazer elementos centrais para a reflexão sobre as desigualdades sociais e escolares, as práticas educativas familiares das camadas populares e o ingresso e permanência dos indivíduos dos meios populares no Ensino Superior. Tal discussão é fundamental para a compreensão da dinâmica familiar e das estratégias escolares a que estas famílias recorrem no processo de escolarização da prole.

O próximo capítulo tem como proposta trazer o foco da análise para as práticas educativas familiares que possibilitaram aos jovens chegar à universidade. Contudo, para compreendermos melhor a participação das famílias na escolarização dos filhos até a universidade, precisamos nos questionar: de qual família estamos tratando? Diante da pluralidade de configurações familiares e de agentes de socialização que coexistem nos dias atuais, não podemos pressupor que os pais são os únicos responsáveis pela escolarização dos filhos.

Conforme já trazido na introdução desta tese, as discussões a respeito das configurações familiares atuais evidenciam que diversos indivíduos têm contribuído para o processo de socialização e escolarização das crianças e jovens. No caso das famílias das elites e camadas médias, a creche, a Educação Infantil, a escola em tempo integral, as babás e empregadas domésticas, os professores particulares, entre outros, têm acompanhado o desenvolvimento dos estudantes. Porém, entre as famílias de camadas populares, familiares como tios e avós, ou até vizinhos, entre outros, têm desempenhado importante papel no cuidado da criança e do adolescente e no acompanhamento escolar, na participação nas reuniões escolares e no controle dos tempos de estudos e lazer que antigamente estavam, na grande maioria dos casos, sob a vigilância de pais e mães.

Embora no Brasil ainda haja pouco reconhecimento dos avós como sujeitos que agregam valor à família e que são protagonistas na escolarização dos netos (cuidados ou criados por eles), os estudos têm sinalizado que a colaboração dos avós pode se prolongar até tardiamente na vida dos netos, contribuindo para a longevidade escolar (DIAS *et al.*, 2010; CARDOSO, 2011; COUTRIM, 2006). Consequentemente, reconhecendo o acelerado ritmo do envelhecimento na atualidade e a crescente participação dos avós na vida dos netos, o capítulo seguinte apresenta um panorama da coeducação intergeracional e reflete sobre as modificações no perfil etário da população e sobre o papel dos avós na família contemporânea.

2 COEDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NA CONVIVÊNCIA ENTRE AVÓS E NETOS

Neste capítulo, nosso foco é trazer uma discussão a respeito das práticas educativas desenvolvidas na coeducação e na convivência entre avós e netos. Inicialmente, trazemos pontuações acerca das mudanças nas famílias e gerações, enfatizando as transformações na configuração familiar contemporânea e nos conceitos de geração, respaldando-nos nos trabalhos de Mannheim (1982), Vargas (2018), Biasoli-Alves (1997), Schuler *et al.*, 2019, Motta (2010), entre outros.

Em seguida, pautamo-nos na discussão sobre as mudanças no perfil etário da população e o papel dos avós na família contemporânea, trazendo dados sobre as transformações demográficas e sociais recentes e sobre o envelhecimento populacional, bem como a participação dos avós nas famílias, inclusive no auxílio à escolarização dos netos por eles criados ou cuidados. Para isso, respaldamo-nos, principalmente, nas contribuições de Camarano (2013), Camarano *et al.* (2004), Ramos (2011), Saito e Loureiro (2013), Coutrim *et al.* (2006; 2007).

Ao final do capítulo trouxemos o levantamento dos trabalhos disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES sobre os estudos brasileiros que discutem temáticas relacionadas à intergeracionalidade e à coeducação entre avós e netos e que irão embasar a análise dos dados empíricos desta pesquisa.

2.1 As mudanças na família e nas gerações

As famílias podem ser compreendidas enquanto núcleo de convívio social entre pessoas próximas, não necessariamente unidas por laços sanguíneos. Elas são ainda, na visão de Itaboraí (2017), difíceis de ser enquadradas em qualquer definição unívoca devido à sua pluralidade e complexidade, o que é ressaltado por Venosa (2014), ao dizer que família, em um conceito amplo, refere-se ao conjunto de indivíduos unidos por vínculo jurídico de natureza familiar.

Sob a perspectiva bourdieusiana, uma das funções da família é contribuir para a reprodução das relações sociais por meio da herança. Essa consideração reforça a relevância do papel da família no cotidiano: é ela que influencia, prematuramente, o que cada membro precisa aprender, quais instituições precisa frequentar, as regras e normas sociais a serem seguidas, o senso de responsabilidade que precisa ser construído no lar e as condições

essenciais para o convívio em sociedade. A transmissão familiar muda de acordo com o contexto cultural, histórico, econômico e social. Além disso, como pontua Souza (2008), as transformações na família também refletem as transformações sociais, como as caracterizadas pelas mudanças nas relações entre os sexos e as gerações:

Singly destaca que a história da família contemporânea pode ser dividida em dois períodos. Assinala a evidência verificada em todos meios sociais, durante meio século (1918-1968), do fato de o homem trabalhar por fora para ganhar o dinheiro da família e de a mulher ficar em casa para se ocupar, o melhor possível, dos filhos [...]. A partir dos anos 1960, quando a modernidade na Europa muda de direção [...], a família atribui peso ao processo de individualização (SOUZA, 2008, p. 624).

A respeito dessas transformações na configuração familiar, Biasoli-Alves (1997) ainda pontua que, nas primeiras décadas do século XX, as famílias brasileiras eram formadas por um número elevado de filhos, com pouca diferença de idade de um para o outro e um contato constante entre as gerações mais velhas e mais novas que, muitas vezes, moravam na mesma casa. Nesse cenário familiar, “observam-se o cultivo de valores morais, a exigência de cumprimento das normas, uma educação voltada para o trabalho, fundamentada no ‘bom exemplo’ das gerações mais velhas” (BIASOLI-ALVES, 1997, p. 40).

Já nas décadas de 1930 e 1940, a autora relata que as famílias passam a cultivar atividades religiosas, sociais e de lazer, sendo comum os mais velhos passarem aos mais novos a própria experiência e conhecimento. As práticas educativas neste período se concentraram no controle do comportamento, visando a tornar a criança um adulto bem educado. É importante mencionar que, na mesma época, o projeto nacional de educação seguia na mesma direção: no governo de Getúlio de Vargas, a educação passa a ser um mecanismo de controle social e os ideais de exaltação da nacionalidade e a manutenção de certa uniformidade dos indivíduos eram amplamente difundidos.

Entretanto, desde a segunda metade do século XX, o conceito de família e seu *modus operandi* vem sofrendo mudanças significativas. Essas transformações estão relacionadas à durabilidade do casamento, ao número de indivíduos que compõe o núcleo familiar, à diminuição da taxa de fecundidade, à regularização da união estável, ao surgimento de diversos modelos de famílias, entre outros. Tais mudanças, aliadas a outros processos sociais demográficos, impactaram no funcionamento e na estrutura das famílias. Ao longo do século XX, mais expressivamente a partir da década de 1960, as famílias foram assumindo novas configurações, tornando-se cada vez mais complexas e distantes de padrões patriarcais

tradicionais (LEONE *et al.*, 2010). Como ainda ressalta Gomes (2021), hoje temos múltiplas configurações e classificações de família: família tradicional (heteroparental), monoparental, homoparental (casais homoafetivos), transparental, coparental, mosaico ou reconstituída/recomposta, substituta ou adotiva, anaparental (sem pais e mães), unipessoal, interracial e intercultural e intergeracional.

O fim da hegemonia da família nuclear e heteroparental também foi observado em outros países. No caso da família francesa, Biasoli-Alves (1997) afirma que, se comparada à de 25 anos atrás, o número de pessoas por habitação diminuiu, reflexo do aumento de divórcios e da inserção da mulher no mercado de trabalho²². Destacando-se o caso brasileiro, o número de nascimentos anuais no país era de 2,5 milhões em 1950 e subiu até o pico de 4 milhões no quinquênio 1980-85. A partir de então, o número de nascimento no Brasil apresenta uma queda acentuada; no quinquênio 2010-15, ficou abaixo de 3 milhões, e deve chegar a 2,5 milhões em 2025-30 (o mesmo nível de meados do século passado), segundo aponta Diniz-Alves (2019). O autor ainda afirma que, como o Brasil está avançado na transição demográfica, vai passar também por uma transição na estrutura etária, apresentando um processo acelerado de envelhecimento populacional.

Essas transformações na família ocorridas nos últimos séculos trouxeram mudanças nos papéis, mas as gerações presentes no núcleo familiar continuam interagindo e aprendendo umas com as outras. Isso nos remete a pensar no fenômeno social da geração como a existência de um ritmo biológico na vida humana (fatores de vida e morte, um período limitado de vida, e o envelhecimento) marcado por indivíduos pertencentes a um grupo etário que compartilham os mesmos fenômenos históricos. Ou seja, as gerações vivenciam uma situação comum na dimensão histórica do processo social, embora não sejam um grupo institucionalizado como a família (MANNHEIM, 1982).

Segundo a tradição antropológica, a geração se expressa, basicamente, em termos de idades, “referindo-se quase sempre à filiação, guardando um sentido ou uma função classificatória que inclui tanto as posições na família como na própria organização social mais ampla” (MOTTA, 2010, p. 228). A interpretação sociológica de geração a partir de Mannheim, segundo a autora, refere-se a um coletivo de indivíduos que vive em determinada

²² Na História sempre houve casos de mulheres que contribuíram com o orçamento doméstico e que exerceram atividades laborais, formais ou não. No entanto, destacamos que os anos 1970 foram marcantes para a luta feminista nos Estados Unidos, na Europa e em outros países, com a entrada maciça das mulheres no mercado formal de trabalho. Bruschini (1989) destaca que este contingente de mulheres que ingressou no mercado de trabalho brasileiro nesse período era formado principalmente por representantes das camadas médias e escolarizadas da população, ressaltando que a expansão da economia, a urbanização crescente e a industrialização em ritmo acelerado favoreceram este processo.

época e tem aproximadamente a mesma idade, compartilhando alguma forma de vivência. Nesse aspecto, o conceito de geração é composto por um grupo de pessoas que compartilha, ao longo da vida, tradições, cultura, experiências de vida históricas e sociais (VIANA *et al.*, 2013). Vale ainda pontuar que o fato de as pessoas nascerem na mesma época, ou que os processos de juventude, maturidade e velhice coincidam, não significam uma similaridade de situação (MANNHEIM, 1982).

O conceito de geração, então, precisa ser compreendido a partir de um contexto histórico e social em que indivíduos vivenciam de modo a se entender como os seres humanos ressignificam o presente em que estão inseridos, considerando o tempo e o espaço (BUENO, 2016; OLIVEIRA, 2011). Tal compreensão nos leva a analisar a vivência coletiva dos grupos. Um exemplo disso é a experiência da 2ª Guerra Mundial pela qual passaram os europeus e os brasileiros. A guerra marcou definitivamente a vida dos europeus, que passaram por esse momento tão difícil da história da humanidade, o que não aconteceu com os brasileiros, que viveram na mesma época, mas que não experienciaram os horrores do conflito em seu próprio país. Ou seja, europeus e brasileiros podem ter a mesma faixa etária, mas não vivenciaram o momento histórico da mesma maneira.

Os estudos geracionais, a partir das décadas de 1980 e 1990, ganharam impulso; os grupos geracionais dos mais velhos passaram a ser objeto de estudo e a razão para essas investigações está pautada no acelerado crescimento relativo dessa população (MOTTA, 2010). Para além da perspectiva de Mannheim (1982), que influenciou inúmeros pesquisadores de diferentes partes do mundo, existem outras correntes teóricas que trazem a discussão sobre gerações para um campo mais delimitado. Vargas (2018), por exemplo, traça um período de geração (uma mediana) e identifica suas características no âmbito interpessoal e profissional dos indivíduos. Para explicar sua proposta, o autor construiu a Tabela 1, representada a seguir:

Tabela 1 – As gerações ao longo do tempo

AS GERAÇÕES AO LONGO DO TEMPO - GESTAINDUSTRIAL.COM						
REFERÊNCIA BRASIL - 2018	VETERANOS	BABY-BOOMERS	GERAÇÃO X	GERAÇÃO Y	GERAÇÃO Z	GERAÇÃO ALFA
PERÍODO	1900-1945	1946-1964	1965-1979	1980-1994	1995-2009	2010 - 2025
ANO MÉDIO	1923	1955	1972	1987	2002	2018
IDADE DE CADA GERAÇÃO EM 2018	73 anos ou mais	54 a 72 anos	39 a 53 anos	24 a 38 anos	9 a 23 anos	8 anos ou menos
COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL TÍPICA DE CADA GERAÇÃO (no entorno de 15 anos após o ano médio)	1938 Carta Telefone Telégrafo	1970 Carta Telefone Telégrafo	1987 Telefone Telefax Pager	2002 Telefone PC desktop PC laptop Celular	2017 Telefone Smartphone PC laptop PC desktop	2033 PC laptop Smartphone Dispositivos Vestíveis (smart wearable devices) Inteligência Artificial Dispositivos ainda não inventados
NÍVEL DE CONECTIVIDADE	Muito Baixa	Baixa	Média	Alta	Muito Alta	Altíssima
CONTINGENTE NO MERCADO DE TRABALHO	Muito baixo	16,9 milhões	34,9 milhões	35,7 milhões	16,6 milhões	Chegando ao mercado na próxima década

Fonte: <https://gestaaindustrial.com/as-geracoes-ao-longo-do-tempo/>. Acesso em 23 de abril de 2021.

Como pode ser observado, o estudo das gerações engloba uma perspectiva muito distinta da análise de Mannheim (1982) sobre seis gerações desde o início do século XX. A primeira, chamada dos Veteranos ou Tradicionais (1900-1945), compreende a geração que enfrentou acontecimentos históricos marcantes, como as duas guerras mundiais, a quebra da Bolsa de Nova York e a ascensão do nazifascismo. Ainda segundo Kugelmeier (2016), as pessoas que estão incluídas neste período geracional aceitavam hierarquias rígidas, desenvolvendo suas atividades profissionais por muito tempo na mesma empresa.

Em seguida, temos a Geração Baby-Boomers, que compreende os indivíduos que nasceram entre 1946 e 1964. O termo é derivado da expressão *Baby Boom*, que remete ao forte aumento populacional ocorrido em países como Estados Unidos, França e Inglaterra pós o fim da 2ª Guerra Mundial, em 1946. É marcada por pessoas que valorizam mais a experiência e a dedicação no campo profissional do que a criatividade e a inovação (KUGELMEIER, 2016). Já a Geração X (1965-1979), experimentando novos elementos na comunicação interpessoal (telefone, telefax, *pager*), almeja mudanças em suas formas de viver: os indivíduos dessa geração buscaram aproveitar a vida, investir em moradia e gastar em viagens e outras formas de entretenimento (KUGELMEIER, 2016). Cabe ressaltar que eles ainda passaram por fases ideológicas marcantes: o movimento *hippie* e a ascensão dos movimentos sociais – e no Brasil ainda vivenciaram a ditadura civil-militar, marcada por acentuada repressão.

A geração seguinte é definida por Vargas (2018) como Geração Y e refere-se às pessoas nascidas entre 1980 e 1994, marcadas pelo ritmo da explosão da internet e do celular, sendo, portanto, indivíduos guiados pela velocidade. Além disso, Kugelmeier (2016) destaca os indivíduos deste período como agitados, imediatistas, impacientes e ávidos para testar seus limites no campo profissional, embora tenham características marcantes e necessárias para a vivência no mundo globalizado: aprendizado, questionamento, pesquisa e adaptação às novas formas de vida em sociedade.

O período seguinte, de 1995 a 2009, foi marcado pela Geração Z, que presenciou a modernização dos computadores bem como o crescimento da comunicação por meio das redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, entre outras) (VARGAS, 2018). Os indivíduos dessa geração estão em extrema conexão com a tecnologia, comunicando-se frequentemente por plataformas digitais, bem como estão focados na realização profissional e no enriquecimento pessoal, destacando o “eu” como o lugar de experimentar, testar e mudar: “[...] sete de cada dez membros da geração Z afirmam que é importante defender causas relacionadas à identidade. Estão mais interessados do que qualquer outra geração em discussões sobre raça e etnia, direitos humanos, questões LGBT e feminismo” (FRANCIS; HOEFEL, 2018, s. p.).

Finalmente, a Geração Alfa (2010-2025) é marcada por um nível de conectividade altíssimo. As crianças dessa geração já pertencem ao mundo tecnológico desde o início da vida, vivenciando novas formas de experimentar as relações sociais. Um aspecto positivo dos indivíduos que pertencem a este contexto geracional é a facilidade de qualificação devido à conectividade e, assim, é esperado que terão um nível educacional superior às gerações anteriores (MAKERS, 2020).

Esboçados brevemente os períodos geracionais trazidos por Vargas (2018), é importante reforçar que não há um ponto de vista consensual e entendimento unívoco quanto ao período que se inicia ou termina cada geração²³. É necessário ainda deixar claro que, embora considere relevante a proposta explicativa trazida por Vargas (2018), esta tese se aproxima dos esquemas explicativos de Mannheim para gerações que estão relacionadas “à historicidade e à estreita relação com a dimensão da experiência” (MOTTA; WELLER, 2010, p. 178).

²³ Novaes (2018) reafirma que há divergência entre os estudiosos em relação à periodização de cada geração e, nesse sentido, a definição de gerações é um conceito polissêmico. Ainda esclarece que os conceitos de gerações e suas respectivas características revelam a carência de estudos brasileiros sobre o assunto.

Tal compreensão nos remete à constatação de que as mudanças ocorridas nos relacionamentos humanos e geracionais são temáticas que merecem destaque nas discussões atuais, tendo em vista que, cada vez mais presenciamos transformações na organização social. Por isso, a discussão sobre gerações: “[...] é um dos guias indispensáveis à compreensão da estrutura dos movimentos sociais e intelectuais. Sua importância prática torna-se evidente logo que se tenta obter uma compreensão mais exata do acelerado ritmo de mudança social característico de nossa época” (MANNHEIM, 1982, p. 67).

A respeito do ritmo rápido de mudança social observado nas sociedades contemporâneas, Motta (2010) afirma que a crescente longevidade mostra, no âmbito da família, que os indivíduos permanecem muito mais tempo em seus papéis geracionais (avós, netos, pais) sendo, simultaneamente, avós, pais, filhos. Além disso, é inegável que “o contato entre as gerações facilita a comunicação íntima, a partilha de sentimentos e a cooperação nas tarefas significativas para os envolvidos” (SCHULER *et al.*, 2019, p. 417).

Essa experiência compartilhada entre distintas gerações não está restrita à família: também acontece no mundo do trabalho e, por vezes, causa desconforto e necessidade de adaptações. Vale ressaltar que um dos desafios observados no ambiente de trabalho é conviver e trabalhar com as diferentes gerações devido à diversidade nas formas de pensar e agir (PERRET; COSTA, 2018). Podemos, assim, listar modificações de ordem econômica, social e cultural que têm exigido maior participação de outras gerações no processo coeducativo, ou seja, em que os indivíduos aprendem uns com os outros (COUTRIM *et al.*, 2007). Diante disso,

- a) Novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto b) antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo;
- c) os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporalmente limitada do processo histórico e, d) é necessário, portanto, transmitir continuamente a herança cultural acumulada;
- e) a transição de uma para outra geração é um processo contínuo (MANNHEIM, 1982, p. 74).

Com novos indivíduos contribuindo para o processo cultural e a transmissão da herança acumulada, os avós têm importância ímpar para esse processo. Como outros estudos já sinalizaram, construir uma rede de apoio doméstica para auxiliar nos cuidados das crianças, no acompanhamento escolar e em outras atividades do dia a dia é uma das maneiras encontradas pelas famílias contemporâneas (CARVALHO *et al.*, 2021). Nestas interações sociais e familiares, cotidianamente as relações intergeracionais vão se constituindo. Contudo,

cabe pontuar que o relacionamento intergeracional pode provocar tanto uma aproximação geracional, bem como a presença de conflitos e tensões ocasionadas pela diferença de idades, de valores e crenças de cada geração (SCHULER *et al.*, 2019).

Mesmo mediante a esses desafios, que são inerentes às relações entre distintas gerações, Lopes (2005) ressalta que as trocas intergeracionais trazem efeitos positivos para os jovens e para os idosos. O autor afirma que preconceitos e estereótipos existentes entre os dois grupos podem ser dissipados através destes laços. Nesse sentido, é relevante que investigações possam focalizar os avós como sujeitos – outrora coadjuvantes e agora protagonistas – nas relações intergeracionais atuais. Pensando nisso, nossa proposta neste capítulo é justamente refletir a respeito do envelhecimento e sobre como este público tem contribuído para/na família contemporânea.

2.2 As mudanças no perfil etário da população e o papel dos avós na família

Os idosos são as pessoas com idade a partir de 60 anos, conforme definição da Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo Camarano (2013, p. 12), “a visão predominante dessa população é a de um grupo homogêneo que vivencia a última fase da vida, composto por uma população frágil, tanto do ponto de vista econômico quanto de sua saúde”, embora as pesquisas mostrem o contrário. Podemos afirmar que os idosos brasileiros pertencem a grupos heterogêneos: uns vivem a co-residência, outras vivem sozinhos; uns são chefes de família, enquanto outros dependem financeiramente dos filhos ou outros parentes. Pensando nessa diversidade, buscamos traçar elementos para entender quem são os idosos brasileiros, considerando aspectos e mudanças demográficas e sociais, como envelhecimento populacional, situação nos domicílios, participação na sociedade, violência etc.

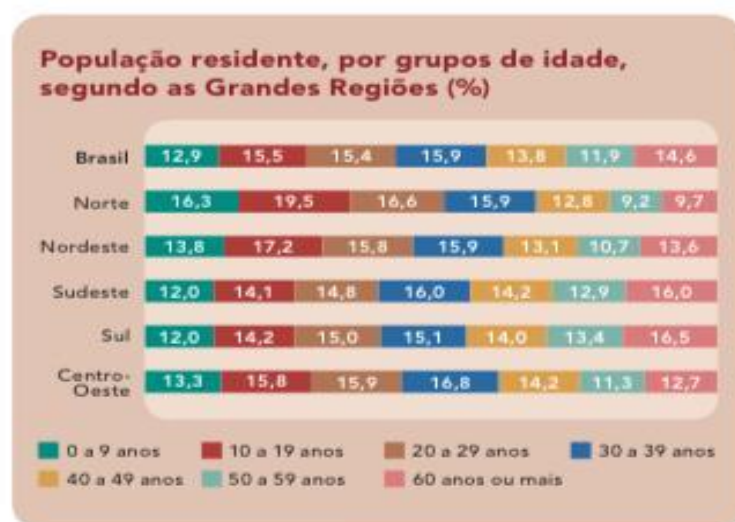
2.2.1 Os idosos brasileiros: aspectos demográficos e sociais

Inicialmente, é importante considerar que nos últimos anos houve um aumento da expectativa de vida no Brasil, assim elevando o número de idosos no país (SCHULER *et al.*, 2019). Historicamente, merece destaque a redução nos níveis de mortalidade infantil após a 2ª Guerra Mundial, seguida por uma queda da mortalidade nas idades adultas a partir dos anos 1980, o que resultou em aumentos consideráveis na esperança de vida (CAMARANO *et al.*, 2004).

Segundo o Censo 2010, o Brasil apresentava diminuição da proporção de jovens e aumento do número de idosos. Este alargamento do topo da pirâmide etária é ainda visualizado a partir do crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, atingindo 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010 (IBGE, 2011). A tendência de maior aumento nos grupos mais velhos concentrava-se nas regiões Sudeste e Sul (15,7% e 16,0%, respectivamente entre os idosos), e a Região Norte registrava o menor percentual (10,1%) (IBGE, 2016). O Sul e Sudeste ainda hoje são as regiões com maior contingente de pessoas envelhecidas no país. Nesse âmbito, cumpre destacar que tal aumento rápido do número de idosos impactou a demografia mundial a ponto da Organização das Nações Unidas (ONU, 2017) afirmar que o Brasil, ao lado da China, Rússia, Índia e África do Sul, conhecidos como BRICS, juntos, representavam cerca de 42% da população mundial de idosos (com 60 anos ou mais).

O aumento do número de idosos também foi observado nos anos posteriores. Segundo o estudo sobre as características gerais dos domicílios e dos moradores realizado pela PNADC (IBGE, 2017), o país tinha, em 2016, 14,6 milhões pessoas com 60 anos ou mais, ou seja, evidenciou-se um crescimento de 1,8 milhões de idosos em comparação ao ano de 2012, que apresentou um percentual de 12,8 milhões de pessoas acima dos 60 anos. A seguir, conforme mostra o Gráfico 2, podemos observar a distribuição das pessoas com 60 anos ou mais conforme as regiões brasileiras:

Gráfico 2 – População Brasileira por Grupos de Idade e Região, 2017

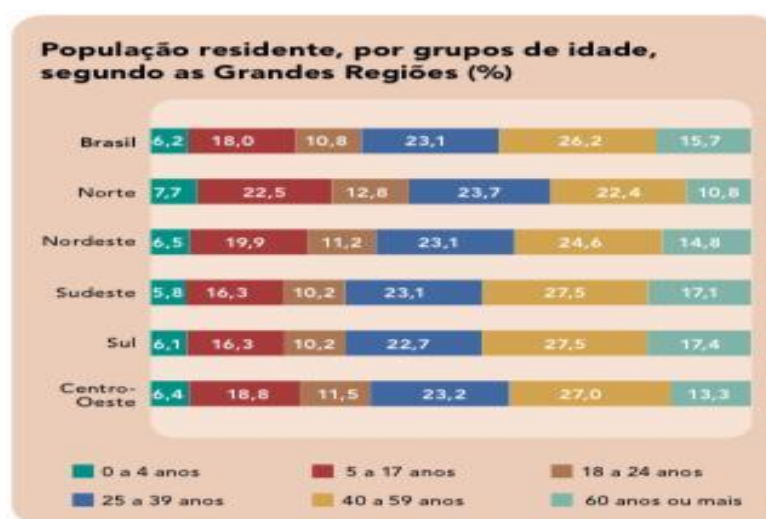


Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2017).

Como apontado nos estudos anteriores, a PNADC (2017) mostra que o Sudeste e o Sul permanecem como as regiões com população residente mais velha e que representam o maior grupo etário do país, seguido das pessoas residentes no Nordeste, Centro-Oeste e Norte, respectivamente. Neri (2020) ainda salienta que, no ano de 2018, o Brasil possuía 10,53% da sua população com 65 anos ou mais de idade e que os idosos correspondiam a 19,3% das pessoas de referência nos domicílios, ou seja, eram arrimo de família. Um cenário bem próximo a essa constatação já havia sido apresentado nos estudos de Camarano *et al.* (2004), mostrando que a proporção de domicílios chefiados por idosos tem crescido no século XXI no Brasil.

A tendência de envelhecimento populacional foi confirmada ao longo dos anos. Esse panorama também foi observado no ano de 2019, mantendo-se a diferença entre as regiões brasileiras, ou seja, o maior contingente de idosos permanece concentrado nas regiões Sudeste e Sul, como mostra o Gráfico 3:

Gráfico 3 – População Brasileira por Grupos de Idade e Região, 2019



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2019).

Observa-se, no Brasil, que a população residente com 60 anos ou mais chega a ultrapassar a faixa etária de 0 a 4 anos e a de 18 a 24 anos. Mesmo que o IBGE tenha alterado as faixas etárias em relação a 2017, dificultando a comparação com os dados de 2019, ainda assim é possível perceber que o grupo de 40 a 59 anos teve um aumento maior que os outros. Nos dados gerais do país, as pessoas de 40 anos ou mais já representam 41,9% da população total. Essa constatação se aproxima do que é colocado por Mellis (2018), com base na projeção do IBGE: a população idosa (acima de 60 anos) deve dobrar no Brasil até o ano de

2042, na comparação com os números de 2017, e é esperado que o país atinja 232,5 milhões de habitantes na década de 2040, sendo 57 milhões de idosos (24,5%).

Com base nas informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC, 2019), podemos afirmar que mais brasileiros tiveram que cuidar de seus parentes idosos em 2019. O número de familiares que se dedicavam a cuidados de indivíduos de 60 anos ou mais saltou de 3,7 milhões, em 2016, para 5,1 milhões, em 2019. As maiores proporções de familiares que cuidam de idosos estão no Nordeste e Norte, regiões que concentram um número menor de idosos em comparação às regiões Sudeste e Sul.

Ainda segundo Souza e Bosco (2021), com base nos dados divulgados por um estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), quase um quinto da população brasileira é composta por pessoas com 60 anos ou mais. Além disso, a pesquisa também mostra que 85% dos idosos moram com outras pessoas. No entanto, é importante ressaltar que os idosos são independentes, em sua maioria, e que morar com outros membros da família não significa que são dependentes. Ao contrário, como revelam Peixoto e Luz (2007), a coabitação mostra a relevância que os mais velhos assumem, por exemplo, quando os filhos dependentes solicitam aos pais apoio financeiro e moral para educar os seus próprios filhos.

Para além disso, é pertinente considerar, assim como aponta Mannheim (1982), que as ciências como a biologia se resumem ao papel de nos ajudar na explicação dos fenômenos da vida e da morte e as mudanças que acompanham o envelhecimento, mas não oferecem explicações para os inter-relacionamentos sociais em seus fluxos históricos. Nesse sentido,

Estereótipos associados ao envelhecimento estão sendo revistos. Novas terminologias e novos conceitos vêm surgindo para tentar classificar os indivíduos na última fase da vida, até recentemente, categorizados como na terceira idade. O aumento da longevidade e da qualidade de vida levaram a que se considerasse, [...] a existência da quarta idade²⁴ (CAMARANO; PASINATO, 2004, p. 10).

Vale dizer que as novas imagens do envelhecimento e as formas atuais de gestão da velhice no contexto brasileiro são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais as etapas mais avançadas da vida são vistas (DEBERT, 1997). Por exemplo, temos de considerar que muitos idosos hoje são chefes de família. Camarano e Pasinato (2002) percebem a importância do sistema previdenciário, possibilitando que as pessoas idosas no Brasil, após uma trajetória

²⁴ Conforme discorre Debert (1997), a 3ª idade não é um termo consensual, pois se trata de uma criação ideológica associada à ideia de envelhecimento saudável e ao consumo. Seguindo na mesma linha crítica, optamos por não adotar o termo 3ª idade na tese, mas, sim, os termos velhice, velho, idoso.

longa de trabalho e contribuição, possam se aposentar e usufruir da aposentadoria, ressaltando ainda que, no caso das mulheres, elas contribuem com a manutenção de suas famílias.

Essa constatação foi feita por Areosa (2015), ao entrevistar 34 pessoas com mais de 60 anos, provedores do núcleo familiar com o recurso de sua aposentadoria e/ou pensão, considerando indivíduos de diferentes classes sociais que fazem uso dos serviços da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, *campus* de Santa Cruz do Sul. A pesquisadora observou que, dentre os sujeitos investigados, 35,3% alegaram que duas ou três pessoas dependem de sua renda. Ressaltou, também, que dentre as pessoas que dependem da renda do idoso, 35,8% são filhos, 22,2% cônjuges e filhos e 28,8% são outros parentes. Além disso,

Através das entrevistas dos idosos pôde-se notar que estes se reconhecem no papel de provedores da família. Eles percebem que sua função dentro do núcleo familiar é muito importante e que sua ajuda é fundamental para a sustentabilidade da família e isso lhes pesa, causa preocupação, porém também faz com que se sintam importantes, fundamentais até para o equilíbrio de seus núcleos familiares, o que reforça sua autoestima (AREOSA, 2015, p. 181).

Essa importância dos idosos como provedores do lar sofreu alguns impactos com a crise sanitária causada pela Covid-19, considerando que “as histórias das pessoas com a pandemia são de diferentes ordens e proporções” (DOURADO, 2020, p. 158). Ao buscar entender como as famílias brasileiras estão se organizando, Camarano (2020) nos revela que vários estudos já mostraram a importância da renda dos idosos no orçamento familiar.

Nesse contexto, a autora alerta para a preocupação das famílias que dependem desses idosos, tendo em vista que 74,7% das mortes registradas por Covid-19 até 13/08/2020 ocorreram em indivíduos com 60 anos ou mais. Portanto, a pesquisadora “chama a atenção para o fato de que o idoso é vítima duas vezes nessa pandemia: é quem morre mais e quem é mais afetado pelo desemprego. No entanto, o seu papel nas famílias é pouco reconhecido” (CAMARANO, 2020, p. 4175).

Ainda a respeito dos impactos da pandemia nas famílias, Magalhães (2021), com base em um levantamento realizado em parceria com cinco universidades do Brasil, e divulgado em março de 2021 pela Agência Bori, ressalta que a renda familiar foi menor que um salário mínimo para 31,9% dos idosos. Além disso, 23,6% dos 9.173 entrevistados relataram forte redução e, até mesmo, ausência de renda durante a pandemia. Chama a atenção também o fato de que boa parte dos idosos está se sentindo solitária por conta do distanciamento social durante a pandemia.

Para além da solidão, mortes e desemprego, a pandemia, como aponta Dourado (2020), suspendeu a legitimidade da demanda dos mais velhos por políticas públicas que possam garantir a sua inclusão em espaços de lazer e de sociabilidade, de forma a viabilizar a sua participação política. A pesquisadora ainda reforça que socialmente há uma luta para derrubar visões da velhice que tiram os mais velhos da vida pública e que com a pandemia isso pode ser afetado: “o fato é que isso ocorre em meio a um perigoso retorno da imagem de que o idoso é o velho que pode ser descartado, um ser improdutivo, um peso para o Estado, a sociedade e as famílias” (DOURADO, 2007, p. 157).

Ao reconhecermos, então, que os idosos estão cada vez mais presentes na sociedade, faz-se necessária e urgente a desmitificação das pessoas mais velhas como sujeitos passivos. Portanto, a visão de que, em algumas sociedades os idosos são vistos como inativos, imprestáveis ou inúteis (FALEIROS, 2014) não reverbera o papel e a importância deles na atualidade; é nítida a importância dos idosos como agentes protagonistas no processo de coeducação intergeracional e, em muitos casos, na manutenção de suas famílias.

Nesse aspecto, reforçamos a relevância da promoção de ações educativas direcionadas às pessoas idosas. Os achados da investigação de Garrido (2004) reportam várias violências sofridas por mulheres idosas, percebidas através do atendimento de equipes do Programa Saúde da Família (PSF) na Bahia, destacando-se duas: a) sobrecarga de responsabilidades nos cuidados de netos/bisnetos, agravando as enfermidades crônicas (hipertensão arterial, por exemplo); e b) assassinato, sendo a violência de gênero insuficiente para caracterizar a eliminação geracional. Os dados deste estudo ainda sinalizam para a importância de investigações sociológicas que se proponham a analisar a violência sofrida pelos idosos, segmento social frequentemente invisibilizado (MOTTA, 2010).

Conforme sinalizam Silva e Dias (2016), a violência contra os idosos é um problema universal que permeia diferentes culturas, independentemente de *status* socioeconômico, etnia e religião. Estas autoras realizaram uma pesquisa com o intuito de investigar a violência contra idosos na família sob a perspectiva do agressor, tendo dela participado 13 agressores familiares dos idosos. Os resultados mostraram que houve violência com agressões verbais e físicas, sendo as motivações o uso de álcool, proximidade física, dependência financeira do agressor em relação ao idoso e relacionamento permeado de violência entre ambos. Cabe ainda destacar que “a proximidade física foi verificada em dez dos participantes. Esse dado corrobora a literatura que pressupõe essa condição como fator de risco para violência. A convivência entre três ou mais gerações favorece o choque entre elas” (SILVA; DIAS, 2016, p. 646).

A proximidade entre os membros da família, que pode se transformar em maus-tratos e até em violência física, também foi ressaltada por Peixoto e Luz (2007): a interferência dos pais nos problemas conjugais dos filhos e dos avós no processo educativo dos netos, as questões de ordem prática que giram em torno do ambiente doméstico e, principalmente, a necessidade de privacidade dos casais são elementos que interferem no cotidiano das famílias que recoabitam, causando tensões entre seus membros.

Os achados do estudo das autoras supracitadas também revelam que há falta de preparação dos agressores para o envelhecimento dos pais e demais parentes, sinalizando a relevância de implementar campanhas de conscientização nas escolas básicas, famílias, comunidades e mídias para que o processo de envelhecimento possa ser melhor compreendido, tendo em vista o crescente contingente de pessoas idosas no Brasil.

Essa preparação para os indivíduos lidarem com a velhice ainda pode ser constatada pelo fato de que “no Brasil, 65% dos idosos consideraram que a violência está na forma preconceituosa como são tratados os velhos pela sociedade em geral (os baixos valores das aposentadorias, o desrespeito nos transportes públicos, a falta de leitos hospitalares, etc.)” (DEBERT; OLIVEIRA, 2012, p. 209).

Vale ainda destacar que um levantamento realizado por Mansuido (2020), com base nos dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, mostra que as denúncias de violência contra idosos quase que quintuplicaram entre os meses de março e maio do referido ano, período em que começou a quarentena devido à pandemia de Covid-19. De acordo com os dados da pesquisa, as principais vítimas estão na faixa etária entre 70 e 79 anos de idade, seguidas por quem está na faixa de 80 a 89 anos. O aumento dos casos de violência ocorreu devido ao isolamento social dos idosos (necessário para a proteção contra a Covid-19, já que são um grupo de risco), mas aumentou a exposição dessas pessoas mais vulneráveis ao convívio familiar, geralmente onde se encontra a maioria dos agressores.

Mediante essas constatações, campanhas que promovam a relevância de respeito e valorização dos idosos, envelhecimento, vida longa, respeito às diferenças geracionais, são temáticas que precisam ser discutidas na sociedade, inclusive nos estabelecimentos escolares de ensino básico. Ainda de acordo com o Art. 22 do Estatuto do Idoso:

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (BRASIL, 2003, p. 4).

Nesse sentido, é essencial que os professores da Educação Básica abordem em suas práticas escolares ações educativas que visem à valorização dos idosos e avós, ressaltando os legados geracionais e culturais que estes indivíduos carregam, visando a garantir “a base de estratégias de reprodução, estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias de herança, estratégias econômicas e, por fim, *estratégias educativas*” (BOURDIEU, 1997, p. 36).

Cabe ainda ressaltar que essas novas imagens do envelhecimento possibilitaram a brecha para que novas experiências pudessem ser vividas coletivamente (DEBERT, 1997). A experiência de ser avó ou avô é uma delas. Nesse aspecto, o conceito de avosidade trazido por Ramos (2011) é baseado nos estudos de Attias-Donfut e Segalen (1998, 2001) e se define como laço de parentesco e relação entre avós e netos. Cabe ainda destacar que a avosidade não tem relação direta com o aumento do número de idosos, uma vez que não é necessário ser idoso para ser avó, impossibilitando “a criação de uma imagem e de um sentido único para esse papel” (RAMOS, 2011, p. 135).

2.2.2 Os avós e sua participação nas famílias contemporâneas

Dizem por aí que ser avó significa ser mãe duas vezes. E depois que a curitibana Ângela Vale, de 72 anos, assumiu a criação de dois netos essa expressão popular passou a fazer muito mais sentido para ela. A aposentada não só ocupou esse árduo papel quando a sua única filha saiu de casa, como também se tornou a melhor amiga e conselheira dos meninos – a maior razão da vida dela atualmente (Netos criados pelos avós: quais as vantagens e desvantagens dessa relação, por William Bilches, 2019)²⁵.

Ângela Vale, citada nesta epígrafe, é mais uma mulher na multidão de avós que se encarrega dos cuidados dos netos. Personagens de destaque em muitas famílias, as avós têm demonstrado que são ativas e participativas no convívio familiar, carregando suas experiências de vida e, conseqüentemente, compartilhando histórias, vivências e aprendizados adquiridos ao longo de seus percursos. Assim, avôs e avós contribuem para reviver as memórias das famílias, bem como são indivíduos que ajudam a transmiti-las por gerações.

Como já destacado nesta pesquisa, é escassa a produção sobre a contribuição dos avós na família brasileira (OLIVEIRA *et al.*, 2010; SILVA, 2019), tornando-se essencial conhecer os convívios familiares e sociais dessas gerações. Com as modificações sofridas no papel

²⁵ Excerto extraído do Jornal Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/pais-e-filhos/netos-criados-pelos-avos-quais-as-vantagens-e-desvantagens-dessa-relacao/>. Acesso em 19 de abril de 2021.

desempenhado pelos avós nas últimas décadas, inclusive relacionadas à longevidade, aumentando o número de avós e a quantidade de anos em que viverão (SAITO; LOUREIRO, 2013), investigar como eles têm contribuído para o processo de escolarização dos netos é um tema que merece investigação.

Nesse aspecto, torna-se uma pauta importante e necessária a reflexão sobre os novos rearranjos familiares na contemporaneidade, incluindo a relevância dos idosos na participação social, política e cultural, de modo a contribuir para romper uma visão negativa de que o idoso é um indivíduo sem expressividade. Vale ainda pontuar que “o envelhecimento populacional sinaliza que precisamos reinventar convívios, criar espaços formais e não formais de educação intergeracional, onde o saber e a história de vida de cada um possa ser valorizada, ressignificada, transmitida e renovada” (SENA, 2011, p. 36).

Embora a sociedade ainda não considere os avós como sujeitos protagonistas na escolarização dos netos (criados por eles ou não) e que têm agregado valor à família, considerando-os, inclusive, como pessoas estagnadas na velhice, alguns estudos apontam que a colaboração deles pode se prolongar até tardiamente na vida dos netos (DIAS *et al.*, 2010; CARDOSO, 2011). Portanto, investigações que se voltem a analisar as diferentes maneiras como as relações entre as gerações se desenvolvem e são partilhadas apresentam-se como relevantes “para que se possa melhor lidar com as famílias, nos mais diversos contextos em que estão inseridas, incluindo escola, comunidade, tipo de estrutura familiar, entre outros (SCHULER *et al.*, 2019, p. 418).

Neste cenário de rearranjos familiares, as relações estabelecidas entre avós e netos têm se tornado tema relevante de estudo. Como pontuam Schuler *et al.* (2019), essas gerações têm tido a oportunidade de conviver por mais tempo, o que tem gerado pesquisas dedicadas a discutir a intergeracionalidade. Embora a convivência entre avós e netos seja mais frequente no contexto familiar, sendo objeto de estudos a partir da década de 1990, a participação dos avós tem recentemente sido observada também no processo de escolarização (COELHO; DIAS, 2016). Acrescenta-se que um dos fatores que tem levado os avós a desempenharem junto aos netos o processo de coeducação diz respeito ao aumento na expectativa de vida dos indivíduos, fazendo com que permaneçam mais tempo na função de avós (OLIVEIRA *et al.*, 2010). Merece consideração ainda o fato de que:

Cuidar dos netos é uma prática recorrente no Brasil, pois são poucas as creches e as escolas maternas da rede pública e as do Ensino Fundamental funcionam somente meio período, obrigando os pais a lançar mão de

sistemas informais de guarda das crianças, como seus pais aposentados (PEIXOTO; LUZ, 2007, p. 183).

Cabe ainda destacar que, neste período de pandemia, os avós têm assumido responsabilidades ainda maiores nos cuidados com os netos; assim, alguns pais, como pontuaram Aratangy e Posternak (2005), depositam nesses sujeitos confiança para cuidar dos filhos quando precisam se ausentar. Nesse sentido, os avós podem ser coadjuvantes, figurantes ou fantasmas nas relações com os netos e este papel depende, para além da necessidade dos pais, das novas relações intergeracionais na atualidade, as quais retiram os avós de uma posição secundária no seio familiar. Moragas (2004) também destaca um desejo dos avós em contribuir para a formação dos netos, afirmando que o papel deles colabora na transmissão de experiência de vida, bem como no suporte financeiro e educacional prestados.

Para além da transmissão das vivências, na convivência intergeracional entre avós e netos é possível observarmos o desejo de compensação daquilo que não puderam oferecer aos seus filhos e/ou que os filhos estão impedidos de ofertar aos seus netos. Na investigação de Coutrim (2006) sobre os idosos trabalhadores informais, os dados revelaram que, na impossibilidade de os pais arcarem com oportunidades de estudo, passeios e aquisição de bens e alimentos para as crianças e adolescentes da família, os avós buscam suprir tais necessidades.

Na mesma direção, a pesquisa realizada por Osório *et al.* (2018), referente às experiências de trabalho educativo com idosos durante 11 anos na Universidade Federal do Tocantins, revela a felicidade dos mais velhos em contribuir com aquilo que os pais não podem oferecer aos seus filhos: “um momento de frustração descrito pelos avós acontece quando, devido às dificuldades financeiras, eles não podem dar aos netos o que pedem e há, ainda, certo receio de não conseguirem proporcionar-lhes tudo o que precisam” (OSÓRIO *et al.*, 2018, p. 309).

Por sua vez, o estudo de Oliveira *et al.* (2010), a partir da amostra de 17 avós entrevistadas no Distrito Federal, revelou que elas sentem prazer em brincar com os netos e que demonstram gostar de colaborar na realização das tarefas escolares. Assim, “quanto maior o contato avó-neto, maior o número e o tempo de atividades executadas em conjunto, o que possibilita estabelecer uma relação mais forte entre os dois sujeitos” (OLIVEIRA *et al.*, 2010, p. 471).

Aproximando-se deste cenário de afeto e empenho na criação dos netos, um estudo realizado em duas escolas públicas do município de Mariana (MG) mostrou como os avós se

preocupam com o processo formativo dos netos. Coutrim *et al.* (2007) perceberam que os ensinamentos repassados pelos avós aos netos eram úteis para a vida em sociedade, como, por exemplo, a realização de pequenos serviços domésticos, bem como instruções morais que tinham o objetivo de chamar a atenção para os “perigos do mundo”, como as drogas, a falta de uma profissão e a marginalidade.

Nessa discussão sobre as relações intergeracionais entre avós e netos é importante ainda considerarmos a percepção que os netos têm a respeito dos idosos em seu processo de cuidado e criação. A esse respeito, Dias *et al.* (2010) realizaram uma investigação que teve por objetivo compreender como os jovens percebem e vivenciam essa relação contando com a participação de 43 indivíduos do sexo feminino e 35 do sexo masculino, com idade entre 11 e 24 anos. Entre as netas, algumas jovens estavam cursando o Ensino Fundamental, outras o Ensino Médio e apenas uma o Ensino Superior. No que se refere aos participantes do sexo masculino, a grande maioria cursava o Ensino Fundamental, alguns possuíam o Ensino Médio completo, e cinco, o Ensino Superior.

Na pesquisa realizada, a média de tempo em que permaneceram vivendo com os avós foi de quinze anos, tendo 83% dos investigados residido com os avós maternos. O estudo de Dias *et al.* (2010) mostrou ainda que, sobre a avaliação da criação ou cuidados dados pelos avós, a “boa criação” foi a resposta mais relevante, tanto entre o público feminino quanto entre o público masculino participante. Portanto, a pesquisa revelou que, entre os entrevistados, a interação geracional contribuiu para a formação integral do neto em seus aspectos cultural, psíquico evolutivo e formativo (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

Nesse sentido, a literatura tem revelado (OLIVEIRA *et al.*, 2010; COUTRIM, 2006, 2007; OSÓRIO *et al.*, 2018; CARDOSO, 2011; DIAS *et al.*, 2010) um empenho por parte dos avós em compartilhar com seus descendentes lições morais extraídas de suas próprias histórias de vida. No entanto, mesmo que seja evidente o fato de a convivência entre as gerações de netos e avós contribuir para inúmeras oportunidades de aprendizado (COUTRIM; SILVA, 2019), é importante ponderar que nem sempre ela acontece sem agitações, tensões e conflitos: “a convivência pode ativar conflitos de gerações, tensões e atritos, especialmente em função das diferentes gerações, que se traduz em diferença significativa de idade e de tempo social” (SCHULER *et al.*, 2019, p. 434). No entanto, ressaltamos que a convivência intergeracional reduz a distância de idade e tempo social e histórico entre os mais jovens e os idosos, bem como possibilita a troca de experiência de vida, cabendo lembrar que:

A falta de informação é um dos fatores que promove o preconceito e a não inclusão social da pessoa idosa na sociedade. Nesse sentido, a escola, a família e a sociedade têm muito a contribuir para a formação de uma sociedade intergeracional, ao promover essas ações educativas não somente na escola, mas em qualquer espaço, público ou privado (SENA, 2011, p. 40-41).

Nesse sentido, os avós, principalmente os guardiões (principais responsáveis pelas crianças e jovens sob seus cuidados), também estão presentes na escolarização dos netos, construindo estratégias educativas diretas ou indiretas que contribuem para o processo educativo. Aqueles que possuem um nível de escolaridade baixo ou que já estão em idade já avançada auxiliam os netos de outras maneiras:

[...] os avós quase não se envolvem com os deveres de casa, embora estimulem as crianças a estudar. Apesar de não serem os agentes diretos, eles atuam na garantia de que tudo esteja “em ordem” na vida escolar e familiar dos pequenos. Para isso, quando surgem dúvidas nos deveres e trabalhos escolares as famílias lançam mão de diversas estratégias. Nesta hora entram em cena amigos e parentes com tempo e conhecimento disponíveis como vizinhos, primos, tios, madrinha, amigos da avó e irmãos, formando, assim uma rede de solidariedade em prol do bom desempenho escolar da criança (COUTRIM *et al.*, 2007, p. 12).

Como revela o estudo de Coutrim *et al.* (2007), nota-se um esforço por parte dos avós em contribuir com o processo educativo dos netos, apesar de nem sempre atuarem de forma direta nas tarefas escolares. O mesmo pode ser observado em outros estudos: a participação de outros cuidadores que auxiliam os netos nas tarefas diárias, como noras, outros filhos e vizinhos é uma prática comum (MAINETTI; WANDERBROCKE, 2013).

Na mesma direção, outra pesquisa de Coutrim e Silva (2019), na busca de compreender como os avós atuam na educação dos netos, propôs duas investigações, uma em Mariana (MG), no Brasil, e outra em Leiria, Portugal. Neste estudo, ficou evidente que os avós dos contextos observados buscam uma rede de apoio para auxiliar as tarefas escolares dos netos. Embora valorizem a educação, não se envolvem diretamente nos deveres de casa devido à baixa escolaridade e à desatualização quanto ao conteúdo escolar, contudo, se mobilizam para apoiar o percurso escolar dos netos sob sua responsabilidade. Podemos inferir, assim, que eles buscam, por meio do “capital social indispensável à obtenção do melhor rendimento do capital econômico e cultural” (BOURDIEU, 2010, p. 107), construir estratégias que garantam a permanência dos netos nas escolas.

Outros estudos (LOPES, 2005; AZAMBUJA; RABINOVICH, 2013) também demonstram que há casos em que os avós substituem os pais no acompanhamento do percurso escolar das crianças e/ou jovens. Para tanto, criam uma rede para ajudar os netos nos trabalhos escolares, revelando a importância da educação para estas famílias. Como nos demonstra Bourdieu:

[...] as estratégias escolares (e, de modo mais geral, o conjunto das estratégias educativas, inclusive as domésticas) dependem não só do capital cultural possuído – um dos fatores determinantes do êxito escolar e, por conseguinte, da propensão ao investimento escolar – mas do peso relativo do capital cultural na estrutura do patrimônio e, portanto, não podem ser isoladas do conjunto das estratégias conscientes ou inconscientes pelas quais os grupos tentam manter ou melhorar sua posição na estrutura social (BOURDIEU, 2010, p. 121).

Essas estratégias educativas desenvolvidas pelos avós não estão restritas aos netos em idade escolar e à colaboração nas atividades pedagógicas, como demonstrou a pesquisa realizada por Dias e Silva (2003) com 100 universitários com idade média de 21 anos, distribuídos em diferentes cursos da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Os resultados revelaram que, para além do apoio emocional, os netos contaram com a ajuda financeira de seus avós. Além disso, “no que tange à contribuição dada pelos avós à família dos universitários, observamos duas categorias como mais importantes: o reflexo nos jovens da educação por eles dada aos pais daqueles e a ajuda dos avós na criação dos netos” (DIAS; SILVA, 2003, p. 61). Entretanto, as autoras sugerem novas pesquisas sobre a temática em outras regiões do Brasil, tendo em vista que os resultados foram extraídos de uma amostra nordestina.

Pensando nessas questões relacionadas ao envelhecimento e à contribuição dos avós no processo coeducativo, em especial nas camadas populares, a seção seguinte busca trazer um panorama dos trabalhos disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Como o portal de periódicos possibilita o acesso à produção científica mundial, atualizada e de qualidade, disponibilizando gratuitamente bases de dados textuais e referenciais em todas as áreas do conhecimento, é uma ferramenta de busca relevante para conhecermos os estudos brasileiros que se debruçaram sobre as temáticas relacionadas à intergeracionalidade.

2.3 O que nos trazem as teses e dissertações sobre a relação entre avós e netos

Neste tópico apresentamos uma breve análise do estado do conhecimento sobre as relações intergeracionais e os universitários criados ou cuidados por avós, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES²⁶. Para o levantamento, utilizamos, inicialmente, como palavras-chaves os termos “*relações intergeracionais*” and “*avós e netos*” a partir dos filtros da Grande Área do Conhecimento “Ciências Humanas” e da Área do Conhecimento “Educação”. Foram encontrados sete resultados, sendo cinco dissertações e duas teses. No entanto, dois trabalhos são anteriores à criação da Plataforma Sucupira e não estão disponíveis na internet, portanto, foram descartados da análise²⁷.

2.3.1 Os estudos na área da Educação sobre relações intergeracionais e relações entre avós e netos

Sob a perspectiva da convivência intergeracional, o cuidado realizado pelos avós aos seus netos, seja em tempo integral ou parcial, tem revelado um cenário em que muitos idosos auxiliam o processo de formação dos mais jovens. Além disso, cabe ainda destacar a contribuição dos avós no sustento de seus filhos e netos com suas rendas provenientes de aposentadorias ou benefícios previdenciários, inclusive, em alguns casos, garantindo moradia conjunta em seus próprios lares.

Enxergando o envelhecimento como um fenômeno que estimula mudanças de perspectivas, valores, papéis e lugares do idoso na estrutura social, carregado de múltiplos sentidos e vivenciado de diferentes formas, fizemos um levantamento de dissertações e teses no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES a partir dos descritores acima mencionados e organizamos os resultados no Quadro 1.

Quadro 1 – Dissertações e Teses sobre relações intergeracionais e avós e netos encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES até 2022 (área: educação)

Trabalho	Autor (a)	Ano	Universidade	Programa
Quando as Obrigações Escolares são Administradas pelos Avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos	ROSA, Denise Costa.	2018	UFOP	Educação
Famílias, Relações Intergeracionais e de	GIBIM, Ana	2017	USP	Educação

²⁶ Site utilizado para a busca: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

²⁷ Tentamos contato via *e-mail* com os (as) respectivos (as) autores (as) e, em alguns casos, não obtivemos retorno. Sendo assim, optamos por desconsiderar estes estudos anteriores à Plataforma Sucupira.

Gênero: práticas compartilhadas de educação e cuidado de crianças pequenas.	Paula Pereira.			
Tecendo a Sexualidade entre avós, mães e filhas: um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto/MG.	LOPES, Christiane Vieira.	2017	UFOP	Educação
Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças.	RAMOS, Anne Carolina.	2011	UFRGS	Educação
“Sério, tia, que você é a tia do meu avô?” Relações avós e netos das camadas populares e processo de alfabetização.	MOREIRA, Larissa Souza.	2022	UFOP	Educação

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Banco de Teses e Dissertações CAPES (2023).

Ao realizar a leitura dos resumos dos trabalhos, notamos que as dissertações e teses encontradas foram produzidas em distintos programas de pós-graduação em Educação, sendo a UFOP a única instituição que aparece com 5 (cinco) trabalhos. No que tange aos trabalhos que contemplam as teses de doutoramento, foi encontrado somente o estudo de Ramos (2011).

A dissertação de Rosa (2018) buscou entender como é construído o processo educativo na relação entre avós cuidadoras em tempo integral e seus netos por meio da realização de entrevistas reflexivas com 4 (quatro) avós de camadas populares na cidade de Viçosa (MG). Os resultados apontaram que as relações entre avós e netos são marcadas por sentimentos de afeto, cuidado e cumplicidade, bem como por cansaço e tensões. Além disso, a autora salienta como as práticas educativas são construídas ancoradas em uma rede de apoio (familiares e amigos). Ressalta-se que este estudo traz discussões pertinentes e se aproxima do objeto de estudo da nossa pesquisa, mesmo que os sujeitos investigados não se refiram a netos adultos.

Distanciando-se do primeiro estudo listado, o trabalho de mestrado de Gibim (2017) teve por intuito compreender as diferentes funções sociais desempenhadas pelos membros da família na sociedade contemporânea, analisando e interpretando as experiências narradas pelas crianças da Educação Infantil em seus desenhos. Os achados revelam permanências e transformações relacionadas às concepções de família e da função social da mulher, ressaltando uma parceria nas configurações familiares atuais e na criação de estratégias de fortalecimento dos laços entre as mães, as avós e as crianças, inclusive com o intuito de aliviar a angústia causada pela conciliação das atividades domésticas, o cuidado e a educação dos filhos, bem como o tempo escasso de desfrutar momentos prazerosos com as crianças.

Outro estudo também produzido no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP, assim como a dissertação de Rosa (2018), foi o de Lopes (2017). A pesquisa de mestrado buscou conhecer indícios da transmissão intergeracional no que diz respeito à vivência da sexualidade entre três gerações de mulheres de famílias distintas. Todas são moradoras do distrito de Antônio Pereira – Ouro Preto (MG), o qual tem como principal atividade a mineração. Foi observado que em um contexto de pobreza e baixo capital escolar, as diferentes gerações reproduzem práticas de gerações anteriores, mas também há rupturas de padrões comportamentais quando se trata de sexo e sexualidade. A pesquisa demonstrou que há subalternização das mulheres investigadas em relação ao marido/companheiro, mas também de cumplicidade entre elas, o que reforça a definição da identidade feminina através do papel na família e da maternidade.

Já a tese de Ramos (2011), defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, buscou conhecer as relações intergeracionais entre avós e netos a partir da perspectiva das crianças. Foram entrevistadas 36 crianças pertencentes à classe média e média alta da cidade de Porto Alegre (RS) e que mantém relacionamento com seus avós, mas que não moram com eles. Os dados evidenciam que as crianças narram momentos com os avós marcados por cuidado, descobertas, aventuras e brincadeiras, destacando que o contato intergeracional surge como um processo interativo e coeducativo.

Por seu turno, o trabalho de Moreira (2022), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), teve por objetivo analisar a influência do processo de escolarização tardia dos avós cuidadores nas práticas educativas dos netos em fase de alfabetização ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Os resultados da dissertação mostraram que a escola e o envolvimento com a educação impactam positivamente nos laços entre avós e netos e cria entre eles uma relação de cumplicidade e aprendizado mútuo.

2.3.2 Os estudos sobre avosidade

Considerando que o papel do idoso tem sofrido modificações na sociedade contemporânea, inclusive com aumento dos números de avós e de anos que as pessoas vivem como avós, Oliveira *et al.* (2010) definem a avosidade como um laço de parentesco ligado às funções materna e paterna, exercendo papel determinante na formação do indivíduo. Além disso, a reflexão sobre a avosidade é uma pauta necessária, pois permite a sensibilização para

a relevância do convívio familiar e a qualidade das relações familiares entre as diferentes gerações, em especial, das relações entre netos e avós idosos.

Nesse sentido, a busca no catálogo considerou também a palavra-chave “*avosidade*”, seguindo os mesmos critérios anteriores relacionados à Grande Área do Conhecimento e à Área do Conhecimento. Como não foram encontradas investigações específicas em educação, consideramos um trabalho de mestrado que se encontra na Área de Avaliação Sociologia por julgá-lo pertinente aos objetivos da nossa pesquisa, como pode ser observado a seguir (Quadro 2):

Quadro 2 – Dissertações e Teses sobre avosidade encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES até 2022 (área: educação)

Trabalho	Autor (a)	Ano	Universidade	Programa
Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos	ALVES, Samea Moreira Mesquita.	2013	UECE	Sociologia

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Banco de Teses e Dissertações CAPES (2023).

No trabalho defendido na Universidade Estadual do Ceará – UECE, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Alves (2013) partiu do objetivo central de ampliar o debate sobre as relações intergeracionais, mediante o recorte das velhas avós que cuidam de seus netos. O estudo foi realizado no município de Maracanaú (CE), Região Metropolitana de Fortaleza, e para a coleta de dados foram consideradas entrevistas áudio gravadas com três avós, análise de depoimento, história de vida, observação direta e utilização do diário de campo. Os resultados da dissertação mostram que as relações compreendidas pela avosidade ultrapassam, no âmbito familiar moderno, a imagem que outrora ocupava o imaginário coletivo, ou seja, a das avós como meras transmissoras de legados geracionais. Assim sendo, elas assumem papel de protagonistas na vida dos netos, inclusive, no tocante ao seu sustento, independentemente da presença ou ausência dos genitores dessas crianças e/ou adolescentes. Nas histórias das três avós ouvidas na pesquisa de Alves (2013), todas foram responsáveis por suprir, além das necessidades das suas filhas, também as de seus netos, participando da economia familiar e da educação dos mesmos, bem como assumindo cuidados parciais e/ou até mesmo integrais.

Considerando que o foco da nossa pesquisa de doutoramento são os netos universitários criados por avós, o trabalho de Alves (2013) traz subsídios relevantes para a reflexão acerca dos papéis desempenhados pelas avós contemporâneas e desmitifica o senso

comum de que elas não ocupam protagonismo no processo de longevidade escolar dos netos: “o desempenho do novo papel que assumem os avós, no âmbito familiar moderno, ultrapassa a imagem que outrora ocupava o imaginário coletivo, ou seja, a dos avós como exclusivos transmissores de legados geracionais” (ALVES, 2013, p. 105).

2.3.3 Os netos criados por avós e as relações intergeracionais

É comum, cada vez mais, que nas famílias contemporâneas as crianças e/ou jovens tenham a participação dos avós em sua criação ou cuidados, seja devido ao abandono dos pais ou à gravidez na adolescência, ou ainda por situação de morte ou prisão, para que os pais possam trabalhar, entre outros motivos. Mainetti e Wanderbroocke (2013) sinalizam que este fenômeno tem acontecido com frequência nas famílias da atualidade. Vale ainda pontuar que este vínculo, na maioria das vezes, está carregado de valores e aprendizados na transmissão da história e dos valores familiares.

Considerando isso, foi pertinente em nossa busca no catálogo de teses e dissertações levantar os trabalhos referentes aos termos “*netos criados por avós*” and “*relações intergeracionais*” na área da Educação. Foram encontrados 35 resultados, sendo 21 dissertações e 14 teses; no entanto, 4 pesquisas já se encontravam listadas na busca realizada pelos descritores “*relações intergeracionais*” and “*avós e netos*”. Dos 32 estudos restantes, é importante sinalizar que 13 trabalhos são anteriores à Plataforma Sucupira, sendo também descartados. Os 19 estudos consultados se encontram no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Dissertações e Teses sobre netos criados por avós e relações intergeracionais encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES até 2022 (área: Educação)

Trabalho	Autor (a)	Ano	Universidade	Programa
A experiência de educação patrimonial no Grupo Enxame: o Mucuripe conta sua cultura a partir de suas juventudes	CABRAL, Sidarta Nogueira.	2016	UFCE	Educação
Gênero e Sexualidade na escola: arenas de enfrentamento e negociação	VETORAZO, Francisca Helena Gonçalves.	2016	UNICAMP	Educação
Juventude e educação escolar: contribuições e desafios presentes em artigos na base Scielo entre 2010 e 2014	BHERING, Mariana Cunha.	2016	UFSCAR	Educação
Como os alunos dos anos iniciais visualizam o	NACHTIGALL, Nara Rosana	2019	UFRGS	Educação

envelhecimento em outros e em si-mesmos?	Godfried.			
A espiritualidade nas relações intergeracionais dos Tremembé em Itarema – Ceará	CAVALCANTE, Jon Anderson Machado.	2016	UFCE	Educação
Urucongo de Artes: os sentidos das experiências de educação popular para jovens rurais	NASCIMENTO, Ana Maria do.	2018	UFCE	Educação
Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano	SILVA, Catarina Malheiros da.	2014	UnB	Educação
Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas	PERONDI, Maurício.	2013	UFRGS	Educação
Processos de educar-se de mulheres do assentamento Monte Alegre – SP nas ações de cuidado à saúde	TEIXEIRA, Irai Maria de Campos.	2016	UFSCAR	Educação
Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores	BOHM, Verônica.	2016	UFRGS	Educação
A relação juventude e educação em diferentes gerações: a perspectiva de estudantes da educação de jovens e adultos de uma escola municipal de Feira de Santana (BA)	SOARES, Alix Vanessa Mascarenhas Lima.	2013	UEFS	Educação
Gente Pequena e Gente Grande – o que dizem as crianças de um CMEI em Eunápolis – BA sobre ser criança e ser adulto	LAURINDO, Maria Jacilda da Silva Farias	2014	UNEB	Educação e Contemporaneidade
(DES)Encontros de gerações no século XXI: experiências de crianças e adultos com as mídias e as novas tecnologias na cultura contemporânea	KOHLMANN, Anabela Rute.	2013	UFMT	Educação
Relações intergeracionais docentes e estágio supervisionado: um estudo sobre possibilidades e limites na formação de professores	BUENO, Michelle Cristina.	2016	UNESP	Educação
Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação	SILVA, Keila Maria de Araújo.	2019	UERJ	Educação
Festa, Patrimônio e Educação: Uma etnografia dos tapeceiros do Corpus Christi	MOREIRA, Frederico Luiz.	2017	UEMG	Educação
O idoso na contemporaneidade: expectativas, desafios e contribuições vivenciadas em espaços de aprendizagem	MACEDO, Neuda Ribeiro.	2013	UCB	Educação

E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... O idoso universitário	CARRARO, Valéria.	2016	UNINOVE	Educação
As representações sociais de velhice em um projeto de extensão destinado às pessoas idosas	SILVA, Igor Moura Danieleviz.	2021	UFMS	Educação

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Banco de Teses e Dissertações CAPES (2023).

Em uma primeira leitura, o levantamento mostra que os trabalhos próximos aos descritores “*netos criados por avós*” and “*relações intergeracionais*” estão concentrados em Programas de Pós-Graduação nas regiões Nordeste e Sudeste, embora o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS também apareça na busca realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Mesmo que a região Sudeste concentre o maior número de universidades e de idosos, não foi possível observar grupos de pesquisa consolidados com forte produção sobre o tema na área da Educação.

A dissertação de Cabral (2016) analisou a experiência de educação patrimonial vivida pelos 20 jovens de um projeto desenvolvido por uma Organização Não Governamental (ONG) na região litorânea do Grande Mucuripe, periferia de Fortaleza (CE). Recorrendo à História Oral, a pesquisadora observou que as identidades dos jovens que atuam com a arte e com a cultura se constituem, fundamentalmente, pelos processos de produção de saberes experienciais vividos. Constatou a potência da reflexão patrimonial como pauta de redescobertas do universo do bairro, que é trazido pelas mediações que as relações intergeracionais no trabalho cultural com o patrimônio podem proporcionar. Nota-se que a presença dos avós foi lembrada nas trajetórias de vida dos jovens pesquisados, como nos mostra o relato de um entrevistado:

Meu avô era o Mestre Paulino, que hoje é chamado um mestre da cultura. Ele era da Dança do Coco, o Coco da Praia. Mestre Paulino era o pai de minha mãe. Era um mestre cantando o Coco de Praia, a Caninha Verde... Minha mãe era marisqueira no Iguape. Meu avô, mesmo sendo mestre da cultura era pescador de tarrafa (Depoimento de Paulo extraído da dissertação de CABRAL, 2016, p.108).

Embora o relato acima trazido por Cabral (2016) tenha se restringido a mostrar como os avós são lembrados pelos jovens pesquisados, ele aponta como os primeiros são figuras importantes na transmissão cultural para os segundos, dissociando-os da decrepitude e da dependência; ao contrário estes personagens mostram que se enquadram em uma nova

categoria rica de recursos a oferecer à comunidade e ao seio familiar (ARATANGY; POSTERNAK, 2005).

Dando continuidade aos trabalhos encontrados, Vetorazo (2016) teve por objetivo evidenciar como jovens estudantes do Ensino Médio, de duas escolas localizadas no interior de São Paulo, desenvolvem suas ações no cotidiano escolar, produzindo espaços para expressão e afirmação de suas identidades de gênero e sexualidades. Por meio da observação participante e da realização de entrevistas informais com diferentes atores do meio escolar, a pesquisa revelou que as relações intergeracionais e intrageracionais tendem a transformar as temáticas de gênero e sexualidade em arenas de enfrentamentos e de negociações intermitentes.

As relações intergeracionais descritas pela autora supracitada apresentam o enfrentamento intergeracional vivenciado e protagonizado por jovens do Ensino Médio, por um lado, e por adultos, de outro, bem como são salientados os enfrentamentos intrageracionais que ocorrem entre os próprios jovens estudantes. Contudo, embora a pesquisa traga uma discussão muito relevante, não está diretamente relacionada ao tema desta tese.

Do mesmo modo, a dissertação defendida por Bhering, em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), também se distancia do proposto nesta pesquisa de doutoramento, pois a pesquisadora teve como foco o estudo das contribuições e dos desafios apresentados nos artigos sobre o tema juventude e educação escolar no Brasil, nos anos de 2010 a 2014, realizando uma pesquisa bibliográfica na base Scielo. Foi encontrado apenas um artigo, na categoria Educação de Jovens e Adultos (EJA), que trazia a discussão sobre relações intergeracionais, sendo esta relacionada à polarização das relações geracionais entre jovens e adultos na EJA.

No ano de 2019, a dissertação de Nachtigall, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, buscou contribuir com as reflexões acerca do preparo da sociedade para lidar com os aspectos concernentes ao processo de envelhecimento. A pesquisa foi feita a partir de atividades aplicadas a 28 alunos (19 meninos e 8 meninas), entre oito e nove anos de idade, de uma turma dos anos iniciais, em uma escola pública na cidade de Viamão (RS), envolvendo temas que contemplassem as relações intergeracionais e a sensibilização à questão do envelhecimento. Segundo a pesquisadora, quando as crianças se remetem ao idoso, é perceptível o sentimento de carinho que elas têm, bem como compreendem as dificuldades motoras que o envelhecimento pode trazer aos indivíduos, fruto do processo de envelhecer.

Também envolvendo as discussões sobre intergeracionalidade, o estudo de Cavalcante (2016), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, buscou estudar a espiritualidade nas relações intergeracionais de jovens professores e de idosos residentes em localidades nas quais encontra-se uma escola indígena. Com o intuito de compreender as experiências e as mediações escolares e comunitárias nas quais o tema da espiritualidade torna-se presente nas distintas gerações, a tese do pesquisador trouxe as principais mediações escolares e comunitárias das relações entre professores/as e velhas lideranças em torno da Natureza, a partir da realização de entrevistas episódicas com docentes de três escolas. Os achados mostram que a vivência desse saber aparece nas narrativas de distintos modos e que essas mediações promovem combinações complementares e relacionais entre sujeitos de diversas posições etárias.

A tese de Nascimento (2018), também defendida no mesmo programa de Pós-Graduação em Educação, teve por objetivo compreender a partir das narrativas tecidas coletivamente os sentidos atribuídos às atividades desenvolvidas pelos jovens do Grupo Urucongo de Artes, na cidade de Crato (CE). As análises deste estudo mostraram que as ações desenvolvidas pelos/os jovens são práticas de Educação Popular que potencializaram o processo de formação e empoderamento de si e de seus pares, inclusive no que diz respeito às pessoas mais idosas, como, por exemplo, as mesinheiras (mulheres que têm o hábito de receitar chás; curandeiras).

Essa partilha e troca de conhecimentos foi igualmente evidenciada na tese defendida por Silva (2014) na Universidade de Brasília. A pesquisadora teve como objetivo compreender e analisar as relações intergeracionais construídas no meio rural, realizando uma pesquisa de cunho etnográfico em um distrito rural localizado no município de Palmas de Monte Alto (BA). Bem próximo do que é trazido por Nascimento (2018) e Cavalcante (2016), a partir da realização de 18 grupos de discussão com jovens e adultos estudantes e entrevistas com pais, avós e moradores do referido distrito, os resultados da pesquisa apontam que as relações estabelecidas entre jovens e adultos estudantes são permeadas pela partilha, diálogo e solidariedade, tanto no âmbito da família como da escola. A pouca convivência com os avós é ressaltada pelos jovens cortadores de cana, pois o convívio entre os dois grupos etários somente é possível em períodos específicos, na entressafra da cana. Esses momentos são marcados por demonstrações de carinho nas relações intergeracionais.

Na tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, intitulada “Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas”, Perondi (2013), aproximando-se dos estudos que contemplam narrativas jovens,

observou como os jovens compreendem suas experiências de participação social desenvolvidas em diferentes coletivos tomando como lócus investigativo a região metropolitana de Porto Alegre (RS). A partir de uma metodologia de cunho qualitativo, a pesquisa contou com a participação direta de jovens, sendo que o pesquisador adotou a metodologia das narrativas juvenis com nove sujeitos. Os dados empíricos relatam os processos de identificação, de crescimento pessoal, a superação de dificuldades e conflitos, as relações intergeracionais e as experiências profissionais. No que diz respeito às relações intergeracionais, embora o estudo não tenha trazido especificamente a relação avós e netos, o pesquisador expôs que as pessoas adultas ou anciãs são referências para os investigados, contribuindo para inspirar, inclusive, opções de vida acadêmica.

Essas referências que os mais jovens reconhecem a partir das experiências dos mais velhos também foi pontuada no trabalho de Teixeira (2016), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Em seu estudo de doutoramento, a pesquisadora traçou como objetivo investigar os processos educativos que se dão nas ações de cuidado à saúde desenvolvidas por mulheres de um assentamento localizado na região central do estado de São Paulo. Como instrumentos metodológicos, foram adotados a observação de natureza participante e entrevistas semiestruturadas com onze mulheres moradoras do assentamento. Os resultados revelam que os aprendizados se dão por meio dos desafios, tensões e conquistas decorrentes das relações entre as diferentes gerações que convivem no assentamento, trazendo à tona relatos de solidão de idosos que vivem naquele território rural:

Uma situação percebida pelo grupo como prejudicial à saúde é a solidão em que se encontram alguns idosos. O grupo de mulheres participantes dessa pesquisa tem pensado ações para cuidarem das idosas do assentamento. Atividades de lazer e recreação que façam com que estas saiam um pouco do interior de seus lares e vivenciem o convívio social. Wanda se referiu a uma idosa de seu convívio quando disse: Eu tenho uma senhora, ela ficou viúva, 12 anos de assentamento, ela tem 78 anos. Ela vive sozinha, sozinha. Ela diz que o mais duro é a noite, é a solidão dali, ficar ali... só. Eu falo para ela de ir embora do assentamento! Mas ela não quer ir embora de jeito nenhum (Wanda - Diário de campo I) (TEIXEIRA, 2016, p. 94).

A questão do envelhecimento e o distanciamento da família trazido pela autora nos mostra que alguns idosos vivenciam este período da vida acompanhados da solidão. Por outro lado, em outros relatos, Teixeira (2016) também revela indivíduos que, diferentemente do caso citado, apresentam disposição no dia a dia na realização de suas tarefas, não têm doenças crônicas e conseguem perceber no assentamento possibilidades de vida saudável. A autora revela, ainda, que nos assentamentos as avós são pessoas de referência na família, possuidoras

de diversos saberes sobre o cuidado com as crianças: “observei que há muita troca de experiências entre as distintas gerações que ali convivem, como receitas de remédios caseiros, orientações sobre como e quando plantar, o que colher” (TEIXEIRA, 2016, p. 101).

Entretanto, conforme já discutido neste capítulo, as relações intergeracionais também podem ser marcadas por violências. A tese de Bohm (2016), também apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, teve por principal objetivo analisar os fatores que conduziram à violência contra as pessoas idosas através da perspectiva dos agressores. Os resultados apontam que a violência está relacionada a sérios problemas familiares, como desemprego e consumo abusivo de álcool e/ou outras drogas ilícitas. Outrossim, a autora identificou a atuação precária dos mecanismos sociais de proteção aos idosos, os quais não conseguem garantir a segurança dos mais velhos. Ainda, ela ressalta a importância dos vínculos das crianças/pais/avós na convivência entre as gerações como forma de prevenir a violência, sugerindo, como forma de contornar o problema, que conteúdos relacionados ao tema nos currículos escolares sejam incluídos em diferentes níveis da educação formal para desenvolver relações intergeracionais positivas – o que certamente seria uma importante contribuição no âmbito da prevenção à violência doméstica.

A dissertação de Soares (2013), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), conferiu visibilidade às questões intergeracionais ao enfatizar as relações entre gerações e investigar suas diferenças e complementaridades com o fim de compreender melhor a condição juvenil. O objetivo da autora foi analisar a relação entre jovens e educação na perspectiva de estudantes de diferentes gerações. Para isso, foram escolhidos como sujeitos de pesquisa nove estudantes jovens e adultos, alunos de uma escola municipal situada em um bairro periférico da cidade de Feira de Santana (BA), que se propuseram a participar da entrevista semiestruturada. Dentre os achados do estudo, verificou-se que as questões relacionadas à constituição de família ainda atravessam gerações, colocando-se como impedimento para as jovens mulheres frequentarem a escola regularmente. Além disso,

Nota-se que, na perspectiva juvenil, a convivência entre as diferentes gerações na sala de aula favorece tanto os estudantes mais jovens quanto os de mais idade. Quanto aos mais jovens, os benefícios ressaltados são as maiores possibilidades de aprendizagem com a presença dos adultos, visto que estes são considerados sujeitos com mais experiência de vida, as boas interações estabelecidas com os estudantes de maior idade e o incentivo que a presença dos adultos proporciona aos mais jovens, que reconhecem o grande esforço empreendido pelos primeiros para permanecerem na escola (SOARES, 2013, p. 119).

Como já destacado nesta discussão, ao considerar a convivência intergeracional, os indivíduos do estudo de Soares (2013) também sinalizam os benefícios para os ambos os grupos (jovens e adultos) a partir da troca de conhecimentos no espaço escolar. Acrescenta-se ainda que esta convivência dos estudantes mais velhos com os mais jovens permite um clima mais prazeroso no ambiente escolar, caracterizado pela elevação da autoestima dos estudantes de mais idade, que se sentem motivados pelos mais jovens, como pontuado pela pesquisadora.

Essa aproximação entre indivíduos de diferentes gerações também aparece na dissertação de Laurindo (2014). Em sua pesquisa, a autora ressalta que, na atualidade, vimos surgir uma nova ordem nas relações que encurtou as distâncias entre o adulto e as crianças. Recorrendo ao desenho infantil como estratégia de aproximação e recurso mediador para as interlocuções com as crianças, a pesquisadora realizou um trabalho de campo que contou com a colaboração de 15 crianças de cinco anos de idade, de um Centro de Educação Infantil situado na cidade de Eunápolis (BA). Os resultados revelaram que as análises desse grupo de crianças deixaram indícios e possibilidades de se construir novas configurações e caminhos para as distâncias ou aproximações geracionais. Contudo, merece destaque o fato de que nenhuma das crianças investigadas, em seus desenhos, fez menção aos avós como figuras relevantes em seu cotidiano e, portanto, acreditamos que seja porque em seus contextos sociais os avós não ocupem o mesmo lugar nas trajetórias familiares como os pais.

A dissertação de Ferrarini²⁸ (2013), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) no ano de 2013, também teve como objetivo compreender as experiências de crianças e adultos no que diz respeito às relações intergeracionais na atualidade. A pesquisadora teve como objetivo analisar o que adultos e crianças dizem sobre suas experiências com as mídias e as novas tecnologias na cultura contemporânea. A pesquisa de campo²⁹ transcorreu em uma escola da rede estadual de ensino situada na cidade de Rondonópolis (MT), com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no ano de 2012. Para além das crianças, a investigação contou ainda com a participação da professora e das mães, posto que seu foco principal foi compreender as experiências desses sujeitos com o universo midiático-tecnológico contemporâneo, assumindo, assim, a perspectiva intergeracional como um importante eixo analítico e

²⁸ É importante ressaltar que a dissertação de Ferrarini, embora concluída há menos de dez anos, não foi encontrada no repositório da UFMT e nem no portal da CAPES. Portanto, excepcionalmente, os resultados aqui apresentados pautam-se em um artigo derivado dos achados de sua dissertação e de outros estudos desenvolvidos pela autora.

²⁹ Informações com base no artigo de Ferrarini “Infância e Escola: tempos e espaços de crianças”, do ano de 2016.

metodológico. A autora utilizou como metodologia entrevistas e questionários aplicados aos participantes.

Dentre os resultados do estudo, que se distanciam do nosso objeto de pesquisa, mas que trazem contribuições significativas para pensarmos as relações intergeracionais no século XXI, a autora ressalta que as “reflexões partem da preocupação com as relações criança-adulto pautadas em hierarquias e não em alteridades e diversidades que as atravessam e as constituem; relações estas ainda vigentes e fortemente percebidas em diferentes contextos sociais” (FERRARINI, 2016, p. 1045). Isso nos remete a pensar que as crianças têm muito a ensinar para os avós e vice-versa. As trocas intergeracionais apoiadas nas novas tecnologias, por exemplo, podem aproximar gerações que são cronologicamente distantes entre si.

Desse modo, é inegável que as interações estabelecidas entre diferentes gerações envolvem aprendizagem, independente do contexto social analisado. Com um tema que se distancia desta tese, a pesquisa de Bueno (2016) busca identificar processos presentes nas interações estabelecidas entre duas gerações docentes representadas por uma professora experiente e uma estudante do curso de Pedagogia que se encontrava em fase de formação inicial para a docência, e mostra como aspectos relativos à geração e ciclos vitais dos professores se inter-relacionam na configuração das relações intergeracionais. Os resultados dessa investigação enfatizam a importância da experiência docente para o estabelecimento de relações mais contextualizadas e estratégicas com o ensino e das relações intergeracionais docentes para a formação de novos professores, pressupondo o estabelecimento desse processo intergeracional que poderá influenciar na construção gradativa de uma profissionalidade docente.

Na dissertação intitulada “Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação”, apresentada por Silva (2019) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, a pesquisadora busca problematizar a importância das experiências e lembranças de infâncias de antigos moradores da favela do Morro do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, atentando-se à relação intergeracional entre crianças e velhos, os seus processos formativos e a educação popular presentes na vida cotidiana. Por meio de uma pesquisa de campo fundamentada na história oral de alguns moradores que viveram suas infâncias nesse local, a autora procura conhecer pistas e possibilidades epistemológicas para pensar a infância, a educação infantil e o direito à educação nessa favela. Aproximando-se de outras investigações aqui apresentadas, os resultados do estudo mostram os benefícios das relações intergeracionais, entendendo que nos diversos níveis de interação social, as relações intergeracionais “constituem um dispositivo na

construção de laços emocionais no desenvolvimento de traços individuais” (SILVA, 2019, p. 97).

Esses traços positivos nas trocas e relações intergeracionais também apareceram no estudo de Moreira (2017). A dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMG teve como objeto de pesquisa a análise de processos educativos imersos nos saberes e fazeres da feitura dos tapetes de serragens que ornamentam a via da procissão da festa de Corpus Christi, na cidade de Sabará (MG). Ao construir os dados por meio da realização de horas de observação participante, entrevistas semiestruturadas com cinco sujeitos tapeceiros, registros fotográficos e notas em diários de campo, o pesquisador identificou, no decorrer da pesquisa, dimensões imateriais e simbólicas presentes na tradição/patrimônio dessa festa, assim como a articulação às relações de pertencimento e de transmissão intergeracional. Nesse contexto, cumpre ressaltar que “através do entusiasmo e da participação coletiva em que a festa propicia as práticas de fé, a religiosidade, configura-se uma educação intergeracional” (MOREIRA, 2017, p. 124). Desse modo, é possível inferir que as trocas intergeracionais não se dão apenas no âmbito da educação formal ou da família: o que observamos são diferentes transmissões de conhecimento na constituição dos indivíduos, de suas histórias e percursos de vida.

Por sua vez, a dissertação de Macedo (2013), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília, assim como o fez a investigação de Moreira (2017), que foi ao encontro das discussões sobre a educação intergeracional na contemporaneidade, objetivou identificar as expectativas, os desafios e as contribuições da participação de um grupo de idosas em dois cursos localizados no Distrito Federal e em Brasília. O estudo contou com a participação, por meio de entrevistas, do professor de informática, da coordenadora do curso de Artesanato e de vinte alunas com idade entre 61 e 88 anos, sendo dez matriculadas no curso de Informática e dez no de Artesanato. Os achados demonstram que as idosas ouvidas na pesquisa valorizam como ganhos as trocas positivas nas relações intergeracionais, contribuindo para a construção de sentimentos de pertença e unidade entre as diferentes gerações. Por outro lado, o estudo ainda mostrou que, entre os desafios vivenciados pelas idosas, o maior deles é o preconceito, que se revela em múltiplas faces: as idosas relataram que sofrem preconceito em casa, nas ruas, na vida, argumentando que há pessoas, inclusive, que as ignoram.

Finalmente, o último trabalho encontrado na área da Educação, na consulta pelos descritores “*netos criados por avós*” and “*relações intergeracionais*”, foi a dissertação de Carraro (2016), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade

Nove de Julho (UNINOVE). O estudo investiga seis idosos universitários (três homens e três mulheres) e busca entender a motivação do indivíduo para ingressar em um curso de graduação, as experiências intergeracionais e as expectativas futuras após a conclusão do curso.

A autora lembra que “as narrativas que emergem das lembranças não são totalmente exatas, às vezes nebulosas, cambaleantes. Mas são verdadeiramente sedutoras e oferecem lindas histórias, uma leveza de fatos que emocionam quem as ouve” (CARRARO, 2016, p. 132). Os dados também revelam que as idosas, diferentemente dos idosos, quando jovens, não tiveram oportunidade de fazer o curso universitário e decidiram cuidar da família. No entanto, mais uma vez, entre os trabalhos por nós analisados são ressaltadas as trocas positivas nas relações intergeracionais em diferentes contextos sociais.

A dissertação de Silva (2021), defendida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) teve por objetivo identificar como a velhice é significada pelos participantes da pesquisa (pessoas idosas e extensionistas) e como se constituem os elementos constitutivos de suas representações sociais sobre o processo de envelhecimento. Os achados da pesquisa apontam duas representações sociais de velhice, sendo a primeira como uma representação mais tradicional na cultura ocidental vinculada aos aspectos negativos (categorias como Aposentadoria, Declínio corporal e Estigma), ao passo que a segunda representação é expressa por uma dimensão mais positiva relacionada ao estilo de vida como “idoso(a)”.

2.3.4 Os estudos sobre as relações intergeracionais em outras áreas do conhecimento

Apresentados os trabalhos de dissertação e tese oriundos de programas de pós-graduação em Educação, partimos para a análise do tema em outras áreas do conhecimento. Embora não tenha sido nosso foco fazer um estado do conhecimento destes trabalhos³⁰, no levantamento realizado no Portal da CAPES percebemos que outras áreas também têm se debruçado sobre esta discussão, entre as quais destaca-se a Gerontologia.

A dissertação de Matos, “Dinâmicas relacionais de avós e netos: um caso de família homoafetiva”, defendida no programa de pós-graduação “Família na Sociedade Contemporânea”, da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), em 2019, teve por intenção explorar as configurações familiares homoafetivas, tendo como cerne a relação da avó participante com seu neto proveniente da relação lésbica da sua filha. A pesquisadora

³⁰ Na busca realizada, outros trabalhos nos chamaram atenção e, neste sentido, alguns foram trazidos para a discussão.

utilizou a entrevista narrativa individual aberta, em que buscou o impacto de ser avó nestas circunstâncias, a qualidade do vínculo e a investigação da relação e de supostos conflitos e estigmas sociais. Matos (2019) concluiu que a lesbianidade da filha impactou positivamente quando a faz repensar a respeito da ética, dos valores, da moral e, negativamente, quando o preconceito e a rejeição repercutiram sobre ela.

Distanciando-se do trabalho anterior, mas também abordando as questões intergeracionais, o trabalho de Peres (2012), intitulado “Influência dos avós na escolha do tipo de parto”, defendido no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da UCB, teve por objetivo geral verificar a influência das avós na escolha do tipo de parto de suas filhas/noras, aplicando questionários fechados para uma amostra de 80 mulheres, sendo 40 puérperas e 40 avós. As conclusões do estudo revelaram que não há influência das avós na escolha do parto, entretanto, o desejo de parto normal é apontado tanto pelas filhas/noras quanto pelas avós. Ainda segundo a pesquisadora, “as avós não são mais vistas como guardiãs da sabedoria e costumes antigos, a cultura a qual carregam tem sido desvalorizada e deixada de integrar a sociedade” (PERES, 2012, p. 75).

Isso nos leva a afirmar que, em muitos casos, as novas gerações reconhecem as tradições nos mais velhos e, mesmo assim, negam essa herança. Entretanto, a literatura trazida neste capítulo demonstra que, na sociedade atual, cada vez mais as avós têm sido protagonistas nas (re)configurações familiares, possuindo um papel essencial nos arranjos domésticos. Nesse ínterim, a moral e costumes que elas carregam são elementos valorizados tanto pelos outros membros das famílias quanto pelos netos. A esse respeito, Aratanga e Posternak (2005) acrescentam que esse papel social dos avós é ainda mais intensificado se os contatos com os netos forem frequentes e prazerosos, sendo assim tecido um círculo de proteção e segurança.

Outra dissertação que se propôs a investigar sobre a avosidade foi a de Oliveira (2009), defendida igualmente no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da UCB. Na pesquisa “Avosidade: visão das avós e de seus netos”, foram realizadas entrevistas com 17 avós e 8 netos, sendo possível perceber que o neto ou a neta sente satisfação e alegria ao realizar atividades com os avós, construindo formas distintas de relações que vão se modificando à medida que crescem. Além disso, a autora revela que:

As avós entrevistadas mantêm uma relação emocional de proximidade com seus netos, pois educam, decidem e os protegem da maneira que podem, sentindo-se satisfeitas com isso. O objetivo de todo este esforço sugere ser a

união da família e a evolução das futuras gerações (OLIVEIRA, 2009, p. 55).

Na dissertação “Imaginário de um grupo de avós idosos responsáveis por netos em vulnerabilidade em uma escola pública do DF”, também defendida nos mesmos programa e universidade que as anteriores, Saito (2013), assim como Oliveira (2009), buscou em seu trabalho entrevistar 6 avós na intenção de conhecer o imaginário deste grupo com mais de 60 anos que se responsabiliza por seus netos em situação de vulnerabilidade. O estudo mostrou tensões e dificuldades que permeiam o cotidiano destas avós, como é relatado por uma delas, cujo neto não conseguia permanecer na escola e estava envolvido com tráfico de drogas. Nesse sentido, é possível perceber que o apoio dado pelas avós na criação dos netos transcende o carinho, o afeto e outros sentimentos inerentes ao convívio familiar. Estas avós também acompanham a vida escolar das crianças e adolescentes e se mobilizam em prol da educação – ou pelo menos tentam, como demonstrou o trabalho de Saito (2013) – assim como revelou uma dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP: “as dificuldades encontradas por essas avós fazem com que elas procurem ajuda tanto dos familiares como da instituição de ensino dos netos, contribuindo, dessa forma, para que os netos tenham um bom desempenho escolar” (ROSA, 2018, p. 83).

A dissertação de Fonseca (2014), também defendida na UCB e na área de Gerontologia, pareceu-nos uma continuação do estudo desenvolvido por Saito (2013) no mesmo Programa de Pós-Graduação. Na investigação “O imaginário de um grupo de avós idosos responsáveis por seus netos, alunos em vulnerabilidade, em uma escola: a relação com a escola e os reflexos em suas vidas”, a pesquisadora, no processo de entrevista com avós, observou que a afetividade pelos netos é ressaltada por elas, mesmo que essas idosas vivam sob o teto do medo e da violência causada pelo envolvimento dos netos com o mundo das drogas.

Pareceu-nos ainda pertinente mencionar o estudo da pesquisadora Mazzaferro, do ano de 2013, defendido no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, só que da USP. Na dissertação intitulada “A velhice retratada nos filmes publicitários”, afastando-se, de certo modo, de outros trabalhos encontrados que abordam as relações intergeracionais, a autora procurou examinar como as agências de publicidade e seus clientes retratam o público idoso em suas campanhas. Ao selecionar 13 filmes publicitários para a sua análise, Mazzaferro (2013) notou que os anunciantes utilizam o personagem idoso como uma forma de solidificar

a marca, de historicizá-la. Nos filmes publicitários, este indivíduo assume o papel de “dono do tempo”, aquele que conta o passado.

Outro estudo que nos chamou a atenção foi a dissertação de Silva (2006), defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A pesquisa intitulada “Homens Idosos Avôs: significado dos netos para o Cotidiano” buscou, por meio de entrevistas e depoimentos de homens idosos que vivenciam a experiência da avosidade, entender como estes indivíduos se compreendem nesta etapa da vida através da interpretação que dão às suas próprias experiências.

Ao entrevistar quatro homens idosos avós, entre 65 e 73 anos e que possuem uma convivência intensa com os netos, a pesquisa revela que a avosidade está relacionada a um forte sentimento de paternidade e que os avós demonstram satisfação nas relações com os netos. Ao final, a autora destaca a importância de estudos que se dediquem a essa temática, inclusive porque a presença dos avós no processo educativo e formativo dos netos é um fato e tem reorganizado os núcleos familiares (SILVA, 2006).

A tese de Oliveira (2015), embora defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde, da Universidade de Brasília (UnB), aproxima-se das discussões sobre as relações intergeracionais. O estudo, intitulado “Classificação de estilos de avós: Adaptação e validação de instrumento para avaliar responsividade e exigência percebidas na adolescência”, tem como objetivos descrever relações entre avós e netos adolescentes através de revisões sistemática e integrativa, bem como identificar as diferenças percebidas pelos adolescentes quanto à responsividade e exigência dos avós.

Como participantes do estudo, a autora ressalta que utilizou a amostra por conveniência, constituída por 28 adolescentes com idades entre 10 a 19 anos, estudantes do Ensino Fundamental ou Médio que compareceram com seus respectivos avós idosos, acima de 65 anos, atendendo ao convite da coordenadora da Escola de Avós da Regional de Saúde da cidade de Ceilândia – DF³¹. Além disso, a investigação se propôs a realizar uma busca em bases de dados eletrônicas, identificando que o apoio financeiro oferecido pelos avós aos netos permeou as relações intergeracionais entre eles. Os achados também reforçaram a relevância de estudos sobre a avosidade, tendo em vista as aceleradas mudanças nas relações interfamiliares na contemporaneidade.

Outro trabalho pertinente para essa discussão foi a tese de Azambuja, defendida no ano de 2016 na UCSAL, no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade

³¹ No estudo não foram encontrados os resultados do questionário aplicado aos netos e avós (segundo os escores obtidos pelos participantes nas dimensões Responsividade e Exigência).

Contemporânea. Sob o título “O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar”, a intenção da autora foi compreender as circunstâncias vinculares e os posicionamentos recíprocos entre avós-netos, focalizando a visão dos netos a partir do contexto bio-sócio-histórico. Para tanto, foram realizados estudos de casos múltiplos em uma escola particular de classe média na cidade do Salvador (BA). Participaram do estudo seis crianças, na faixa etária de 6 a 9 anos de idade, de classes média e baixa, matriculadas no Ensino Fundamental, e suas avós.

Os dados apontam que o significado dos avós, segundo o olhar das crianças, varia de acordo com o tipo de convivência (“avós em tempo integral” ou “avós esporádicos”). A pesquisadora ainda sinaliza a diferença nas relações intergeracionais em função de gênero: enquanto as avós realizam atividades em espaços internos, como jogo educativo e eletrônico, os avôs preferem os espaços para interagirem com os netos, como jogo de salão e futebol.

Como pode ser observado, os trabalhos disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES abordam distintas formas de discussão e abordagem sobre as relações intergeracionais entre avós e netos. Esses estudos revelam que a convivência entre as duas gerações é construída com base em sentimentos de respeito, carinho e, por vezes, tensão e oposição, inclusive reforçando a importância desses indivíduos nas configurações familiares na atualidade. Também merece destaque a relevância dos avós, principalmente as avós, na ordem moral doméstica. Percebemos, por meio das pesquisas analisadas, que elas têm participado ativamente da educação dos netos que estão sob seu cuidado no processo coeducativo.

Considerando o nosso objeto de pesquisa, não foram encontrados estudos que abordam as relações intergeracionais entre netos adultos e avós e a participação destes no processo de escolarização e formativo de seus netos, reforçando a necessidade já sinalizada em outros trabalhos que indicam a importância de pesquisas com foco em investigar as relações intergeracionais contemporâneas (COUTRIM *et al.*, 2007; SILVA, 2006; ROSA, 2018; SCHULER *et al.*, 2019).

Pensando nisso, o capítulo seguinte tece considerações sobre as relações intergeracionais na atualidade, trazendo como os netos criados por seus avós receberam apoio ao longo do processo educativo com vistas à longevidade escolar e ingresso no Ensino Superior. Buscamos, ao apresentar os dados a seguir, ainda destacar as mobilizações e estratégias educativas dos avós na escolarização dos estudantes universitários, bem como as mudanças nas relações intergeracionais ao longo da vida de avós e netos.

AVÓS E NETOS: SABERES, ENSINAMENTOS E INFLUÊNCIA NA ESCOLARIZAÇÃO

Este capítulo apresenta os dados obtidos por meio do questionário *on-line*, aplicado no ano de 2020, aos alunos ingressantes de todos os cursos da Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade Divinópolis). O instrumento de coleta de dados inicial foi dividido em duas etapas: a primeira teve por objetivos traçar um perfil socioeconômico dos alunos respondentes, trazer informações sobre o processo de escolarização na Educação Básica e conhecer como surgiu o interesse pelo curso de graduação e pela instituição de Ensino Superior escolhida. A segunda parte do questionário destinou-se apenas aos estudantes criados ou cuidados por avós e visou a compreender como se dava a relação entre eles e seus avós e qual a contribuição destes no processo de escolarização dos netos.

Entendemos como alunos criados por avós aqueles indivíduos que tiveram esses membros de suas famílias como seus principais responsáveis – ou em compartilhamento dessa responsabilidade – na maior parte da sua infância ou adolescência. Já os cuidados por avós são aqueles discentes que estiveram sob a responsabilidade dos pais, mas que contavam com os cuidados dos avós em determinadas situações.

Inicialmente, neste capítulo apresentaremos um panorama dos estudantes ingressantes na instituição, destacando os aspectos socioeconômicos, escolares e o processo de escolha do curso deste público, sem, contudo, nos aprofundarmos na análise destes achados. Em seguida, buscamos compreender, à luz da teoria, o perfil dos sujeitos participantes que se enquadram nos critérios desta pesquisa de doutoramento, ou seja, os alunos criados ou cuidados por seus avós.

3.1 Os alunos ingressantes na UEMG – Divinópolis no ano de 2020: juventude e chances de êxito no vestibular

Quando estudar se torna para nós um dever ou uma responsabilidade moral, estudamos não apenas pelo proveito que podemos retirar do estudo, mas porque acreditamos em seu valor e isso nos motiva a estudar ainda mais porque estamos convencidos de estar realizando uma ação boa em si, que os tornará melhor pelo fato de a realizarmos
(FREITAS, 2016, p. 328).

Ter oportunidades de longevidade escolar em um país tão desigual é um dos desafios que os indivíduos dos meios populares enfrentam. Motivação de alcançar novos voos, esperança de melhores oportunidades no mercado de trabalho, sentimento de alegria, medo do

desconhecido e estranhamento acerca do que é ser um (a) universitário (a) são apenas alguns sentimentos experienciados por quem chega à universidade. No entanto, para quem vivenciou inúmeros percalços ao longo do processo de escolarização e é proveniente de famílias de baixo capital cultural e econômico, eles são potencializados.

No Brasil, a primeira expansão do número de universidades ocorreu na segunda metade da década de 1960. Neste período, as classes médias em ascensão chegaram a ocupar a maior parcela das cadeiras universitárias (ALMEIDA, 2014), ao passo que as classes menos favorecidas permaneciam ainda à margem da Educação Superior. Em 1988, com a aprovação da atual Constituição Federal, o debate em torno da inserção deste público no Ensino Superior aumentou.

Vargas e Paula (2013) enfatizam alguns pontos da Constituição Federal de 1988 que proporcionaram mudanças na história da educação brasileira, como a incorporação de sujeitos historicamente excluídos da educação superior, destacando-se o Art. 3 sobre a igualdade social, o Art. 216, acerca da democratização e estratégias de permanência escolar e, por fim, o Art. 208, sobre a responsabilidade do Estado de proporcionar chances igualitárias aos cidadãos, valorizando suas capacidades individuais (BRASIL, 1988).

Neste contexto de discussão sobre o acesso à Educação Superior, Almeida (2014) enfatiza que, a partir de 1990, revelou-se uma onda de expansão das universidades que foi fruto da luta de setores de classe média baixa e das camadas populares na onda da democratização do Ensino Superior no Brasil. Segundo Cunha (2000), como uma nova clientela passou a ocupar os espaços universitários, percebeu-se também a composição de diferentes classes sociais na Educação Superior.

É necessário pontuar que a chegada de mais estudantes de camadas populares ao Ensino Superior não tornou o acesso universal, mas configurou-se um cenário de vitórias significativas, principalmente após as políticas públicas implementadas no governo Lula (2003-2011), que possibilitaram o aumento significativo do número de universidades públicas e a multiplicação dos *campi* para diversas regiões do interior (TRAINA-CHACON; CALDERÓN, 2015). Merece destaque também a política de ofertas de bolsas em universidades privadas através do programa PROUNI (Programa Universidade para Todos) e, ainda, a ampliação do FIES (Programa de Financiamento Estudantil), além da política de cotas. Assim, estas políticas convergiam para favorecer o acesso das camadas desfavorecidas ao Ensino Superior.

No caso da instituição lócus desta investigação, a UEMG recebe muitos alunos que ingressaram na universidade pela política de cotas³² e pelo Sisu. Sendo assim, o questionário aplicado aos ingressantes permitiu-nos trazer apontamentos interessantes e que, de certo modo, vão ao encontro de estudos sobre a inserção no Ensino Superior (NOGUEIRA, 2007; GARCIA, 2014; VARGAS; PAULA, 2013; PIOTTO, 2014; ZAGO, 2005): os indivíduos dos meios populares nem sempre têm condições de escolher onde e o que estudar, embora busquem conciliar realização pessoal e chances de êxito no processo de seleção.

O número total de respondentes contemplou 279 estudantes e, em uma primeira leitura dos dados coligidos, foi possível identificar que 80% dos ingressantes na instituição no ano de 2020 são jovens. O público se concentra na faixa etária entre 18 a 21 anos, fazendo-nos inferir a transição direta após a conclusão da Educação Básica para o Ensino Superior. Quanto à jovialidade dos ingressantes, esta pode ser explicada, entre outros fatores, a partir do entendimento de que o Ensino Médio objetivava a preparação para a universidade e que as instituições do ensino básico, principalmente as de âmbito privado, incentivam isso (GARCIA, 2014). Ainda segundo Zago (2005, p. 3), nota-se que “o aumento crescente do desemprego entre os jovens e, de certa forma, o próprio apelo social que relaciona educação como garantia de empregabilidade”, é também um fator que deve ser levado em consideração no que diz respeito ao maior número de jovens no Ensino Superior.

Com relação ao núcleo familiar dos respondentes, dos 279 estudantes, a maior parte declarou que vive em família composta por 2 a 5 pessoas, correspondendo a 92,5% dos sujeitos investigados. Acrescentamos, ainda, que 228 ingressantes (81,4%) indicaram morar com os pais, aproximando-se do que foi levantado por Cardoso (2011, p. 33): “a família tradicional [aquela constituída com pai e mãe legalmente casados e com filhos] persiste e continua existindo, convivendo com outras formas de configurações familiares”. No entanto, na sociedade brasileira atual são encontradas diversas configurações familiares “mas sem perder a essência de família” (WAZLAWICK, 2017, p. 68).

No que diz respeito às condições socioeconômicas dos estudantes ingressantes, levantou-se que 67,5% das famílias têm como renda familiar mensal³³ de 1 a 3 salários mínimos (R\$ 1.045,00 a 3.135,00); 20,7% das famílias possui renda entre 3 e 6 salários

³² A Universidade do Estado de Minas Gerais atendendo ao disposto na Lei Estadual N° 22.570, de 05 de julho de 2017, e à Resolução CONUN/UEMG N° 474, de 27 de novembro de 2020, que dispõem sobre a implementação do Programa de Seleção Socioeconômica de Candidatos – PROCAN para ingresso na universidade, explicita que do total de vagas de cada curso de graduação presencial, 50% (cinquenta por cento) serão destinados ao programa de reserva de vagas. A reserva de vagas será subdividida em seis categorias: pretos e pardos; quilombolas; indígenas; ciganos; renda familiar até 1,5 salário mínimo e pessoas com deficiência.

³³ Tomando como referência o salário mínimo no ano de 2020 no período de aplicação do questionário.

mínimos (R\$3.135,00 a R\$6.270,00); 7,5% disseram que a renda mensal familiar é menor do que um salário mínimo (R\$1.045,00) e outros 3,6% estudantes informaram que o rendimento familiar compreende entre 6 a 9 salários mínimos (R\$ 6.270,00 a R\$ R\$ 9.405,00). Por fim, dois respondentes (0,7%) sinalizaram que a renda familiar é superior a 9 salários mínimos (R\$ 9.405,00).

Esses indicativos mostram que 67,5% dos estudantes respondentes são pertencentes à classe D³⁴. Além disso, um dado nos chamou a atenção: 7,5% dos estudantes universitários desta pesquisa vivem com uma renda mensal menor que um salário mínimo (R\$1.045). Mesmo nessas condições adversas, que marcadamente impactam a longevidade escolar, eles conseguiram chegar ao Ensino Superior público e isso merece ser destacado, pois, como nos lembra Bourdieu (2010), fazendo referência às chances de longevidade escolar no contexto francês, um indivíduo da camada superior tem chances muito mais concretas de entrar na universidade do que o filho de um assalariado agrícola ou o filho de um operário.

Os resultados do questionário respondido por 279 alunos ainda contemplaram informações acerca da escolaridade do pai e da mãe e dos avós. A respeito dos progenitores, os achados revelam que apenas 7,9% dos pais possuem o Ensino Superior completo, enquanto 15,4% das mulheres completaram esse nível educacional, indicando uma instrução mais elevada deste público. Contudo, embora as mulheres desse grupo possuam maior escolaridade em comparação aos homens, 18,6% das mães encontravam-se desempregadas e 3,9% dos pais estavam nessa situação.

A desigualdade vivida pelo sexo feminino no mercado de trabalho não é novidade e continua a ser algo recorrente na sociedade brasileira. Os dados levantados na nossa pesquisa reforçam o estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado no dia 04 de março de 2021, intitulado “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil”, o qual aponta que não há influência educacional na desigualdade:

As menores remunerações e maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho não podem ser atribuídas à educação. Pelo contrário, os dados disponíveis indicam que as mulheres brasileiras são, em média, mais instruídas que os homens. [...] Entre a população com 25 anos ou mais, 37,1% das mulheres não tinham instrução ou possuíam apenas fundamental incompleto. Entre os homens, esse percentual alcança 40,4% (RODRIGUES, 2021, s. p.).

³⁴ De acordo com a metodologia utilizada pelo IBGE (2016), a classe A compreende sujeitos que têm uma renda mensal acima de 20 salários mínimos; a classe B, entre 10 e 20 salários mínimos; a C perpassa entre 4 e 10 salários mínimos, a D compreende de 2 a 4 salários mínimos; e por último, a E, até 2 salários mínimos.

Além disso, outro achado que nos chamou atenção foi em relação à porcentagem de trabalhadores autônomos: foi levantando que 31,2% dos pais dos alunos se enquadram nessa categoria, ao lado de 19,7% das mães. Um grande fator que acentua a escolha pelos trabalhos informais é a alta taxa de desemprego, que se agravou ainda mais com a pandemia do COVID-19. A PNAD Contínua apontou que a taxa média de desemprego no Brasil foi de 14,4% de dezembro a fevereiro de 2020, o que equivale a 14,4 milhões de pessoas desempregadas, o maior contingente desde 2012. Além disso, segundo o IBGE (2021), no 1º Trimestre de 2021 o total de desempregados no país chegou a 14,8 milhões.

Já sobre a escolaridade dos avós, um fato curioso surgiu no nosso estudo: o questionário sinalizava que os estudantes não criados ou cuidados por seus avós estavam dispensados de responder certas perguntas que eram específicas aos estudantes que se encaixavam nessa situação. No entanto, dos 279 universitários, 251 sentiram-se confortáveis em informar a escolaridade dos seus avós, o que nos permitiu saber que 9,2% dos avós dos estudantes são analfabetos (tanto entre os avôs quanto as avós).

Infelizmente, o analfabetismo no Brasil ainda não foi erradicado e é um dos desafios em uma sociedade historicamente marcada pelas desigualdades. Segundo o IBGE (2019), com base nos dados da PNAD – Contínua (2018), mais da metade da população analfabeta do país está na faixa etária acima dos 60 anos, ou seja, cerca de 6 milhões de idosos não sabem ler nem escrever, e esse fato não se deve ao fato de não quererem estudar. Vale ainda pontuar que:

[...] é inegável que o sistema educativo é não só pré-determinado como também subjugado pelo sistema produtivo na sociedade capitalista. Na verdade, a exclusão da velhice da esfera produtiva justifica a sua exclusão, também, do sistema educativo, centrado nas práticas pedagógicas de educação, voltadas exclusivamente ao jovem e à criança. [...] Isso porque a sociedade capitalista estruturou um sistema educacional e produtivo coerente aos seus interesses, relegando os idosos ao esquecimento (PERES, 2011, p. 636-637).

Ao lado do nível de escolaridade dos pais e avós e da renda familiar, o questionário ainda buscou levantar informações a respeito da escolha da instituição de Ensino Superior e do curso de graduação. Em princípio, é importante salientar que a gratuidade do ensino e a localização geográfica são fatores que norteiam essa decisão (PIOTTO, 2007; ZAGO, 2005). Dos 279 estudantes respondentes, 50% classificaram a escolha da graduação associada à oferta do curso no qual desejavam ingressar.

Além do fator disponibilidade do curso ofertado, a qualidade de ensino foi ainda

levantada por 79 ingressantes como um dos motivos para escolha da UEMG – Divinópolis, o que corresponde a 28% dos respondentes. Esse dado nos permite afirmar que, dentre os fatores condicionantes na busca por instituições públicas de Ensino Superior, a “reputação que representa[m] enquanto modelo de excelência na produção e difusão do conhecimento” (ZAGO, 2005, p. 3) deve ser levada em consideração.

Contudo, é relevante pontuar que o desejo pessoal pelo curso nem sempre pode ser sustentado no decorrer da vida universitária (PIOTTO, 2007; ZAGO, 2005), uma vez que os estudantes, principalmente aqueles oriundos dos meios populares, precisam conciliar estudos e mundo do trabalho, levando-os a enfrentar diversos desafios para não evadirem da universidade. Por exemplo, uma pesquisa realizada no ano de 2018 em outra instituição da UEMG (Ibirité), também relacionada à escolha do curso superior, revelou que em cursos considerados de baixo prestígio (licenciaturas), as chances de evasão são significativas, pois o caminho universitário é árduo quando é necessário conciliar estudos e trabalho. Nesse sentido, “se os cursos de licenciatura fossem ofertados em período integral, impossibilitaria o ingresso destes indivíduos no Ensino Superior, não sendo possível a conciliação entre estudos e trabalho” (CARVALHO *et al.*, 2020, p. 10).

Ainda sobre a escolha do curso superior, em segundo lugar a alternativa mais assinalada pelos ingressantes, correspondendo a um percentual de 33%, foi a possibilidade de alcançar melhores condições no mercado de trabalho. Desse modo, é preciso considerar que os indivíduos buscam a obtenção de qualquer diploma superior na busca por ascensão profissional, qualquer que seja a profissão, assim como escolhem graduações que se encaixem dentro de suas particularidades, seja intelectual, de ensino e/ou mercado profissional (NOGUEIRA, 2007).

Cabe ainda ressaltar que o perfil do estudante difere de acordo com a escolha do curso devido à concorrência por vagas nas instituições públicas. A relação candidato/vaga acaba por refletir também nas notas mínimas – as chamadas notas de corte – para ingresso na Educação Superior. Portanto, na “escolha”, vários são os condicionantes que permeiam essa decisão: chance de mobilidade social, personalidade, expectativas com relação ao futuro, chance de aprovação no vestibular etc. – revelando que “as preferências e, em última instância, a própria escolha, são resultado de uma espécie de adaptação dos agentes às condições sociais objetivas” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2010, p. 16).

Estes breves apontamentos sobre o perfil dos respondentes permitiu-nos chegar aos 26 estudantes ingressantes que sinalizaram terem sido criados ou cuidados por seus avós durante a infância e a adolescência, considerando que estes fornecem apoio emocional e também

instrumental à família em situações diversas, como em casos de divórcio, pais com dificuldade de criar os filhos ou com necessidade de trabalharem fora (COELHO; DIAS, 2016). Desse modo, a seção seguinte apresenta quem são estes indivíduos e como os avós atuaram no seu processo de escolarização e na transmissão de saberes e ensinamentos diversos.

3.2 Quem são os estudantes criados ou cuidados por seus avós

Inicialmente, é relevante apresentarmos quem são os 26 estudantes ingressantes na instituição criados ou cuidados por seus avós, considerando aspectos relacionados ao próprio ambiente de socialização e atentando-se “para as características morfológicas do grupo familiar (número de filhos, sexo, idade, lugar da criança na fratria, por exemplo)” (NOGUEIRA, 1998, p. 92). Deste modo, os Quadros 4, 5 e 6 a seguir mostram um panorama sobre quem são estes indivíduos, destacando-se os dados socioeconômicos, o cotidiano escolar e a convivência com os avós, bem como informações acerca do curso de graduação escolhido.

Quadro 4 – Dados socioeconômicos dos estudantes da UEMG – *campus* Divinópolis – ingressantes em 2020 criados por avós

Nº	Idade (anos)	Nº de pessoas com quem reside	Salário Mínimo mensal	Profissão do pai/mãe	Escolaridade do Pai/Mãe
5	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Autônomo/Funcionária de empresa privada	Fundamental Completo/ Médio Completo
43	Mais de 32	De 2 a 5	Menos que 1	Autônomo/Desempregada	Não sei/Não sei
58	De 18 a 21	De 5 a 10	Entre 3 e 6	Funcionário público/Autônoma	Pós-Graduado/ Médio Completo
63	De 22 a 26	De 2 a 5	Entre 6 e 9	Empresário/Funcionária de empresa privada	Superior Completo/Médio Completo
78	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 3 e 6	Funcionário público/Desempregada	Médio Completo/ Médio Incompleto
109	Mais de 32	Apenas eu	Entre 1 e 3	Ambos autônomos	Ambos Fundamental Incompleto
129	De 22 a 26	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Autônomo/Desempregada	Ambos Médio Completo
161	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 3 e 6	Não sei/Funcionária pública	Não sei/ Superior Completo
164	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Funcionário de empresa privada/Funcionária pública	Não sei/Médio Incompleto
206	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Ambos funcionários de empresa privada	Superior Incompleto/Superior Completo
235	De 22 a 26	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Funcionário público/Desempregada	Analfabeto/Analfabeta
243	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Funcionário de empresa privada/Autônoma	Fundamental Completo/Médio Completo
246	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Trabalhador rural/Desempregada	Analfabeto/Fundamental Incompleto
258	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Funcionário de empresa privada/Aposentada	Fundamental Completo/Médio Completo
271	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Funcionário de empresa privada/Autônoma	Médio Completo/Fundamental Incompleto

32	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Não sei/Funcionária de empresa privada	Fundamental Incompleto/Fundamental Completo
60	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Ambos autônomos	Pós-Graduado/Pós-Graduada
71	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Ambos funcionários de empresa privada	Fundamental Incompleto/Superior Completo
77	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Não sei/Desempregada	Não sei/Médio Incompleto
95	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Autônomo/Aposentada	Médio Completo/ Médio Completo
117	De 22 a 26	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Ambos Autônomos	Ambos Fundamental Incompleto
151	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Autônomo/Desempregada	Ambos Médio Incompleto
167	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 3 e 6	Não sei/Funcionária de empresa privada	Médio Incompleto/Superior Completo
197	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Desempregado/Funcionária de empresa privada	Superior Incompleto/Fundamental Incompleto
275	De 18 a 21	De 2 a 5	Entre 1 e 3	Autônomo/Desempregada	Ensino Médio Completo/Pós-Graduada
260	De 22 a 26	De 2 a 5	Entre 3 e 6	Funcionário público/Aposentada	Ensino Superior Completo/Pós-Graduada

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Quadro 5 – Dados sobre o cotidiano familiar dos estudantes da UEMG – *campus* Divinópolis – ingressantes em 2020 e criados por avós

Nº	Hoje vive com:	Viveu na infância:	Responsável na infância	Ficava com os avós enquanto/quando:	Horas com avós	Escolaridade do avô/avó
5	Pais, avós	Pai e/ou Mãe	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Não sei/ Fundamental Incompleto
43	Companheiro(a)	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis saíram de casa	Integral	Ambos Fundamental Incompleto
58	Pais, Avós, Tios	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Fundamental Incompleto/Médio Completo
63	Pais	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis saíram a lazer	Mais de 8 horas	Superior Completo/Médio Completo
78	Pais	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Mais de 8 horas	Não foi criado pelo avô/ Fundamental Incompleto
109	Sozinho (a)	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Mais de 8 horas	Não foi criado pelo avô /Analfabeta
129	Pais e avós	Avó e/ou avô	Minha avó	Em situações diversas	Integral	Não foi criado pelo avô/Fundamental Incompleto
161	Pais	Pai e/ou Mãe	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Mais de 8 horas	Médio Completo/Fundamental Incompleto
164	Pais	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis saíram de casa	Integral	Não foi criado pelo avô/Fundamental Incompleto
206	Pais	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Não sei/Não sei
235	Pais	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Mais de 8 horas	Não sei/Não sei
243	Pais, Irmãos, Avós	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Não foi criado pelo avô /Analfabeta
246	Amigos	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Ambos analfabetos
258	Outros	Pai e/ou Mãe	Minha avó	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Não foi criado pelo avô/Analfabeta
271	Pais	Avó e/ou avô	Minha avó	Principais responsáveis saíram	Integral	Ambos médio completo

				de casa		
32	Pais, Irmãos, Avós	Avó e/ou avô	Meus avós	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Médio Completo/Fundamental Incompleto
60	Sozinho (a)	Avó e/ou avô	Meus avós	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Deixou em branco
71	Pais	Avó e/ou avô	Meus avós	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Fundamental Completo/ Fundamental Incompleto
77	Pais, Irmãos	Pai e/ou Mãe	Meus avós	Responsáveis saíam a lazer	Integral	Não sei/Não sei
95	Avós	Avó e/ou avô	Meus avós	Principais responsáveis saíram de casa	Integral	Ambos Superior Completo
117	Pais	Pai e/ou Mãe	Meus avós	Principais responsáveis trabalhavam	Mais de 8 horas	Ambos fundamental incompleto
151	Amigos	Avó e/ou avô	Meus avós	Avô trabalhava e avó cuidava dele	Integral	Superior Completo/Fundamental Incompleto
167	Pais, Irmãos, Avós	Avó e/ou avô	Meus avós	Principais responsáveis trabalhavam	Integral	Ambos Fundamental Completo
197	Pais	Pai e/ou Mãe	Meus avós	Principais responsáveis trabalhavam	Mais de 8 horas	Ambos Fundamental Incompleto
275	Pais e irmãos	Avó e/ou avô	Meus pais e avós	Situações diversas	Integral	Médio Completo/Pós-Graduada
260	Pais, Irmãos, Avós	Pai e/ou Mãe	Mãe e avó	Principais responsáveis trabalhavam	Entre 6 e 8 horas	Não foi criado pelo avô/ Fundamental Completo

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Quadro 6 – Dados universitários dos estudantes da UEMG – *campus* Divinópolis – ingressantes em 2020 criados por avós

Nº	Curso	Porque entrou no curso superior:	Porque escolheu a UEMG
5	Pedagogia	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Gratuidade do ensino; Qualidade de ensino; Localização geográfica; Oferta do curso desejado; Nota de corte mais baixa
43	Pedagogia	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Gratuidade do ensino
58	Química – Licenciatura	Realização Pessoal	Localização geográfica
63	Pedagogia	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Qualidade de ensino
78	Psicologia	Realização Pessoal	Gratuidade do ensino; Oferta do curso desejado
109	Matemática	Realização Pessoal	Gratuidade do ensino
129	Psicologia	Pressão Social	Localização geográfica
161	Psicologia	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Localização geográfica; Oferta do curso desejado
164	Psicologia	Para aprender uma profissão	Gratuidade do ensino; Qualidade de ensino; Localização geográfica; Oferta do curso desejado; Nota de corte mais baixa
206	Engenharia Civil	Realização Pessoal	Nota de corte mais baixa comparada a outras instituições
235	Engenharia Civil	Realização Pessoal	Gratuidade do ensino
243	Serviço Social	Realização Pessoal	Oferta do curso desejado
246	Jornalismo	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Oferta do curso desejado
258	Fisioterapia	Realização Pessoal	Localização geográfica

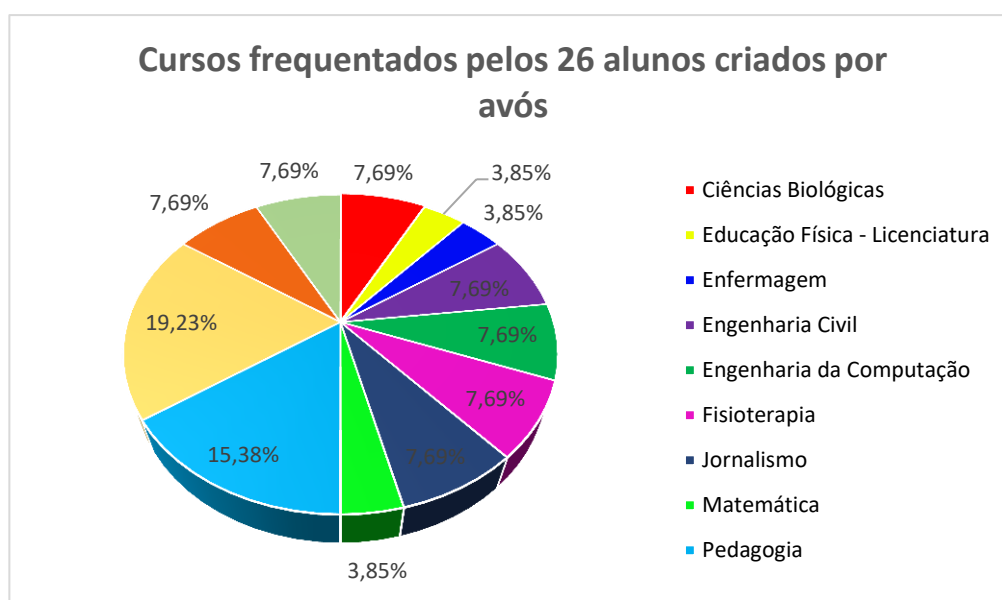
271	Ciências Biológicas	Realização Pessoal	Oferta do curso desejado
32	Pedagogia	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Gratuidade do ensino
60	Química (Licenciatura)	Realização Pessoal	Oferta do curso desejado
71	Engenharia da Computação	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Gratuidade do ensino; Oferta do curso desejado; Nota de corte mais baixa
77	Engenharia da Computação	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Gratuidade do ensino; Localização geográfica; Oferta do curso desejado
95	Enfermagem	Realização Pessoal	Localização geográfica
117	Educação Física (Licenciatura)	Realização Pessoal	Qualidade de ensino
151	Psicologia	Realização Pessoal	Gratuidade do ensino; Oferta do curso desejado; Nota de corte mais baixa
167	Serviço Social	Realização Pessoal	Oferta do curso desejado
197	Ciências Biológicas	Por melhores colocações no mercado de trabalho	Localização geográfica; Oferta do curso desejado
275	Jornalismo	Para aprender uma profissão	Oferta do curso desejado; Nota de corte mais baixa.
260	Fisioterapia	Realização Pessoal	Gratuidade do ensino; Qualidade de ensino; Oferta do curso desejado

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

3.2.1 Perfil socioeconômico e ingresso no Ensino Superior dos estudantes criados ou cuidados pelos avós

Neste item vamos apresentar o perfil dos 26 estudantes cuidados pelos avós que ingressaram em diferentes cursos da UEMG – Divinópolis em 2020 e que responderam ao questionário. Os dados nos mostraram que se trata de um grupo predominantemente formado por mulheres. Do total de 26 estudantes, 19 são do sexo feminino (73%) e sete do sexo masculino (27%). O Gráfico 4 mostra que, dos 17 cursos ofertados pela instituição, estes universitários estão presentes em dez deles.

Gráfico 4 – Cursos frequentados pelos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



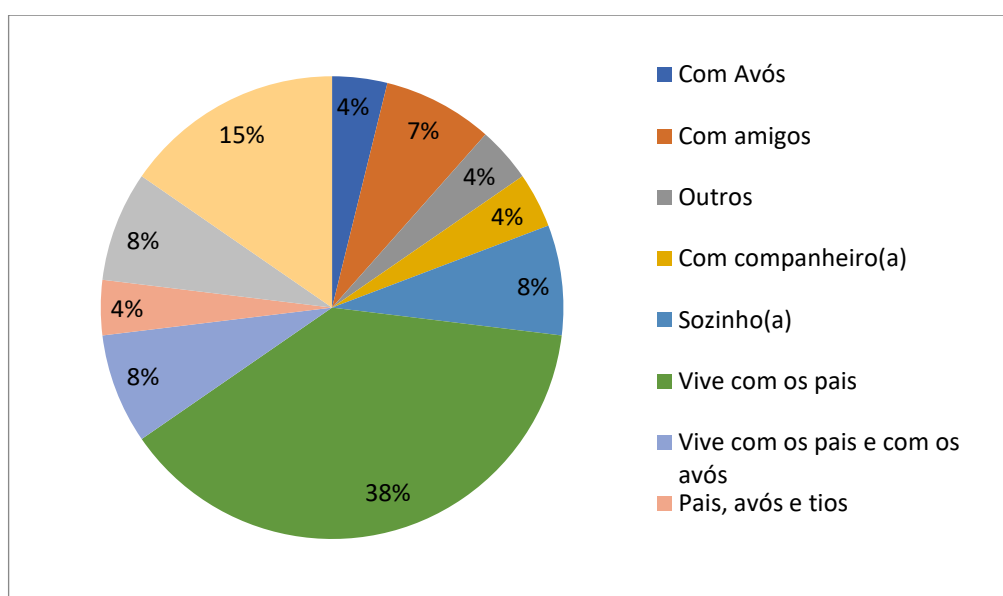
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Os cursos de Psicologia e Pedagogia se destacam entre os que mais receberam estudantes criados ou cuidados por seus avós, respectivamente 19,23% e 15,38%. Os cursos de Jornalismo, Engenharia da Computação, Engenharia Civil, Ciências Biológicas, Serviço Social e Química ocupam igualmente 7,69%. Vale ainda destacar que 3,85% dos respondentes estão distribuídos nos cursos de Educação Física, Enfermagem e Matemática. No que concerne à idade dos participantes da pesquisa, observamos que se trata de um público jovem: 73% dos respondentes no ano de 2020 estavam na faixa etária entre 18 a 21

anos, mostrando que o ingresso no Ensino Superior não aconteceu tardiamente após a conclusão da Educação Básica.

O questionário também buscou levantar informações acerca do núcleo familiar dos estudantes cuidados ou criados pelos avós. Seguindo a tendência dos demais estudantes que responderam ao questionário, a maior parte dos 26 selecionados declarou que vive em família composta por 2 a 5 pessoas, correspondendo a 92% dos sujeitos investigados; um estudante declarou residir sozinho e outro em um núcleo familiar composto entre 5 e 10 indivíduos. Ainda sobre a configuração familiar atual, um respondente afirmou morar ainda com os avós; dois com amigos; um outro assinalou morar com outros; um reside com companheiro; dois indivíduos disseram morar sozinhos; dez vivem com os pais; dois com pais e avós; um respondente vive atualmente com pais, avós e tios; dois deles com pais e irmãos, e quatro vivem pais, irmãos e avós, conforme o Gráfico 5

Gráfico 5 – Pessoas que convivem atualmente com os 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



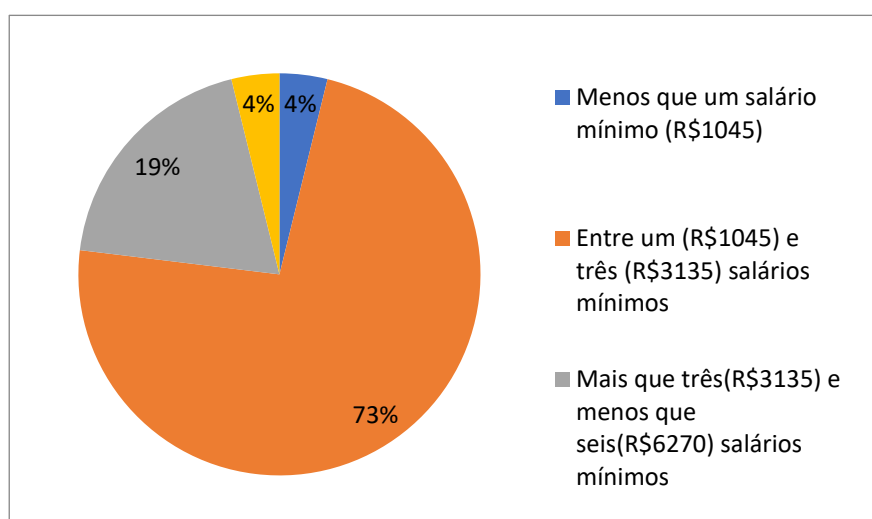
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Como já discutido neste trabalho, no Capítulo 2, a família tradicional ainda permanece como configuração familiar atual de recorrência significativa, assim como observado nesta pesquisa, embora outros arranjos familiares possam ser percebidos. Entretanto, segundo apontou Neto (2017), o clássico padrão de família formado por pai-mãe-filhos vem cedendo espaço a novos perfis que estão se configurando nos lares brasileiros: a

avó que mora com os filhos e os netos, o padrasto que também é pai, a mãe que cria sozinha os filhos e casais que optaram por não ter filhos são alguns exemplos de novos arranjos.

Com relação às condições econômicas dos estudantes investigados, verificamos que 73,07% das famílias têm como renda familiar mensal um a três salários mínimos (R\$ 1.045,00 a R\$ 3.135,00), o que corresponde a 19 das 26 famílias dos ingressantes que foram criados ou cuidados por avós. Em seguida, 19,23% das famílias possui renda entre mais que três e seis salários mínimos, respectivamente (R\$ 3.135,00 e R\$ 6.270,00). Já um respondente (3,85%) alegou que a renda do núcleo familiar é menor que um salário mínimo (R\$1.045) e outro informou que a família tem rendimento na faixa de mais que seis a nove salários mínimos (R\$ 6.270,00 a R\$ R\$ 9.405). Isso evidencia que a maior parte dos estudantes ingressantes que foram criados ou cuidados por seus avós são pertencentes à classe D (IBGE, 2016).

Gráfico 6 – Renda Mensal Familiar dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Chamou-nos a atenção o fato de que um respondente informou que o núcleo familiar tem renda mensal inferior a um salário mínimo. Alguns elementos como idade (possui mais de 32 anos), motivo de escolha da instituição de Ensino Superior (gratuidade do ensino) e do curso (melhor colocação no mercado de trabalho) levam-nos a inferir outros condicionantes que não estão evidentes nas respostas dadas pelo(a) estudante. A escolha do curso de Pedagogia e de outras licenciaturas, por exemplo, demonstra pode estar atrelada às chances de

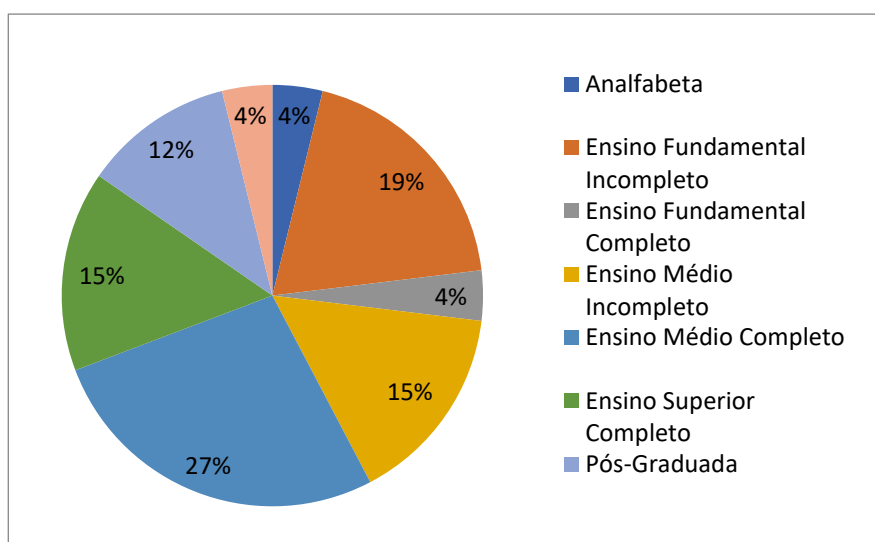
ingresso na universidade, tendo em vista que se trata de uma graduação em que a nota de corte é menor, se comparada à de outras graduações.

A pesquisa de Carvalho *et al.* (2020, p. 14) a respeito dos estudantes de licenciatura de outra unidade acadêmica da UEMG revelou que “os próprios estudantes de licenciatura pertencentes aos meios populares não acreditavam ser possível chegar à universidade”. Além disso, as motivações de natureza social e econômica aparecem como fatores que não atraem os indivíduos para a docência, ou seja, as pessoas pensam em seguir a carreira de professor não porque esta é uma profissão valorizada simbólica e financeiramente (TARTUCE *et al.*, 2010).

Conforme já discutido no Capítulo 1, o próprio nível de escolaridade familiar impacta nas escolhas na busca pela longevidade escolar, isto é, os indivíduos tendem a refletir o que seria ou não possível de ser alcançado, considerando a bagagem cultural da família. As famílias, por outro lado, realizam os investimentos educativos que transmitem para a criança vinculando ao retorno provável que se pode obter com o título escolar (BODART, 2010).

Analisando a escolaridade dos pais dos estudantes participantes da pesquisa, observamos que ela predominante é baixa (GRAF. 7):

Gráfico 7 – Escolaridade dos pais dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



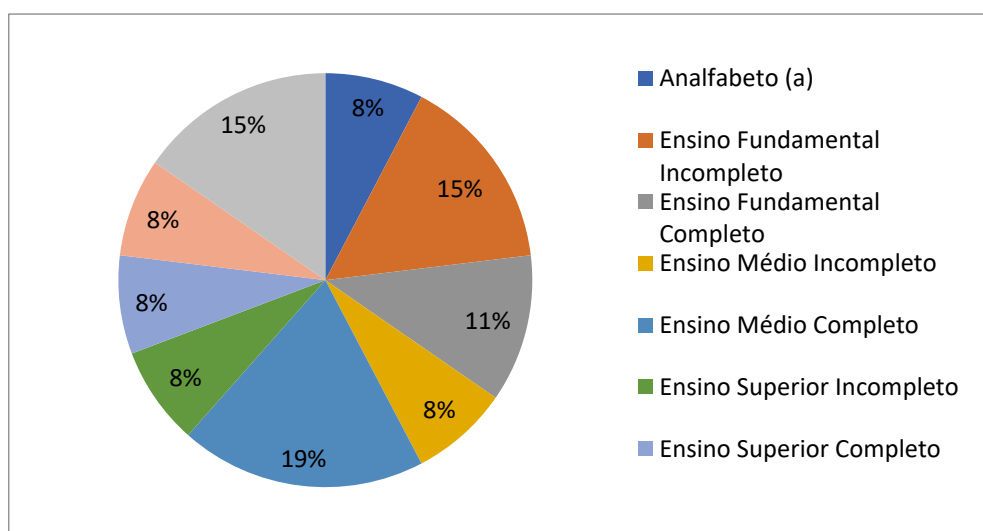
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Como podemos observar, 27% dos universitários afirmaram que o pai cursou ensino médio completo, 19% relataram que os pais têm o ensino Fundamental Incompleto, 15% dos universitários disseram que o pai tem o Ensino Fundamental Incompleto e igualmente outros

15% relataram que os pais têm Ensino Médio completo. Por outro lado, 12% disseram que os pais possuem Pós-Graduação. Vale ainda destacar que pais com Ensino Fundamental completo, analfabetos ou nos casos em que declararam não saber a escolaridade dos pais ocupam igualmente 4% cada das respostas obtidas.

Em se tratando da escolaridade das mães, identificamos que elas possuem maior escolarização. Quando comparados o Ensino Médio e Superior completo dos dois gêneros, podemos notar que a porcentagem feminina é maior que a da masculina, comprovando os dados levantados pelo estudo do IBGE, “Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil”, no ano de 2018: “diversos indicadores confirmam essa tendência geral de aumento da escolaridade das mulheres em relação aos homens, apesar de a estrutura ocupacional de homens e mulheres permanecer bastante desigual” (IBGE, 2018, p. 5). Assim, mesmo com uma taxa de escolarização mais elevada, as mulheres ainda continuam a ter maior desemprego que homens menos escolarizados. O Gráfico 8 apresenta o nível de escolaridade das mães:

Gráfico 8 – Escolaridade das mães dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

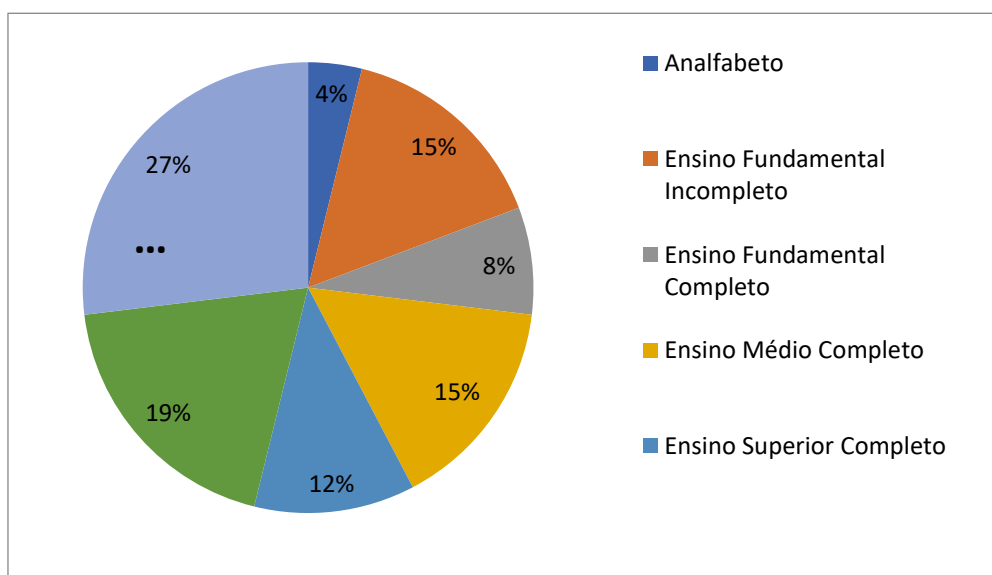
Apesar de a pesquisa ter revelado que as mães são mais instruídas, quando observamos os ensinos de cada etapa “incompletos”, as porcentagens ocupadas pelas mulheres são a maioria. A realidade social consegue explicar os motivos que condicionam esses dados, como,

por exemplo, a dupla jornada de trabalho que inviabiliza, muitas vezes, que as mulheres deem prosseguimento aos estudos para cuidar do lar e dos filhos. Também merece ser considerado que a exaustão física e mental dessa dupla jornada é um elemento que impacta as mulheres no que diz respeito à longevidade escolar.

Observados os níveis de escolaridade dos pais e mães dos estudantes universitários que responderam ao questionário, inclusive considerando que há indivíduos analfabetos, a baixa escolarização familiar não foi um impeditivo para que os filhos chegassem à universidade pública. Como 20 dos 26 estudantes criados ou cuidados por avós são pertencentes às camadas populares, é importante considerar que a longevidade escolar desse grupo é um fenômeno de natureza multifatorial e interdependente, assim como afirmam Oliveira e Nogueira: “isso significa que não podemos entender a longevidade escolar em grupos populares sem analisar as diversas instâncias e dimensões que configuram as dinâmicas das relações escolares, familiares e sociais desses estudantes” (OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2019, p. 10).

Como os 26 estudantes sinalizaram ter sido criados ou cuidados pelos seus avós durante a infância e juventude e, desse modo, os mais velhos tiveram certamente um papel preponderante na educação formal e não formal destes universitários, apresentamos ainda o nível de escolaridades destes avós, começando pela instrução dos avós, conforme o Gráfico 9, a seguir:

Gráfico 9 – Escolaridade dos avós dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020

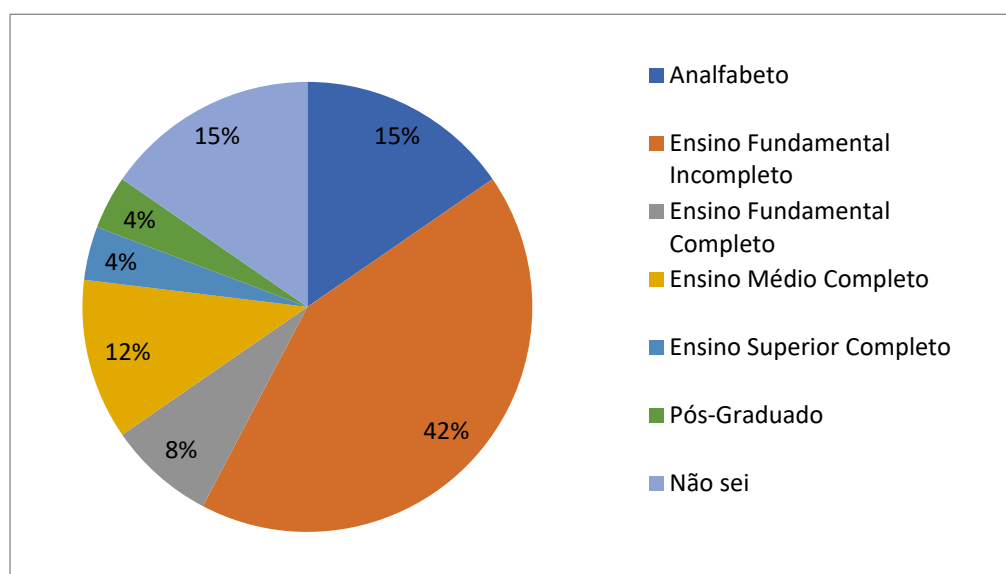


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

O Gráfico sinaliza que 4% dos estudantes informaram que o avô é analfabeto; 8%, que tem o Ensino Fundamental completo, 12%, que a avó completou o Ensino Superior, 15% dos estudantes responderam que o avô tem Ensino Médio, acrescido do mesmo quantitativo de avôs com Ensino Fundamental incompleto, 19% dos universitários não souberam informar a escolaridade, e a maior porcentagem (27%) afirmou não foi criada ou cuidada pelo avô.

Já em relação ao nível de instrução das avós, um fato nos chamou atenção: elas têm um índice de analfabetismo superior ao dos avôs. Como já mencionamos no que diz respeito à escolaridade dos pais destes universitários, em que percebemos um índice maior de mulheres que evadiram da escola (níveis de ensino incompletos) em comparação ao dos homens, corroboramos a ideia de que o público feminino, principalmente no século passado, absteve-se de continuar os estudos para priorizar o lar, os filhos e o trabalho. O Gráfico 10, a seguir, mostra o nível de instrução das avós.

Gráfico 10 – Escolaridade das avós dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

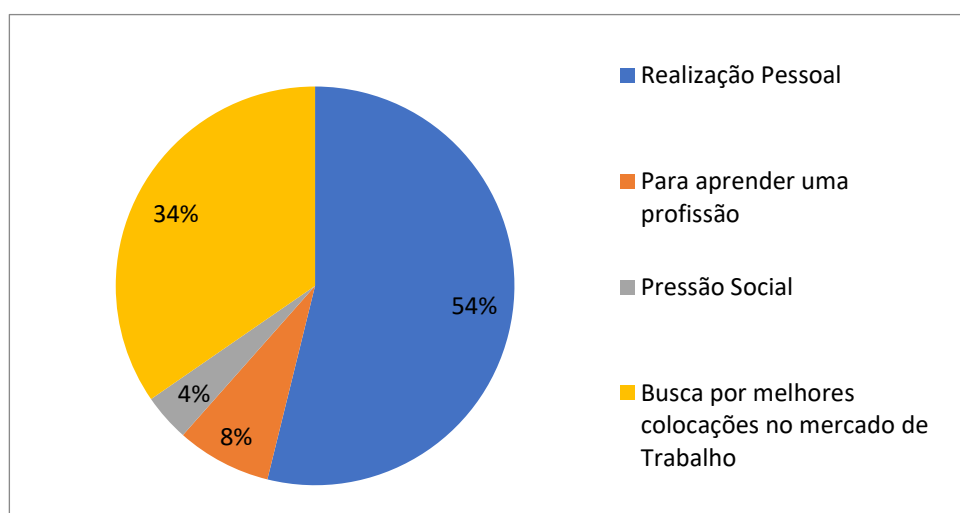
Em comparação ao nível de instrução dos avôs, é perceptível que as avós ascenderam em menor número ao Ensino Superior, o que é diretamente relacionado ao contexto histórico e social brasileiro nas décadas passadas. A longevidade escolar não era uma realidade possível para a maioria das mulheres brasileiras, e a escola, para muitas delas, não era vista como um espaço de desenvolvimento de seu intelecto e busca por uma formação profissional. Araújo (2005, p. 49) nos lembra de que só a partir da década de 1960, “sob a égide do

feminismo, [é] que a luta das mulheres ganha visibilidade e se fortalece como um movimento social responsável por mudanças radicais nos valores, nos costumes, nas relações de trabalho e na família”, o que impactou a busca pela escolarização das mulheres.

Após apresentar essas reflexões sobre o perfil socioeconômico dos estudantes cuidados ou criados pelos avós ingressantes na UEMG – Divinópolis no ano de 2020, julgamos relevante entender aspectos relacionados ao processo de escolha do curso superior e os motivos de escolha da referida instituição de Ensino Superior. Percebemos, ao construir os dados a partir do questionário *on-line* aplicado, que estes estudantes, em sua maioria oriundos dos meios populares e com famílias cujo nível de escolaridade não pode ser considerado baixo ou médio, chegaram à universidade pública ainda jovens e que, devido às condições econômicas e culturais familiares, entrariam, possivelmente, os casos “estatisticamente improváveis”.

Conforme já discutido no Capítulo 1, a literatura tem apontado a escolha do curso superior não como uma mera “vontade” do indivíduo (GATTI; BARRETO, 2009; NOGUEIRA, 2004, 2007, 2013; ZAGO, 2005); este processo está permeado de fatores sociais, culturais, econômicos, chances de aprovação, afinidade pela profissão, proximidade do local de residência do candidato em relação à instituição de Ensino Superior, entre outros. Desse modo, o questionário contemplou, ainda, as motivações dos estudantes criados ou cuidados por seus avós no que tange à escolha do curso superior, como indica o Gráfico 11:

Gráfico 11 – Motivos de escolha do curso superior pelos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Nessa questão, os estudantes poderiam assinalar mais de uma opção ao responder o questionário, até mesmo porque “o ingresso no Ensino Superior deve considerar trajetórias escolares e pessoais dos sujeitos, e não ser entendido como uma decisão aleatória” (CARVALHO; VIEIRA, 2018, p. 4). No entanto, é prudente que não cometamos aquilo que Bourdieu denomina de “ilusão biográfica”:

Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra [...] evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado (BOURDIEU, 1996, p. 190).

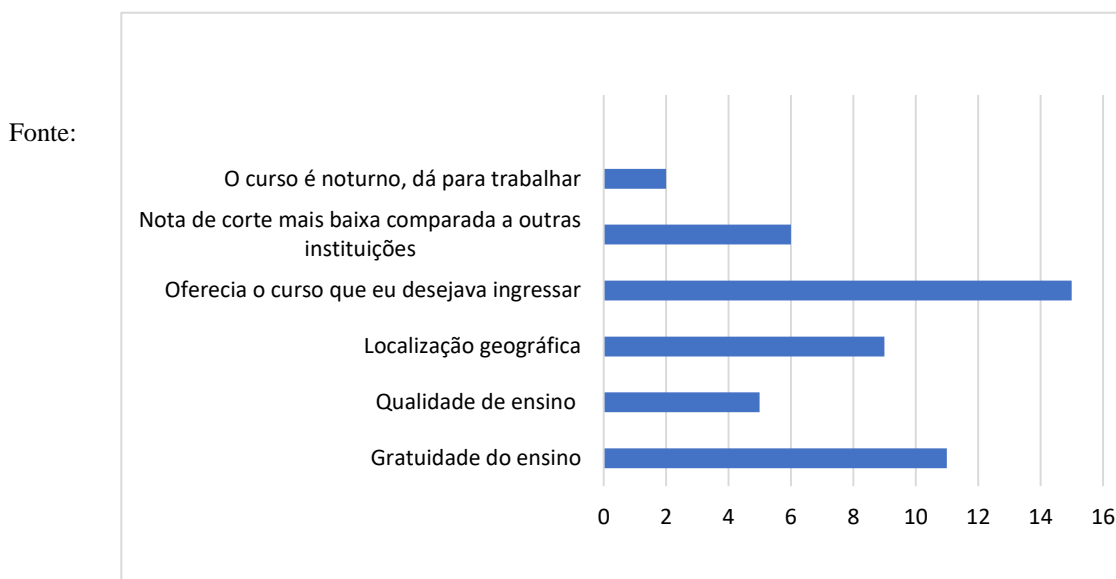
Isso nos remete a pensar que o ingresso no Ensino Superior, principalmente para os estudantes que são provenientes dos meios populares, seria a chance de buscar certa ascensão pessoal e profissional, partindo do pressuposto que chegar à universidade e conquistar um diploma é, para muitos, a possibilidade de melhoria de vida.

Os achados sinalizam que mais da metade dos respondentes atrela a decisão em cursar determinada graduação à realização pessoal, seguido de um quantitativo expressivo que busca por melhores colocações no mercado de trabalho. No entanto, ponderamos que os estudantes ingressantes são jovens, em sua maioria entre 18 e 21 anos, e pode ser que, ao longo da graduação, a realização pessoal ceda lugar a outros fatores que os levem a interromper e/ou trocar de curso, como revela o Educa Mais Brasil (2018) em conformidade com os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep), com base no Censo de Educação Superior, que considerou a vida universitária entre os anos de 2010 e 2015. Embora a interrupção e/ou troca de curso sejam mais significativas entre estudantes da rede privada, é necessário ponderarmos que “entre os motivos de desistência apontadas por especialistas estão a mudança de universidade, não identificação com o curso, dificuldades financeiras ou até mesmo pela necessidade de mudar de turno” (EDUCA MAIS BRASIL, 2018, s. p.).

Como os desafios financeiros estão na ordem do dia de um número expressivo de brasileiros, principalmente aqueles dos meios populares, como é o caso dos 26 estudantes criados ou cuidados por avós que ingressaram na UEMG, julgamos ainda pertinente entender

os motivos que os levaram a escolher esta instituição para a realização da graduação, como mostra o Gráfico 12:

Gráfico 12 – Motivos de escolha da instituição de Ensino Superior pelos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Os dados coligidos nos mostram, mais uma vez, que a oferta do curso desejada pelo estudante despontou como o motivo preponderante na escolha da instituição de Ensino Superior. No entanto, a gratuidade do ensino aparece logo em seguida, reforçando a discussão de que nem sempre os indivíduos das camadas populares podem tomar decisões de onde e o que estudar. Salientamos, ainda, que a nota de corte mais baixa comparada a outras universidades também foi sinalizada pelos ingressantes como um dos motivos para escolha da UEMG – Divinópolis (6 casos). Podemos atrelar, inclusive, que essa questão foi levada em conta pelos estudantes a partir de suas trajetórias escolares pregressas. Sobre essa questão, o estudo de Costa e Cunha (2007), realizado com estudantes pobres ingressantes na UFBA, no primeiro semestre de 2005, mostrou que esses sujeitos vivenciaram inúmeros desafios para chegar à universidade e destacou o esforço pessoal como superação para adentrar o Ensino Superior. Nesse aspecto, considerando o percurso árduo e as chances de aprovação, é compreensível que a nota de corte mais baixa no vestibular seja um elemento condicionante em suas escolhas de onde cursar uma graduação.

Destacados os dados acerca do perfil socioeconômico e a escolha do curso e da instituição de Ensino Superior pelos estudantes, buscamos agora entender se os avós dos 26

universitários possibilitaram que seus netos tivessem participado de cursos preparatórios para vestibulares/Enem, auxiliando-os financeiramente. A investigação mostrou que a 46% dos discentes (12 alunos) não foi ofertada essa oportunidade; 39% (dez alunos) afirmaram que seus avós oferecem esse auxílio; e outros 15% (quatro alunos) tiveram esse apoio de forma parcial.

Considerando que grande parte das famílias não tinha um capital econômico favorável, é compreensível que quase metade dos estudantes investigados não tivesse esse apoio financeiro de seus avós. No entanto, isso não significa que os mais velhos não apoiavam os mais novos na questão da longevidade escolar (LAHIRE, 1997). Nesse ínterim, cabe ressaltar, conforme já discutido no Capítulo 1, que as famílias operam a partir de lógicas socializadoras distintas, práticas, formas de organização, regras e modos de socialização que permitam auxiliar a prole no processo de escolarização (THIN, 2006). Nesse sentido, a seção a seguir busca entender como os avós contribuíram para a educação formal e não formal dos netos universitários desta pesquisa.

3.2.2 A coeducação nas relações intergeracionais entre avós e netos

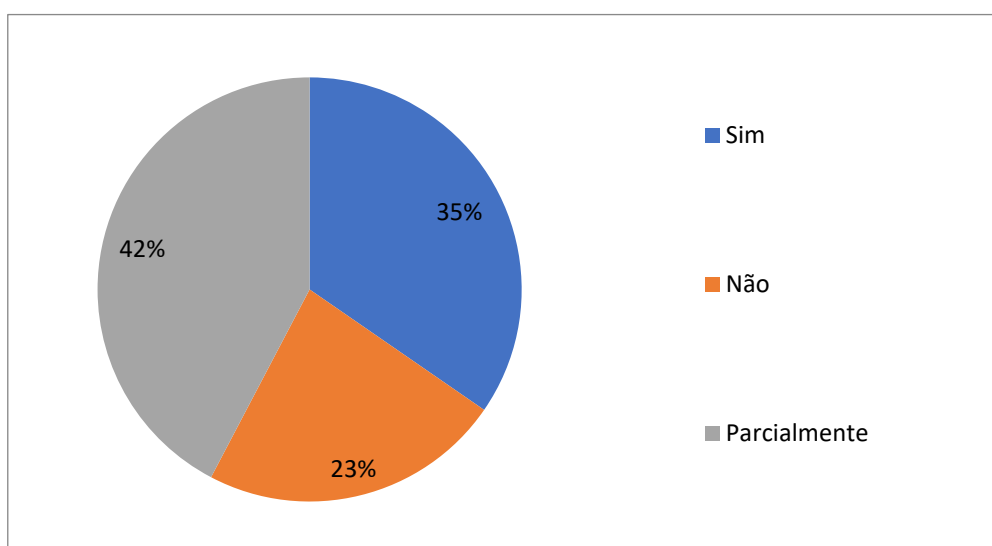
Quando os netos se tornam adolescentes ou adultos, nada, em sua história anterior, pesa nas relações que mantêm com seus avós. Estes últimos encontram, na afeição que os netos lhes manifestam, uma desforra contra a geração intermediária; sentem-se rejuvenescer ao contato da juventude
(BEAUVOIR, 2018, p. 494).

Como mostra o excerto de Beauvoir (2018) citado acima, a relação entre avós e netos traz ganhos para as duas gerações. No entanto, tal relação muda de acordo com as necessidades e disponibilidade de cada agente envolvido, ou seja, a participação dos avós na vida dos netos pode ser de diferentes formas e graus de intensidade. Coelho e Dias (2016) tratam sobre o cuidado dos netos por parte dos avós, caracterizando-os da seguinte forma: a) cuidadores primários, quando assumem a criação integral dos netos; b) cuidadores secundários, quando cuidam dos netos devido a uma ausência temporária dos pais; c) cuidadores terciários, quando são chamados para ajudar em uma tarefa específica. Ainda segundo as autoras, tem-se ampliado o número de residências em que se verifica a ocorrência do auxílio dos avós, ou até mesmo da moradia das diferentes gerações na mesma residência.

Nosso estudo identificou que 65% dos respondentes criados ou cuidados pelos avós ficavam sob a responsabilidade destes para os pais trabalharem. Cabe então ressaltar que

essa convivência entre as gerações de netos e avós contribui para inúmeras oportunidades de aprendizado (COUTRIM; SILVA, 2019). Então, buscando conhecer melhor a coeducação nas relações intergeracionais discutida pelos autores trazidos nesta tese, uma das questões do questionário aplicado aos estudantes participantes da pesquisa buscou entender se os avós auxiliavam os netos nos deveres de casa. O Gráfico 13, a seguir, mostra que estes avós, apesar do nível de instrução não elevado, contribuíram com as atividades escolares.

Gráfico 13 – Auxílio dos avós nos deveres de casa dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Como podemos perceber, 35% (nove) desses alunos afirmaram que seus avós lhes auxiliavam, 42% (11) disseram ter um apoio parcial de seus cuidadores para tais tarefas e 23% (seis) não contavam com os avós para essas atividades. Esses dados mostram a influência dos mais velhos nas trajetórias escolares dos mais novos. Como demonstra Almeida (2011), muitas vezes os avós passam a ocupar o lugar dos pais, auxiliando os netos em atividades escolares. Por outro lado, como pontua Cardoso (2011), alguns desses avós têm consciência das divisões de tarefas entre eles e os pais quando o assunto é o cuidado com as crianças e, por isso, optam por não colaborar com os deveres de casa, já que essa tarefa é entendida como não sendo de responsabilidade dos avós.

Cabe ainda dizer que, quando não se sentem aptos a apoiar os netos nos deveres de casa – sendo um dos motivos dessa inaptidão a própria baixa escolaridade –, acabam por buscar apoio de outros familiares ou amigos (COUTRIM *et al.*, 2018, 2007). Isso nos

remete a inferir que, possivelmente, os cuidadores que davam apoio aos alunos abrangidos nessa investigação o faziam por não haver outro responsável no domicílio ao qual ele pudesse recorrer. Já os que não ofereciam esse auxílio ou o ofereciam de forma parcial, estes certamente encontravam maneiras de apoiar seus netos nesse quesito, mesmo que buscando a contribuição de outras pessoas.

Ainda no que diz respeito às atividades escolares, os 26 respondentes foram indagados sobre a cobrança, por parte dos avós, de boas notas na escola. Uma parte significativa dos ingressantes (62%, isto é, 16 alunos) informou que seus avós cobravam bom desempenho escolar, seguidos de 19% (cinco alunos) que sinalizaram serem cobrados parcialmente e de outros também 19% que não recebiam essa cobrança. Esses dados revelam que a exigência dos avós quanto a boas notas na escola pode, inclusive, influenciar na maior dedicação dos netos nas tarefas escolares e aprendizados úteis além do processo formativo escolar. A esse respeito, Dias e Brito (2003), ao realizarem uma pesquisa com jovens universitários com o intuito de entender a percepção desses em relação aos seus avós, revelam que os avós são vistos como conselheiros influentes na formação pessoal e exemplos a serem seguidos.

Da mesma forma, Silva (2012), em uma pesquisa realizada com crianças entre oito e nove anos, professores, pais e avós de Açores, em Portugal, mostra ainda que os pequenos não questionam a autoridade dos avós, o que possivelmente surte efeito quando estes últimos cobram por boas notas na escola. Em seu estudo, a autora relembra sobre as dificuldades que os avós encontram para auxiliarem seus netos em tarefas escolares, e ressalta também as novas tecnologias e aparelhos eletrônicos como outros elementos desafiadores para esse auxílio. Portanto, em meio a tais obstáculos, a cobrança por bons resultados pode ser considerada como uma das formas com que os avós contribuem para a escolarização e a longevidade escolar dos netos.

Diante disso, buscamos entender se eles incentivavam constantemente os estudos destas crianças/jovens. Os resultados revelam que 77% dos alunos (20) receberam esse incentivo dos avós; outros 11,5% (3 discentes) assinalaram ter esse incentivo de forma parcial; seguidos de também 11,5% que não contaram com esse estímulo ao longo do processo de escolarização. Esses achados se aproximam de outras investigações realizadas por autores já trazidos no Capítulo 2, que mostram a valorização da escolarização pelos mais velhos (COUTRIM *et al.*, 2007).

A esse respeito, Almeida (2011) relata os resultados do projeto que desenvolveu com alunos do segundo ano do Ensino Fundamental de uma determinada escola de Ponta Grossa,

Paraná, mostrando que as avós participantes do estudo valorizam e incentivam a educação formal dos netos. Em contrapartida, segundo a autora, os alunos se demonstraram afetuosos e abertos a ouvir às avós, indicando que nas relações familiares onde o afeto está presente³⁵ há um efeito significativo no processo de escolarização dos mais novos. Portanto, essa proximidade entre avós e netos gera uma forte ligação nos laços cotidianos:

Tal apoio afetivo e estrutural oferece à criança maior segurança nas atividades escolares, porém, nem sempre garante o bom desempenho escolar. O baixo capital cultural dessas famílias dificulta a aquisição dos conhecimentos exigidos pelas instituições formais de educação e saúde. Contudo, todo o ensinamento considerado prático, relevante para as questões do cotidiano, reflete-se no processo de aprendizagem, pois, a relação de afetividade, companheirismo e segurança facilita a construção de uma base sólida e profícua para a aprendizagem, ajudando à criança a ter melhor desempenho escolar (COUTRIM *et al.*, 2018, p. 8).

Ainda em relação ao apoio afetivo e estrutural, Silva (2012) ressalva que o trabalho dos avós se assemelha ao dos pais, em relação ao afeto. Não menos importante, as crianças criadas pelos avós costumam ter bom desempenho escolar, já que os avós tendem a valorizar a educação e procuram, da melhor forma possível, estarem presentes na vida escolar dos netos, mesmo que a visão dos avós como responsáveis pela família e pela educação dos netos seja um fenômeno recente (SCREMIN; BOTTOLI, 2016).

Vale ainda destacar que a cobrança por boas notas na escola e o incentivo na escolarização dos netos estão entrelaçados a um possível auxílio financeiro por parte dos avós, conforme já discutido no Capítulo 2. Pensando nisso, os 26 participantes foram questionados se os avós lhes auxiliavam financeiramente para a aquisição de material escolar, uniformes e roupas, lanches, pagamento de transporte (quando necessário), contribuições para excursões e demais atividades extraclases, como professores particulares etc. Levantamos que 58% (15 alunos) disseram ter contado com esse auxílio de seus avós, bem como outros 23% (seis estudantes) assinalaram ter tido tal apoio, mesmo que de forma parcial, apenas cinco ingressantes (19%) não obtiveram esse apoio financeiro dos seus avós.

Com base nesses dados e aproximando-se dos estudos de Coutrim *et al.* (2018) nos casos em que os pais são ausentes, sendo os avós os principais responsáveis pelos pequenos, como é o caso dos estudantes aqui investigados, esses cuidadores passaram a assumir o

³⁵ Coutrim *et al.* (2012, p. 6) destacam que o “relacionamento familiar entre avós e netos sempre é carregado de muita afetividade”.

papel de segurança econômica para seus netos. Mainetti e Wanderbrooke (2013) ressaltam que, no caso das famílias de camada populares, as avós que tomam para si a responsabilidade em relação aos seus netos acabam por mobilizar esforços para conseguir cobrir as despesas da casa.

Além disso, essas autoras revelam que algumas dessas avós continuam ou voltam a trabalhar fora, dependendo, inclusive, de outros familiares para auxiliar no cuidado com as crianças. Essa realidade pode se aproximar do fato de que cinco estudantes disseram não receber nenhum apoio financeiro de seus avós. Contudo, as dificuldades financeiras enfrentadas não implicam na pouca valorização dos avós no que tange à educação formal dos netos. Pelo contrário, Coutrim *et al.* pontuam que, além da valorização dos estudos as famílias de baixa renda, “investem na educação de seus filhos e netos, pois a escolarização é vista como o principal meio de ascensão social” (COUTRIM *et al.*, 2012, p. 7).

Nesse aspecto, buscamos também entender se os avós incentivavam e/ou inscreviam os estudantes universitários investigados em cursos extracurriculares, considerando que uma das formas de investir na educação é possibilitar ou incentivar a participação dos netos em atividades de formação extraescolar, já que estes cursos expandem o conhecimento dos estudantes e agregam capital cultural. Os resultados apresentam que 42% (11 alunos) disseram contar com esse tipo de incentivo/apoio financeiro por parte dos avós; 50% (13 universitários) não foram incentivados e 8% (dois graduandos) pontuaram ter recebido esse apoio/incentivo. Esses dados coligidos nos fazem inferir que, assim como a grande maioria das famílias de camadas populares, de um lado há uma valorização da escolarização e, de outro, as dificuldades financeiras dificultam aos avós oferecerem oportunidades extracurriculares de estudos aos mais novos.

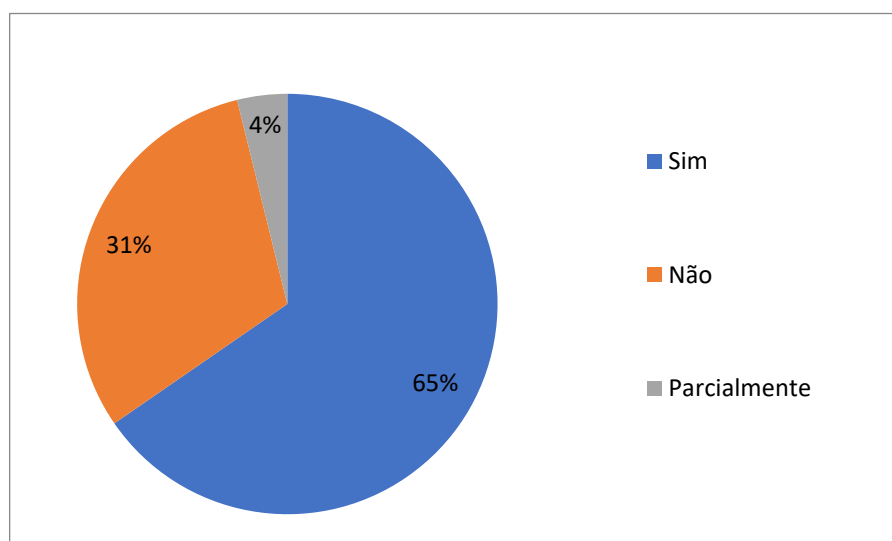
No entanto, vale lembrar que, mesmo com a impossibilidade de pagar cursos extracurriculares, há outras formas de incentivar a escolarização dos mais jovens. Assim, levantamos se os avós incentivavam os netos a ler (presenteavam com livros, levavam em eventos literários). Como resultado, observou-se que 50% (13 alunos) afirmam que seus avós incentivavam a leitura, outros 27% (sete) não contavam com esse tipo de incentivo e outros 23% (seis) foram incentivados parcialmente.

Esses dados podem ser entendidos tanto pelas dificuldades na escolarização dos avós (SILVA, 2012) (pois apenas 15% das avós chegaram ao Ensino Médio completo, ao lado de 12% dos avós no mesmo nível de instrução, 15% das avós analfabetas e outros 4% dos avós também analfabetos), quanto a partir dos desafios financeiros por eles vividos (COUTRIM *et al.*, 2012), já que 20 dos 26 estudantes são considerados oriundos dos meios populares, o

que não permitiu, de certo modo, que os mais velhos pudessem ajuda-los de alguma forma na aquisição de um capital escolar elevado. Nesse aspecto, levando em conta esses fatores, é justificável que, dos 26 avós, sete não incentivavam seus netos a lerem e, também, metade dos universitários não foram incentivados a participar de cursos extracurriculares, como já sinalizamos.

Desta sorte, a renda familiar desfavorável da maioria dos avós desta pesquisa e uma escolaridade não longa, não foram elementos que impediram o acompanhamento sistemático dos netos ao longo do processo de escolarização, inclusive no que se refere ao comparecimento destes nas reuniões escolares dos netos por eles criados ou cuidados. Assim como outros autores trazidos no Capítulo 2, Coutrim *et al.* (2007) pontuaram que, na ausência dos pais, os avós se mostram presentes em compromissos relacionados à escola, observando de perto a vida escolar dos pequenos. Por outro lado, é importante ponderar que os avós responsáveis por seus netos podem ser trabalhadores ativos, formais ou não, o que dificulta a presença em tais compromissos. Nesse aspecto, buscamos entender a participação dos avós nesses compromissos escolares, como mostra o Gráfico 14, abaixo.

Gráfico 14 – Comparecimento dos avós participantes da pesquisa em reuniões escolares dos 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados por eles



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Como os dados mostram, 65%, (17 alunos) afirmaram que seus avós compareciam nestas reuniões, outros, 31% (oito discentes) sinalizaram que seus avós não participavam

deste compromisso e 4% (um aluno) informaram que seus cuidadores tinham menor frequência em tais eventos. Esses dados nos fazem inferir (para além da possibilidade de alguns avós ainda estarem no mercado de trabalho, o que justifica a não participação nas reuniões escolares dos netos que são por eles criados ou cuidados) que fatores como idade ou problemas de saúde também podem ser obstáculos para que estes cuidadores participem deste compromisso escolar (COELHO; DIAS, 2016).

Essas possibilidades podem justificar o fato de que 42% dos avós não terem incentivado ou proporcionado aos seus netos idas a teatros, eventos culturais, cinema e outras atividades afins, em comparação a 58% dos ingressantes que disseram ter tal incentivo mesmo que de forma parcial. Cabe ressaltar que a aquisição de um capital cultural incorporado³⁶ exige a realização de um trabalho de inculcação e assimilação de seus respectivos conteúdos, o que exige um grande investimento de tempo e trabalho a ser realizado, principalmente pelas famílias que possuem grande influência nas dinâmicas desse tipo de capital. Sobre isso, acrescentamos que a aquisição de capital cultural contribui até mesmo para a expansão de conhecimentos que são trabalhados nos ambientes escolares, tendo influência no desempenho escolar das crianças e adolescentes.

Por outro lado, os avós auxiliavam seus netos na aquisição de ensinamentos diversos (respeito, educação, cuidado pessoal, valores etc.) de relevância inquestionável para a convivência em sociedade e para a formação humana. Dos 26 alunos criados ou cuidados por avós, 92% (24) dos estudantes sinalizaram ter recebido esses ensinamentos, seguidos de um aluno que o recebeu de forma parcial e de outro que afirmou não ter recebido esse tipo de educação não formal de seus avós.

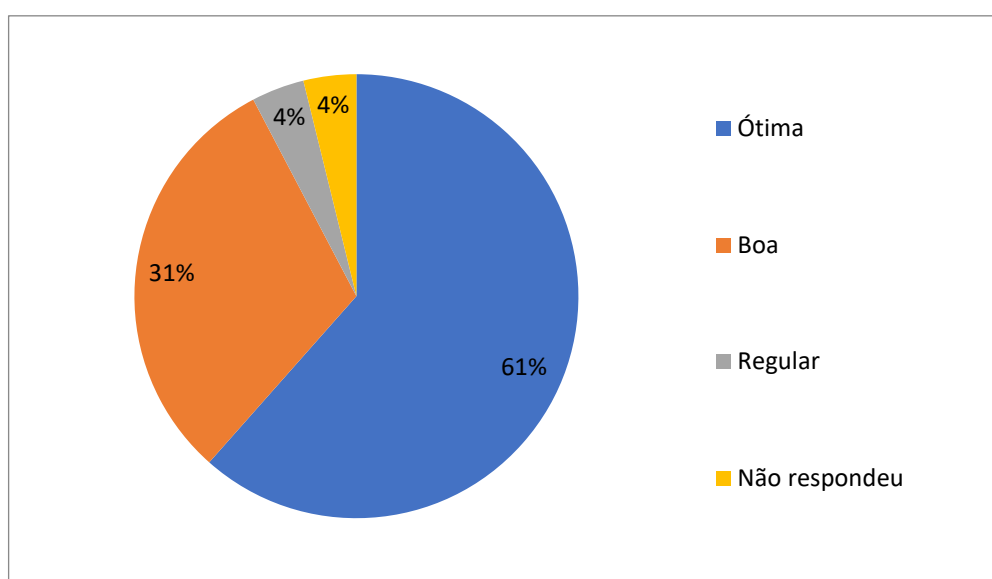
Conforme Coutrim *et al.* (2012), os avós que compartilham com os pais a responsabilidade em relação às crianças focam seus ensinamentos em questões morais como valores e religião. Entretanto, o foco nesses ensinamentos também pode ser percebido entre os avós, que são os principais responsáveis pelos seus netos, como os resultados encontrados em nossa pesquisa. Os valores repassados pelos avós, como mostrado por Saito e Loureiro (2013, p. 147), perpassam também pelos “valores intergeracionais”, ou seja, repassam valores familiares e experiências de vida para as novas gerações da família.

Ao lado de ensinamentos diversos, também levantamos se os avós ofereceram apoio afetivo aos seus netos. Questionados acerca desse cuidado, 24 dos 26 estudantes afirmaram

³⁶O capital cultural incorporado, segundo Bourdieu (2010), pressupõe um trabalho de assimilação e inculcação que demanda tempo e deve ser investido pessoalmente pelos sujeitos, não podendo ser transmitido instantaneamente. Contudo, pode estar ligado à transmissibilidade hereditária, ou seja, é dissimulado pelos membros da família.

ter tido apoio afetivo dos seus avós, um contou com esse apoio de forma parcial e outro sinalizou não ter recebido esse suporte. Esses resultados estão de acordo com outros estudos que sinalizaram o fato de os avós serem vistos como fonte de afetividade e, portanto, importantes membros da família para a vida dos netos (SAITO; LOUREIRO, 2013; DIAS; SILVA, 2003). Portanto, pensamos ser pertinente entender como os estudantes universitários classificam a relação que tiveram com seus avós:

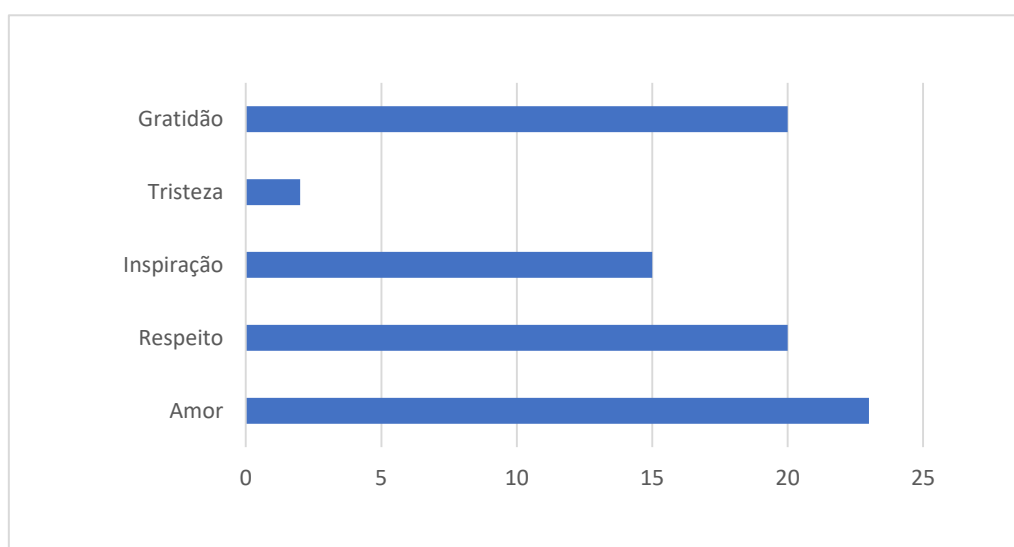
Gráfico 15 – Relação dos avós e netos ao longo da vida segundo os 26 estudantes da UEMG criados ou cuidados pelos avós participantes da pesquisa em 2020



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Os resultados mostram que 92% dos 26 estudantes consideram que a relação que tiveram com seus avós foi ótima ou boa e, certamente, isso favoreceu as trocas intergeracionais entre avós e netos. Pensando nisso, achamos ainda pertinente levantar quais sentimentos os estudantes tinham pelos seus avós, como mostra o Gráfico 16, a seguir:

Gráfico 16 – Sentimentos dos 26 estudantes da UEMG participantes da pesquisa em 2020 em relação aos seus avós



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados extraídos dos questionários (2020).

Considerando que os universitários ingressantes poderiam assinalar mais de uma opção na resposta no questionário *on-line*, isso não altera o resultado do que os 23 indivíduos disseram sentir amor pelos avós que os criaram ou foram responsáveis pelos cuidados na infância e juventude. Além disso, respeito, gratidão e inspiração foram sentimentos que se destacaram nas respostas dadas pelos netos criados por avós – mesmo que, em alguns casos, não tenhamos tido conhecimento, por meio do questionário aplicado, se as relações entre avós e netos foram conflituosas (SCREMIN; BOTTOLI, 2016).

Tecidas as discussões a respeito da coeducação nas relações intergeracionais entre avós e netos e as práticas e mobilizações empreendidas pelos mais velhos com vistas à escolarização dos mais novos, que foram por eles cuidados ou criados, concluímos este capítulo afirmando que, embora a maioria das famílias dos estudantes participantes da pesquisa seja pertencente às camadas populares, esse elemento não impediu a longevidade escolar de seus netos. A educação formal e não formal dada pelos avós contribuiu para que estes alunos chegassem ao Ensino Superior em uma instituição pública, inclusive em cursos com alta concorrência no vestibular, como é o caso de Psicologia³⁷.

³⁷ De acordo com informações obtidas pelo Educa Mais Brasil, a maior nota de corte da edição do Sisu de 2019, para a referida graduação, foi de 737,94 pontos. *Link do site* disponível para consulta: <https://www.educamaisbrasil.com.br/programas-do-governo/sisu/notas-de-rte/faculdades/uemg/divinopolis/mg>. Acesso em: 20 ago. 2021.

Este capítulo trouxe, portanto, um panorama geral sobre os 26 estudantes criados ou cuidados pelos avós ingressantes na UEMG – Divinópolis em 2020 que participaram da pesquisa, o qual revelou aspectos mais objetivos de suas vidas, como curso que ingressaram, configuração familiar, escolaridade dos pais e avós, renda etc., bem como as relações afetivas e o apoio recebido pelos avós.

No capítulo a seguir trazemos os resultados das pesquisas realizadas com quatro estudantes e suas respectivas avós. Buscamos com as entrevistas analisar as práticas educativas desenvolvidas nesta relação, discutindo as relações intergeracionais no processo educativo nestes arranjos familiares, cujos avós são os principais provedores. Além de nos permitir aprofundar as questões sobre a relação entre avós e netos, as entrevistas também nos auxiliaram a entender quais desafios os jovens universitários de camadas populares e seus avós vivenciaram ao longo do processo de escolarização.

4 DAS RELAÇÕES ENTRE AVÓS E NETAS: PARTILHAS, COEDUCAÇÃO E SENTIMENTOS

Neste capítulo apresentamos os dados construídos a partir das entrevistas realizadas com quatro estudantes e quatro avós. De antemão, é pertinente relatarmos brevemente como foi o processo de escolha e o contato inicial destes sujeitos que contribuíram com nosso estudo, mas sem desconsiderar que a pesquisadora é parte da realidade investigada; assim, tem preferências subjetivas e posições a partir das quais considera os assuntos de sua pesquisa (VALSINER, 2012).

Ao chegarmos no quantitativo de 26 estudantes que nos informaram, em 2020, ter sido criados ou cuidados por seus avós, considerando os critérios³⁸ de seleção para as entrevistas, debruçamo-nos sobre cada um dos sujeitos a serem entrevistados. Em um primeiro momento, uma estudante do curso de Pedagogia nos chamou a atenção por ter renda inferior a um salário mínimo e por ter sido criada pela sua avó. No entanto, ao consultar³⁹ os dados acadêmicos da referida aluna, constatamos que ela havia respondido ao questionário *on-line* no ano de 2020 porque estava fazendo uma disciplina com a turma do 1º período, mas, na realidade, a aluna já estava em vias de conclusão de curso. Como ela não fazia parte do grupo de estudantes ingressantes na UEMG – Divinópolis, seu questionário foi descartado para a entrevista.

Em seguida, outra estudante do curso de Enfermagem também nos chamou a atenção. A renda mensal familiar informada foi entre um e três salários mínimos e os principais responsáveis pela sua criação foram seus avós. Porém, ao contactá-la, a aluna havia desistido de dar prosseguimento na graduação, não explicitando os motivos para o abandono. Mesmo assim, nos informou que, futuramente, após se recuperar de uma recente cirurgia, poderia nos conceder a entrevista.

Enfim, chegamos a uma graduanda do curso Psicologia que atendia aos nossos interesses de pesquisa. Com renda familiar entre um e três salários mínimos, a estudante informou, por meio do questionário aplicado, que sua avó foi a responsável pela criação quando seus principais responsáveis saíram de casa. Fizemos o contato inicial com a aluna e, imediatamente, ela prontificou-se a conceder a entrevista.

³⁸ 1º) avós cuidadores e tempo de convivência com os netos (integral ou acima de oito horas diárias); 2º) indivíduos pertencentes às camadas populares com renda até três salários mínimos; 3º) ingresso em curso de alto e baixo prestígio, considerando a concorrência na referida instituição de Ensino Superior; 4º) indivíduos que na atualidade ainda convivem com os avós.

³⁹ Pelo sistema WebGiz da instituição, na condição de professora.

Realizamos a entrevista semiestruturada utilizando procedimentos previamente estabelecidos e informados. O local, a data e a hora da entrevista foram decididos por ela, de modo que se sentisse confortável para o depoimento. Observando esses critérios, utilizamos a Plataforma Teams⁴⁰ para entrevistar a estudante no mês de agosto de 2021. Neste momento, por intermédio da graduanda, procedemos a um agendamento prévio para entrevistar sua avó, que também aceitou o convite de participar da pesquisa. Essa foi a nossa entrevista-piloto.

Em seguida, partimos em busca dos demais estudantes universitários criados e/ou cuidados por seus avós. A princípio, é necessário pontuar os desafios encontrados: a) alguns sujeitos não se enquadravam no quesito renda para serem entrevistados, pois não pertenciam às classes populares; b) deparamo-nos com estudantes que já tinham se desligado do curso por motivos variados (mudança de instituição, desistência, necessidade de abandonar o curso para adentrar no mercado de trabalho); e, ainda, c) outros universitários disseram que após o ingresso na universidade não mantinham mais o contato próximo com seus respectivos avós cuidadores e, portanto, a realização da entrevista não seria viável.

Contudo, chegamos a três jovens que se enquadravam nos nossos interesses de pesquisa. Mariana, atualmente estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei (ex-aluna do mesmo curso na UEMG); Clarissa, atualmente cursando Gestão Pública em uma universidade privada (ex-aluna do curso de Pedagogia na UEMG); e Ana, estudante de Química que ainda permanece na Universidade do Estado de Minas Gerais. Vale ressaltar, nessa oportunidade, que a marcação das entrevistas realizadas via Plataforma Teams foi algo sugerido por todas as estudantes, inclusive elas mesmas optaram que as entrevistas com suas respectivas avós cuidadoras acontecessem nesse formato.

A respeito das entrevistas realizadas com as avós, cabe sinalizar que as próprias estudantes preferiram que elas fossem realizadas quando estivessem presentes, pois suas cuidadoras não saberiam utilizar a Plataforma sem auxílio. Nesse sentido, tivemos que aguardar, no caso de Ana⁴¹ e Mariana, as visitas às casas das avós para que pudéssemos ouvir os relatos, já que as estudantes moravam em outra cidade devido aos estudos.

Vale ainda destacar que tomamos os cuidados necessários neste processo, uma vez que a pesquisadora se ateu às atitudes de empatia e aproximação em relação ao sujeito a ser investigado:

⁴⁰ Plataforma utilizada pela UEMG desde o início das atividades remotas.

⁴¹ Importante reforçar que os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios.

Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo entrevistado. Esse respeito envolve desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso. Igualmente respeitado deve ser o universo próprio de quem fornece as informações, as opiniões, as impressões enfim, o material em que a pesquisa está interessada [...]. Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 35).

Após a realização das entrevistas com os estudantes e suas respectivas avós, a fase seguinte consistiu nas transcrições dos relatos, observando as configurações familiares que permitiram identificar as práticas educativas na escolarização formal e não formal das estudantes, bem como as estratégias visando à longevidade escolar. Cabe dizer que, “em certos casos, as categorias tática e estratégia estabeleçam uma relação de interdependência regulada por um estado permanente de tensão que é reafirmado e atualizado no interior de cada experiência social e individual” (PEREIRA; SARTI, 2010, p. 215). Os relatos revelaram que em três configurações familiares era forte a presença de estratégias para que as netas chegassem à universidade e, no caso específico de um núcleo familiar, as “argúcias no tempo” (MATOS, 2011, p. 5) conduziram a estudante no caminho.

Apresentamos a seguir, as estudantes e suas avós participantes das entrevistas

Quadro 7 – Dados gerais sobre as estudantes e avós entrevistadas

Estudante	Idade	Curso	Avó	Idade	Tempo de cuidado na infância	Ocupação
Clarissa	22 anos	Gestão Pública	Sra. Marlina	67 anos	Tempo parcial	Do Lar
Ana	22 anos	Química	Sra. Leila	71 anos	Tempo integral	Professora Aposentada
Clara	19 anos	Psicologia	Sra. Maria	60 anos	Tempo parcial	Empregada doméstica
Mariana	20 anos	Psicologia	Sra. Belinha	66 anos	Tempo integral	Do Lar

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

4.1 Clara⁴²: “Minha avó sempre foi o exemplo feminino para mim”

⁴² Para preservar a identidade dos sujeitos, usamos nomes fictícios indicados pelas estudantes no ato da entrevista.

Tímida e centrada na entrevista a ser concedida, essa foi a primeira impressão que a estudante esboçou. Clara, que é estudante de Psicologia do 3º período noturno, tem 19 anos e já entrou na universidade em um cenário marcado pelo caos que a COVID-19 desenhou na educação: o ensino remoto. Segundo Santini *et al.* (2021), com base na pesquisa “Quarentena covid-19: Percepção de Alunos Sobre sua Aprendizagem”, feita pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, um quantitativo considerável de estudantes nunca teve contato com as aulas *on-line*, e a adaptação aos novos métodos de aprendizagem não tem sido tarefa fácil. Apesar desse cenário, logo no primeiro contato em que a convidamos a participar do estudo, a estudante mostrou-se resiliente e compromissada em superar os desafios para permanecer na graduação no modelo remoto, pois a primeira condição para conceder o relato foi a entrevista acontecer uma das “janelas” da sua grade de aulas, no período noturno.

Clara conviveu com a mãe, a avó, a tia e o tio na infância, mas, na adolescência, nos contou que uma parte morou com a mãe e a irmã e, posteriormente, voltou a morar com a avó. Em relação à escolaridade da avó, figura central no processo educativo da estudante, a mesma cursou até a antiga quarta série primária e hoje trabalha como empregada doméstica. A estudante ficava com a avó em horário integral, mas, considerando que esta trabalhava o dia todo, ambas conviviam cerca de oito horas por dia na casa. Mesmo a avó passando boa parte do tempo fora, embora Clara a considera central na sua criação: “Assim, basicamente foi ela que me criou. Ela e minha tia. Então, papel principal na minha vida assim, principalmente até a adolescência”.

Mesmo com o tempo escasso que tinha com a neta, a avó lhe passou ensinamentos de vida que a estudante levou para a vida. Ela nos relatou que ser uma mulher independente, forte e que batalha pelos seus interesses são algumas das heranças que teve da avó e, por isso, ela é um exemplo feminino para esta entrevistada. Coutrim *et al.* (2006), em seu estudo, também identificaram que os avós passam conselhos e ensinamentos aos netos, bem como ensinam regras sociais de convivência.

Nas conversas cotidianas que permearam a relação intergeracional entre avó e neta, Clara destaca que, na adolescência, conversavam sobre assuntos gerais, embora a avó goste bastante de falar sobre seu trabalho e de acontecimentos vivenciados quando está fora de casa. A estudante ainda pontuou que nem sempre tais assuntos são de seu interesse e que, por vezes, escuta a avó materna falando mesmo assim. Como pontuou Oliveira (2011, p. 29), “há predisposição de parte a parte em acolher, em abrigar e em sustentar, mesmo que modificadamente, as sugestões oferecidas à convivência diária” e, portanto, a graduanda ouve os relatos da avó mesmo sendo, a seu ver, desinteressantes.

Indagada sobre os avós paternos, a graduanda de Psicologia informou que o avô faleceu ainda quando era pequena e que não tem recordações dele; e sobre a avó, afirma já que é mais velha e que não sai constantemente, por isso, quase não a vê. Mas quando tem oportunidade de estar na presença da avó paterna, Clara disse que ouve as histórias contadas por ela. A esse respeito, Oliveira (2011) sinaliza que não só o ato de contar histórias deve ser considerado, mas sim as trocas de experiências, que são nutridas mutuamente na cultura oral.

4.1.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares

Ao lado do salário mínimo que a avó recebe, Clara tem, em 2021, uma pensão do pai no valor de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais), e nos informou que colabora com as despesas domésticas. Mesmo com uma renda familiar característica de camadas populares, a estudante de Psicologia teve a oportunidade de concluir a Educação Básica, quase em sua totalidade, sem precisar conciliar mercado de trabalho e estudos. Chegou a trabalhar no terceiro ano do Ensino Médio, informalmente e somente aos finais de semana e, portanto, não vivenciou a penosa realidade da dupla jornada diária de trabalho e estudos. No caso dos estudantes do Ensino Superior, temos como exemplos fatores que afetam o desempenho acadêmico: a ausência de concentração no período de estudos, o desafio de chegar pontualmente à universidade e a falta de disposição para criar redes de contato dentro do espaço acadêmico (MATOS; CARVALHO, 2018).

Embora Clara tenha estudado integralmente a Educação Básica em escola pública, a ordem moral doméstica contribuiu para o processo de escolarização de sucesso escolar. Lahire (1997), em sua obra “Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável”, pondera que a construção de um ambiente familiar ordenado, com regras bem definidas de convivência e obrigação, bem como o estabelecimento de horários para os estudos, tendem a refletir em posturas adotadas pelos filhos que se sobressairão no mundo escolar, favorecendo o desempenho escolar mesmo de estudantes provenientes de um meio familiar com baixo capital cultural e econômico.

No caso da estudante da nossa pesquisa, além da avó, a tia também teve um papel fundamental em sua escolarização. A respeito da participação e colaboração de tias na vida de sobrinhos, Fletcher (2019) ressalta que elas incorporam um pouco de cada pessoa importante da família, oferecendo proteção semelhante àquela dos pais e o abraço reconfortante dos avós. Além disso,

As crianças que têm as tias presentes desfrutam da melhor companhia que pode existir. Elas possuem a energia jovem, estão sempre dispostas a descobrir novas brincadeiras e permitir que a criatividade dos pequenos seja estimulada, mas ao mesmo tempo são abençoadas com a sabedoria dos adultos, e sabem impor limites, quando necessário. Com elas, as crianças têm o melhor dos dois mundos (FLETCHER, 2019, s. p.).

Ainda sobre a importância das tias na socialização dos sobrinhos, Villanueva (2021) lista oito razões⁴³ que justificam essa relevância: as tias sabem ensinar com paciência; sentem orgulho e admiração de cada etapa e conquista dos seus sobrinhos; são consideradas grandes conselheiras e confidentes; tornam-se o porto seguro em momentos de tristeza, incômodos e mal-estar dos sobrinhos; transmitem valores e repassam bons exemplos de conduta; estão sempre à disposição para cuidar dos sobrinhos quando os pais trabalham; corrigem certas atitudes da criança conforme as diretrizes dos pais e sempre têm tempo para encontrar com os seus sobrinhos.

Corroborando a relevância do papel dos tios nos contextos familiares contemporâneos, Silva e Rabinovich (2020) realizaram uma pesquisa com famílias pertencentes às camadas populares, residentes no Subúrbio Ferroviário da cidade de Salvador, Bahia, com o intuito de investigar o papel dos tios/tias paternos e maternos na socialização dos sobrinhos. Os resultados do estudo revelaram que tios e/ou tias aconselham crianças e jovens ante os conflitos, por meio do diálogo, bem como ainda orientam os mais novos para exercer o seu papel na vida adulta, como em situações de escolha de uma profissão. “Sendo assim, tio e tias ajudam na socialização de seus sobrinhos e sobrinhas orientando, protegendo, cuidando, contribuindo para o seu desenvolvimento em suas muitas fases” (SILVA; RABINOVICH, 2020, p. 22).

No caso da nossa entrevistada, a tia é Pedagoga e a auxiliava nos deveres escolares, inclusive, emprestando o computador para que ela fizesse as atividades e ainda cobrava boas notas na escola, bem como também controlava, na infância, os seus horários de estudo. Essa situação foi igualmente observada na pesquisa feita por Cardoso: algumas avós do estudo recebiam “ajuda de marido, de empregadas domésticas e de babás ou mesmo de outros membros da família para o cuidado dos netos. Tal ajuda é considerada essencial para amenizar o peso da tarefa” (CARDOSO, 2011, p. 223).

O controle sistemático da tia na vida escolar de Clara também pode ser entendido pelo fato de a tia professora dos anos iniciais conhecer a cultura escolar; como ressalta Chaves

⁴³ Obviamente, não concordamos totalmente com essa visão romantizada do que é ser tia, mas consideramos que alguns ensinamentos são importantes e podem ser aplicados no cotidiano dos sobrinhos que corresidem com tios.

(2015), o aluno é um indivíduo que se submete a uma ordem escolar regida por certos padrões viabilizados pelo professor e, nesse sentido, a instituição escolar forja um cidadão que necessita ser inserido socialmente, recorrendo à sua autodisciplina e autocontrole. Além disso, os alunos da classe popular estão mais propensos a ter um baixo capital cultural (acesso restrito a teatros, cinemas, museus, viagens), e tendem a chegar à escola em desvantagem para a aprendizagem. Diante disso:

As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (cultos, apropriados) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitariam o aprendizado escolar na medida em que funcionariam como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar. A educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo estranho, distante ou mesmo ameaçador (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002 p.21).

A internalização da cultura escolar por Clara, com apoio da tia e da avó, propiciou na adolescência, momento em que viveu grande parte do tempo apenas com a avó, a interrupção do acompanhamento nas tarefas escolares; segundo ela, já não precisava mais ser “vigilada”. No entanto, a avó ainda continuava como a protagonista das práticas educativas da estudante de Psicologia: arcava com professores particulares, caso necessário; pagava excursões e demais atividades extraescolares que pudessem contribuir com o capital cultural da neta; ajudava financeiramente a aluna no acesso às atividades culturais, como cinema (poucas vezes devido ao fato da cidade não ofertar muitas oportunidades culturais, como ela ressaltou); participava das reuniões na escola (embora na adolescência esse acompanhamento não tenha sido tão sistemático); e perguntava como estava o desempenho escolar de Clara na escola. Vale ainda pontuar, segundo Thin (2006), que certas atividades extraescolares de caráter cultural ou esportivo visam à ocupação das crianças em tempo integral, gerando disposições para a regularidade dos horários.

Em uma pesquisa sobre trajetórias escolares de sujeitos oriundos de camadas populares em cursos da UFMG, Portes (1993) identificou a alta rotatividade escolar entre os universitários no período em que cursaram a Educação Básica, sendo o encerramento de bolsas de estudos em escolas privadas o preponderante. Contudo, o autor pontuou a intencionalidade de estratégias de contribuição dos pais no percurso escolar dos filhos; em outras palavras, a família procurava matricular a prole nas escolas públicas consideradas prestigiosas, de modo a canalizar maiores possibilidades de aprovação em futuros vestibulares.

No entanto, é importante ressaltar que a baixa renda recebida por nossas entrevistadas trouxe alguns obstáculos para o percurso escolar da estudante de Psicologia. Por exemplo, em relação a cursinho preparatório pro Enem, Clara nos informou que escolheu um cursinho na modalidade virtual porque era mais barato, uma vez que a madrinha era quem pagava as mensalidades. Esse apoio de outros indivíduos na escolarização de Clara pode ter ligação com o empenho e compromisso da estudante no percurso escolar; quando indagada a respeito das horas em que se dedicava aos estudos diariamente, informou-nos que, embora não tivesse um horário determinado, no contraturno realizava as atividades escolares, e no terceiro ano do Ensino Médio estudava em torno de três horas diárias para prestar o vestibular. Mais uma vez, a ordem moral doméstica destacada por Lahire (1997) pode ser observada; a internalização, conscientemente ou não, da importância de se dedicar aos estudos prematuramente, caso os indivíduos do meio popular almejassem a longevidade escolar.

A respeito das maiores dificuldades vivenciadas em sua trajetória escolar, Clara pontuou que o acesso limitado (opção de escolha dos estabelecimentos de ensino) na cidade em que atualmente reside e foi criada foi um elemento de peso. Segundo ela:

Porque, como escola estadual, por exemplo, escola pública, são poucas os professores que... são poucas as variedades de professores, aliás, por exemplo, é sociologia e filosofia, eu tinha uns professores que nem eram cursados na área de verdade, aí cada ano entrava um diferente [...]. Tinha professores muito bons também os que eram formados e tavam todo ano, mas tinham algumas matérias que era meio bagunçado (Clara, estudante de Psicologia).

Não podemos desconsiderar que essa precariedade que muitas escolas brasileiras enfrentam e, em específico no caso de Minas Gerais, em que o processo de designação gera uma alta rotatividade do corpo docente, impacta o percurso escolar dos estudantes. Cabe apontar que diversos são os impactos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da Educação Básica, entre eles “a manutenção do trabalho pedagógico da escola, visto que a cada troca de professor, há ruptura no trabalho, em alguns casos de forma sutil e, em outros, de forma mais severa” (AZEVEDO; SILVA, 2012, p. 3).

No entanto, isso não foi um empecilho para que Clara mantivesse seu foco em entrar no Ensino Superior público. Nogueira e Nogueira (2002) afirmam que o maior peso para o sucesso escolar recai sobre o capital cultural dos indivíduos e o desempenho escolar depende, em grande medida, dos saberes que o aluno adquiriu em seu núcleo familiar e social. Desse modo, é possível afirmar que a estudante de Psicologia contou com alguns elementos que

propiciaram a longevidade escolar: o apoio sistemático da avó e da tia, sua dedicação aos estudos durante o percurso escolar e não ter conciliado estudos e trabalho por quase toda sua trajetória na Educação Básica. Nesse ínterim, o capital cultural é “um indicador valioso quando se trata de classificar os sujeitos sociais e suas práticas culturais e educativas, compará-los, situá-los uns em relação aos outros, mas não permite, por si só, restituir ou resumir a diversidade e a complexidade das práticas” (THIN, 2006, p. 212).

Considerando que “entre a decisão de prestar o vestibular e o momento de inscrição há um longo caminho a ser percorrido, acompanhado de um grande investimento pessoal” (ZAGO, 2006, p. 230) sobre a escolha do curso de graduação, Clara informou no questionário aplicado em 2020 que o desejo de “aprender uma profissão” estava condicionado à graduação em Psicologia. Para Lopes (2010), os alunos com um menor volume de capitais, principalmente o capital cultural e o capital econômico, sabendo das dificuldades de inserção no mercado de trabalho, seriam levados à intensificação do esforço escolar e à incorporação do ofício de aluno que terá a nota necessária para ingressar na universidade e entrar no mercado de trabalho. Essa situação foi confirmada em nosso estudo. Sobre a escolha da instituição de Ensino Superior, a estudante elencou como motivos a gratuidade e qualidade do ensino, a localização geográfica, a oferta do curso desejado e a nota de corte mais baixa comparada a outras instituições.

Esses apontamentos já foram sinalizados em outros estudos (ZAGO, 2000, 2006; NOGUEIRA, 2004, 2013; VARGAS, 2010), em que os candidatos, no momento do processo seletivo, levam em consideração suas chances de ingresso no Ensino Superior e outros elementos que impactam, inclusive, na permanência. Cabe afirmar, considerando seu ingresso na universidade como primeira escolha do curso superior logo após a conclusão do Ensino Médio, que a estudante almejou, estrategicamente, a maior possibilidade de ingresso (NOGUEIRA, 2004).

4.1.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos

Criada pela avó na infância e na adolescência, e tendo a tia como suporte nas atividades escolares durante os primeiros anos, agora Clara está convivendo novamente com a figura que a criou, uma vez que as aulas estão no modelo remoto e ela não viu sentindo em permanecer na cidade de Divinópolis (MG). No entanto, a convivência intergeracional nem sempre se deu harmoniosamente; Clara relata momentos de desarmonia com a avó durante a pré-adolescência que a fez sair de casa e ir morar com a mãe. Segundo nos relatou, esses

conflitos foram ocasionados pelo fato de a avó ser, segundo suas palavras, “estourada”, somada à situação em que a estudante estava vivendo uma “idade de tudo questionar, de tudo ficar estressada e ela também era mais estressada, então a gente brigava muito por causa de qualquer coisa”.

Constatando que as relações entre avós e netos têm se tornado tema relevante de estudo, “tendo em vista que essas gerações têm tido, atualmente, oportunidade de conviver por um período estendido de tempo” (SCHULER *et al.*, 2019, p. 432), é importante também sinalizar os conflitos que se estabelecem. Vale ressaltar, nesse âmbito, que a diferença geracional pode tornar-se um empecilho para a comunicação e interação entre crianças e seus avós cuidadores (COUTRIM *et al.*, 2007).

Clara nos disse que atualmente estes conflitos intergeracionais não existem mais, inclusive o comportamento “estourado” da avó foi relativizado e a estudante a ajudou durante a convivência a ter mais parcimônia na resolução de problemas cotidianos. A respeito dos desafios do dia a dia com a avó, ela os considera “normais”, ressaltando que as questões do trabalho da avó e do cansaço são os que mais se destacam. A estudante ainda relata que sua entrada no Ensino Superior a reaproximou da avó materna, com o retorno para casa após passar alguns meses em Divinópolis (MG). Ela ainda se recorda de que a avó foi fundamental quando se mudou de cidade: “E aí também de precisar da ajuda dela pra aprender sobre cuidar de um lugar, né? Porque eu nunca tinha morado longe da família até então. Então, ela também teve importância pra isso”.

O relato de Clara nos mostra que os avós, mesmo na vida de netos adultos, têm um significado ímpar: “na vida compartilhada avós e netos se influenciam e se modificam reciprocamente como se percorressem longo passeio pontilhado de surpresas (OLIVEIRA, 2011, p. 11). Mesmo tendo a figura da mãe e da tia em sua vida, essa constatação é confirmada pela estudante quando afirma a importância da sua avó na sua formação, estando sempre presente em todos os momentos de sua trajetória. A estudante finalizou seu depoimento dizendo carregar profundos sentimentos de afeto e gratidão pela avó.

4.2 Maria, avó de Clara: “A Clara, ela é uma neta que não é uma neta; ela é uma filha pra mim entendeu?”

Dizem que avó é mãe duas vezes, segundo o ditado popular. E a avó de Clara não poupou esforços em corroborar essa afirmação. Ao longo do seu depoimento, que nos foi concedido no mês de agosto de 2021, por várias vezes ficou nítido o carinho que ela sente

pela neta que, na sua perspectiva, é uma filha. Esse sentimento de afetividade já foi ressaltado por outros estudos que trataram de investigar a relação entre avós e netos (COUTRIM *et al.*, 2006, 2007; OLIVEIRA, 2011; RAMOS, 2011; AZAMBUJA *et al.*, 2018).

Maria é uma mulher de alto astral e que nos contagia com sua fibra; Clara estava certa quando disse que sua avó era o exemplo feminino a ser seguido. Logo no início da entrevista, foi possível identificar como ela estava animada em relatar a avosidade, mesmo após um longo dia de trabalho. Aos sessenta anos, é empregada doméstica, trabalha horário integral na cidade de Bonfim (MG) e o salário mínimo que recebe é a renda familiar atual que dispõe para as despesas domésticas. Portanto,

Na contemporaneidade, avós assumem responsabilidades perante sua família, tanto nos aspectos financeiros como também em questões emocionais e objetivas. Os avós ativos e presentes na educação e cuidados dos netos acabam vivenciando uma inovadora experiência de envelhecimento, contrariando concepções que tendem a caracterizar a velhice como uma fase de perdas e declínios (CARDOSO, 2011, p. 232).

Em relação ao nível de instrução, a avó estudou até a antiga 3ª série e um dos motivos para ter interrompido a trajetória escolar foi a ausência de escolas onde morava. Contudo, o desejo de aprender não se encerrou: “Mas eu aprendi muito e depois continuei aprendendo por conta própria... procurando livro, estudando, assim... lendo, né? Não é estudando, lendo...”. Vale ponderar que, conforme destaca Nogueira (2013), Lahire observou como o gosto da leitura encontrou ou não condições para ser transmitido de pai para filho; no caso desta pesquisa, consideramos que as práticas de leitura da avó foram transmitidas à neta, “por meio de um contato significativo e de práticas socializadoras precoces, intensas, regulares e coerentes” (NOGUEIRA, 2013, p. 11).

No entanto, assim como outros brasileiros que não tiveram oportunidades de permanecer na escola, Maria relatou os desafios vivenciados durante sua trajetória escolar:

Uai... não tinha uma mochila, levava em uma capanga feita em casa, entendeu? Com restos de pedaços de pano. Não tinha um calçado. E a gente ia, num frio danado, descalço... entendeu? Era... não tinha uma merenda, porque mamãe teve doze filhos e restou oito. Morreram... os meus irmãozinhos morreram. Nós fomos criadas assim com muita dificuldade. Todas mulher, né? A gente ajudou muito o papai, na roça. Eu com onze anos já ia, já ajudava na colheita do, de tudo... pra plantar, pra colher cará, milho, feijão... tendeu? Ah, foi com muito sacrifício (Maria, avó de Clara).

O depoimento de Maria nos remete a pensar nas desigualdades sociais e escolares que permeiam a sociedade brasileira. Como revela Araújo (2014, p. 127), “até 1967, quando é introduzida a escolaridade obrigatória e gratuita de oito anos, poucos foram os sujeitos pertencentes aos grupos menos favorecidos que conseguiram ter acesso à educação formal no Brasil”. Nascida no ano de 1961 e em família pobre, a avó da estudante universitária é de uma geração que não teve oportunidades escolares longevas.

Maria cuidou de Clara na infância, um grande período na adolescência e agora novamente na vida adulta. Assim como Oliveira (2011) mostrou em seu estudo realizado a partir da vida compartilhada de avós e netos no estado de São Paulo, entre os anos de 1989 a 1992, ela também lia histórias para a neta, embora tenha dito que não sabia contar histórias porque não aprendeu na sua infância. Vale ainda lembrar que

[...] os avós podem contribuir para o desempenho escolar e a formação do caráter da criança, através das histórias/contos e ensino de tarefas e valores importantes para o desenvolvimento pessoal, os avós são facilitadores do desenvolvimento da socialização da criança e do seu relacionamento na escola (SILVA, 2012, p. 73-74).

Ao lado de ler histórias para a neta, que é um valor importante para o desenvolvimento pessoal da criança, como pontua Silva (2012), as preocupações no processo de socialização também merecem ser ponderadas. Nas relações intergeracionais cotidianas, a avó conta que sua maior preocupação estava relacionada ao pagamento de alguém para acompanhar Clara quando ela estava trabalhando. Sem condições de arcar com uma pessoa que pudesse ficar com a neta, Maria nos informou que “arrumava garotinhas pouco mais velha que ela pra tá ficando de companhia. Não era um sacrifício, era... eu tive muita preocupação em questão a isso, né?”.

Para além da preocupação em não deixar a neta sozinha, merece destaque o sentimento materno que Maria nutre por Clara; a avó destaca ainda que o amor pela neta é algo inexplicável. Beauvoir (2018, p. 493) apontava, na década de 1970, que “os sentimentos mais calorosos e felizes das pessoas idosas são aqueles que elas nutrem por seus netos”. A proximidade de ambas foi também relatada pela avó, contudo, como ainda será discutido neste capítulo sobre a convivência entre elas, esta nem sempre aconteceu sem conflitos intergeracionais.

4.2.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta

As práticas educativas desenvolvidas pela avó e sua rede de apoio vão ao encontro daquilo que ela acredita: o poder transformador da educação. Maria ressalta que “a maior fortuna que você deixa para um filho é o diploma” e, considerando que vê Clara como uma filha, podemos afirmar que o sonho de cursar Direito⁴⁴, relatado pela avó foi, de certa forma foi transferido para a neta. Mesmo que não tivesse preferência pelo estabelecimento escolar frequentado por Clara e que não se importasse com o círculo de amizade da neta, notamos que a avó recorreu a práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar daquela que considera sua filha. É merecido lembrar, conforme nos afirmam Coelho e Dias, remetendo-se ao trabalho de Edwards e Ray (2008), que para além das dificuldades relacionadas à baixa escolarização, os avós “podem ter dificuldades para oferecer apoio à vida escolar dos netos por várias razões, entre elas, idade avançada, saúde debilitada” (COELHO; DIAS, 2016, p. 5).

A avó nos conta que o apoio escolar da filha pedagoga, tia de Clara, foi fundamental nesse processo de escolarização, pois, devido à sua baixa escolaridade, não sabia ajudar a neta nos deveres escolares a partir do momento que a menina avançava nos estudos. Assim, na impossibilidade de auxiliar os netos nas tarefas escolares, embora valorizem a escola, os avós definem estratégias para o aprendizado (SILVA, 2012) e, neste caso, a colaboração da tia foi essencial no percurso escolar da estudante de Psicologia.

Ainda sobre a participação dos avós na vida escolar dos netos, merece destaque que “com poucos anos de estudo e afastados por décadas dos bancos escolares, eles não assumem definitivamente a responsabilidade pela supervisão dos deveres escolares dos netos, mas encontram estratégias de apoio à sua escolaridade” (COUTRIM; SILVA, 2019, p. 303). Contudo, a avó ressalta que apoiava a neta na realização de cursos extracurriculares, acompanhava os cadernos, comparecia às reuniões escolares e a incentivava a estudar. Maria ainda nos informou que não precisava realizar um acompanhamento sistemático das atividades escolares, nem mesmo estabelecer um horário de estudos para a neta, porque ela tinha um compromisso diário com a realização dos deveres de casa. Reforça que “o que manda é o aluno ter boa vontade. Porque se ele não quiser, não adianta, ele tá nas melhores escolas, né?”

A dedicação e o esforço da neta nos estudos, como pontuou a avó, foram observados no estudo de Souza (2014), na pesquisa realizada com sete estudantes de origem popular da Universidade Federal do Acre (UFAC), em cursos de Direito e Medicina, considerados de alto prestígio, com entrada na universidade nos anos de 2008 e 2009. Os achados deste estudo

⁴⁴ Durante seu depoimento, a avó disse que carregou consigo o sonho de cursar Direito. Talvez este seja um dos motivos que a levam gostar da ler, embora não tenha tido oportunidade de prosseguir nos estudos.

apresentam proximidade com a estudante de Psicologia desta pesquisa de doutoramento. Uma das estudantes de Medicina entrevistadas por Souza (2014), Camila, foi alfabetizada pela tia e desenvolveu o hábito de estudar diariamente em casa, no contraturno da escola, refletindo no processo de escolarização da universitária: “seu desempenho escolar permaneceu excelente, durante toda a Educação Básica. Além de ser uma estudante assídua e disciplinada, ela sempre demonstrou um interesse excepcional pelos estudos” (SOUZA, 2014, p. 98).

Como a avó de Clara nos relatou que ela era “sempre a escolhida na escola” (entendemos por “aluna destaque”), isso nos levou ao entendimento de que a estudante de Psicologia foi boa aluna durante a Educação Básica, pois, conscientemente ou não, sabia que era necessário se esforçar para chegar ao Ensino Superior, considerando seus desafios de ordem cultural, econômica e social.

Além disso, cabe reforçar que a avó a incentivava, desde bebê, com livrinhos de histórias e contos de fada, inclusive guardados por Clara até hoje. Nesse sentido, mesmo com a baixa escolarização de Maria, ela indiretamente demonstrava o “reconhecimento que atribui ao conhecimento escolar. Esses aspectos mais sutis precisariam ser considerados para se compreender o lugar efetivo que a escolarização ocupa nos processos de socialização a que um indivíduo específico é submetido” (NOGUEIRA, 2013, p. 13).

Ainda sobre as práticas educativas da avó, é importante ressaltarmos que Maria comparecia às reuniões escolares e a outros eventos que eram promovidos pela escola, entretanto, como pontuamos, nunca se importou com o tipo de estabelecimento frequentado pela neta. Esta, por sua vez, sempre considerou as escolas que frequentou “fracas”. Talvez, a própria ausência de estabelecimentos de ensino prestigiosos na cidade de Bonfim (MG) tenha sido um dos motivos que a avó não se atentou para a escolha da escola frequentada pela neta na infância e adolescência, somado à sua baixa escolaridade e insuficiência de recursos financeiros para optar por escolas particulares, até mesmo em cidades circunvizinhas.

Mas, após o esforço e dedicação, e mesmo morando em uma cidade com poucos recursos culturais, como a estudante de Psicologia nos contou em seu relato, a chegada à universidade pública por Clara foi um momento de muita alegria para Maria. A avó falou no seu depoimento “que não deu pra segurar, porque a gente acha que pobre não tem vez, né? Tá aqui ó, olha aqui... né? Pobre não tem vez? Tem. Tem porque ela se dedicou!”. Essa afirmação nos remete a pensar no que Bourdieu (2010, p. 43) ponderou: “também os filhos das classes populares que chegam até o Ensino Superior parecem pertencer a famílias que diferem da média de sua categoria”. Além disso,

[...] quando se toma o conceito de capital cultural em seu sentido amplo, isto é, como sinônimo de disposições culturais e de relação com os bens de cultura, é imperioso constatar que uma fortíssima correlação com o sucesso escolar subsiste, porque determinados modos de socialização familiar são indubitavelmente mais favoráveis do que outros à constituição de disposições cognitivas (esquemas mentais, maneiras de pensar e interpretar o mundo físico e social, espírito crítico, capacidade analítica), linguísticas (habilidades de expressão oral e escrita, capacidade argumentativa), comportamentais (liderança, dinamismo, espírito de equipe); todos esses traços valorizados e mesmo requeridos pela escola (NOGUEIRA, 2021, p. 11-12).

Mesmo que Maria não perceba a correlação do sucesso escolar de Clara como fruto dos modos de socialização familiar, a organização cotidiana para os estudos que a neta internalizou ainda na infância, o acompanhamento escolar que a tia pedagoga a proporcionou, o incentivo da avó para que a neta pudesse se sobressair na escola e o próprio esforço da estudante de Psicologia foram elementos condicionantes que precisam ser destacados na trajetória escolar longa da universitária. Percebemos, assim, que a avó usou de inúmeras táticas, mas não de estratégias bem definidas para que a neta chegasse ao Ensino Superior. Como nos lembra Certeau (2012), a tática é o aproveitamento das ocasiões – que neste caso foi a essencial colaboração da tia nos estudos.

4.2.2 Convivência com a neta ao longo da vida

Apesar dos esforços na busca de estratégias que possam contribuir para o processo educativo dos netos, nem sempre as relações intergeracionais acontecem harmoniosamente. Como já destacado em outros trabalhos (SCHULER *et al.*, 2019; PERRET; COSTA, 2018), a convivência intergeracional, embora carregada de partilha e trocas, é também conflituosa em alguns momentos. Maria destaca que, para além do fator financeiro desfavorável, ter assumido o papel de avó cuidadora, mesmo que a mãe estivesse presente em alguns momentos, foi desafiador na convivência com a neta durante a adolescência. A avó nos contou que viveu uma grande dificuldade em relação a este período, talvez pelo fato de não ter tido uma juventude e não saber lidar com a neta.

Mas a inserção de Clara no Ensino Superior foi um acontecimento que melhorou e fortaleceu a relação entre avó e neta. Maria disse que a neta “desgrudou” e isso foi importante para o amadurecimento da estudante universitária. Nesse sentido, é possível destacar que “no contato entre gerações a troca de saberes possibilita vivenciar diversos

modos de pensar, de agir e de sentir, contribuindo para que se possam renovar as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas” (CARDOSO, 2011, p. 207).

Cabe ainda destacar que “a terceira idade é a fase das experiências amadurecidas, na qual todo o percurso de vida se faz presente em recordações de muitas histórias e de muitos sentimentos — dores, alegrias, angústias, decepções e expectativas” (REIS *et al.*, 2018, p. 342). Nesse sentido, buscar descortinar realidades familiares e práticas educativas dos meios populares é primordial para compreender a inserção dos menos favorecidos à universidade pública.

4.3 Ana: “Meus avós são meus companheiros assim, de vida, sabe? Tudo, tudo! O que eu sou, o que eu tenho, eu devo tudo a eles, sabe?”

Ana, 22 anos, cursa licenciatura em Química (6º período) e, assim como Clara, sua entrada na universidade aconteceu no cenário marcado pela COVID-19. Atualmente, realiza estágio remunerado na Prefeitura de Divinópolis (MG), sendo monitora de inclusão. Tranquilidade e serenidade em seu relato são dois elementos que foram logo identificados durante a entrevista, fazendo com que isso fosse um momento acolhedor.

Criada com os avós maternos, Ana atualmente reside na cidade de Divinópolis (MG) para fazer graduação, mas é natural de Belo Horizonte (MG), localidade que ainda muito frequenta nas visitas constantes realizadas aos avós. A migração com o objetivo de estudo, ir em busca de sonhos e crenças de uma ascensão social, como pontuaram Sousa *et al.* (2018), é um processo delicado porque rompe com costumes e tradições. Essa situação foi observada ao longo da entrevista realizada com a estudante de Química, pois é perceptível que ela sente a ausência de seus avós maternos.

Durante a sua infância e adolescência, a estudante dividiu residência com o avô, a avó, a mãe, dois irmãos e uma tia. Relatou-nos que a mãe é autônoma e pós-graduada em Design de Moda e que o pai é Mestre e professor de *yôga*, ao passo que a avó materna é professora primária aposentada e o avó também é aposentado (não se recorda se ele concluiu a graduação em Administração). Assim, inicialmente, já foi possível identificar que a universitária foi criada em um ambiente em que a cultura escolar se fazia presente.

Ana nos contou ainda que sempre morou na casa de seus avós maternos (com os avós paternos, ela não teve convívio) e que, por volta dos doze anos, quando sua mãe se casou novamente e se mudou da residência, ela preferiu permanecer com eles – situação esta já abordada em outras pesquisas (DIAS, 2022). Os avós participaram ativamente das rotinas da

neta devido à disponibilidade em casa. Ela nos relatou, por exemplo, que quando fez Kumon⁴⁵, eram eles quem a levavam. Ainda pontua que “ficava assim, meio que andando com eles, sabe? Tudo que eles faziam, eu meio que ia atrás mesmo”.

A interação com os avós acontecia com muita profundidade. Ana nos relatou que: “gente, até os catorze anos eu dormia no meio deles, então, assim, eu só ficava sem eles no período da escola”. Segundo ela, algo que marcou a estudante na relação com os avós foi o acolhimento e a abertura para discutirem qualquer assunto, embora Ana tivesse mais diálogo com a avó:

Então eu sempre tive, assim, hábito de conversar sobre tudo assim, de sentar e... desde escola, coisinha bobá que acontece, né, de chegar em casa animada pra falar com alguém, umas coisas que até que são erradas, que a gente só sabe que é errado quando a gente conta... sempre tive abertura, assim, de falar de tudo mesmo, sempre foi bastante diálogo aqui em casa (Depoimento de Ana, estudante de Química).

No que diz respeito à colaboração financeira, Ana pontuou que, durante a infância e juventude, o avô foi o que mais contribuiu financeiramente, inclusive na aquisição de um computador para que a neta realizasse tarefas escolares. Contudo, como já foi amplamente trazido neste estudo, o apoio dos avós é diversificado e acontece em diferentes situações e momentos. Para além do apoio financeiro, Dias (2022) destacou que, na atualidade, é perceptível uma participação mais ativa dos avós nos cuidados com os netos, inclusive exercendo atividades tidas como femininas. Nesse sentido,

Na atualidade, os avós estão mais participativos e envolvidos no cuidado com os netos, o que difere do papel que, tradicionalmente, foi atribuído a essa figura como de autoridade e rigor. Para os homens, tomar conta e ajudar os netos é uma oportunidade de expressar intimidade e afetividade (DIAS, 2022, p. 62).

A participação dos avós foi marcante na configuração familiar de Ana. A estudante de Química relembra situações vividas que teve orgulho de nos apresentar no momento da entrevista:

Era tudo, tudo eles. Era absolutamente tudo deles. Eu lembro muito que, às vezes, eu acordava... na escola que eu estudava, tinha um cartãozinho, que

⁴⁵ O método Kumon visa a incentivar a criança nos estudos de maneira autodidata, buscando fortalecer o potencial de aprendizado individual. Por meio de um processo de aprendizagem planejado e individualizado, e com a ajuda de materiais didáticos em que o aluno é estimulado a refletir, o método tem por objetivo formar pessoas capazes de enfrentar desafios e ter habilidade no processo de aprendizagem.

era como se fosse tipo um vale refeição que você colocava o dinheiro pra comprar. E quem colocava esse dinheiro era meu vô, assim, toda semana ele me dava tipo cinquenta reais, eu colocava. Eu nunca tive o hábito de levar o lanche de casa, eu sempre comi na escola, né. Então, foram sempre os meus avós, é lista de material, uniforme, tudo. Sempre foram eles. (Depoimento de Ana, estudante de Química).

Indagada sobre a participação dos avós em algum grupo religioso e/ou político, Ana relatou que na convivência com os avós o catolicismo sempre esteve muito presente, principalmente por parte da avó, que a convidava para frequentar a missa. Segundo ela, até um certo momento, a religião a influenciou de forma considerável, mas, com o passar dos anos, ela escolheu outro caminho e se distanciou dessa religião.

Sobre essa influência do catolicismo na vida da estudante, advinda da avó, o estudo de Becker, Maestri e Bobato (2015) a respeito da religiosidade/espiritualidade no relacionamento familiar destacou que o envolvimento parental e a transmissão dos valores religiosos podem ser observados como estratégias que visam a auxiliar nas práticas educativas e no desenvolvimento do ser humano.

4.3.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares⁴⁶

Merece destaque que Ana, durante sua trajetória na Educação Básica, frequentou por oito anos escola particular (Colégio Santo Agostinho – Belo Horizonte – MG). A partir do 9º ano até a conclusão do Ensino Médio, a universitária nos relatou que estudou em escola estadual. Este percurso merece ser ressaltado, pois, considerando outras pesquisas, como a de Guimarães e Sampaio (2007), os indivíduos oriundos de escolas públicas têm desempenho, em média, entre 17-7% menor no vestibular se comparados aos estudantes provenientes de escolas privadas.

Na trajetória escolar de Ana, a avó foi peça fundamental nas práticas educativas da neta, como nos relatou. O fato de a avó ter sido professora alfabetizadora é uma constatação relevante, pois certamente recorreu a estratégias e materiais que pudessem auxiliar a neta neste processo, e essa situação é reconhecida pela própria estudante:

⁴⁶ É importante ressaltar que durante o convívio com os avós, ou seja, até inserção no Ensino Superior público, não é possível, em termos socioeconômicos, definir a estudante Ana como oriunda das classes populares. No entanto, devido à indisponibilidade de outros sujeitos participarem da pesquisa ou não se enquadrarem no perfil desejado, fizemos a escolha da mesma por outros critérios que nos interessavam.

E a minha avó, por ter sido professora de pré primário, então na minha alfabetização, ela me ajudou muito, porque eu lembro que a minha mãe não tinha paciência pra me ajudar. Nessa fase assim de escrever, letrinha por letrinha [inaudível] e é meio que até hoje assim com a minha irmã. E a minha avó sempre teve, sabe? Sentou ali comigo e pegava historinha e lia historinha comigo (Depoimento Ana, estudante de Química).

Ao longo da conversa também percebemos que a rotina diária durante a infância e juventude foi um fator de peso no percurso escolar de Ana, o que facilitou até mesmo a convivência com os avós: “Ah, sempre foi muito tranquila, porque... a gente assim... aqui em casa sempre teve rotina. Então, era tudo... era muito tranquilo, assim, a gente não tinha maiores problemas não”.

Como nos lembra Lahire (2002, 2004), o desempenho escolar tem forte ligação com a organização e a rotina doméstica do lar. Neste sentido, nesta configuração familiar, Ana adquiriu esquemas comportamentais não reproduzidos, necessariamente e de maneira direta, mas que a influenciaram não somente em sua trajetória escolar. Os horários da estudante para, inclusive, ter acesso ao computador eram pré-definidos pelos avós. Segundo nos informou: “Eu tinha computador também, mas computador eu só podia... é... tipo, na parte da manhã... eu sempre tive horário assim, até pra desligar”. Outras atividades diárias que os avós tiveram oportunidades de proporcionar à neta também contavam com a vigilância nas rotinas: “Então, eu lembro que na parte da manhã, eu ia fazer Kumon que era um reforço”.

Ao lado da vigilância de horários nas rotinas de Ana, as práticas educativas contavam também com a colaboração da avó e da mãe para realizar os deveres escolares. Já sobre o comparecimento às reuniões escolares e outras atividades e/ou compromissos escolares, estas tarefas eram exclusividade da mãe da universitária, como nos relatou no seu depoimento.

As práticas educativas na trajetória escolar e de vida de Ana não se restringiram à educação formal. Os avós, ao lado da mãe, proporcionaram o enriquecimento do capital cultural da estudante: “eles me levavam assim em teatros, a gente gostava muito de ir naquele Circo de Soleil, balé do Grupo Corpo, sempre foi coisas assim que a gente sempre fez”.

A oportunidade de acessar esse capital cultural fez com que a estudante se distinguisse dos demais sujeitos entrevistados, pois ela teve acesso a um patrimônio cultural diversificado, que pôde ser convertido favoravelmente em seu desempenho escolar. Nogueira, pautada nas contribuições de Bourdieu, nos ajuda a refletir que Ana, desse modo, teve possibilidade de “usufruir os bens materiais possuídos, engendrando distinções simbólicas entre os indivíduos ou, em outras palavras, distinções relativas à posse de bens culturais” (NOGUEIRA, 2017, p. 104).

Ao lado disso, merece destaque que as dificuldades enfrentadas por estudantes de camadas populares para ingressar na universidade como desafios de ordem econômica e acadêmico-científicas, como outros estudos já pontuaram (PORTES, 1993; VIANA, 1998), foram amenizadas no percurso escolar de Ana, devido a uma condição favorável mais estável.

Outra peculiaridade presente na trajetória escolar dessa entrevistada, ao contrário dos outros sujeitos participantes desta investigação, é o tempo destinado para esta preparação. Como nos contou na entrevista, fez três anos de cursinhos ao longo do Ensino Médio, sendo as mensalidades custeadas pelo padrastrô e o almoço, o transporte e outros recursos pagos pelos avós.

A respeito disso, a literatura aponta que:

Visando elevar as chances de sucesso na competição pelas vagas na universidade pública, algumas estratégias são acionadas. Duas delas se sobressaem pela frequência com que são utilizadas ou por seu grau de eficácia. São elas: a estratégia do “treineiro” e o “efeito cursinho” (NOGUEIRA, 2000, p. 133).

Além deste apoio, é importante destacar o tempo de dedicação aos estudos diariamente. Ana nos contou que dedicava em torno de duas horas no Ensino Fundamental e, ao adentrar o Ensino Médio, estudava, segundo suas palavras, “até se cansar”. Neste sentido, é possível afirmar que estes elementos foram facilitadores durante seu percurso escolar e que eles não podem ser desprezados quando nos remetemos à longevidade escolar. Por exemplo, a aquisição de um capital informal possibilitou que Ana buscasse informações a respeito do vestibular: como nos relatou, buscava conhecer a respeito da nota de corte e as instituições que ofertavam o curso desejado.

Contudo, o percurso escolar nem sempre foi isento de desafios vivenciados por Ana. A sua maior dificuldade foi em 2014, quando seus pais estavam se separando, o que ocasionou sua repetência na escola e depressão. Vale lembrar que esta patologia, como pontuam Monteiro e Lage (2007), pode acontecer devido a mecanismos múltiplos, como uma resposta aos desafios da adolescência, entre eles, aqueles concernentes às perdas da estrutura infantil. Portes (2000) sinaliza que, nestas situações desafiadoras, a família é um refúgio necessário para o jovem no seu percurso escolar e, desse modo, a estudante de Química optou por abandonar a escola particular, passando a estudar em uma instituição pública em que os primos estavam matriculados.

4.3.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos

Oliveira e Ramos (2021) enfatizam que o convívio familiar pode resultar em solidariedades e apoios adequados ou até, em alguns casos, fazer surgir situações insatisfatórias e problemáticas, revelando a complexidade das relações intergeracionais e interpessoais. Ainda segundo esses autores, as trocas intergeracionais são referidas como desiguais e conflituosas na literatura.

Diante disso, a convivência com os avós pode sofrer transformações na fase adulta, mesmo que o passado deles seja referência para os netos e colabore para o enriquecimento da identidade dos mais novos (SCREMIN; BOTOLLI, 2016). Em seu depoimento, Ana pontuou que a convivência com seus avós maternos foi marcada pela ausência de problemas e conflitos – algo que ela gostava muito. Essa harmonia ainda prevalece na fase adulta, apesar de a neta residir em outra cidade:

[...] eu sempre me senti mais à vontade de conversar com a minha avó sobre as coisas. Então, conversamos sobre tudo né. Hoje em dia, a minha avó fala comigo de problemas pessoais, problemas familiares, tanto aqui de casa mesmo quanto... da família dela né, dos irmãos, minha avó tem muitos irmãos (Depoimento de Ana, estudante de Química).

O vínculo financeiro com os avós, principalmente com o avô, ainda permanece como na infância e juventude. Ana informou que ele é responsável por ajudá-la nas despesas em Divinópolis (MG). No entanto, alguns estudos revelam que nem sempre a figura do avô é tratada com visibilidade quando nos referimos às dinâmicas familiares:

Os avôs, por sua vez, não recebem a menor atenção dos autores: não há livros para eles, as pesquisas sobre eles apenas engatinham, as poucas referências aos avôs se resumem a algumas palavras, sempre marginais aos parágrafos dedicados às avós. [...] Funciona como coadjuvante, quando não como simples figurante, o mais das vezes obscurecido pela figura majestosa da avó (ARATANGY; POSTERNAK, 2005, p. 12-13).

Seus avós continuam a ajudá-la em suas despesas da vida adulta para que possa prosseguir os estudos. Quando indagada a respeito disso, Ana relatou que sua avó constantemente a incentivava a ingressar no Ensino Superior, porém, “não foi tão compreensiva quando eu tive que ir pra outra cidade, sabe?”. Essa resistência da avó em relação à mudança de Ana para outra cidade devido à aprovação no vestibular da UEMG, por outro lado, fortaleceu os laços intergeracionais, com as ligações telefônicas diárias e as visitas a Belo Horizonte (MG). A distância ainda causa um certo pesar para a universitária,

tendo em vista que o avô, seu principal provedor, tem enfrentado problemas de saúde. Ela nos informou que, por vezes, apresenta um certo desconforto por ter migrado para outra cidade e não poder ajudar nos cuidados do avô adoentado.

Esse companheirismo na convivência da neta com os avós é algo que Ana aprendeu com sua avó, pontuando que foi um dos principais ensinamentos herdados na troca intergeracional. Também é merecido destacar que, em relação ao comportamento da neta com os avós, não houve modificações significativas na fase adulta. Ana relatou que voltou a ter o carinho e o cuidado com eles que ela nutria quando era “bem pequenininha”. Segundo ela, “eu sinto que depois que eu cresci, eu voltei naquele apego, acho que principalmente por eu não vê-los todo dia mais”.

No depoimento da estudante de Química, o amor pelos avós pôde ser sentido; a distância que hoje os separa não conseguiu apagar os sentimentos que ela nutre pelos avós, inclusive, seu relato nos remete a dizer que o amor presente na relação entre avós e neta foi intensificado por essa mesma distância geográfica.

4.4 Leila, avó de Ana: “A Ana é o espelho das netas. E todo mundo se espelha nela, sabe?”

Leila, 71 anos, mãe de três filhos que concluíram o Ensino Superior, hoje é aposentada, mas exerceu a profissão de professora alfabetizadora (normalista). Casada, com renda familiar girando em torno de R\$ 7.000,00 (sete mil reais), pôde oferecer à neta Ana algum conforto durante a sua trajetória escolar. As contribuições de Bourdieu (2010) sobre as problematizações a respeito das posições sociais e os processos culturais dentro das dinâmicas familiares nos permitem compreender que a renda é um elemento que não deve ser desconsiderado no quesito desempenho escolar, embora, como afirma Romanelli (2000), o capital econômico não seja o patrimônio mais importante transmitido pelas famílias, e sim o escolar.

Segundo nos relatou, não chegou a cursar o Ensino Superior, pois não tinha condições na época de arcar com este investimento. A entrevistada destacou que seu pai, mesmo sem estudo, fez questão de matricular os 11 filhos em escola particular. Além disso, quando concluiu o curso normalista, ela priorizou constituir família: “A época que eu precisava, que eu poderia ter aproveitado, eu não tava nem aí pra fazer faculdade, não. O meu negócio era ter filho”. Esse relato de Leila reflete papel da mulher nos anos 50 e 60 do século XX: a caracterização da mulher como dona do lar, mãe e esposa.

Mesmo não chegando ao Ensino Superior, Leila pontua que a educação é importante para as pessoas, afirmando que: “Eu acho até que a cultura vem antes da saúde. Porque quem tem cultura, é mais fácil até pra... remediar a parte de saúde, né? Mas cultura e saúde é tudo na vida, né? É tudo que o país precisa”. Essa relevância dada aos estudos contribui para entender o fato de os três filhos terem concluído o Ensino Superior e, conseqüentemente, o apoio dado à neta Ana no seu percurso escolar.

Leila nos informou que a neta foi criada em sua casa devido ao fato de sua filha residir com ela após a separação do marido, destacando, entretanto, que ajudou no cuidado “sempre como vó, não como mãe”. Sobre isso, é importante mencionar que “essa ajuda representa um apoio à realização profissional da jovem mãe e reflete uma nova solidariedade feminina transgeracional” (ARATANGY; POSTERNAK, 2005, p. 35).

Contudo, a relação intergeracional de Ana com seus avós distancia-se do que foi colocado por Aratagy e Posternak (2005): segundo estes, na casa da avó valem os limites da avó, sendo esta figura a responsável por ditar as regras e rotinas, bem como por zelar pelo respeito a estas normas. Leila relatou que a influência na criação da neta teve limites que não perpassaram seu papel social de avó, isto é, a contribuição na criação da neta aconteceu ao lado do apoio da mãe de Ana. Mas é perceptível que, mesmo assim, a avó teve influência considerável na trajetória pessoal e escolar da neta:

[...] quem tava acompanhando, falava assim: “Olha, ela tem uma grande referência da avó, a senhora sabia disso?” Eu falei assim: “Claro que eu sei”. Que a gente sente, né? Menino querendo imitar a avó, fazer o que a avó faz... ter os mesmos conceitos e pensamentos da avó, ‘cê entendeu? Então isso aí eu acho que acaba influenciando, né? (Depoimento de Leila, avó de Ana).

É inegável que o conhecimento da cultura escolar por parte da avó⁴⁷ teve relevância na relação estabelecida com a neta. A respeito disso, merece destaque que se trata de uma estratégia, por parte da avó, aproximar a estudante das normas e códigos escolares, considerando que “a prática da estratégia incorpora estruturas familiares, situações socialmente estruturadas” (COULON, 2008, p. 159). Portanto, o *habitus* familiar teve influência no percurso escolar de Ana prematuramente, o que pode, possivelmente, facilitar seu ofício de estudante.

⁴⁷ A definição de cultura escolar está relacionada ao conjunto de práticas, normas, procedimentos e ideias presentes no cotidiano da escola, compartilhados e assumidos por seus atores (SILVA, 2006).

4.4.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta

Em relação às práticas educativas que possibilitaram Ana a chegar à universidade pública, Leila destaca que ajudou na trajetória escolar da neta como avó, isto é, pontua que enquanto a mãe (sua filha) vivia na mesma residência, a tarefa de ajuda com os deveres escolares não era sua responsabilidade. Entretanto, a avó acompanhava os estudos, cobrava por boas notas na escola, verificava os boletins, bem como contribuía na escolha do estabelecimento de ensino. Também afirmou que a mudança de escola, quando foi necessária devido ao processo de depressão da neta, aconteceu de comum acordo com a mãe de Ana.

Para além do acompanhamento da vida escolar da neta e da participação nas reuniões e festas escolares, Leila destacou que a leitura sempre fez parte da rotina da jovem.

Nossa, muito, muito! E ela gostava muito de ler, de pequena sabe? Todo dia ela chegava do Colégio Santo Agostinho com o livro na mão, da biblioteca. Mas, é... sempre aqui a gente incentivou muito, com livro, brinquedos pedagógicos. Eu fui alfabetizadora é... trinta anos, então, não justifica não fazer isso, né? (Depoimento de Leila, avó de Ana).

Nota-se que a profissão também influenciou as práticas educativas que a avó desempenhou na trajetória da neta. Indagada sobre o apoio para a realização de cursos extraescolares, Leila recorda que Ana fez o Kumon com sua ajuda. No entanto, destaca-se que, para oferecer este apoio, em certos momentos, houve renúncias:

De contar as moedinhas, em certas épocas da vida, isso com certeza. Não precisei de deixar de comer não, graças a Deus, mas sempre ajudando. Teve época da nossa vida que a situação era bem mais favorável e teve épocas de ficar com dificuldades como quando ela saiu do Santo Agostinho e foi pro Santa Maria, foi porque... condição (Depoimento de Leila, avó de Ana).

No entanto, a contribuição da avó está atrelada ao compromisso da neta em relação à sua trajetória escolar. Leila relatou que não havia necessidade de cobrá-la quanto aos horários destinados à realização das tarefas escolares. Essa dedicação da neta pode ser explicada pelo fato de a mesma ter internalizado a cultura escolar muito cedo, considerando que a avó foi alfabetizadora. Além disso, a avó afirma que foi desnecessário incentivar a neta no processo de escolarização prolongada, tendo em vista que Ana, com seus dezoito anos, já pensava em morar sozinha para estudar. A respeito disso, Bourdieu pontua que:

[...] as pessoas estão situadas num espaço social, que elas não estão num lugar qualquer, isto é, intercambiáveis, como pretendem aqueles que negam a existência das “classes sociais”, e que, em função da posição que elas ocupam nesse espaço muito complexo, pode-se compreender a lógica de suas práticas e determinar, entre outras coisas, como elas vão classificar e se classificar, e, se for o caso, se pensar como membros de uma “classe” (BOURDIEU, 2004, p. 67).

A teoria trazida por Bourdieu explica que o desejo da neta de Leila em prosseguir os estudos, inclusive mudando-se de cidade para cursar o Ensino Superior, tem forte relação com o ambiente familiar: o avô chegou à universidade, a avó foi professora alfabetizadora e a mãe concluiu a pós-graduação. Em outras palavras, autonomia e independência são capacidades que a estudante internalizou durante sua infância e juventude, reforçando a teoria de Bourdieu (2004) ao explicar que o *habitus* é o produto de toda história individual, bem como resultado das experiências resultantes da primeira infância e de toda a história coletiva familiar. Além disso, o conceito de causalidade do provável também se aplica neste contexto: Ana já cresceu tendo a longevidade escolar em seus horizontes, devido às condições materiais disponíveis, o apoio familiar e a posse de capital escolar da sua família.

4.4.2 Convivência com a neta ao longo da vida

No relato de Leila, a chegada de Ana à sua casa foi motivo de “benção”. Outras pesquisas vão ao encontro dessa afirmação (SCREMIN; BOTTOLI, 2016; ARATANGY; POSTERNAK, 2005), confirmando que as relações intergeracionais entre avós e netos carregam sentimentos alegres e uma troca de conhecimento cotidiana. Merece destaque o fato de que os netos ainda “previnem a fantasia de que os avós serão eliminados do mundo e transmitem aos idosos a sensação de transcender a própria mortalidade” (DIAS, 2022, p. 32), aproximando-se ao que foi pontuado pela avó, isto é, o aprendizado constante que tem com a neta.

Também merece destaque que Ana, segundo relatou a avó, exerce influência nos modos de ser e agir das outras netas, e desse modo, a estudante é percebida como uma pessoa especial no seio familiar, ressaltando que nem mesmo a ausência do pai foi um fator relevante ao longo da vida da neta. Leila ainda nos informou que esse foi um desafio que ela carregou ao longo da criação da neta, no entanto, não percebeu que a estudante tenha traumas em relação a isso. Ao contrário, notamos que Ana, desde muito nova, teve consigo um sentimento de independência, inclusive almejando morar em outra cidade para estudar. A respeito disso,

Dias (2022) pontua que a idade adulta traz o desejo de muitos jovens buscarem o relacionamento com pessoas fora das redes familiares, assumindo novos papéis.

A convivência com a neta foi marcada pela ausência de conflitos, segundo a avó, e ainda afirma que aprendeu com a neta “que a gente tem que ter dois ouvidos e uma boca só. Ela escuta mais do que fala e isso ela não puxou da vó, não. [risos]”. Essa afirmação de Leila revela um cenário em que, com o aumento da expectativa de vida na atualidade, muitos avós têm convivido com os netos até se tornarem adultos (ARATANGY; POSTERNAK, 2005), o que tem permitido intensificar as trocas intergeracionais e os ensinamentos, permitindo-nos ter um outro olhar sobre a velhice e sobre os papéis sociais dos mais velhos.

4.5 Clarissa: “Minha avó foi a minha maior cuidadora, minha segunda mãe... devo muito a ela”

A ex-estudante do curso noturno de Pedagogia, Clarissa, tem 22 anos, e atualmente está cursando Gestão Pública em uma universidade privada, na modalidade EaD. Segundo nos informou, a mudança de curso foi devido ao fato de residir e trabalhar em uma cidade vizinha a Divinópolis (MG), pois, com o fim da pandemia e o retorno das aulas presenciais, o deslocamento para a UEMG se tornou inviável, principalmente com os gastos relacionados à locomoção.

A respeito desta troca de curso e de instituição, nota-se que Clarissa não tinha estratégias bem definidas quando escolheu Pedagogia na UEMG, pois não conseguiu permanecer no curso após o retorno presencial das aulas, no período pós-pandemia. Já Ana, Mariana e Clara, nossas outras entrevistadas, ao contrário, permitiram-nos observar que já tinham traçado estratégias para permanecer no Ensino Superior presencial. Cabe ressaltar, como nos lembra Certeau (1990), que as táticas são trajetórias indeterminadas, ou seja, não se atentam às consequências, portanto, pode-se afirmar que a estudante de Gestão Pública não calculou as intempéries para permanecer em um curso presencial. A tática exige improvisação, bem como operar sem um cálculo definido, e “acontecem quando o lugar não é conhecido pelo sujeito” (LAPEDRA, ICHIKAWA, 2017, p. 57).

Vale destacar que Clarissa é a primeira de sua família a ingressar no Ensino Superior⁴⁸ e que, além disso, as experiências pessoais podem levar à permanência ou abandono de certa

⁴⁸ Segundo Teixeira e Dias (2020), os estudantes de primeira geração, isto é, os primeiros em sua família a chegarem no Ensino Superior, possuem objetivos de carreira menos rígidos, aceitando fazer ajustes ao logo deste

carreira (RODRIGUES *et al.*, 2020) por ser a adaptação acadêmica um fenômeno multideterminado. Não menos importante, Zago (2000) ainda pontua que a opção por um curso condizente com as atividades do estudante-trabalhador (neste caso, a modalidade EaD) representa um risco menor de fracasso escolar.

Esses desafios vivenciados pelos estudantes de camadas populares são objeto de estudo de outras pesquisas. O estudo realizado por Carvalho e Cardoso (2022), referente aos problemas enfrentados pelos universitários da UEMG no que diz respeito à conciliação de estudos e trabalho, revelou que o percurso do estudante-trabalhador retrata situações desafiadoras, vividas tanto no processo de aprendizagem quanto no tempo destinado à realização das atividades científico-acadêmicas. Essa situação também foi trazida no trabalho de Almeida (2007), que observou nas trajetórias de seus entrevistados, sacrifícios e esforços extremos na vida dos universitários trabalhadores, o que reflete em tempo escasso para a formação.

Durante a sua infância e juventude, Clarissa dividiu o domicílio com mais três pessoas: o pai (que hoje não reside mais com a estudante), a mãe e a avó. Atualmente, Clarissa é agente comunitária de saúde, na cidade de Igaratinga (MG), e a renda familiar é de três salários mínimos. Seus avós, tanto os maternos quanto os paternos, não tiveram uma escolarização prolongada (não concluíram o Ensino Fundamental) e ela nos informou que eles apenas sabem ler o básico. Já em relação à escolaridade de seus pais, ambos concluíram o Ensino Médio e, no que diz respeito à ocupação profissional, a mãe é frentista e o pai é ceramista.

Ao contrário das outras entrevistadas, Clarissa não teve apoio financeiro da sua avó materna, sendo esta uma responsabilidade de seus pais. Embora a universitária não tenha aprofundado esta questão, pelo fato de a avó receber apenas a pensão de seu avô falecido, esse pode ser um dos motivos pelos quais não foi ofertada esta ajuda.

Assim como Ana, Clarissa sofreu influência da avó católica. Como destacou em seu relato, “a disciplina imposta foi repassada para mim na infância”. Ainda na infância e juventude, o papel social desempenhado pela avó materna não se restringiu à transmissão destes valores, pois, como a entrevistada nos contou, a avó foi sua cuidadora: “levar na escola, voltar para casa, alimentação e, às vezes, quando conseguia, ajudar nas atividades”.

Dentre os ensinamentos recebidos, Clarissa pontuou ainda que aprendeu com a avó a “cozinhar, lavar roupa um pouquinho, mais é a questão de limpeza, é organização, higiene e

percurso. Assim, de certo modo, essa transição de um curso para outro foi facilitada tendo em vista que Clarissa é a primeira de sua configuração familiar a chegar à universidade.

religiosidade”. Nota-se que o repasse de valores e papéis sociais que caracterizaram as mulheres nas décadas de 50 e 60 do século XX estiveram enraizados na realidade dessas entrevistadas, independentemente das diferenças quanto à classe social. Isso foi evidenciado no relato de Leila, avó de Ana: mesmo sendo oriunda de uma família com poder aquisitivo mais alto que as demais entrevistadas, ela considerava que o mais relevante em sua vida era constituir família. Nesse sentido, era necessário se dedicar aos aprendizados do lar, indo de encontro ao que a avó de Clarissa também a ensinou.

A ex-estudante de Pedagogia ressaltou, ainda, que a relação intergeracional com a avó não aconteceu de forma fluida, assim como foi presenciado no convívio das outras estudantes participantes desta pesquisa. Embora tenha ensinado à sua cuidadora informática e o manuseio do celular, elas não compartilhavam assuntos e não estreitavam os laços de diálogo. Clarissa ressaltou que até hoje conversam apenas o necessário dentro de casa:

É de boa harmonia! Porém, é que o diálogo é muito pouco. Por exemplo, é mais questão de olhar, se eu olhar para você com o olho fechado, então, estou te advertindo ou estou percebendo que você está fazendo alguma coisa errada. A comunicação nossa era mais pelo olhar ou pedir alguma coisa. Questão de conversar sobre a vida, nunca teve (Depoimento de Clarissa, estudante de Gestão Pública).

Mesmo que o diálogo entre elas tenha sido estreito (a ainda permanece), a avó cuidadora, assim como outros estudos revelaram (BIASOLI-ALVES, 1997; SOUZA, 2008; BUENO, 2016; OLIVEIRA, 2011), encarregou-se dos cuidados da neta para que seus pais pudessem trabalhar, considerando que “há uma tendência dos avós desempenharem as funções parentais, como pais substitutos, quando estes são ausentes” (ROSA, 2018, p. 21).

Ao contrário dos outros sujeitos pesquisados, nesta configuração familiar as relações intergeracionais foram marcadas por conflitos. Quando indagada a respeito dos problemas de convivência, Clarissa informou-nos que as dificuldades no convívio com a avó foram constantes e que, atualmente, foram intensificadas devido à situação de saúde em que sua cuidadora se encontra. Ressaltou que a avó “é tipo assim, meio cabeça-dura. Não pode fazer as coisas e faz, aí dificulta o relacionamento. Por base, que você fala [que] uma coisa está certo e ela não aceita”. Porém, foi possível perceber na entrevista a preocupação que a estudante tem com a avó.

As interações intergeracionais entre os mais velhos e os mais novos, como apontam Schuler *et al.* (2019) podem ocasionar tanto aproximação como conflitos, ocasionados, inclusive, pelas crenças de cada geração – algo que ficou evidente ao longo do relato de

Clarissa, que nos apresentou certo incômodo em relação à religiosidade da avó, principalmente porque, atualmente, tem posicionamentos religiosos distintos daqueles que foram inculcados pela sua cuidadora.

4.5.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares

Estudante de escola pública ao longo do Ensino Fundamental e Médio, a trajetória de Clarissa se identifica com outros estudos que retratam a respeito dos desafios vivenciados pelas classes populares ao longo do processo de escolarização (PORTES, 1993, 2000; VIANA, 1998). Dentre as situações de dificuldades relacionadas ao seu percurso escolar, Clarissa nos relatou que:

Mas é... caderno muito bonito eu não tinha, era só o necessário. É... muitos compravam livro fino para dividir a matéria, eu comprava o grosso para economizar. É... chegou uma época que eu mesma quis reaproveitar os cadernos... pegando as folhas porque estava ficando aqui parado. Então, não tinha objetivo nenhum ficar parado, aí eu fazia um caderno novo para o próximo ano e assim foi. Tanto que alguns zombavam de mim, aí já me deixou desmotivada. Mais do mais, eu não me importava tanto, não. Porque eu tirava mais, melhores notas que eles, aí, por um lado isso, me ajudava (Depoimento Clarissa, estudante de Gestão Pública).

Vale lembrar que, segundo Feijó e França (2021), ao longo do percurso escolar e, principalmente, no momento da realização do Enem, um fator relevante não pode ser negligenciado para o sucesso no certame: o *background* dos colegas de turma (efeito dos pares). Contudo, o depoimento da ex-estudante de Pedagogia nos mostra que, para além dos percalços financeiros, o fato de ter sofrido deboche por conta dos materiais didáticos que reutilizava não a impediu de se esforçar ao longo dos estudos.

É importante pontuar que, em relação às atividades escolares, Clarissa teve apoio de sua mãe: “ela sabia algumas coisas e pesquisava na internet, pegava o livro emprestado e aí a gente fazia aqui em casa mesmo”. Esta participação dos pais de Clarissa também se estendeu para os eventos escolares, pois, segundo ela, eram eles os responsáveis por comparecer às reuniões na escola.

A rotina dos estudos, assim como no caso das outras jovens participantes desta pesquisa, também se fez presente no percurso escolar da entrevistada, sendo os horários controlados por sua avó. Sobre o tempo destinado aos estudos diariamente, pontuou que: “Eu

lembro que no Ensino Fundamental era menos pesado e era de duas a três horas. Já no Ensino Médio, eu chegava à tarde inteira, um pouquinho da noite, por volta de umas seis a sete horas de prazo”.

Mesmo que a estudante tenha vivido em um ambiente familiar ordenado (LAHIRE, 1997), Clarissa não contou com apoio financeiro dos avós, como já mencionado. No entanto, quando indagada a respeito do incentivo para realizar cursos extracurriculares, como cursinho pré-vestibular, ela nos informou que seus avós ofereceram apoio psicológico: “era mais para tipo assim, só apoio psicológico para não desistir. Por causa que eles não tiveram condição de estudar, então era para eu seguir em frente”.

Quanto à trajetória de Clarissa, uma situação peculiar apareceu em seu depoimento, a qual não foi observada no percurso escolar dos outros entrevistados. O apoio para que ela chegasse ao Ensino Superior veio fora do contexto familiar. A entrevistada contou-nos que foram seus professores do Ensino Médio que despertaram nela este desejo. Sobre isso, reforça-se a importância destes profissionais que atuam nas escolas brasileiras, em especial aqueles que atuam em meios sociais desprivilegiados, de encorajar e motivar os alunos que, muitas vezes, não recebem esse apoio familiar. Destacamos ainda que, conforme Zago (2000), o apoio sistemático dos professores pode se tornar um fator rentável na definição de percursos escolares singulares.

Por outro lado, a motivação é um “fator interior essencial para que o sujeito se disponha ou não a concretizar projetos, modificar situações de vida, conquistar novos postos de trabalho, adquirir conhecimentos, enfim, estabelecer as mais variadas mudanças em seu contexto existencial” (RODRIGUES *et al.*, 2018, p. 4). Neste aspecto, pode-se intuir que o anseio da estudante de chegar ao Ensino Superior também perpassou seu desejo de romper com a herança familiar, isto é, chegar a uma escolarização não obtida por seus pais e avós. A respeito do modo de reprodução escolar, é importante lembrar que:

[...] os interesses próprios da família, os interesses dos pais que não querem ver os filhos descenderem abaixo de seu nível, os interesses dos filhos que não querem ser desclassificados, que vão sentir o fracasso com maior ou menor resignação ou revolta segundo sua origem, vão conduzir a estratégias extremamente diversas, extraordinariamente inventivas, que têm por finalidade manter a posição (BOURDIEU, 2004, p. 61).

Neste processo de escolarização longeva, a própria escola tem sido uma instituição relevante nos dias atuais. A preparação ofertada ao longo do Ensino Médio é significativa no percurso escolar, principalmente daqueles indivíduos provenientes dos meios populares. No

caso de Clarissa, nota-se que isso foi fundamental para que a estudante pudesse chegar ao Ensino Superior. Como relatou:

A partir dos meus 16/17 anos, no início do Ensino Médio mesmo, a escola já proporcionava simulado todo o trimestre para a gente preparar para o Enem. Aí, com os 16, eu comecei a fazer como treineira, né, do Enem. E aí, lá a gente também, os professores, é... faziam mostra de profissões. Aí, a gente começava a pesquisar a faculdade, onde era mais barato, era um ensino melhor e assim foi (Depoimento de Clarissa, estudante de Gestão Pública).

A chegada à universidade pública foi motivo de muita alegria para sua avó. Clarissa disse que “Teve comemoração, algumas lembrancinhas de presente... e principalmente, como eu disse, devido à religião, agradecimento em forma de oração”. Essa satisfação nesta configuração familiar mostra que os desafios vividos ao longo do percurso escolar (desmotivação, situações financeiras difíceis, que impediam a aquisição de certos materiais didáticos e o esforço por conseguir boas notas) não foram elementos que impediram a conquista de uma aluna pertencente aos meios populares atingir a longevidade escolar.

4.5.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos

Como exposto por Clarissa, não houve com a avó, ao longo da vida, estreitamento de laços. O diálogo era restrito e, na atualidade, mesmo que elas dividam a mesma residência, o desafio de aproximação ainda persiste. No entanto, a entrevistada atribuiu à sua cuidadora o aprendizado de ser hoje uma pessoa ética devido aos conselhos recebidos da avó. Uma das modificações na convivência aconteceu no período da adolescência, como pontuado na entrevista: “Aí no passar da idade eu percebi que me tratava como criança, eu já não era mais, eu tinha cabeça para sair, já tinha aprendido muita coisa. Aí agora depois dos 20 anos que teve mais confiança”.

Embora a convivência nem sempre tenha acontecido de forma harmoniosa entre Clarissa e a avó, a estudante relatou que, quando iniciou os estudos na UEMG, no ano de 2020, antes do início da pandemia, sua cuidadora chegou a ter depressão devido à ausência da neta em casa. Ainda segundo a entrevistada, essa situação foi amenizada quando desistiu de cursar Pedagogia e ingressou em um curso EaD, mas, por outro lado, ainda persiste o afastamento entre elas, pois mesmo estando em casa, dedica-se aos estudos.

No momento atual, Clarissa ainda se queixa a respeito da imposição da religiosidade da avó. Pontuou que quer se afastar da disciplina religiosa inculcada pela avó, afirmando que

“o que eu tinha que aprender eu aprendi. Agora eu mesmo estou construindo a minha própria concepção”. Assim como no caso da estudante de Química, Ana, nesta configuração familiar a religiosidade da avó se fez muito presente na infância e juventude. No entanto, com a chegada da vida adulta, nota-se que ambas as entrevistadas sentiram certo desconforto e buscaram sua própria religiosidade. Vale ainda lembrar que:

A liberdade religiosa da criança e do adolescente é direito humano internacional e direito fundamental constitucional, garantido e observável no ordenamento jurídico pátrio. Há farta previsão legal aplicável à espécie, devendo atentar-se para o princípio da proteção integral que garante à população infanto-juvenil o gozo de todos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana (PINTO, 2017, p. 148).

Contudo, o diálogo menos intenso e a tentativa da avó de imposição de sua religiosidade não foram elementos que diminuíram ou excluíram o sentimento que Clarissa carrega de sua cuidadora: gratidão. Ela reconhece que sua avó materna é sua segunda mãe. Sendo assim, mesmo não apresentando um vínculo afetivo tão próximo com a avó, a estudante reconhece sua importância ao longo da vida, confirmando aquilo que é posto por Dias (2022): o papel dos avós é caracterizado pela gratuidade de amor e carinho.

4.6 Marlena, avó de Clarissa: “É a minha companhia que eu tenho... É um amor que ninguém tira!”

Ao contrário das outras avós que nos concederam seus relatos com entusiasmo e muita empolgação, Marlena se apresentou mais tímida e as respostas às nossas indagações foram objetivas. Não notamos que ela estava insatisfeita ou mesmo contrariada em participar da entrevista, mas foi possível perceber que não estava confortável frente ao computador da neta, talvez pelo fato de não ter familiaridade com este recurso tecnológico.

A avó de Clarissa tem 67 anos, é viúva e do lar, e tem apenas uma filha. Atualmente, recebe pensão de um salário mínimo do marido falecido. Estudou até a antiga quarta série e nos disse que interrompeu os estudos tanto pelo fato de que o pai não tinha condições de arcar com os estudos quanto por também não gostar de estudar. Além disso, ressalta outros obstáculos durante sua escolarização:

Eu andava dois quilômetros pra chegar na escola. E nós passava necessidade... eu merendava lá... eu comia lá... e chegava em casa era pouco, porque nós era muitos irmão e... e nós levantava muito cedo e criança dorme

muito, né? Nós tinha que levantar seis horas... arrumar depressa pra chegar lá às sete (Depoimento de Marlena, avó de Clarissa).

Ao lado destes desafios vivenciados durante o curto período em que frequentou a escola, a avó de Clarissa pontuou ainda que não realizou esforços para estudar. Entretanto, assim como todas as outras avós desta pesquisa, Marlena reconhece que a educação é importante na vida dos indivíduos.

Clarissa foi criada com a avó na mesma residência: Marlena a levava ao médico quando necessitava, vigiava a rotina da neta durante o dia para os pais trabalharem e era responsável pelas tarefas domésticas. No entanto, algo nos chamou a atenção durante a entrevista: ao contrário das outras entrevistadas, não percebemos uma relação de proximidade entre elas.

A troca de confidências, gestos de carinho e uma relação de amizade não foi observada entre Marlena e Clarissa. Pareceu-nos, em certos momentos da entrevista realizada com ambas, que o convívio se resumia a algo prático, isto é, a mãe da estudante saía para trabalhar e, como ela tem uma criança que precisava ser cuidada/criada, a avó tomou para si estes cuidados.

Embora Clarissa tenha nos relatado que recebeu ensinamentos úteis da avó para a sua formação, como lavar roupas, cozinhar e outras atividades domésticas, bem como valores religiosos, não notamos afinidade entre elas. Talvez este certo distanciamento esteja relacionado ao fato de que a estudante de Gestão Pública sintia-se incomodada com a tentativa da avó no que diz respeito à imposição religiosa, como pontuou ao longo de seu depoimento.

4.6.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta

Como Marlena teve uma passagem curta pela escola (antiga 4ª série), a princípio já foi possível inferir que as práticas educativas na trajetória escolar da neta foram restritas à infância, situação confirmada ao longo da entrevista. A avó não participava das reuniões e outros eventos escolares, bem como não opinava na escolha dos estabelecimentos de ensino frequentados pela neta – responsabilidades que ela fez questão de enfatizar que eram de responsabilidade da mãe de Clarissa. O distanciamento de Marlena da cultura escolar e até mesmo o fato de ter nos relatado que não gostava de estudar ao longo de sua infância e juventude podem ser fortes indicadores do que a afastou dessas tarefas.

No entanto, é importante ressaltar que Marlena recorreu a práticas educativas dentro do seu campo de possibilidades, pois ela informou-nos que ensinou a neta a escrever e que ainda contava histórias. Notamos que a avó carrega orgulho deste apoio ofertado à neta: “Isso aí, eu ajudei ela quando ela era pequenininha. Muitas coisas ela já sabia quando ela foi pro pré, né, Clarissa? Quando ela foi pro pré, muitas coisas ela já sabia”.

Esta avó, assim como as demais, nas outras configurações familiares desta pesquisa, também cobrava boas notas na escola, olhava os cadernos da neta e os boletins. Nota-se, assim, que mesmo a avó apresentando certa resistência em relação ao seu processo de escolarização (nunca gostou de estudar), preocupava-se com o percurso escolar de Clarissa, até mesmo por ter afirmado na entrevista que a educação é muito importante na vida dos indivíduos. Por isso, era rígida na rotina de estudos:

[...] “‘cê’ não fazer, ‘cê’ não vai fazer nada. ‘Cê’ vai fazer primeiro os deveres. Porque a hora que ‘cê’ chegar lá na escola a professora... a primeira coisa que ela vai ver é o seu caderno.” Aí, é quando eu via que ela tinha acabado, eu falava assim: “agora ‘cê’ pode fazer o que ‘cê’ quiser, mas primeiro ‘cê’ faz os deveres”. Não deixava ela fazer outra coisa, não. Chegava da escola, falava com ela “faz o dever que e aí ‘cê’ poder brincar, poder fazer o que ‘cê’ quiser. Mas o dever, ‘cê’ tem que fazer” (Depoimento de Marlena, avó de Clarissa).

A respeito de investimentos extraescolares durante a trajetória escolar da neta, Marlena não teve participação, ressaltando que os pais ficavam a cargo disso. A situação econômica desfavorável da avó explica a ausência deste apoio: “eu não, a mãe dela que pagava. É porque eu tinha meu marido doente também, eu tinha que olhar ele”. Mediante essa constatação, reafirma-se que, nos meios populares, os desafios de ordem econômica no que diz respeito ao processo de escolarização são evidentes, até mesmo porque a ex-estudante de Pedagogia não teve oportunidade de realizar cursos preparatórios e/ou extraescolares.

Mesmo sem condições de realizar investimentos financeiros ao longo do percurso escolar da neta, Marlena afirmou que ofereceu incentivos para que Clarissa pudesse chegar ao Ensino Superior. Esse incentivo pode ter sido pautado por dois motivos: a) não ter tido a oportunidade (e desejo) de ter uma escolarização prolongada; e b) almejar que a neta tivesse um destino escolar diferente de sua mãe, que não chegou à universidade.

4.6.2 Convivência com a neta ao longo da vida

Quando indagamos Marlena a respeito dos problemas de convivência cotidianos com a neta, ela nos disse que Clarissa é “nervosa”, reforçando a ideia de que as relações intergeracionais podem ser marcadas por conflitos (SCHULER *et al.*, 2019; COUTRIM *et al.*, 2007). Entretanto, percebemos que, para além do fator religioso, a avó, de certo modo, opina em outras decisões tomadas pela neta, que podem acabar não fortalecendo o vínculo entre elas. Por exemplo, a graduação em Gestão Pública que Clarissa cursa no momento com o foco em ser aprovada no concurso da Polícia é algo que contraria a avó, que enxerga na carreira de policial um risco de morte iminente, assim como Pedagogia também não era um curso aprovado: “Tá muito perigoso pra professora, não tá?”.

Cabe destacar que os avós sentem-se, por vezes, inseguros nas trajetórias escolhidas pelos netos e que demonstram “preocupação com a violência que caracteriza nossa sociedade e medo de que seus netos se envolvam com pessoas que possam prejudica-los” (DIAS, 2022, p. 74). No entanto, talvez certa “intromissão” de Marlena na forma de vida e nas escolhas de Clarissa possa ser um dos fatores que não fez com que o vínculo entre elas estivesse mais estreitado. A avó ainda nos relatou que, quando chama a neta em casa, a mesma responde que não pode atendê-la por estar envolvida nos estudos: “Ela entra pro quarto dela e ó... se chamar ela, ela dana”. No entanto, mesmo não havendo tanta conversa e troca entre elas, Marlena afirma que carrega muito amor pela neta.

4.7 Mariana: “Eu sempre falo, tipo, tudo que eu sou, tudo que eu tenho, tudo que eu estou me tornando, foram eles que me proporcionaram. Desde coisas materiais, até coisas espirituais e emocionais”

Aos 20 anos, a estudante de Psicologia, Mariana, apresentou-nos durante a entrevista uma personalidade forte e determinada. A operadora de *telemarketing* (profissão provisória, segundo ressaltou em seu relato), foi criada pela avó materna, que cursou até o atual 5º ano do Ensino Fundamental. Informou-nos que seus pais não concluíram o Ensino Médio, nem seus avós paternos. Todavia, o seu avô materno chegou a concluir o Ensino Médio.

Um fato que nos chamou atenção diz respeito à sua inserção, ainda adolescente, no mercado de trabalho informal. Durante sua trajetória na Educação Básica, no 3º ano do Ensino Médio, Mariana dava aulas particulares no turno da tarde. Isso aconteceu, a nosso ver, devido a necessidades de ordem financeira, pois a renda mensal dela e da avó é de dois salários mínimos (um salário de cada membro).

Mariana foi nossa única entrevistada que conciliou estudos e trabalho ao longo do percurso escolar da Educação Básica. Mesmo que tenha sido apenas por um ano, no entanto, essa conciliação foi exatamente em um momento crucial de sua trajetória escolar: prestes a tentar o Enem. Nesse sentido, o tempo de dedicação e preparação certamente foi reduzido. Contudo, não foi um empecilho para que chegasse a uma instituição de Ensino Superior pública em um curso considerado de alto prestígio⁴⁹.

No momento em que participou da primeira etapa desta pesquisa, ou seja, no início de 2020, estava ainda matriculada na UEMG, mas conseguiu ingressar no curso de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e, quando concedeu a entrevista, já estava planejando a mudança de cidade. A respeito desta troca de instituição, relatou que:

[...] é... quando eu passei no... Enem. Eu passei na UEMG e aí eu ainda não tinha conseguido passar na UFSJ, fiquei na lista de espera e tudo, mas aí não deu. Aí, no segundo semestre, quando abriu o SISU de novo, a minha nota deu pra UFSJ e aí eu tinha vontade de estudar lá também... foi uma decisão difícil porque eu também tinha gostado da UEMG. Mas aí eu decidi trocar e aí eu fui pra UFSJ (Depoimento Mariana).

O relato da estudante revela que ela já estava decidida a ingressar na UFSJ antes de começar a graduação na UEMG. No entanto, como as condições objetivas não permitiram seu intento (a nota de corte), ela recorreu a outra estratégia para ingressar no Ensino Superior público: matricular-se onde era possível naquele momento e situação.

Nesta configuração familiar, ao contrário das outras deste estudo, o caso de aproximação de Mariana com seus avós foi distinto. A estudante foi morar com os avós devido à separação de seus pais e, também, por imposição de seu avô materno. Segundo nos relatou, ele intimou seus pais sobre sua guarda: “Não, não dá pra ela ficar com vocês, com vocês nessa bagunça. Eu vou pegar a guarda dela até vocês dois resolverem, e depois a gente vê como é que fica”. Com o passar dos anos, Mariana disse que ela mesma não quis voltar a morar com seus pais: “eu também não quis, tipo, voltar. Nem pequena, nem depois de grande... eu não quis. E aí eu fiquei”⁵⁰.

⁴⁹ Psicologia é um curso considerado, na UEMG (Divinópolis), de alto prestígio.

⁵⁰ A jurisprudência brasileira prevê que o pedido de guarda pelos avós pode ser feito em razão de diversas situações, entre elas, a existência de maus tratos. Como será observado no depoimento da avó, este foi um dos motivos de Mariana ter ido morar com a avó.

Ao longo da entrevista, notamos que a estudante nutre um carinho especial por seus avós⁵¹. Em relação à avó, o sentimento de gratidão e carinho foi percebido inclusive no apelido dado: “Minha vó, eu chamo ela de Naiumi (risos)!”. A estudante passou a morar com a avó materna a partir de dois anos de idade e a ligação entre elas é muito forte, até mesmo porque ela foi sua cuidadora principal na infância:

Minha avó, ela passava o dia todo, né? Ela até conta que eu era muito grudada nela quando eu era pequena, tipo, pequena mesmo. Aí, ela fazia comida comigo no colo, lavava roupa comigo no colo. Quando eu era pequena, eu falava que a primeira coisa que eu ia comprar quando eu tivesse dinheiro era uma máquina de lavar e um fogão, de tanto que eu via ela fazendo essas coisas (risos)! Então, a minha avó ficava comigo praticamente o dia todo. Meu vô geralmente vinha tipo, de noite... ver a gente e tudo... e final de semana (Depoimento de Mariana, estudante de Psicologia).

Já em relação ao avô, Mariana nos informou que ele morava em casa separada, mas foi o principal responsável por sustentá-la na infância e juventude. Com o falecimento dele em 2014, outras pessoas passaram a contribuir financeiramente (padrinho e tio). O estudo de Dias e Silva (2003) com universitários da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) também sinalizou esta importante participação financeira dos avós no que tange à educação dos netos por eles criados ou cuidados.

A religiosidade também foi um ponto central nesta configuração familiar, assim como foi observado nos relatos de outras participantes deste estudo. Mariana nos disse que a avó, por frequentar a igreja católica, acabou passando esta influência na sua criação: “Às vezes, ela me criou com as regras, tudo... que ela aprendeu lá, né, com as convenções que ela aprendeu, tipo, na igreja”.

Cabe ainda ressaltar a relação avós e netos nesta família foi marcada por companheirismo e proximidade, tanto na infância e juventude quanto na vida adulta. Mariana fez questão de pontuar que seus avós maternos foram fundamentais em sua caminhada, pois foram eles que a criaram e ambos tiveram funções distintas neste processo:

[...] a minha vó, a gente sempre foi muito próxima, de amiga mesmo. Então, às vezes de eu estar triste ela me aconselhar, a gente conversar mesmo. Meu avô de me proporcionar as coisas, de me aconselhar, de cobrar as coisas... De ensinar as coisas mesmo, né? (Depoimento de Mariana, estudante de Psicologia).

⁵¹ Mariana não é neta biológica de seus avós maternos, como será discutido na seção seguinte. No entanto, quando realizamos a entrevista com a estudante, ela não mencionou esta informação, sendo tal situação apresentada somente no relato de sua avó.

Embora tivesse ficado nítida ao longo do relato da estudante de Psicologia a forte ligação com seus avós maternos, Mariana disse que seu avô era rígido no controle das redes de amizade da neta, não permitindo nem que ela dormisse fora de casa. Após seu falecimento, ela nos informou que a avó passou a conceder uma liberdade “vigiada”:

Aí, depois que ele faleceu, eu fui crescendo também, minha avó ficou mais maleável. Mas tipo assim, é... só com quem ela conhecia. Ela sempre gostou de saber com quem eu estava saindo, de conhecer meus amigos e tudo... E depois que eu fiquei assim mais velha, é que eu passei a ter a minha liberdade de horários (Depoimento de Mariana, estudante de Psicologia).

Assim como observado nas outras configurações familiares deste estudo, com exceção de Clarissa e sua avó Marlina, as relações intergeracionais entre Mariana e seus avós se deu harmoniosamente e foi permeada por muito afeto e intimidade. Segundo nos relatou, a respeito da participação dos avós em festas, eventos culturais, idas ao médico, eles foram os principais responsáveis por acompanhá-la, e com o falecimento do avô, outras pessoas da família também se encarregaram deste papel.

4.7.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares

Bem próximo da realidade de Ana, que cursou até o 9º ano em escola particular, Mariana estudou em uma instituição privada na cidade de Itaúna (MG) até o 2º ano do Ensino Médio, sendo este investimento pago pelo seu avô. A estudante também reconhece que, para além desta ajuda financeira, seus primos contribuíram com sua formação, pois ajudaram-na em relação aos deveres escolares algumas vezes.

No que diz respeito à rotina de estudos, Mariana nos informou que não havia um horário específico para se dedicar aos deveres escolares. Seu avô a presenteou com um computador, ajudava na realização de cursos extracurriculares, na aquisição de material escolar e uniforme, mas quem controlava as atividades escolares era a avó. Já em relação à participação nas reuniões escolares, o avô também comparecia, revelando, assim como aponta Dias (2022), que os avós podem contribuir tanto para as transmissões quanto para orientações educacionais.

Ainda no que diz respeito às práticas educativas, Mariana relembrou que o 3º ano do Ensino Médio foi intenso nos estudos: visando ao ingresso na universidade, dedicou-se muito

nesta preparação. No entanto, vivenciou a dificuldade de ter que mudar de uma instituição escolar privada para uma pública:

Hum... por exemplo, eu lembro que quando... eu estudava em escola particular e aí a mensalidade do segundo para o terceiro ano, ela aumenta muito! Tipo, aumenta drasticamente. Aí a gente optou tipo, eu fui para a escola pública e fiz seis meses de cursinho. Junto com o terceiro ano, que aí compensava mais do que... pagar a mensalidade. Então foi uma dificuldade, né? (Depoimento de Mariana, estudante de Psicologia).

A estudante ainda pontua que o ingresso no Ensino Superior era um sonho de seu avô, embora ele não quisesse que ela prestasse vestibular para Psicologia, e sim para Medicina ou Engenharia. No entanto, seus avós não interferiram em sua escolha profissional. Segundo ela nos relatou, o avô faleceu antes deste momento crucial em seu percurso escolar e a avó serviu de apoio para conversas sobre o assunto.

Mariana, assim como Clarissa, também contou com a colaboração de seus professores da Educação Básica e de cursinho pré-vestibular na busca por informações a respeito do processo de vestibular. Desse modo, podemos dizer que o fato de o avô oportunizar para a estudante de Psicologia uma escolarização favorável abriu caminhos para o enriquecimento do capital informacional.

Observamos, ainda, que os avós de Mariana buscaram rede de apoio para que a neta pudesse atingir a longevidade escolar, já que os outros familiares (primos e tios) colaboravam nos deveres de casa. Essas relações que Bourdieu (2010) denomina de capital social foram relevantes para a trajetória escolar da estudante, pois deram subsídio para que ela adquirisse um capital cultural que foi transformado em capital escolar.

Cabe ressaltar que Mariana foi a única estudante desta pesquisa que conciliou, mesmo que por um ano, o mundo do trabalho com os estudos durante a Educação Básica. Como nos relatou, no 3º ano do Ensino Médio começou a dar aulas particulares e, desse modo, a estudante cursava pela manhã o Ensino Médio, trabalhava à tarde e à noite estudava para o Enem.

A motivação e a perseverança de Mariana podem ser analisadas sob várias óticas: a) desejo do avô que ela chegasse ao Ensino Superior (almejava que ele se orgulhasse dela); b) romper com a herança escolar de seus pais e avós, que não tiveram escolarização prolongada; c) buscar colocação profissional que permitisse ascender na escala social. Cabe ainda dizer que o percurso escolar teve momentos difíceis e que ainda deixam marcas para a estudante:

É... eu acho que, quando, depois que meu avô faleceu, eu e minha avó, a gente vivenciou um desafio financeiro, um desafio até emocional. Porque foi muito desgastante, tipo, meus tios são muito difíceis, minha mãe é muito difícil. Então foi desgastante emocionalmente também (Depoimento de Mariana, estudante de Psicologia).

Mesmo que Portes (2014) e Moragas (2004) em suas pesquisas se refiram ao desafio financeiro de estudantes universitários, é possível traçar um paralelo com as necessidades de ordem econômica de alunos da Educação Básica: os problemas relacionados à ausência de capital econômico retiram do indivíduo a concentração necessária exigida para os estudos. Dito em outras palavras, a impossibilidade de, por exemplo, adquirir certo material didático, realizar cursos ou estudar em certos estabelecimentos escolares de prestígio são impactos vivenciados nas trajetórias escolares.

4.7.2 Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos

No relato de Mariana ficou evidente que a estudante sentiu muito a perda do avô – não pela ajuda financeira que o mesmo a proporcionava, mas, sim, por ele não ter presenciado sua inserção no Ensino Superior e a mulher responsável e madura que se tornou. Ainda nos contou, em relação aos sentimentos que carrega do avô, que a saudade dele é latente.

Já em relação à sua avó, os sentimentos de carinho, respeito e admiração permaneceram inalterados. No entanto, os problemas de convivência apareceram: “Por exemplo, às vezes eu e minha avó, a gente teve muito problema, às vezes em questão, tipo, de sexualidade... assim, já foi um problema nosso”. Mariana não aprofundou quais foram os conflitos que ela e a avó vivenciaram neste contexto, mas, como Schuler (2019) afirmou, a diferença de idade, valores e as distintas crenças de geração fazem parte das relações intergeracionais.

A estudante de Psicologia, quando indagada a respeito das modificações na convivência com seus avós durante a adolescência, ponderou que em certo momento se tornou um pouco distante. No entanto, este afastamento temporário foi significativo para que percebesse a relevância de seus avós: “Também, quando passa um pouco dessa fase você percebe também a importância. Aí você volta de novo (risos)!”.

Mariana sente que a convivência com a avó Naiumi, como a chama, sofrerá mudanças com sua transferência para São João Del Rei. Ela considera que o maior impacto será a saudade, pois não poderá aproveitar o convívio como antes. No entanto, sinalizou que fará um esforço para, sempre que possível, visitá-la aos finais de semana.

Foi possível inferir também que o falecimento do avô estreitou ainda mais os laços com a avó. A trajetória de Mariana e de seus avós, considerando os outros participantes desta pesquisa, foi marcada por muitos desafios, principalmente de questões emocionais (separação dos pais e rejeição em se aproximar deles na fase adulta, ida para a casa da avó materna, conflitos relacionados à sexualidade, além da perda do avô). Contudo, algo não foi apagado neste percurso: o amor que a neta nutre por seus cuidadores. Isso ficou evidente na entrevista da neta e da avó.

4.8 Belinha, avó de Mariana: “Muito amor! Muito! Chega até a gerar um ciumezinho, sabe, dos meus filhos”

Viúva aos 66 anos, com renda mensal de três salários mínimos, Belinha é mãe de “três biológicos e quatro, com a Mariana, de coração”. Estudou até a antiga 8ª série, mas deixou claro que não prosseguiu a escolarização porque precisou trabalhar aos 14 anos na Companhia Siderúrgica de Itaúna (MG), pois era uma das filhas mais velhas de sua família e precisava ajudar no sustento de casa. Relembrou, ainda, que durante seu percurso escolar não teve problemas significativos, considerando que era uma “boa aluna”, bem como pontuou que até hoje busca conhecimento por conta própria:

Eu gosto muito assim, sabe, gostava e gosto, de tá lendo reportagem. Eu só infelizmente não tenho o vício de ler livros, mas já li alguns assim, sabe. Procuro sempre estar por dentro dos assuntos, né, mas é muito pouco, né? (Depoimento de Belinha, avó de Mariana).

Este gosto da avó pelos estudos, embora não tenha tido oportunidade de avançar na escolarização, foi um incentivo para que desejasse o ingresso da neta (bem como dos filhos) na universidade. Quando indagada sobre isso, afirmou: “Com certeza! Tanto ela quanto meus filhos, né? Mas com ela foi mais, porque ela, como diz ela, caçulinha, né, então... Aí a gente empenhava mais, né?”.

Belinha, atualmente, já se aposentou e não está envolvida em nenhum movimento religioso, político ou grupos de apoio. No entanto, continua colaborando no cuidado de outros netos, desmistificando, como revelam Camarano e Pasinato (2004), estereótipos relacionados à velhice de estagnação:

Não, eu fazia parte de um grupo aqui, sabe. Chama Grupos de Mães, mas eu tenho que tomar conta de netos, que eu tenho um neto especial, sabe, tem

síndrome. Então de vez em quando ele tá aqui na minha casa para cuidar dele, ajudar, então é só isso, né? Não tem como (Depoimento de Belinha, avó de Mariana).

Nota-se, tanto pelos cuidados de Mariana, desde os dois anos de idade, quanto pela ajuda ao neto que possui necessidades especiais, que Belinha tem assumido um papel relevante na configuração familiar. A esse respeito, como pontua Areosa (2015) a contribuição de certos avós é fundamental para a sustentabilidade da família. Além disso, a própria renda dos idosos é essencial no orçamento familiar (CAMARANO, 2020). Isso nos leva a dizer, não desconsiderando os esforços empreendidos pelas outras avós desta pesquisa, que Belinha é uma avó “diferenciada”.

Esta senhora nos informou que aprende muito com Mariana, mas que enfrentou alguns problemas na relação com a neta. Um deles, embora não tenha dito em seu depoimento, acreditamos ser relacionado à sexualidade da estudante, uma vez que, na entrevista desta última tal situação foi mencionada. Outros desafios que impactaram as relações intergeracionais de avó e neta também foram levantados pela idosa, principalmente quando assumiu a guarda de Mariana:

É, com a mãe dela. Porque é uma história... Por isso que é uma história complicada. Posso falar agora? Então, ela tinha a mãe e o pai dela, tudo, moravam juntos. Só que era muito complicado o relacionamento dos dois. E aí eu namorava com o avô dela [Mariana], pai da mãe dela [Mariana], entendeu? Aí em uma certa altura lá, eles resolveram se separar, mas antes disso, ela era uma menina assim, judiada, sabe. A mãe dela não espancava nem nada, mas tinha uns castigos assim, de quarto escuro, de tomar as coisas que ela mais gostava, que era chupar bico, que ela gostava de chupar bico, sabe, ela tomava. Essas coisas assim. Então o avô sempre ia lá no fim de semana, no domingo, e pegava ela e trazia ela pra minha casa. Antes deles separarem, entendeu? Aí eu comecei, o amor foi aumentando e tudo, tudo, aí depois eles resolveram se separar, ela não quis, por (como que fala?) circunstâncias dela lá, então não tinha como ela [Mariana] ficar com ela [mãe]. O pai também não teve, né? E a avó paterna não quis assumir o compromisso porque não combinava com a mãe dela de jeito nenhum, sabe. Aí na separação lá, o juiz estipulou de dar a guarda dela pro avô, aí ele trouxe ela assim de vez, me perguntando: “Você cria ela pra mim e tudo?”. Falei assim: “Crio”. Porque com a mãe biológica, infelizmente ela não tinha condições de ser criada, sabe? Ela teve muitos problemas psicológicos, bipolares, bipolaridade, sabe [mãe de Mariana]?. Acho que tem até hoje, né Mari? Então, era muito complicado, sabe...? Aí trouxe ela pra cá, só que quando ela surtava lá, ela ficava assim, ligava pra mim, sabe? Me desacatando, até hoje ela surta e fala que eu roubei o pai dela, que é o avô, que eu roubei dela e a filha dela (Depoimento de Belinha, avó de Mariana).

Esse longo trecho da entrevista de Belinha nos revelou muito da dinâmica familiar e das dificuldades pelas quais o grupo passou. Esses desafios vividos pela idosa, mesmo que ela tenha nos relatado que já superou, foram marcantes na relação com a neta. Como pontua Juras e Costa (2011), o divórcio destrutivo deixa marcas nas famílias, que precisam do apoio de outras pessoas para ser superado. Contudo, a avó, por outro lado, preocupava-se em orientar a neta em relação à importância do convívio com a mãe:

Mas, graças a Deus, ela ficou muito tempo, enquanto ela não entendeu mesmo, conheceu como que era a mãe dela, eu nunca falei um nada dela, sabe. Ficava assim, ela [Mariana] chorava porque ela [mãe] combinava de buscar ela no fim de semana, mas aparecia outros compromissos para ela sair, passear. Eu arrumava ela, arrumava a malinha dela, tudo arrumadinho, na última hora ela falava: “não, não vou buscar ela não”. Aí no principinho ela até chorava, ela gostava de estar com a mãe, claro, né?! Aí eu falei assim: não, porque sua mãe teve um compromisso, então, né...? Explicava da melhor maneira possível, mas depois com o tempo ela foi entendendo, né? Aí ela mesmo já não gostava de ir não, aí já era a maior dificuldade para mim, porque eu tinha que falar com ela: “Não, Mariana, você tem que ir, porque o juiz estipulou, sabe...?”. Era assim, um fim de semana ela ficava comigo, um com o pai, outro comigo de novo, depois o outro com a mãe, sabe? Pra cabecinha dela, né, pra ela, né, ter... Graças a Deus, valeu a pena fazer isso, né? Era complicado... Então, depois, ela foi entendendo, ela não quis ir mais e ficava não querendo ir mais. E era aquele problema, chorava, mãe dela às vezes na porta esperando, ela chorando que não queria ir, não queria ir, sabe? Ia, chegava lá, a mãe surtava, o avô tinha que ir buscar ela, que era outra cidade, Mateus Leme, sabe? Aí o avô tinha que sair daqui, ir lá buscar a menina, então a gente passou um pedacinho, sabe, mas valeu a pena (Depoimento de Belinha, avó de Mariana).

Percebe-se que o carinho, o respeito e a sensatez da avó foram essenciais para que Mariana também pudesse compreender e superar esses desafios relacionados ao convívio com a mãe biológica. Segundo Juras e Costa (2011), o apoio da família extensa nesta situação é extremamente importante para enfrentar o processo de divórcio, principalmente para as crianças que se encontram na fase escolar, pois são as que mais sofrem impacto.

4.8.1 Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar da neta

Em relação às práticas educativas, Belinha não ficou responsável somente por ajudar Mariana: a idosa também teve dois netos que moraram com ela durante quatro anos, no processo de separação dos pais, colaborando com eles na realização dos deveres de casa e outras atividades escolares.

Sobre o processo educativo da neta, que Belinha considera como filha, em seu relato nos informou que se preocupava muito com as notas obtidas na escola, até mesmo “[...] porque, que que acontece? Os meus não tiveram oportunidade de estudar em escola particular, né? Então, empenhei muito com ela... na época o avô dela tava aqui ainda, então tinha condições”.

Belinha ressaltou que escolhia os estabelecimentos escolares frequentados pela neta buscando sempre os “melhores colégios” para Mariana. Ainda pontuou que este esforço na trajetória escolar da neta é explicado pelo desejo de oportunizar a ela condições que os próprios três filhos não tiveram. Além disso, outros materiais didáticos foram ofertados durante o percurso escolar na Educação Básica: “Tinha coleções de livros, aqui tem até hoje. Eu falo com ela assim: que dó de doar esses livros infantil, mas vai indo a gente tem que doar, né, porque tem mais gente pra ajudar”. A coleção de livros adquiridos para Mariana é uma situação explicada por Bourdieu (2010): cada família transmite aos seus filhos (neste caso, à neta) um certo capital cultural e um *ethos* que contribui para definir as atitudes frente ao capital cultural e ao desempenho escolar.

A aquisição de livros estava acompanhada do incentivo da leitura: Belinha nos informou que contava histórias para Mariana, bem como mostrava e explicava as figuras nos livros. Este investimento da avó estava ainda acompanhado da cobrança de boas notas na escola. Segundo nos relatou a idosa, o desempenho escolar da neta era motivo de orgulho: “É, ela chegava com o boletim, né, mas graças a Deus, eu ficava toda feliz, tinha um prazer de assinar ele”. Essa afirmação também corrobora a alegria da avó em ver a neta superando os conflitos familiares vividos durante a infância com a separação de seus pais, pois esta situação desafiadora poderia interferir no percurso escolar de Mariana.

Os cadernos de Mariana também eram supervisionados pela avó. Ela pontuou que, dos seus filhos biológicos, não teve tempo de realizar essa supervisão devido ao fato de trabalhar fora, mas que o acompanhamento escolar da neta foi mais sistemático, pois já não estava mais exercendo atividade profissional: “eu sentava com ela e ajudava no dever, só levantava na hora que ela terminava. Até quando ela precisou, enquanto ela precisou eu fiz isso”. A supervisão da avó se estendia, igualmente, para a organização dos horários de estudo:

Gostava que ela chegasse, almoçasse, dava um tempinho e começasse. Porque eu acho que aí acompanha o raciocínio, né, e tudo. Mas era difícil... tinha dia que ela me obedecia, tinha dia que não. Mas eu respeitava, porque, né, cada um é cada um. Às vezes ela tava cansada, porque vai chegando, vai ficando muito apertado, aí eu respeitava o horário dela (Depoimento de Belinha, avó de Mariana).

Quando a avó não tinha conhecimento para auxiliar Mariana na realização das atividades escolares, ela nos relatou que os primos foram a rede de apoio encontrada para ajudar a estudante. Bourdieu (2010) revela que a rede de ligações é entendida como o produto de estratégias de investimento social, isto é, a busca por trocas úteis para a vida econômica e cultural dos indivíduos.

A chegada de Mariana à universidade foi motivo de muita comemoração para a avó Belinha, embora tivesse receio e, ao mesmo tempo, tristeza de ver a neta partir e ir morar em outra cidade. Em seu relato, disse que ainda está se acostumando com a mudança da jovem, já que a estudante está satisfeita em cursar Psicologia. Outro fato que foi preocupação da avó, para além da mudança de residência, diz respeito à própria escolha profissional de Mariana:

Assim, no princípio achei meio complicado, sabe, porque ela me contava assim, ela falava assim: “eu quero, depois ter pacientes, assim, crianças que tiveram problemas sérios, abusos”, essas coisas assim. Aí eu ficava assim, ao mesmo tempo que eu achava bonito essa parte dela, mas eu ficava assim, meu Deus, ela vai sofrer demais, porque, né, você acaba, claro, né, participando da vida da pessoa completamente, né? Aí eu ficava assim, meu Deus, eu sei que vai ter caso que vai ser difícil pra ela resolver, ela vai pegar as dores da criança. Mas depois, eu falei, não, é isso que ela quer, então Deus vai ajudar que ela vai conseguir (Depoimento de Belinha, avó de Mariana).

Esse depoimento da avó nos fez pensar que as próprias dificuldades familiares vividas por Mariana na infância poderiam ser lembradas na sua atuação enquanto psicóloga, embora a avó não tenha nos mencionado isso. Tal inferência se deu a partir dos desafios que a avó enfrentou durante a criação de Mariana:

Porque teve, assim, muitos detalhes assim, em relação da mãe dela com o pai, que é o avô, sabe? Assim, eu sofri muito, sabe? Eu sofria por ele, pela Mari e até por ela [a mãe da Mariana], porque eu não conseguia entender ela, sabe? Eu custei a entender, e assim, mais ou menos, porque até hoje eu não entendo não. Porque eu ficava pensando assim, hoje ela tá com 40 e tantos anos, né, Mari? 42, na época ela tinha o quê...? 20 e poucos, né? Então, eu pensava assim, na minha cabeça, eu achava que ela ia amadurecer como mãe. Tanto que eu ficava assim pensando, que eu tinha a Mariana aqui comigo, né? Claro, criei ela como filha e tudo, a família inteira, tudo é vovó, é vovô, é tudo assim, sabe?! Mas, na minha cabeça, eu achava que um dia ela fosse, como diz, “criar juízo”, ela ia levar ela embora, sabe? Então isso aí me incomodava muito, né? Mas depois, com o decorrer do tempo que eu vi, não, infelizmente ela não tem condição. [Mariana: Felizmente]. Ela fala felizmente! Mas é porque todo mundo fala assim comigo, até a família da mãe dela, sabe, graças a Deus já conhecia, tinha amizade, mesmo antes de

começar a namorar com ele, fala que tinha que dar graças a Deus dela ter sido criada comigo, sabe. Que se fosse criada com a mãe, que não sabia como ia ser a vida dela hoje, sabe? Então, isso assim, me deixava até satisfeita, né? Fiz o que pude... É o reconhecimento, isso mesmo, palavra certa (Depoimento Sra. Belinha, avó de Mariana).

Ressaltamos que, mesmo enfrentando tantos problemas e conflitos familiares, Belinha e o avô de Mariana se dedicaram a oferecer um suporte emocional e financeiro para que a estudante tivesse êxito e pudesse alcançar a longevidade escolar. Por outro lado, é merecido destacar os esforços da estudante de Psicologia no percurso escolar – quando o avô faleceu e ela precisou ajudar no sustento da avó, não hesitou conciliar os estudos e mundo do trabalho.

4.8.2 Convivência com a neta ao longo da vida

O relato de Belinha deixou-nos claro que ela e a neta não apresentaram desafios na convivência, fora os já sinalizados que estão interligados aos problemas familiares enfrentados. Ao contrário, a ligação entre elas foi algo que ficou evidente no momento da entrevista, considerando que Mariana participou da entrevista realizada com a avó. Carinho, troca de olhares e cumplicidade são sentimentos que foram observados durante o depoimento.

Em relação às amigas de Mariana na escola, a avó nos disse que nunca se preocupou, pois a neta tinha boas companhias e a deixava até mesmo dormir fora de casa, caso conhecesse as coleguinhas. Isso nos revela que a confiança entre elas foi construída cedo e, ao contrário de outras avós deste estudo, como Marlena, deixar a neta experienciar a vida não era motivo para tanta preocupação.

Na fase adulta, a convivência com a neta também tem ocorrido de maneira harmoniosa, embora Belinha tenha nos informado que a distância da neta, com a mudança para outra cidade, é algo que ainda está se acostumando. No entanto, os finais de semana que ambas podem desfrutar juntas são momentos únicos de trocas de carinhos e confidências.

Tal configuração familiar que esta pesquisa trouxe vai ao encontro do que é posto por Biasoli-Alves (1997): há diferentes ângulos para se “olhar” a família contemporânea e, desse modo, é necessário compreender que não há “A Família Brasileira” e sim “Famílias Brasileiras”, com sistemas e padrões comportamentos distintos. Além disso, o relato de Belinha segue na direção do que foi revelado por Dias:

[...] a prevalência dos laços afetivos em detrimento dos consanguíneos, uma vez que houve mulheres que não somente criavam os netos biológicos, mas

crianças adotadas por seus filhos, novos filhos da nora viúva e sobrinho-neto do marido. Esses resultados mostram a importância das mulheres na sociedade atual (DIAS, 2022, p. 85).

Embora na nossa pesquisa o caso de Belinha se distancie parcialmente da configuração trazida acima, é inegável que a presença da avó na trajetória de Mariana trouxe uma nova história de vida para a estudante. Para finalizar, cabe ressaltar que os depoimentos colhidos neste trabalho investigativo, como pontua Kaufmann (2018), causou-nos surpresa, choque e emoção, pois o espírito é despertado pelas histórias de luta, superação de desafios e (re)conhecimento de trajetórias singulares, mas que buscavam um objetivo comum: ver os netos chegarem à longevidade escolar.

4.8.3 Algumas considerações sobre os depoimentos das estudantes e suas avós

Uma característica comum presente nas relações intergeracionais entre avós e netas são os sentimentos de amor e gratidão. Notamos que todas as estudantes reconhecem a importância de suas avós ao longo de seus percursos escolares e pessoais, seja nos ensinamentos morais e éticos imprescindíveis à formação do ser humano, seja na contribuição dada pelas avós ao longo do percurso na Educação Básica.

Outra característica marcante na relação entre avós e netas são as lembranças que as estudantes têm das suas cuidadoras ao longo da vida. Elas trouxeram, em seus relatos, fatos marcantes que permearam as relações intergeracionais: Ana recordou que dormia na mesma cama com os avós; Clarissa aprendeu a lavar roupas e cozinhar com Marlina; Clara diz que herdou de sua avó a característica de ser uma mulher independente, forte e que luta pelos seus interesses; e Mariana se recorda dos avós levando-a em festas, eventos culturais e idas ao médico.

Foi ainda possível notar que as avós reconhecem os esforços das netas ao longo da trajetória escolar. Todas elas pontuaram que não tiveram “trabalho” em relação à escolarização na Educação Básica, pois as estudantes eram comprometidas com as tarefas escolares. Contudo, é preciso mencionar que as próprias famílias organizaram uma rotina de estudos e que a supervisão era algo comum nas configurações familiares.

Também destacamos que, embora o ingresso na universidade não fosse fruto de um planejamento claro de escolarização, a chegada das netas na universidade pública foi um momento de comemoração pelas avós. Foi possível perceber nas entrevistas a afeição das avós quando indagadas sobre como foi receber a notícia da aprovação das estudantes na

UEMG. Todas sorriram! O relato de Maria, avó de Clara, foi contundente: “Porque a gente acha que pobre não tem vez, né?”.

O que mais nos chamou atenção em relação à discrepância na relação entre avós e netas foi certo distanciamento de Clarissa da sua avó Marlena. Ao contrário das outras configurações familiares investigadas, a estudante, embora reconheça a importância da idosa ao longo de seu percurso escolar e pessoal, não apresentou empolgação, como observamos nos outros relatos. Como já sinalizado, talvez seja pelo fato de a avó ainda querer se “intrometer”, de certo modo, nas escolhas profissionais e pessoais de Clarissa, porém, ficou claro para este estudo que isso não impediu o reconhecimento e o sentimento de gratidão da neta pela sua avó.

Merece ainda destaque outra constatação: a proximidade das avós maternas de suas netas. Nos casos analisados neste estudo ficou evidente que tais avós mantinham um relacionamento mais forte e frequente com as estudantes, como observado na pesquisa de Silva (2010), em que ficou constatada uma maior convivência das avós maternas com os netos. Dias e Silva (2003) também sinalizaram, em um estudo com 100 universitários que teve por objetivo verificar a percepção dos jovens adultos acerca de seus avós, a preferência da avó materna pelos estudantes.

Em relação às estratégias e táticas educativas nos meios populares, desconsiderando o contexto de Ana, que não pertence aos meios populares, inferimos que Mariana e Clara, juntamente com a colaboração de suas avós, traçaram um caminho e foram em busca da longevidade escolar, mesmo enfrentando desafios de ordem pessoal e financeira, apresentando o que nesta tese chamamos de trajetórias escolares “improváveis”. Clarissa, entretanto, recorreu à tática para ingressar na universidade pública, tanto que não conseguiu permanecer na graduação após o retorno das aulas presenciais. Mesmo assim, há algo que devemos ressaltar: todas as mulheres que participaram deste estudo estão nos bancos universitários e suas avós têm participação central nesta conquista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer um caminho de muitas reflexões, orientações, leituras, disciplinas cursadas, encontros e desencontros que fazem parte do trabalho de pesquisa, é chegado o momento das considerações finais. Esta seção nos remete ao fim de uma caminhada, um ponto final (mesmo que provisório). Felizmente, não é isso que carrego neste momento, afinal, dúvidas, incertezas e desejo de continuar a entender a longevidade escolar nos meios populares, em especial nas configurações familiares em que os avós são os principais responsáveis pela educação dos netos, instigam-me a não encerrar este ciclo, mas sim a compreender outros possíveis ângulos das relações intergeracionais entre avós e netos.

Carregamos a compreensão de que as camadas populares e suas táticas e estratégias de escolarização têm se mantido firme rumo ao ingresso na universidade. No entanto, uma das premissas que deve ser considerada é a situação de desvantagem que estes indivíduos, com histórias distintas de socialização, vivenciam em seu percurso, seja de ordem financeira ou emocional.

Cabe aqui pontuar que a base teórico-metodológica para este trabalho teve meu olhar guiado sob dois pilares: longevidade escolar nos meios populares e relações intergeracionais. Para tanto, resalto que os trabalhos de Bourdieu (1996, 1997, 2010, 2015), Lahire (1997, 2004) e Nogueira (2004, 2005, 2013) contribuíram para isso. Já sobre as relações intergeracionais, destaco que os estudos de Camarano (2020), Cardoso (2011), Coutrim (2006) e Dias (2022) deram suporte para esta pesquisa.

Como já mencionado no decorrer desta tese, a trajetória escolar de um indivíduo é reflexo da combinação de distintos fatores, que têm estreita ligação com as relações familiares, instituições escolares progressas, condições socioeconômicas e culturais, dentre outros. Além disso, não é surpresa que o ingresso no Ensino Superior, principalmente o público, é mais provável para aqueles que, ao longo da Educação Básica, tiveram a oportunidade de usufruir de bens materiais e culturais que propiciaram a rentabilidade do favorecimento escolar e cultural.

Pontuamos, ainda, que a longevidade escolar nos meios populares (e até mesmo em outros segmentos sociais) não pode descartar o entrelace de diferentes configurações familiares atuais, como no caso dos pais e mães solos, em que muitos avós são chamados a cuidar/criar das crianças e jovens na ausência dos genitores. Por vezes, mesmo com baixa escolaridade, os avós das camadas populares desenvolvem táticas e estratégias que visam à

permanência dos netos nos bancos escolares, revelando a necessidade de lançar luz ao papel destes protagonistas no processo de escolarização contemporâneo.

Pensando nisso, buscamos responder às seguintes questões neste trabalho, com a intenção de contribuir para as reflexões sociológicas, pedagógicas e históricas sobre as trajetórias escolares de estudantes universitários das camadas populares criados por seus avós: Quais foram as principais estratégias e mobilizações dos avós, principais agentes educativos dos estudantes de camadas populares ouvidos na pesquisa, que influenciaram na longevidade escolar e na inserção de seus netos jovens no Ensino Superior público? Como questões secundárias, interessou-nos responder: A quais redes de apoio os avós recorriam para contribuir na trajetória escolar dos netos? Em que medida as relações compartilhadas entre avós e netos propiciou apoio financeiro e emocional para que estudantes universitários pudessem prosseguir os estudos?

Guiamos esta pesquisa no intuito de compreender quais foram as principais estratégias e mobilizações dos avós, principais agentes educativos dos estudantes de camadas populares ouvidos na pesquisa, que influenciaram a longevidade escolar e a inserção de seus netos jovens no Ensino Superior público. Como objetivos específicos, traçamos: analisar as práticas educativas desenvolvidas pelos avós na criação dos estudantes investigados; discutir as relações intergeracionais entre avós e netos no processo educativo nestes arranjos familiares cujos avós são os principais provedores; perceber as mudanças na convivência entre avós e netos após o ingresso dos jovens na universidade; e entender quais desafios os jovens universitários de camadas populares e seus avós vivenciaram ao longo do processo de escolarização dos netos.

Na busca de respostas para nossos questionamentos, discutimos inicialmente a desigualdade social e educativa, reafirmando que a desigualdade escolar no país persiste, seja no âmbito da Educação Básica, seja na Superior. Em seguida, no Capítulo 2, partindo da constatação de que nos novos arranjos familiares atuais os avós têm desempenhado um papel significativo na criação e/ou cuidado dos netos, nosso intuito foi abordar a coeducação intergeracional, inclusive considerando como os mais velhos podem contribuir para a escolarização dos mais jovens. No Capítulo 3, trouxemos os resultados da primeira parte da pesquisa, isto é, os dados do questionário *on-line* aplicado aos estudantes universitários no ano de 2020, enfatizando as análises nos estudantes que sinalizaram ter sido criados por seus avós ao longo da infância e adolescência. Já no Capítulo 4 apresentamos as análises das oito entrevistas realizadas, sendo quatro com os estudantes universitários e quatro com suas respectivas avós cuidadoras.

Em decorrência da pandemia da COVID-19, julgamos não ser viável a interação física com nossos entrevistados (estudantes e respectivas avós) – sendo este um fator limitante na pesquisa –, pois ficamos impossibilitadas de interagir presencialmente com as avós e suas netas participantes da pesquisa. Acrescenta-se que as próprias estudantes universitárias, a princípio, esboçaram interesse em conceder os relatos de maneira virtual. Sendo assim, realizamos as entrevistas *on-line* pela plataforma Teams e, por meio da gravação, foi possível perceber as expressões das entrevistadas e como elas estavam se sentindo durante a nossa conversa. Assim, como pontuam Ludke e André (1986), atentamo-nos ao respeito pela cultura e valores das entrevistadas, bem como buscamos instigar, de forma natural, as informações fornecidas por cada participante do estudo.

Embora não houvesse uma intenção de ouvir somente a experiência de mulheres, a entrevistas foram realizadas com quatro estudantes da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – *campus* Divinópolis) e com suas respectivas avós cuidadoras. Como critérios de seleção para as entrevistas, definimos: a) avós cuidadores e tempo de convivência com os netos (integral ou acima de oito horas diárias); b) indivíduos pertencentes às camadas populares com renda até três salários mínimos; c) ingresso em curso de alto e baixo prestígio, considerando a concorrência na referida instituição de Ensino Superior; e d) indivíduos que na atualidade ainda convivem com os avós. Outrossim, definimos os seguintes eixos para elaboração do roteiro de entrevista e que, posteriormente, nos possibilitaram a criação de categorias de análise: Relações intergeracionais entre avós e netos; Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar nos meios populares; Mudanças na convivência ao longo da vida entre avós e netos, em especial após a inserção no Ensino Superior.

Nossa primeira entrevistada foi a estudante de Psicologia, Clara, que na infância morou com a mãe, a avó, a tia e o tio, e depois residiu com a mãe e a irmã, mas retornou, na adolescência, a morar com a avó. Estudou integralmente a Educação Básica em escola pública, e a ordem moral doméstica foi importante em seu processo de escolarização. Segundo ela, os horários de estudos eram bem definidos e acompanhados pela avó quando era criança. Nossa segunda entrevistada, Maria, a avó cuidadora de Clara, cursou até a antiga terceira série primária e atualmente trabalha como empregada doméstica. Apesar da baixa escolarização, a avó incentivava a neta, desde muito cedo, com livrinhos de história e contos de fada, revelando a importância que atribui ao conhecimento escolar. Cabe ressaltar que a relação de amizade e companheirismo entre Clara e Maria foi muito perceptível ao longo das entrevistas realizadas, mostrando como as trocas intergeracionais são significativas e estreitam os laços de avós e netos.

A relação entre Ana e Leila, nossa segunda entrevistada e sua avó, assim como Clara e Maria, também nos revelou muita cumplicidade, carinho e amor. Ana é estudante de Química, e, ao contrário das demais participantes deste estudo, durante a sua trajetória na Educação Básica frequentou por oito anos escola particular, sendo seu avô o principal responsável por arcar com esse investimento. Também cabe ressaltar que o fato de a avó ter sido professora alfabetizadora foi um fator positivo no processo de escolarização da estudante. A avó atualmente está aposentada, mas é perceptível que o conhecimento da cultura escolar teve relevância na relação estabelecida com a neta, inclusive no que diz respeito ao apoio ofertado à neta para a realização de cursos extraescolares, como o Kumon. As trocas intergeracionais entre avó e neta são marcadas por um sentimento de gratidão. Ana se sente, em alguns momentos, triste por residir em outra cidade devido aos estudos e por não poder oferecer sua presença na casa de seus avós.

Já a nossa entrevistada Clarissa é ex-estudante do curso noturno de Pedagogia, tendo se migrado para o curso Ead de Gestão Pública com o retorno das aulas presenciais, pois não conseguiu conciliar estudos e trabalho. A respeito da sua infância e juventude, a estudante dividiu o domicílio com mais três pessoas (o pai, a mãe e a avó) e, atualmente, reside com sua avó e sua mãe. Cabe ainda destacar que é a primeira de sua família a chegar à universidade, ao contrário dos outros participantes desta pesquisa. Sua avó, Marlena, é viúva e do lar, e tem apenas uma filha (a mãe de Clarissa). Estudou até a antiga quarta série e interrompeu os estudos tanto pelo fato de que seu pai não tinha condições de arcar como porque não gostava de estudar. No entanto, recorreu a práticas educativas dentro do seu campo de possibilidades para auxiliar a neta: ensinou-a escrever, contava histórias, cobrava boas notas na escola, olhava os cadernos de Clarissa e os boletins. Nesta configuração familiar, ao contrário das demais, não observamos tanta aproximação entre avó e neta, embora o respeito, o carinho e a gratidão se façam presentes.

Nossas últimas entrevistadas foram Mariana e Belinha. A estudante de Psicologia, atualmente matriculada na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), foi criada, a partir dos dois anos, pela avó materna. Distintamente das outras participantes do estudo, Mariana foi morar com os avós devido à separação de seus pais e, também, por imposição de seu avô. Nem seus pais e nem seus avós concluíram o Ensino Médio, mas, por outro lado, sua trajetória escolar se aproxima da realidade de Ana, estudante de Química. Mariana estudou em uma instituição privada até o 2º ano do Ensino Médio, sendo este investimento pago pelo seu avô. Sua avó, Belinha, é mãe de “três filhos biológicos e quatro, com a Mariana, de coração”. Coursou até o atual 5º ano do Ensino Fundamental, e interrompeu a escolarização

porque precisou trabalhar aos 14 anos, pois era uma das filhas mais velhas de sua família e precisava ajudar no sustento de casa. A respeito da escolarização da neta, a avó escolhia os estabelecimentos escolares frequentados, buscando oportunizar à Mariana condições que os próprios filhos não tiveram. Além disso, comprava coleções de livros, incentivava a leitura, cobrava boas notas na escola e se orgulhava do boletim da neta. Nas entrevistas realizadas com a avó e neta, algo nos chamou muito atenção: o amor incondicional. Isso não significa que nas outras configurações familiares este sentimento não exista, mas a cumplicidade e o companheirismo entre essas entrevistas, em específico, é notável. Arriscamos dizer, até pela situação em que Mariana foi morar com a avó, que a vida de ambas já estava mesmo predestinada.

Dentre os principais achados desta tese, julgamos pertinente atentarmo-nos para cinco resultados, respondendo às indagações levantadas. O primeiro deles diz respeito à *rede de apoio* que as famílias de camadas populares recorrem visando à escolarização dos netos, a qual se configura em estratégias e mobilizações empreendidas pelas avós e que influenciaram na longevidade escolar de suas netas. Clara teve colaboração de sua tia nos deveres escolares, enquanto que Ana e Mariana tiveram ajuda de primos e Clarissa contou com a ajuda da mãe para realização das atividades escolares. Esse achado nos mostra que buscar o apoio em outras pessoas próximas da configuração familiar foi relevante para que as netas alcançassem êxito escolar e chegassem à universidade. No entanto, cabe destacar que, no caso de Clarissa, a tática se fez mais presente, uma vez que a avó, sua principal cuidadora, não tinha conhecimento dos trâmites necessários para o ingresso da neta em uma instituição de Ensino Superior. Neste caso, foram os professores do Ensino Médio que apoiaram a longevidade escolar da estudante de Gestão Pública.

A segunda constatação desta pesquisa de doutoramento está relacionado ao *apoio financeiro e emocional* das avós para que as estudantes pudessem prosseguir os estudos. Nas quatro configurações familiares investigadas, em três delas as universitárias informaram que as avós contribuíram financeiramente com a escolarização, seja por meio da oportunidade de as netas realizarem cursos extracurriculares, seja por meio até mesmo do lanche escolar. Já o apoio emocional foi relatado por todas as universitárias, revelando que, mesmo as avós não estando próximos da cultura escolar, elas se esforçam para que as netas alcançassem sucesso nos estudos.

Também merece destaque entre os resultados da pesquisa a *contribuição dos avôs* no processo de escolarização das estudantes pesquisadas. Duas das quatro universitárias relataram que os avôs foram os responsáveis por arcar com aquisição de material escolar e

uniforme, outros recursos didáticos, pagamentos de mensalidades de escolas particulares frequentadas, cursos realizados, entre outras colaborações que propiciaram um conforto no percurso escolar. Destaca-se ainda que tanto o avô de Mariana quanto o de Ana, segundo os relatos das estudantes, eram participativos e envolvidos nos cuidados das netas, situação apresentada no estudo de Dias (2022) que revela como os homens, na atualidade, têm exercido atividades consideradas femininas. Deste modo, é necessário entender que a figura masculina nas configurações familiares contemporâneas não está, restritamente, atrelada à contribuição financeira e sustento familiar.

O quarto achado da pesquisa se refere aos *desafios de ordem financeira e emocional* enfrentados pelas universitárias ao longo do processo de escolarização. Clara precisou cursar o terceiro do ano do Ensino Médio trabalhando informalmente e hoje tem uma renda mensal bem precária, fruto da pensão do pai. Clarissa interrompeu os estudos em uma universidade pública para ter condições de conciliar a profissão de agente comunitária com o curso superior na modalidade EaD, e ainda vivenciou na infância constrangimentos na escola porque seus materiais eram inferiores aos dos colegas de turma. Mariana, assim como Clara, conciliou o último ano do Ensino Médio com o mundo do trabalho para ajudar a avó financeiramente frente ao falecimento do avô, considerando, ainda, que esta estudante sofreu impactos significativos na relação com a mãe biológica na infância e adolescência. Ana, assim como Mariana, sofreu depressão com a separação dos pais, embora não tenha vivenciado desafios financeiros ao longo da escolarização. Estas trajetórias nos levam a observar que ambas estudantes e suas respectivas cuidadoras foram resilientes, cada qual com sua história e sua vivência.

O quinto achado diz respeito ao *amor que permeia a relação entre avós e netos*. Todas as estudantes e suas respectivas cuidadoras demonstraram, em seus relatos, que este sentimento é vivo. Pontua-se, ainda, que todas universitárias participantes desta pesquisa deixaram evidente que são gratas pelas contribuições das avós em suas jornadas, não somente no campo educacional. Embora Clarissa não tenha tanta aproximação com sua avó Marlena, como pontuamos, ela reconhece que sua cuidadora tem participação ímpar em sua formação como ser humano.

Este estudo ainda aponta as avós como “porto seguro” para as netas; segurança emocional e financeira foram elementos que se destacaram nas relações intergeracionais. Entretanto, é importante pontuar que as estudantes foram boas alunas ao longo das trajetórias escolares, respondendo às expectativas das avós.

Ressaltamos, também, que a influência das avós na escolarização de suas netas acontecia por meio de duas maneiras: a) *modo educativo direto*: a avó como figura central na coeducação, sendo o papel da mãe mais limitado; b) *modo educativo indireto*: o papel coeducativo de avó e mãe sendo marcado pelo hibridismo, ou seja, ambas participavam da criação/cuidados das estudantes investigadas.

Dentre os limites desta pesquisa, destacamos como o principal a impossibilidade de realizar as entrevistas presencialmente. Remetendo a Lahire (1997), em seu trabalho com famílias populares, conhecer o espaço social em que os indivíduos convivem é um elemento-chave que propicia compreender as práticas educativas. Ao lado desta limitação, também pontuamos que a relação entre avôs e netos(as) precisa ser mais explorada em trabalhos futuros. Os avôs não podem mais ser vistos apenas como provedores dos lares, pois, na atualidade, suas atividades cotidianas com os netos têm se expandido para além do apoio financeiro e isso carece de investigações. Ainda como recomendações futuras de pesquisas, é relevante trazer à luz a relação dos avós com a leitura, pois notamos que mesmo não havendo escolaridade prolongada (exceto o caso da avó de Ana), os mais velhos buscam se aproximar da cultura letrada, o que influencia no processo coeducativo dos netos.

Para finalizar, almejamos que esta pesquisa venha a contribuir com análises de futuros estudos e investigações sobre trajetórias escolares “improváveis” e a longevidade escolar de camadas populares, especialmente nas configurações familiares em que os avós são os principais responsáveis pela educação dos netos. Além disso, nosso desejo é de que possamos incentivar novas e possíveis investigações sobre o tema, abordando as lacunas que não conseguimos fechar, uma vez que qualquer estudo está condicionado à incompletude do diálogo e da abordagem dos fenômenos. A relação entre avós e netos é muito mais rica do que podemos perceber a olho nu e merece ser aprofundada pelos estudos na área da Educação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, W. M. Estudantes com desvantagens sociais e os desafios da permanência na universidade pública. *In*: PIOTTO, D. C. (Orgs). **Camadas populares e universidades públicas**: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 239-273.
- ALMEIDA, M. F. M. Hora da avó: encontro de gerações. Curitiba (PR): **X Congresso Nacional de Educação**. EDUCERE. Nov., 2011.
- ALMEIDA, W. M. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Caderno CRH**, v. 20, n. 49, p. 35-46, 2007.
- ALVES, S. M. M. **Cuidar ou ser responsável?** Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual do Ceará, 2013.
- AMARAL, D. P.; OLIVEIRA, F. B. O Prouni e a conclusão do Ensino Superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. **Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 861-890, out/dez. 2011.
- ARATANGY, L.; POSTERNAK, L. (Orgs.). **Livros dos avós**: na casa dos avós é sempre domingo? São Paulo: Artemeios, 2005.
- ARAÚJO, C. P.; DIAS, C. M. S. B. Avós guardiões de baixa renda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 13, n. 1, p. 229-237, 2010.
- ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- ARAÚJO, J. A. Educação e Desigualdade: A Conjuntura Atual do Ensino Público no Brasil. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, ano 2, n. 3, p. 125-157, 2014.
- AREOSA, S. V. C. Idosos Provedores: a importância dos recursos da aposentadoria para as famílias brasileiras. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.45, p. 173-184, 2015.
- ARROYO, M. G. O direito à educação ameaçado: segregação e resistência. *In*: ARROYO, M. G.; ABRAMOVICZ, A. (Orgs.). **A reconfiguração da escola**: entre a negação e a afirmação de direitos. Campinas: Papirus, 2009, p. 129-159.
- ARROYO, M. G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da Educação Básica. **Em aberto**, Brasília, v. 11, n. 53, p. 46-53, jan./mar. 1992.
- AUERBACH, R. P. *et al.* WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: Prevalence and Distribution of Mental Disorders. **Journal of Abnormal Psychology**, American Psychological Association, v. 127, n. 7, p. 623-638, 2018.
- AZAMBUJA, R. M. da M. **O cuidar dos avós visto pelos netos em idade escolar**. 2016. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2016.

AZAMBUJA, R. M. M.; RABINOVICH, E. P. Relações intergeracionais: concepções de netos sobre avós cuidadores. II CONINTER **Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**. Belo Horizonte, MG, Brasil. 2013.

AZAMBUJA, R. M. M.; RABINOVICH, E. P.; RAMOS, M. N. P. Avós e Interculturalidade: “o que ensina e aprende com os netos”? In: XYPAS, R.; COSTA-FERNANDEZ, E. M.; LAURENDON, C. M. (Orgs.) **Comunicação e interculturalidade**: educação, novas tecnologias e linguagens [recurso eletrônico]. Recife: Ed.UFPE, 2018. p. 353-371.

AZEVEDO, K. A. A.; SILVA, A. L. F. Rotatividade docente e suas implicações no contexto escolar. In: **O Professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Secretaria de Estado da Educação. Programa de desenvolvimento educacional. Universidade Estadual de Londrina, 2012.

BARBOSA, R. J.; SOUZA, P. H. G. F.; SOARES, S. S. D. **Distribuição de renda nos anos 2010**: uma década perdida para a desigualdade e pobreza. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, novembro de 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2918.

BECKER, A. P. S.; MAESTRI, T. P.; BOBATO, S. T. Impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos adolescentes. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 84-98, 2015.

BHERING, M. C. **Juventude e educação escolar**: contribuições e desafios presentes em artigos na base scielo entre 2010 e 2014. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas em Pedagogia**, nº 3, p. 33-49, 1997.

BILCHES, W. Netos criados pelos avós: quais as vantagens e desvantagens dessa relação. **Pais e Filhos**. 2019. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/pais-e-filhos/netos-criados-pelos-avos-quais-as-vantagens-e-desvantagens-dessa-relacao/>. Acesso em: 08 jan. 2020.

BOHM, V. **Violência contra pessoas idosas**: narrativas de agressores. 2016. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.

BODART, C. **A importância do capital cultural**: contribuições de Pierre Bourdieu. In: Blog Café com Sociologia, 2010. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural>. Acesso em: 20 de março de 2021.

BODART, C.; RONIEL, S. **A importância do capital cultural**: contribuições de Pierre Bourdieu. In: Blog Café com Sociologia, 2010. Disponível em:

<https://cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural>. Acesso em: 19 de ago. de 2021.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. 1º reimp. São Paulo: Edusp, Porto Alegre, RS: Edusp, 2008.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Orgs). **Escritos de Educação: Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 39-64.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 1996. p. 182-191.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. 3ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2015.

BOURDIEU, P. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu/Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Trad. Paula Monteiro. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, P. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 83-126.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1997.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro, Alves Editora, 1992.

BOUDON, R. **A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais**. Brasília: Editora UnB, 1981.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Distrito Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1 de outubro de 2003. **Dispõe sobre o estatuto do idoso**. Brasília: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741compilado.htm. Acesso em: 29 de jul. de 2021.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: Trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**, n 17/18, p.157-196, 2001.

BRUSCHINI, C. **Tendências da força de trabalho feminina brasileira nos anos setenta e oitenta: algumas comparações regionais**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989.

BUENO, M. C. **Relações Intergeracionais Docentes e Estágio Supervisionado: um estudo sobre possibilidades e limites na formação de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação)Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

CABRAL, S. N. **A experiência de educação patrimonial no grupo enxame: o Mucuripe conta sua cultura a partir de suas juventudes.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CAETANO, B. IBGE: 64% dos desempregados são negros e informalidade alcança 47%. **Brasil de Fato**, São Paulo, 13 de nov. de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/13/ibge-64-dos-desempregados-sao-negros-e-informalidade-alcanca-47>. Acesso em: 18 de jun. de 2021.

CAVALCANTE, J. A. M. **A espiritualidade nas relações intergeracionais dos tremembé em Itarema – Ceará.** 2016. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CAMARANO, A. A. **Estatuto do idoso: avanços com contradições.** Rio de Janeiro: IPEA, 2013.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. **Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária.** Como ficam as mulheres? Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARANO, A. A. Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, supl. 2, p. 4169-4176, 2020.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Como vive o idoso brasileiro? *In*: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARDOSO, A. R. **Avós no século XXI: mutações e rearranjos na família contemporânea.** Curitiba: Juruá, 2011.

CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. **Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?** *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, set./dez. 2014.

CARRARO, V. **E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... O idoso universitário.** 2016. Mestrado em Educação, Universidade Nove de Julho, Vila Prudente, 2016.

CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T., ZAGO, N. Introdução. *In*: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 7-29.

CARVALHO; T. K. P. *et al.* Estudante de licenciatura: trajetórias escolares e escolha da profissão. **Linhas Críticas**, Brasília, Distrito Federal, v. 26, p. 1-19, 2020.

CARVALHO, T. K. P.; VIEIRA, C. M. L. Processo de escolha do curso superior e atratividade da carreira docente. **Revista Práticas em Gestão Pública Universitária**, ano 2, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2018.

CARVALHO, T. K. P. de C; BENTO, E. G.; SOUZA, D. S. e; COUTRIM, R. M. da E. Prática Socializadoras e Relações Intergeracionais: a contribuição dos avós na escolarização de estudantes universitários. *In: SANTOS, L. A. dos; ALMEIDA, R. I. de P. C. (Orgs.). Pesquisa histórica e abordagens multidisciplinares no campo científico*. 1.ed. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2021.

CARVALHO, T. K. P; CARDOSO, W. G. **Estudantes-trabalhadores: percursos, ingresso e estratégias de permanência no Ensino Superior**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 06, v. 08, p. 05-28, 2022.

CASTRO, J. A. Evolução e desigualdade na educação brasileira. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 108, p. 673-697, 2009.

CATANI, A. M. *et al.* (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CENSO 2021. **Com envelhecimento, cresce número de familiares que cuidam de idosos no país**. 2020. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais.html>. Acesso em 18 de mai. de 2021.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHAVES, M. W. As Relações entre a Escola e o Aluno: uma história em transformação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1149-1167, 2015.

COELHO, M. T. B. F.; DIAS, C. M. S. B. Avós Guardiões: Uma Revisão Sistemática de Literatura do Período de 2004 a 2014. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 4, p. 1-7. 2016.

COSTA, M.; CUNHA, M. B. Estudantes pobres chegados no Ensino Superior – trajetórias e percepções. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 2, n. 3, p. 82-101, 2007.

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

COUTRIM, R. M. E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006.

COUTRIM, R. M. da E. *et al.* O que os Avós ensinam aos Netos? A influência da Relação Intergeracional na Educação Formal e Informal. Recife (PE): **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2007.

COUTRIM, R. M. da E. *et al.* Apontamentos a Respeito do Papel dos Avós no Cotidiano Escolar de Crianças do Ensino Fundamental. **IV Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI: A Pesquisa como Mediação das Práticas Socioeducativas**, 2006, Terezina, Universidade Federal do Piauí, 2006.

COUTRIM, R. M. da E. *et al.* O papel dos avós nos cuidados com a educação e saúde das crianças. **REAE Revista de Estudos Aplicados em Educação**, v. 3, n. 5, p. 101-110, 2018.

COUTRIM, R. M. da E.; SILVA, P. Avós para cuidar ou para ensinar? Reflexões sobre a relação entre o tempo de cuidado e o grau de envolvimento dos avós na escolarização dos netos. *In*: RABINOVICH, E. P. *et al.* (Orgs.). **Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares**. Curitiba: CRV, 2019. 295-306 p.

COUTRIM, R. M. E.; FIGUEIREDO, A. M.; OLIVEIRA JÚNIOR, J. A. As relações intergeracionais: o processo coeducativo entre avós e netos na interface com a escola. (e-book). *In*: SOARES, A. C. N. (Org.). **Encontro de pesquisas sobre famílias**. 1 ed. Franca: UNESP, 2012, v. 1, p. 1-10.

CUNHA, L. A. Ensino Superior e Universidade no Brasil. *In*: LOPES, E. M. T.; FILHO, L. M. F.; VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Brasília: Capes, 2000. p. 31-42.

CUNHA, M. A. A.; ALVES, M. T.G. A sorte sorriu para mim: sorte ou estratégia de evitamento da escola pública ‘comum’? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 67, p. 199-214. Jan./fev. 2018.

DEBERT, G. G. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n.34, p. 39-56, 1997.

DEBERT, G. G.; OLIVEIRA, A. M. A feminização da violência contra o idoso e as delegacias de polícia. **Dossiê – o final da vida no século XXI. Mediações**, Londrina, V. 17 n. 2, p. 196-213, jul./dez. 2012.

DIAS, C. M. S. B. Mapeando o relacionamento avós e netos. *In*: DIAS, C. M. S. B. (Org.) **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022, p. 25-37.

DIAS, C. M. S. B. Netos: o que pensam e sentem pelos avós? *In*: DIAS, C. M. S. B. (Org.) **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022. p. 93-106.

DIAS, C. M. S. B. Percepções e sentimentos dos avós no papel. *In*: DIAS, C. M. S. B. (Org.) **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022, p. 77-92.

DIAS, C. M. S. B. Um tipo especial de avós. *In*: DIAS, C. M. S. B. (Org.) **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenção**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2022, p. 61-76.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, M. A. S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. esp., p. 55-62, 2003.

DIAS, C. M. S. B.; HORA, F. F. A.; AGUIAR, A. G. S. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 2, p. 188-199, 2010.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Boletim Especial: Quem são os idosos brasileiros**. Número 01, 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial01.html>. Acesso em 18 de maio de 2021.

DINIZ-ALVES, J. E. A transição da fecundidade no Brasil e no mundo segundo as novas projeções da ONU. **Revista Eletrônica EcoDebate**, n. 3.231, 28 de jun. de 2019. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2019/06/28/ecodebate-indice-da-edicao-n-3-231-de-28062019/>. Acesso em: 21 de jul. de 2021.

DINIZ, C.; MATTOS, A. Mais para quem tem mais: as mudanças no ProUni e a ampliação das desigualdades educacionais. **Observatório das Desigualdades**. 2021. Disponível em: <http://observatoriodesigualdades.fjp.mg.gov.br/?p=2222>. Acesso em: 04 abr. 2022.

DOURADO, S. P. C. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo**, São Paulo (online), vol. 29, (suplemento), p.153-162, 2020.
DUBET, F. **O que é uma escola justa?** a escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.

DUBET, F.; DURU-BELLAT, M.; VÉRÉTOU, A. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, nº 29, p. 22-70, 2012.

EDUCA MAIS BRASIL. **Índice de troca ou abandono de curso em faculdades equivale à metade dos ingressantes**. Estado de Minas, 17 de jul. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2018/07/17/internas_educacao,973969/indice-de-troca-ou-abandono-de-curso-em-faculdades-equivale-a-metade-d.shtml. Acesso em: 21 ago. 2021.

EUSÉBIO FILHO, A. E.; GUZZO, R. S. L. Desigualdade social e pobreza: contexto de vida e de sobrevivência. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 35-44, 2009.

FEIJÓ, J. R.; FRANÇA; J. M. S. Diferencial de desempenho entre jovens das escolas públicas e privadas. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 51 n. 2, p.373-408, 2021.

FERRARINI, A. R. K.; QUEIROZ, F. R. O.; SALGADO, R. G. Infância e escola: tempos e espaços de crianças. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1027-1048, out./dez. 2016.

FERRIGNO, J. C. **Coeducação entre gerações**. 2. ed. São Paulo: Edições Sesc-SP, 2010.

FLETCHER, L. **Crianças que têm as tias presentes vivem uma infância mais feliz**. 2019. Disponível em: <https://osegredo.com.br/criancas-que-tem-as-tias-presentes-vivem-uma-infancia-mais-feliz/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

FONSECA, L. H. B. da. **O imaginário de um grupo** de avós responsáveis por seus netos, alunos em vulnerabilidade de uma escola: a relação com a escola e reflexos em suas vidas. 2014. Mestrado em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

FRANCIS, T.; HOEFEL, F. **A influência da geração Z – a primeira formada por verdadeiros nativos digitais – está se expandindo**. 2018. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/industries/consumer-packaged-goods/our-insights/true-generation-z-and-its-implications-for-companies/pt-BR>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

FREITAS, L. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, J. (Org.) **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 325-352.

GARCIA, D. **Universitários cada vez mais precoces**. Correios Braziliense, Brasília, 03 de abr. de 2014. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/>. Acesso em: 03 dez. 2020.

GARRIDO, E. N. **Mulheres em situação de violência doméstica: o que faz a Equipe de Saúde da Família?** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de S. **Professores no Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

GIBIM, A. P. P. G. **Famílias, relações intergeracionais e de gênero: práticas compartilhadas de educação e cuidado de crianças pequenas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOMES, E. **Configurações familiares no Brasil de 2021**. Núcleo de Estudos de Psicodrama e Sistêmica de Ribeirão Preto/SP (NEPSIS). 2021. Disponível em: <https://nepsis.com.br/2021/06/17/configuracoes-familiares-no-brasil-de-2021/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GUEDES; M. C.; ALVES, J. E. D. A população feminina no mercado de trabalho entre 1970-2000: particularidades do grupo com nível universitário. **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, Caxambú (MG), 20- 24 de set. de 2004.

GUIMARÃES, J. F., SAMPAIO, B. The influence of family background and individual characteristics on entrance tests scores of Brazilian university students. **Anais do XXXV Encontro Nacional de Economia - ANPEC - Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia**, Recife, 2007.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desemprego**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 05 set. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Síntese de Indicadores**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua**. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Mercado de Trabalho Brasileiro**, 2º trimestre de 2018. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro. 2018.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece**. Agência IBGE Notícias, 13/11/2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em 22 de junho de 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Primeiros resultados definitivos do Censo 2010**. Brasil: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1866&t=primeiros-resultados-definitivos-censo-2010-populacao-brasil-190-755-799-pessoas&view=noticia#:~:text=busca-Primeiros%20resultados%20definitivos%20do%20Censo%202010%3A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20Brasil%20%C3%A9,XII%20Recenseamento%20Geral%20do%20Brasil>. Acesso em: 13 mai. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2018**. Notas Estatísticas. Ministério da Educação. Brasília: 2019.

JENCKS, C. Desigualdade no aproveitamento educacional. *In*: BROOKE, N.; SOARES, J. F. (Orgs.) **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 50-66 p.

JURAS, M. M.; COSTA, L. F. O divórcio destrutivo na perspectiva de filhos com menos de 12 anos. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 222-245, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2023.

KAUFMANN, J. C. **A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, Maceió, AL: Edufal, 2018.

KOHLMANN, A. R. **(des)encontros de gerações no século XXI: experiências de crianças e adultos com as mídias e as novas tecnologias na cultura contemporânea**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2013.

KUGELMEIER, W. **Dos veteranos para a geração digital: qual é a evolução de quase 100 anos?** 2016. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/dos-veteranos-para-a-geracao-digital-qual-e-a-evolucao-de-quase-100-anos>. Acesso em: 19 mai. 2021.

KAUFMANN, J. C. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió, Al: Edufal, 2018.

LACERDA, W. M. G. De escolas públicas estaduais ao instituto tecnológico de aeronáutica (ITA): “a fabricação de exceções”. In: PIOTTO, D. C. (Org.) **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 45-87 p.

LAHIRE, B. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artemed, 2004.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LAPEDRA, A. T. F.; ICHIKAWA, E. Y. Diálogos entre os conceitos de práticas cotidianas, territorialidade e territorialização. **RECSA – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**. v.6, n.2, p. 49-67, 2017.

LAURINDO, M. J. da S. F. **Gente Pequena e Gente Grande: o que dizem as crianças de um CMEI em Eunápolis - BA sobre ser criança e ser adulto**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1 p. 59-77, 2010.

LIMA, A. V. M. **A relação juventude e educação em diferentes gerações: a perspectiva de estudantes da educação de jovens e adultos de uma escola municipal de feira de Santana-BA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

LOPES, E. S. L. **Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto Jarinu tem memória**. 2005. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Universidade Federal de Campinas, Campinas, SP, 2005.

LOPES, J. T. Do politeísmo cultural contemporâneo ao trabalho escolar de eliminação da dissonância. **Sociologia**, Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, vol. XX, p. 281-290, 2010.

LOPES, C. V. **Tecendo a sexualidade entre avós, mães e filhas: um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto- MG**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, N. R. **O idoso na contemporaneidade: expectativas, desafios e contribuições vivenciadas em espaços de aprendizagem**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MAGALHÃES, G. Pandemia diminui a renda de quase metade dos idosos. **Gazeta de São Paulo**, 06 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/brasil/2021/04/1087554-pandemia-diminui-a-renda-de-quase-metade-dos-idosos.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOKE, A. C. N. de S. Avós que assumem a criação de Netos. **Pensando Famílias**, v. 17, n. 1, p. 2013, p.87-98.

MAKERS, F. **Entenda o que é a geração alpha e quais são suas principais características**. 2020. Disponível em: <https://fuzzymakers.com/geracao-alpha/>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

MANNHEIM, K. **Sociologia**. São Paulo: Ática. 1982.

MANSUIDO, M. Violência doméstica contra idosos aumenta durante quarentena. **Câmara Municipal de São Paulo**. 19 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/violencia-domestica-contra-idosos-aumenta-durante-quarentena/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

MARTINS, H. Censo aponta que escolas públicas ainda têm deficiências de infraestrutura. **Agência Brasil**, 31 de jan. de 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-01/censo-aponta-que-escolas-publicas-ainda-tem-deficiencias-de-infraestrutura>. Acesso em: 22 d jun. 2021.

MATOS, B. R. de. **Dinâmicas relacionais de avós e netos: um caso de família homoafetiva feminina**. 2019. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.

MATOS, D. P.; CARVALHO, G. F. da S. Categorias de análise da relação entre o trabalho e o estudo. In: CARVALHO, G. F. da S. *et al.* **A tensa relação entre o trabalho e o estudante no Brasil: Os desafios enfrentados pelos estudantes do ensino técnico e superior noturno**. 1. ed. São João Del Rei: Edipet, 2018, p. 99-117.

MATOS, E. B. A gênese da resistência criativa nas ideias de agência de Certeau e de habitus de Bourdieu. **EnANPAD, XXXV Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro, RJ, 4 a 7 de setembro de 2011. p. 1-16.

MAZZAFERRO, D. S. M. **A velhice retratada nos filmes publicitários**. 2013. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MEDEIROS, M.; OLIVEIRA, L. F. B. Desigualdades regionais em educação: potencial de convergência. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 561- 585, 2014.

MEDEIROS, C. C. C. HYSTERESIS. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C.C.C. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 228-229.

- MELLIS, F. **Número de idosos no Brasil deve dobrar até 2042, diz IBGE**. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/numero-de-idosos-no-brasil-deve-dobrar-ate-2042-diz-ibge-25072018>. Acesso em: 18 maio 2021.
- MONTEIRO, K. C. C.; LAGE, A. M. V. A depressão na violência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 257-265, 2007.
- MORAGAS, R. M. As relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas. **Revista A Terceira Idade**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 7-27. 2004.
- MOREIRA, F. L. **Festa, Patrimônio e Educação: Uma etnografia dos tapeceiros do Corpus Christi**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- MOREIRA, L. S. “Sério, tia, que você é a tia do meu avô?” Relações avós e netos das camadas populares e processo de alfabetização. 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.
- MOTTA, A. B. da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25 n. 2, p. 225-250, 2010.
- MOTTA, A. B da; WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 175-184, 2010.
- MINUTO IBGE. **Analfabetismo entre idosos** [Áudio]. Publicado pelo canal IBGE, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=phDUTmoEtFk&ab_channel=IBGE. Acesso em: 11 de ago. de 2021.
- NACHTIGALL, N. R. G. **Como os alunos dos anos iniciais visualizam o envelhecimento em outros e em si-mesmos?** 2019. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2019.
- NASCIMENTO, A. M. do. U. **Urucongô de artes: os sentidos das experiências de educação popular para jovens rurais**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- NERI, M. Onde estão os idosos? Conhecimento contra o covid-19. **FGV Social, Centro de Políticas Sociais**. 2020. Disponível em: <https://cps.fgv.br/covidage>. Acesso em: 12 maio 2020.
- NETO, J. Novos arranjos familiares. **Retratos a Revista do IBGE**, Rio de Janeiro. 2017. p. 17-19.
- NEVES, C. B. Trajetórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no Ensino Superior Brasileiro. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. (orgs.). **Família & Escola: novas perspectivas de análise**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- NOGUEIRA, C. M. M. A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a Sociologia da Educação. **36a Reunião Anual da Anped**, 2013, Goiânia, 2013.

NOGUEIRA, C. M. M. Desafios teóricos na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: a escolha do curso superior. **Encontro Anual da ANPOCS, 2005**. Caxambu. Anais. São Paulo: ANPOCS, 2005.

NOGUEIRA, C. M. M. **Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares**: o processo de escolha do curso superior. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NOGUEIRA, C. M. M. Escolha racional ou disposições incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 18, p. 10-40, 2013.

NOGUEIRA, C. M. M. O processo de escolha do curso superior: análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Caxambu, MG, 2007.

NOGUEIRA, C. M. M.; FORTES, M. F. A. A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na Sociologia da Educação Contemporânea. **Paideia**, Revista do Curso de Pedagogia da Universidade FUMEC, 2004, p. 57-74.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 3, n.78, 2002.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. Os herdeiros: fundamentos para uma sociologia do Ensino Superior. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 47-62, 2015.

NOGUEIRA, C. M. M.; PEREIRA, F. G. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 15-38, 2010.

NOGUEIRA, M. A. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. *In*: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e Escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 125-154.

NOGUEIRA, M. A. A Sociologia da Educação do final dos anos 60/ início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. **Em Aberto**, Brasília, v. 46, n.46, p. 49-58, 1990.

NOGUEIRA, M. A. Relação Família-escola: Novo Objeto na Sociologia da Educação”. **Paidéia**, v. 8, n.14/15, p. 91-103, 1998.

NOGUEIRA, M. A. Prefácio. *In*: PIOTTO, D. C. (Org.) **Camadas populares e universidades públicas**: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 273.

NOGUEIRA, M. A. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 51, p. 1-13, 2021.

NOVAES, S. Perfil geracional: um estudo sobre as características das gerações dos veteranos, baby boomers, X, Y, Z e Alfa. **Anais do VII SINGEP**. São Paulo, out. de /2018. p. 1-10.

OCDE. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **A Educação no Brasil: uma Perspectiva Internacional**. Todos pela Educação. 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/06/A-Educacao-no-Brasil-uma-perspectiva-internacional.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

OLIVEIRA, M. S.; COSTA, M. F. C.; ZANCAN, R. K. Estresse em estudantes universitários: o que fazer? *In*: SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, M. C. (Orgs.) **O estudante universitário brasileiro: saúde mental, escolha profissional, adaptação à universidade e desenvolvimento de carreira**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020, p. 91-103.

OLIVEIRA, A. R. V. **Avosidade: visão das avós e de seus netos**. 2009. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, J. A. S.; RAMOS, M. N. P. Conflitos intergeracionais na família e saúde mental dos idosos. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 213-231, 2021.

OLIVEIRA, A. R. V.; VIANNA, L. G.; CÁRDENAS, C. J. Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 461-474, 2010.

OLIVEIRA, A. S. R.; NOGUEIRA, M. O. Longevidade escolar em alunos de camadas populares: fatores explicativos do fenômeno em estudos brasileiros. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 10, p. 1-15, 2019.

OLIVEIRA, J. F. *et al.* **Políticas de acesso e expansão da educação superior: concepções e desafios**. Inep/MEC. Brasília, 2006.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

OSÓRIO, N. B.; NETO, L. S.; MIRANDA, J. M. A era dos avós contemporâneos na educação dos netos e relações familiares: um estudo de caso na Universidade da maturidade da Universidade Federal do Tocantins. **Signos**, Lajeado, ano 39, n. 1, p. 305-315, 2018.

PAULA, G. B.; NOGUEIRA, M. A. L. G. Desigualdades socioespaciais e escolhas escolares. **Educação**, Santa Maria, v. 43, n. 1, p. 55-74. jan./mar. 2018.

PEDROSA, A da S. **Homens Idosos Avôs: Significado dos Netos para o Cotidiano**. 2006 Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PEIXOTO, C. E.; LUZ, G. M. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, p. 171-191, 2007.

- PEREIRA, M. H. F.; SARTI, F. M. A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 14, n. 31 p. 195-217, 2010.
- PERES, L.C. **Influência dos avós na escolha do tipo de parto**. 2012. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.
- PERONDI, M. **Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas**. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- PERRET, Q. M.; COSTA, G. M. T. da. Conflitos de gerações no ambiente de trabalho: a importância de uma gestão eficaz. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 13, n. 27, p. 1-16, 2018.
- PINTO, R. C. D. O Poder Familiar e a Liberdade Religiosa da Criança e do Adolescente. **Revista do Ministério Público do Rio de Janeiro**, n. 63, p. 139-150, 2017.
- PIOTTO, D. C. **As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PIOTTO, D. C. **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.
- PIOTTO, D. C. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 135, p. 701 – 727, set/dez 2008.
- PIRES, A.; RIBEIRO, M. de O. Produções bibliográficas sobre o programa Universidade Para Todos (ProUni) entre 2005 e 2018: desenho do programa; perfil dos ingressantes; permanência e egressos. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 20, p. e020035, 2020. DOI: 10.20396/rho.v20i0.8657166.
- PORTES, E. A. **Trajetórias e estratégias do universitário das camadas populares**. 1993. Mestrado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.
- PORTES, E. A. A vida universitária de estudantes pobres na UFMG: possibilidades e limites. In: PIOTTO, D. C. (Org.) **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.
- PORTES, E. A. **O trabalho escolar das famílias populares**. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 61-80.
- QUEIROZ, D. M. Desigualdades raciais no Ensino Superior no Brasil: um estudo comparativo. In: QUEIROZ, D. M. (coord.) **O negro na universidade**. Salvador: Novos Toques, 2002.

RABINOVICH, E. P.; BASTOS, A. C. S. A presença e a ausência das avós marcando a vida das gerações: a intimidade nas relações entre avós, suas filhas e seus netos. *In:* RABINOVICH, L. V. C. *et al.* (Orgs.) **Envelhecimento e intergeracionalidade**: olhares interdisciplinares. Curitiba: CRV, 2019, p. 323-336.

RAMOS, A. C. **Meus avós e eu**: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

REIS, S. M. A. O.; MEIRA, A. M. T.; MOITINHO, C. R. História de vida de idosos no Ensino Superior: percursos inesperados de longevidade escolar. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 8, n. 3, p. 340 - 369, 2018.

RESENDE, T. F.; NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. **Edu. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, 2011.

RIBEIRO, V. M.; VÓVIO, C. L. Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 71-87, set. 2017.

RIBEIRO, C. A. C.; CENEVIVA, R.; BRITO, M. Estratificação Educacional Entre Jovens no Brasil: 1960 a 2010. *In:* ARRETCHE, M. (Org.). **Trajetórias das desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos. São Paulo: Ed. Unesp/CEM, 2015, p. 335-364.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, 2014.

RODRIGUES, L. Estudo revela tamanho da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. **Repórter da Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em.: 07 ago. 2021.

RODRIGUES, I. S.; SOARES, A. B.; MONTEIRO, M. C. A relação entre motivos da procrastinação, autoeficácia e adaptação acadêmica entre estudantes universitários. *In:* SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, M. C. (Orgs.) **O estudante universitário brasileiro: saúde mental, escolha profissional, adaptação à universidade e desenvolvimento de carreira**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020, p. 239-251.

RODRIGUES, S. A.; GOMES, A. A.; FAGUNDES, S. B. Sobre o exercício da profissão docente: motivações iniciais e as interferências da formação inicial. **Itineraius Reflectionis**. Revista Eletrônica da Graduação/Pós Graduação em Educação. UFG/REJ, v. 14, n. 1, p. 1-18, 2018.

ROMANELLI, G. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. *In:* ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 245-264.

ROMANELLI, G. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante-trabalhador. *In:* NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. Família e

Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, 2003, p. 99-123.

ROMANELLI, G; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. (Orgs.). **Família & escola: novas perspectivas de análise**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ROSA, D. C. **Quando as Obrigações Escolares são Administradas pelos Avós: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

ROSA, M. S. **O trabalho de jovens nas lavouras de café: entre as urgências da vida e as expectativas dos estudantes, seus pais e avós**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

ROSA, N. M. Avós Guardiões: **Fronteras e limites entre avosidade e parentalidade**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183272/001077918.pdf?sequence=1>. Acesso em 28 jan. 2023.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. *In*: PITANGUY, J.; BARSTED, L. (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil, 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

SAITO, V. L.E; LOUREIRO, A.M.L. O imaginário de um grupo de avós idosos responsáveis por seus netos adolescentes em vulnerabilidade. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 16, n. 4, p.139-158. 2013a.

SAITO, V. L. E. **Imaginário de um grupo de avós idosos responsáveis por netos em vulnerabilidade em uma escola pública do Distrito Federal**. 2013. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013b.

SAMPAIO, S. M. R. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. 27-51 p.

SAMPAIO, G. T. C.; OLIVEIRA, R. P. Dimensões da desigualdade educacional no Brasil. **RBP**, v. 31, n. 3, p. 511- 530, 2015.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico. *In*: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 137-179 p.

SANTINI, C.; SILVA, I. M.; NUNES, T. As dificuldades enfrentadas por alunos e professores universitários nas aulas online. **Revista Digital Laboratório da Faculdade Casper Líbero**. 2021. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/educacao/as-dificuldades-enfrentadas-por-alunos-e-professores-universitarios-nas-aulas-online/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SCHULER, E. *et al.* Relacionamento intergeracional em diferentes contextos. *In:* RABINOVICH, E. P. *et al.* (Orgs.). **Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares**. Curitiba: CRV, 2019, 417- 441 p.

SCREMIN, A. L. X.; BOTTOLI, C. **Avós e netos: o exercício de uma parentalidade**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 48, p. 234-252, 2016.

SENA, T. B de. O envelhecimento na sala de aula: a importância de atividades educativas intergeracionais na Educação Básica. **Revista Portal de Divulgação**, n.15, p. 34-42, 2011.

SILVA, A. M. A colaboração dos avós na educação dos netos. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 01, n.01, p. 67-75, 2012.

SILVA, A. P. G. **Percepções de avós cuidadoras maternas sobre a criação e educação dos netos**. 2010. 113f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SILVA, C. F. S.; DIAS, C. M. S. B. Violência Contra Idosos na Família: Motivações, Sentimentos e Necessidades do Agressor. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36 n. 3, p. 637-652, 2016.

SILVA, C. F. S. Relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens: uma revisão sistemática (2008-2018). *In:* RABINOVICH, L. V. C. *et al.* (Orgs.) **Envelhecimento e intergeracionalidade: olhares interdisciplinares**. Curitiba: CRV, 2019a.

SILVA, C. M da. **Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano**. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, G. Guia completo: como ingressar em uma faculdade pública. **Educa + Brasil**, 22 de out. de 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/guia-completo-como-ingressar-em-uma-faculdade-publica>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SILVA, K. M de A. **Infâncias que (se) falam: memórias de infâncias de moradores do Morro do Alemão e a luta pelo direito à educação**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do rio de Janeiro, 2019b.

SILVA, M. M. L.; RABINOVICH, E. P. Contribuição dos tios/as na vida dos sobrinhos/as de escola pública de bairro da periferia de Salvador, Estado da Bahia, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. 1-25, 2020.

SILVA, M. A. S. A utilização do conceito de habitus em Pierre Bourdieu para a compreensão da formação docente. **Revista Extra-Classe**, n. 1, v. 2, p. 90-105, 2008.

SILVA, F. C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SOARES, A. V. M. L. **A relação juventude e educação em diferentes gerações: a perspectiva de estudantes da educação de jovens e adultos de uma escola municipal de Feira**

de Santana (BA). Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

SOUSA, A. G.; SIQUEIRA, J. R. S.; BRANDÃO, V. B. G. Migração intra-regional e identidade: uma análise sobre jovens universitários. **VI Congresso em Desenvolvimento Social**. Desafios à Democracia, Desenvolvimento e Bens Comuns. 14, 15 e 16 de Agosto de 2018. Universidade Estadual de Montes Claros – Minas Gerais (Brasil).

SOUZA, C. M. B. de. Família na contemporaneidade: mudanças e permanências. Resenha. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 623-625, 2008.

SOUZA, C. S.; BOSCO, N. Estudo divulga perfil dos idosos brasileiros. **Correio Braziliense**, 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/02/4906292-estudo-divulga-perfil-dos-idosos-brasileiros.html>. Acesso em: 29 jul. 2021.

SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SOUZA, M. S. N. M. Estudantes de origem popular nos cursos mais seletos da UFAC. *In*: PIOTTO, D. C. (Org.) **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 273 p.

TARTUCE, G. L. B. P.; NUNES, M. M. R.; ALMEIDA, P. C. A. Alunos do Ensino Médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 445-477, 2010.

TEIXEIRA, I. M. C. **Processos de educar-se de mulheres do assentamento Monte Alegre/SP nas ações de cuidado à saúde**. 2016. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

TEIXEIRA, I. C.; PRAXEDES, V. L.; PÁDUA, K. C. (Orgs.). **Memórias e percursos de estudantes negros (as) da UFMG**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 288 p.

TEIXEIRA, I. A. C. Por entre planos, fios e tempos: a pesquisa em Sociologia da Educação. *In*: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 81-105 p.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Estudantes de primeira geração: escolha profissional e desenvolvimento de carreira. *In*: SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, M. C. (Orgs.) **O estudante universitário brasileiro: saúde mental, escolha profissional, adaptação à universidade e desenvolvimento de carreira**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. p. 183-199.

THIN, D. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n. 32, p. 211-225, 2006.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro. v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006.

TRAINA-CHACON, J. M.; CALDERÓN, A. I. A expansão da educação superior privada no Brasil: do governo de FHC ao governo de Lula. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**, Cidade do México, v. 6, n. 17, p. 78-100, 2015.

VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural: Mundos da mente, mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VARGAS, H. M. Aqui é assim: tem curso de rico pra continuar rico e curso de pobre pra continuar pobre. **33º Reunião Anual da ANPEd**, Caxambu, 2010.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. F. C. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação** Campinas, v.18, n.2, p.459-48, 2013.

VARGAS, R. **As gerações ao longo do tempo**. 2018. Disponível em: <https://gestaoindustrial.com/as-geracoes-ao-longo-do-tempo/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

VENOSA, S. de S. **Direito Civil: direito de família**. São Paulo: Editora Atlas, 2014.

VENTURA, A. R. **Classificação de estilos de avós: Adaptação e validação de instrumento para avaliar responsividade e exigência percebidas na adolescência**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências e Tecnologias em Saúde). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VETORAZO, F. H. G. **Gênero e sexualidade na escola: Arenas de Enfrentamento e Negociação**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

VIANA, M. J. B. Em que consiste a excelência escolar dos meios populares? O caso de universitários da UFMG que passaram pelo programa Bom Aluno de Belo Horizonte. *In*: PIOTTO, D. C. (Org.) **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 13-43.

VIANA, M. J. B. **Formas específicas de presença das famílias de camadas populares na escolarização dos filhos: casos de longevidade escolar**. Relatório de Pesquisa. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006.

VIANA, M. J. B. **Longevidade escolar em famílias populares: algumas condições de possibilidade**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

VIANA, M. J. B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

VIANA, M. A. *et al.* Grupos geracionais e comprometimento: discussões e descobertas em uma Universidade Pública Federal. **GPR ANPAD- IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**. Brasília, 2013.

VILLANUEVA, S. As tias também são importantes na vida dos sobrinhos. **Educadores Livres**, fev. de 2021. Disponível em: <https://educadoreslive.com/as-tias-tambem-sao-importantes-na-vida-dos-sobrinhos/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

ZAGO, N. A condição do estudante: Um estudo sobre o acesso no Ensino Superior. GT - Educação e Sociedade. **SBS - XII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Belo Horizonte, 2005.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base nas experiências práticas de pesquisa. *In*: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 287-309 p.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. *In*: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 17-43.

ZAGO, N. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. **Paidéia**, FFCLRP-USP, Rib. Preto, p. 70-80, 2000.

WAZLAWICK, A. **As diferentes configurações familiares: desafios para a convivência e a educação**. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Ijuí, Rio Grande do Sul, 2017.

APÊNDICE I – ROTEIRO PARA ENTREVISTA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ESTUDANTE CRIADO POR SEUS AVÓS
PESQUISA: “TRAJETÓRIAS ESCOLARES “IMPROVÁVEIS”: a longevidade escolar
de universitários de camadas populares criados ou cuidados por seus avós

1- Roteiro de Entrevista dos Estudantes

Apresentação: As perguntas que irei realizar são uma continuidade da pesquisa **"TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS CRIADOS POR AVÓS: NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NO SÉCULO XXI"**, da qual você participou na primeira etapa, respondendo a um questionário online. Devo lembrá-lo (a) que a sua participação nesta pesquisa é voluntária, conforme já mencionado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que você teve acesso antes de preencher ao questionário. Reafirmo que você pode, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Será garantido o sigilo das suas respostas, sendo os dados utilizados sem identificação. Gostaria também de informar que é necessária a gravação desta entrevista, de forma que eu possa posteriormente transcrevê-la. Você deseja participar da entrevista e me autoriza a continuar a gravação? Gostaria também que você sugerisse um nome fictício para que eu possa utilizar como um pseudônimo seu na pesquisa e você posteriormente possa reconhecer suas falas, se tiver interesse. Você poderia sugerir um nome?

Se quiser manter seu nome não há problema. Irei utilizar o nome sugerido por você durante a nossa conversa.

Bloco 1: Identificação

1. Nome (fictício):
2. Idade:
3. Curso:

Bloco 2: Perfil familiar: condição econômica e escolaridade

1. Quantas pessoas moravam com você durante sua infância e adolescência?
2. E hoje, quantas pessoas dividem o domicílio com você? Quem são essas pessoas?
3. Até que ano seus avós maternos e paternos estudaram?
4. Até que ano seus pais ou responsáveis estudaram?
5. Quantos irmãos você tem?
6. Até que ano seus irmãos estudaram?
7. Algum irmão ou irmã trabalha? Qual a profissão deles(as)?
1. Qual a ocupação dos seus avós paternos?
2. E dos seus avós maternos?
3. Qual a profissão do seu pai?
4. Qual a profissão da sua mãe?
5. Você é casado(a) ou tem companheiro(a)?
6. Você tem filhos?
7. Você exercia atividade remunerada durante sua trajetória na Educação Básica? Se sim, quantas horas por dia?
8. Qual a renda familiar aproximada (em salários mínimos) hoje?
9. Quais são as pessoas que contribuem no orçamento doméstico hoje?

Bloco 3: Práticas educativas familiares

1. Durante a Educação Básica você estudou em escola pública ou particular? (se foi uma escolarização mista verificar quanto tempo em cada rede).
2. Se estudou em escola particular, quem pagou os estudos?
3. Como era a rotina da sua família (trabalho, estudo, trabalhos domésticos)?
4. Durante a sua Educação Básica quais foram as pessoas que mais te ajudaram nos estudos? (deveres, trabalhos, etc).

5. Como era essa ajuda?
6. Nesse período você tinha um horário e um local específico para estudar e fazer seus deveres?
7. Como era sua rotina e quem controlava seus horários?
8. Você tinha computador em casa? Se sim, quem te deu o computador e comprava seus materiais?
9. Quais eram as pessoas que te ajudavam mais financeiramente durante sua infância e juventude? Como?
10. Você teve ajuda financeira dos seus avós durante a Educação Básica para prosseguir nos estudos (realização de cursos extracurriculares, esporte, arte, compra de material escolar, uniformes/roupas, lanches, pagamento de transporte escolar, contribuições para excursões e demais atividades extraclasse, professores particulares, etc)?
11. Quais eram as pessoas que compareciam às reuniões escolares e em outros eventos promovidos pela escola?
12. Seus avós participavam dessas reuniões ou levavam você no médico?
13. Seus avós levavam você a festas, ao teatro, eventos culturais, cinema, etc?
14. Seus avós possibilitaram sua participação em cursos preparatórios para vestibulares/ENEM, auxiliando financeiramente?
15. Eles cobravam de você boas notas na escola?
16. Quantas horas diárias você se dedicava aos estudos, em média?
17. Quais são as maiores dificuldades que vivenciou durante sua trajetória escolar?
18. Quais foram as pessoas que mais te incentivaram a buscar o Ensino Superior?
19. Seus avós lhe incentivavam a entrar na universidade?
20. Se sim, como?
21. Seus avós lhe ajudaram a escolher o curso?
22. Como seus avós reagiram quando você passou na seleção para a UEMG?
23. Você buscava informações a respeito do processo vestibular?

Bloco 4 - Relações entre avós e netos na infância e adolescência

1. Ao longo da sua infância quantas horas por dia seus avós passavam com você?
2. Qual era o papel dos seus avós (avô e/ou avó) na sua vida durante sua infância e adolescência?

3. Me conte alguns momentos da sua infância ou adolescência em que seus avós foram fundamentais para você.
4. O que você aprendeu com seus avós?
5. O que você ensinou para eles?
6. Ao longo da sua infância e adolescência sobre o que você conversava com seus avós?
7. Havia diferença na conversa com os avós mais próximos e os mais distantes?

Bloco 5: Mudanças na convivência com os avós ao longo da vida

1. Por qual (quais) motivos ficavam sob os cuidados de seus avós?
2. Como era a relação que tinha com seus avós no dia a dia?
3. Você e seus avós já tiveram problemas de convivência? Quais?
4. Qual a importância de seus avós na sua formação?
5. A relação com seus avós sofreu modificações durante sua adolescência?
6. Se sim, como foi essa modificação?
7. Como foi seu comportamento com eles depois que ficou adulto(a)?
8. A relação com seus avós sofreu modificações após a sua entrada na universidade?
9. Se sim, como foi essa modificação?
10. Você achou que melhorou ou piorou? Por que?
11. Quais os principais desafios você e seus avós vivenciaram ao longo da vida?
12. Quais sentimentos você carrega em relação aos seus avós?
13. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre sua vida com seus avós?

2- Roteiro de Entrevista dos avós

Apresentação: As perguntas que irei realizar são uma continuidade da pesquisa **"TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS CRIADOS POR AVÓS: NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NO SÉCULO XXI"**, da qual seu (sua) neto (a) participou na primeira etapa, respondendo a um questionário online. Devo lembrá-lo (a) que a sua participação nesta pesquisa é voluntária, conforme mencionado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que você teve acesso por meio do envio ao (a) seu (sua) neto (a). Reafirmo que você pode, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Será garantido o sigilo das suas respostas, sendo os dados utilizados sem identificação. Gostaria também de informar que é necessária a

gravação desta entrevista, de forma que eu possa posteriormente transcrevê-la. Você deseja participar da entrevista e me autoriza a continuar a gravação?

Gostaria também que você sugerisse um nome fictício para que eu possa utilizar como um pseudônimo seu na pesquisa e você posteriormente possa reconhecer suas falas, se tiver interesse. Você poderia sugerir um nome?

Se quiser manter seu nome não há problema. Irei utilizar o nome sugerido por você durante a nossa conversa.

Bloco 1: Identificação

1. Nome fictício:
2. Idade:
3. Profissão:
4. Estado civil:
5. Renda familiar mensal:

Bloco 2: Trajetória escolar

1. Qual seu grau de escolaridade?
2. Por que não prosseguiu nos estudos?
3. O sr (a sra) gostaria de ter estudado mais?
4. Se recorda das dificuldades vividas na escola? Me fale um pouco sobre elas?
5. Acredita que a educação é importante para as pessoas? Por quê?

Bloco 3: Práticas educativas que possibilitaram a longevidade escolar do neto

1. Se importava com a escola que seu(sua) neto (a) frequentava? Por quê?
2. Cobrava boas notas na escola?
3. Incentivava seu neto (a) a ler? Como fazia? (contava histórias, lia para ele(a), brincava, etc)?
4. Participava de reuniões escolares e outros eventos?
5. Olhava os cadernos e boletins do seu (sua) neto (a)?
6. Pagava cursos extra escola para seu (sua) neto (a)?
7. Se preocupava com as amizades de seu neto (a) na escola?

8. Se recorda de fazer algum sacrifício para que seu neto (a) pudesse estudar?
9. O sr (a sra) colocava horários para a realização das atividades escolares em casa?
10. Recorria a ajuda de parentes, vizinhos e amigos para auxiliar seu neto (sua neta) na realização das atividades escolares?
11. O sr (a sra) incentivava seu neto (sua neta) a chegar à universidade? Por quê?

Bloco 4: Convivência com o (a) neto (a) ao longo da vida

1. Qual a importância que seu neto tem na sua vida?
2. Você e seu neto já tiveram problemas de convivência? Quais?
3. Como o sr (a sra) reagiu quando seu neto (sua neta) chegou no Ensino Superior público?
4. O sr (a sra) apoia o curso que ele (a) escolheu? Por quê?
5. A relação com seu neto sofreu mudanças após a entrada na universidade?
6. Se sofreu, quais foram as principais?
7. Quais foram os principais desafios que o sr (a sra) enfrentou na criação de seu neto (sua neta)?
8. Quais sentimentos o sr (a sra) carrega em relação ao seu neto (à sua neta)?